O Homem que Tinha Mil Vidas



RICARDO BERGER

O Homem que Tinha Mil Vidas

Ricardo Berger

© 2026 Ricardo Berger
Todos os direitos reservados.
Primeira edição, 2026.

Para quem permanece, mesmo quando o medo transforma o amor em controle. Aos que ainda escolhem proteger sem deixar de confiar.

Toda vida que tentamos
salvar também escolhe o
homem que seremos. Às vezes,
o futuro só precisa do nosso
medo para acontecer.

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas que acompanharam a criação de O Homem que Tinha Mil Vidas, especialmente [nome], por acreditar neste projeto desde o início, e [nome], pela leitura atenta, pelas perguntas difíceis e pelas sugestões que ajudaram a dar forma a estas páginas.

Aos meus leitores, pela confiança e pela disposição de caminhar por cada possibilidade desta história, meu sincero obrigado. E à minha família, especialmente [nome], pelo apoio, pela paciência e por me lembrar, nos dias mais difíceis, por que contar histórias ainda importa.

Apresentação

Daniel Vilar passou a vida resolvendo problemas complexos para os outros, mas não consegue dar conta das próprias falhas. Quando recebe um e-mail enviado de seu próprio endereço, com a previsão de que sua filha Helena morrerá em dezenove dias, sua rotina desmorona. O anexo descreve acontecimentos aparentemente banais com uma precisão impossível, transformando cada escolha do presente em uma ameaça ao futuro.

Em uma investigação cada vez mais tensa, Daniel encontra sete versões de sua própria vida e pistas sobre o ATLAS, um sistema capaz de modelar decisões humanas. À medida que tenta proteger Helena, ele percebe que talvez conheça menos a si mesmo do que imaginava. Com suspense, tecnologia e dilemas emocionais, O Homem que Tinha Mil Vidas acompanha um pai forçado a confrontar os limites entre cuidado, medo e controle.

Sumário

1. 3h17 1
2. 9h42 17
3. A Rua Certa 39
4. VIDA_07_NAO_ABRIR 57
5. Sete Portas 83
6. Antes de Acontecer 99
7. Acesso 119
8. O Contrato 137
9. ATLAS 157
10. A Vida Sem Helena 177
11. Notícia Repetida 199
12. Augusto 217
13. O Que Você Vai Fazer 235
14. Margem de Segurança 253
15. Horas Perdidas 273
16. A Vida Corrompida 301
17. Marina Albuquerque 321
18. O Homem das Mensagens 345
19. O Local Previsto 363
20. Observada 385
21. A Verdade Compartilhada 405
22. Sem Completar a Frase 427

Sumário

23. Dia Dezenove 451
24. A Escolha Sem Garantia 475
25. Uma Vida 493

CAPÍTULO 1

3h17

Às 3h17, Daniel Vilar tinha vinte e seis abas abertas, uma cobrança vencida havia cinco dias e um orçamento pronto pela metade desde a terça-feira anterior.

A tela maior mostrava uma interface que ele vinha redesenhando para um cliente havia duas semanas. O cliente queria "algo intuitivo", expressão que Daniel aprendera a odiar porque sempre vinha acompanhada de uma lista de referências que não tinham nada a ver umas com as outras. Na coluna da esquerda, havia um painel de pagamentos. Na direita, um mapa que ele desmontara em camadas para testar uma animação de navegação. No meio, um botão azul que mudava de tamanho conforme a janela diminuía.

Ele ajustou dois pixels, voltou atrás, ajustou de novo.

Na outra tela, uma planilha de gastos pessoais acumulava células vermelhas. Aluguel. Internet. Cartão. Uma parcela que ele não lembrava de ter feito e que talvez tivesse sido uma compra de software, talvez comida pedida numa noite parecida com aquela. A descrição no extrato era abreviada demais para ajudar.

Seu café tinha formado uma película escura na caneca.

Daniel arrastou o cursor até uma aba com pesquisas sobre produtividade e abriu uma matéria que prometia explicar por que pessoas inteligentes sabotavam a própria rotina. O texto tinha anúncios entre os parágrafos, um teste de perfil e uma imagem de um homem sorridente diante de uma agenda sem rasuras. Ele fechou antes da segunda linha.

Na aba seguinte, uma busca por "como cobrar retorno de proposta sem parecer desesperado".

Na seguinte: "modelo de contrato freelancer revisão escopo".

Na seguinte, o orçamento que precisava enviar. O arquivo estava aberto desde as 18h43, segundo o registro automático. Daniel tinha escrito o nome do

cliente, calculado as horas, reconsiderado todas as horas, montado uma justificativa técnica para o preço e apagado a justificativa porque ela soava defensiva. Restava preencher o valor final.

Era um número simples. Dependia de ele aceitar que seu trabalho tinha um preço e que alguém poderia recusar.

Daniel trocou de janela.

Abriu o e-mail. Havia uma mensagem nova no topo da caixa de entrada.

Ele demorou um instante para entender o remetente.

DANIEL VILAR <daniel.vilar@...>

O próprio endereço, completo, com a mesma foto que aparecia nos contatos de trabalho: Helena, aos seis anos, de capacete vermelho, sentada numa bicicleta pequena demais para as pernas que tinha hoje.

O assunto era curto.

19 DIAS

Daniel passou o dedo pelo touchpad e abriu a mensagem.

Não havia saudação.

Você tem 19 dias para impedir que Helena morra.

Abaixo, depois de uma linha em branco:

E, desta vez, termine o que começou.

Ele leu outra vez, com atenção à construção das frases, como se a gramática pudesse denunciar a fraude. Não denunciou nada. O texto era direto demais para parecer spam. Direto demais para ser uma brincadeira de alguém que o conhecia pouco.

No canto inferior, havia um anexo.

PREVISAO_01

Daniel não clicou de imediato.

O relógio do computador marcava 3h18. Na rua, um carro passou com o som baixo demais para ele distinguir música de motor. O apartamento acima do seu permanecia quieto. Da cozinha vinha o ruído constante da geladeira e, por alguns segundos, ele se concentrou nisso porque era um ruído comum, produzido por uma máquina comum, num horário comum para estar acordado sozinho.

Helena estava com a mãe.

Ele sabia disso. Tinha deixado Helena no domingo à noite depois de uma discussão pequena, quase administrativa, sobre uma mochila esquecida. A mãe de Helena insistira que ela precisava começar a levar as coisas da escola de uma casa para a outra sem depender de lembretes. Daniel respondera que uma

criança de oito anos não devia administrar duas casas como se fosse uma funcionária de logística.

Helena ficara sentada no banco de trás, ouvindo.

Ele lembrava do jeito como ela segurou a alça da mochila quando desceu do carro. Não chorou. Isso fora pior.

Daniel aproximou o cursor do anexo.

A mensagem podia ser uma tentativa de invasão. Um arquivo com malware. Uma chantagem mal construída. Alguém usando spoofing de e-mail, falsificando o campo do remetente. Era banal, tecnicamente. Irritante, mas banal. O nome exibido não provava origem nenhuma.

Mesmo assim, ele abriu uma nova aba e acessou o cabeçalho da mensagem.

As linhas de texto surgiram num bloco seco, cheio de servidores, horários e identificadores. Daniel ampliou a janela. Copiou trechos para um editor simples. Separou os campos recebidos. Os primeiros saltos da rota apontavam para serviços conhecidos, lugares por onde qualquer e-mail podia passar. Depois havia um identificador de máquina.

Ele franziu a testa.

O nome do equipamento era uma sequência curta, sem fabricante, sem domínio reconhecível.

Tinha sido registrado como origem local em algum ponto da cadeia: VLR-07.

Daniel leu de novo.

VLR.

Poderia ser qualquer coisa. Uma coincidência. Um prefixo automático. Algum computador de escritório cujo dono tivesse sobrenome parecido com o dele. Ele conhecera dezenas de máquinas nomeadas por gente que usava três letras do próprio nome e um número. Ainda assim, a presença do sete prendeu sua atenção.

VLR-07.

Ele procurou o histórico de dispositivos associados à conta. Havia seu notebook, o celular antigo que deixara numa gaveta e o telefone atual, com o último acesso registrado naquela noite. Havia também uma sessão ativa marcada como desconhecida.

Sistema operacional não identificado.

Localização indisponível.

Primeiro acesso: 03h16.

Daniel sentiu a nuca endurecer.

Atualizou a página. A sessão continuava ali.

Ele mudou a senha. O gerenciador sugeriu uma combinação longa; Daniel aceitou, copiou para um

arquivo local, fechou a conta em todos os aparelhos. Quando voltou ao painel, a sessão desconhecida tinha desaparecido.

O e-mail permaneceu na caixa de entrada.

Ele o encarou por quase um minuto.

Depois baixou o anexo sem abri-lo e rodou uma verificação local. O arquivo não acusou ameaça. Isso significava pouco. Programas maliciosos bem feitos não apareciam com uma etiqueta dizendo o que eram; programas malfeitos apareciam às vezes sem ser nada. Daniel sabia disso. Sabia demais sobre os limites de uma confirmação técnica para se tranquilizar com ela.

Abriu o anexo numa janela isolada.

A página tinha fundo branco, letras pretas e uma data no alto.

Dia 1.

Abaixo, uma linha:

09h42 — A mãe de Helena enviará uma mensagem sobre a apresentação escolar de sexta-feira. Ela pedirá confirmação até o fim da manhã. Você vai demorar para responder porque vai querer saber por que ela escolheu esse assunto hoje.

Daniel ficou imóvel diante da tela.

Não havia mais texto na página. Nem assinatura. Nem logotipo. Nem uma tentativa de explicar a previsão, o número de dias, a frase sobre terminar alguma coisa. O arquivo era limpo de um jeito ofensivo, feito para ficar na cabeça de quem o recebesse.

Ele clicou nas propriedades do arquivo.

Criado: 03h16.

Modificado: 03h16.

Autor: Daniel Vilar.

O campo podia ser preenchido por qualquer pessoa. Ele sabia. O programa que gerara o arquivo podia puxar dados públicos, configurar metadados falsos, usar o nome da conta. Nada daquilo exigia acesso profundo. Talvez alguém tivesse invadido seu e-mail. Talvez alguém tivesse tido acesso a uma máquina antiga. Talvez um cliente irritado tivesse achado divertido montar uma ameaça sob medida.

Mas Helena.

Ele fechou o arquivo e abriu a conversa mais recente com a mãe dela. A última mensagem tinha sido enviada às 22h08.

Ela: A Helena esqueceu o casaco aqui no carro.

Ele: Deixa aí. Ela pega na sexta.

Ela: Ela vai precisar antes.

Ele: Então eu passo amanhã.

Depois disso, nenhum dos dois escrevera mais nada.

Daniel percorreu a conversa para cima, até encontrar uma troca do começo do mês. A escola mandara aviso sobre uma apresentação. Helena participaria de alguma coisa ligada a leitura. Ele tinha respondido com um emoji de aplauso porque estava entrando numa reunião. Mais tarde, perguntara qual era o horário. Não recebera resposta. Esquecera de insistir.

A apresentação de sexta-feira podia estar na agenda da mãe de Helena. Podia ser uma pauta comum. Era justamente por ser comum que a previsão tinha escolhido aquilo?

Ele abriu o calendário da escola, que consultava pouco. A apresentação aparecia marcada para sexta, às 15h. "Mostra de Leitura — turmas do 3º ano." Daniel tinha visto a notificação dias antes, provavelmente enquanto respondia uma mensagem de trabalho, e arquivado sem pensar. Talvez alguém também tivesse acesso a isso.

Ele olhou para o relógio.

3h26.

Faltavam seis horas e dezesseis minutos.

A ideia de esperar por uma mensagem sobre a apresentação o irritou. Queria agir antes de ela chegar, desmontar o mecanismo, criar uma variável que provasse que aquilo não tinha poder nenhum. Poderia enviar uma mensagem agora. Perguntar à mãe de Helena sobre sexta-feira. Melhor: ligar. Ela atenderia? Talvez não. Se atendesse, ouviria a voz dele naquele horário e imaginaria uma emergência. Talvez fosse bom que imaginasse. Helena estava lá.

Daniel pegou o celular.

A tela acendeu com um retrato de Helena fazendo careta num parque, os dentes da frente ainda pequenos, o cabelo preso de qualquer jeito. A foto era de dois anos antes. Ele tinha pensado em trocar várias vezes e nunca trocara.

Abriu a conversa.

Escreveu: A Helena está bem?

Apagou.

Escreveu: Você está acordada?

Apagou também.

A pergunta certa era impossível porque qualquer pergunta carregaria a mensagem junto, mesmo sem ele contar sobre ela. Se perguntasse sobre Helena, provocaria uma reação. Se perguntasse sobre a apresentação, entregaria que estava vigiando a rotina

que deveria conhecer. Se ligasse, criaria um alarme que talvez não existisse.

Ele deixou o celular sobre a mesa com força suficiente para a caneca vibrar.

A mãe de Helena não precisava de mais um episódio. Era o que ela diria: mais uma madrugada em que Daniel confundia uma preocupação real com uma urgência fabricada pela própria cabeça. Ela não usaria essas palavras, talvez. Usaria outras, mais frias. Diria que ele precisava parar de aparecer sem combinar, parar de transformar assuntos simples em interrogatório, parar de falar como se ela fosse cúmplice de algo.

Daniel não gostava do plural em "assuntos simples". Ele conseguia listar situações concretas, cada uma com uma explicação razoável: o dia em que fora buscar Helena fora do horário porque a escola não respondera a uma ligação; a vez em que conferira, pelo aplicativo do banco, se a mãe tinha usado um dinheiro enviado para material escolar; a discussão sobre uma foto publicada sem avisá-lo. Nenhuma delas, isoladamente, justificava aquele tom.

Juntas, formavam outra coisa.

Ele voltou ao cabeçalho do e-mail.

VLR-07.

Pesquisou o identificador entre os próprios arquivos, backups e conversas antigas. A busca indexou documentos, pastas de trabalho, trechos de código, notas esquecidas. Surgiram resultados inúteis: versões de arquivos nomeadas com números, referências a variáveis abreviadas, um rascunho de orçamento em que ele tinha usado "vlr" para valor.

Nada sobre um computador.

Tentou o roteador. Acessou o painel de dispositivos conectados à rede doméstica. Seu notebook. A impressora que costumava cair. A televisão. O celular. Um nome genérico que ele identificou como a lâmpada inteligente da sala, instalada numa promoção e esquecida depois da primeira semana.

Nenhum VLR-07.

Ele consultou o histórico do roteador. As entradas mais antigas não iam além de poucos dias. Havia uma conexão às 3h12, mas o endereço físico não correspondia a dispositivo algum que ele reconhecesse. Isso não significava invasão. O roteador registrava lixo, reconexões, aparelhos de vizinhos quando configurados de modo errado. Mesmo assim, Daniel copiou o endereço para uma nota.

Às 3h34, tinha cinco janelas técnicas abertas, duas planilhas e um bloco de notas com horários.

03h12 — conexão desconhecida.

03h16 — arquivo criado.

03h17 — e-mail recebido.

09h42 — mensagem prevista.

Ele acrescentou: 19 dias.

Quando terminou de escrever, a frase pareceu absurda até no papel digital. Dezenove dias para impedir a morte de Helena. Quem enviaria uma coisa dessas? Alguém que a conhecia. Alguém que conhecia a separação. Alguém que sabia que Daniel não conseguiria ignorar.

Ele abriu a lista de contatos e procurou clientes, antigos colegas, gente que o seguia em redes sociais. Parou no meio. Havia uma facilidade terrível em converter qualquer relação numa lista de possíveis origens. Qualquer pessoa que soubesse seu endereço podia falsificar um remetente. Qualquer pessoa que tivesse visto uma foto de Helena podia escrever o nome dela. A dificuldade não estava em encontrar suspeitos. Estava em não transformar todos os conhecidos em suspeitos.

O apartamento tinha ficado quente. Daniel levantou, abriu a janela da sala e olhou para a rua. O poste em frente iluminava uma árvore que deixava sombras tortas no asfalto. Dois sacos de lixo esperavam

na calçada. Mais adiante, uma janela acesa no prédio da esquina mostrava uma cozinha vazia.

Ele imaginou Helena dormindo do outro lado da cidade.

A imaginação veio sem pedido: a porta do quarto entreaberta, o cobertor jogado para fora, uma das mãos embaixo do travesseiro. Ela dormia assim quando era menor. Talvez tivesse mudado. Aos oito anos, ela já tinha mudado mais coisas do que ele acompanhava.

Daniel fechou a janela.

Passou os dedos pelo rosto e voltou para a mesa. O orçamento ainda estava ali, uma cobrança ainda piscava num canto da tela, e uma aba anunciava sete métodos para vencer a procrastinação antes das sete da manhã. O absurdo das telas continuava funcionando em paralelo àquela mensagem. Era possível que o banco enviasse uma notificação em poucos minutos. Era possível que o cliente cobrasse o prazo. Era possível que o mundo mantivesse sua rotina enquanto alguém ameaçava a vida de Helena com uma frase de dezesseis palavras.

Ele abriu o arquivo do orçamento e preencheu o valor.

Ficou olhando para o botão Enviar.

Se mandasse agora, o cliente talvez respondesse cedo. Se o cliente respondesse cedo, ele teria uma obrigação a menos durante o dia. Se tivesse uma obrigação a menos, poderia pensar melhor. A cadeia de raciocínio parecia sólida, mas ele sabia que era só uma forma sofisticada de evitar o e-mail.

Mandou o orçamento.

O envio gerou um aviso discreto no canto da tela. Daniel sentiu uma satisfação tão pequena que quase teve raiva dela.

Depois imprimiu o arquivo.

A impressora demorou a acordar. Fez ruídos mecânicos, puxou a folha torta na primeira tentativa e engoliu o papel com uma lentidão que o deixou de pé ao lado dela, esperando. Quando a página saiu, ele a segurou pelo canto.

Dia 1.

09h42.

A mãe de Helena enviará uma mensagem sobre a apresentação escolar de sexta-feira.

Ele dobrou a folha uma vez, depois abriu. Dobrou de novo, alinhando as bordas. O gesto não tinha função. Mesmo assim, repetiu até que a dobra ficasse exata.

Às 3h49, criou um alarme para 9h35.

Depois outro para 9h40.

Apagou o segundo. Criou um terceiro para 9h41.

Deixou o celular na mesa, com a tela virada para cima, e sentou diante das duas telas acesas.

Não trabalhava mais. Não pesquisava mais. Apenas esperava a hora marcada chegar, com a folha impressa ao lado do teclado e o nome da filha preso no centro de cada pensamento.

CAPÍTULO 2

9h42

Às nove e trinta e cinco, o primeiro alarme tocou.

Daniel o desligou antes da segunda vibração e ficou olhando para o celular. A tela mostrou o horário, limpo e indiferente, sobre a foto antiga de Helena com um chapéu de papel torto na cabeça. Ele não lembrava de ter escolhido aquela imagem para fundo. Talvez ela tivesse sido enviada numa conversa, talvez o telefone a tivesse sugerido, talvez ele mesmo tivesse aceitado sem prestar atenção.

Levantou para fazer café, mas esqueceu a água na pia e voltou antes de ligar a chaleira. Conferiu o e-mail. Nenhuma mensagem nova. Abriu o aplicativo de mensagens, leu a última conversa com a mãe de Helena.

A troca terminava dois dias antes.

Ele perguntara se poderia buscar Helena na sexta. A resposta viera quase uma hora depois: "Você sabe que ela tem apresentação na escola, né?"

Daniel respondera que sabia, embora tivesse acabado de descobrir. Escrevera que iria, se ela concordasse. A mãe de Helena não respondera.

Ele voltou à conversa e tocou no nome dela. A foto de perfil era um círculo cinza. Nenhuma informação disponível além do número. Havia uma facilidade cruel naqueles aplicativos: permitiam que alguém existisse inteiro no aparelho — mensagens, horários, fotos de Helena, áudios, combinações que ele esquecera de cumprir — e ainda assim ficasse reduzido a uma bolha cinza.

Às nove e quarenta, o segundo alarme tocou.

Ele tinha apagado o que criara para aquele horário. Ou achava que tinha. O som foi curto, um sino eletrônico que o atravessou por dentro.

Daniel segurou o celular com força demais.

Faltavam dois minutos.

A previsão impressa continuava ao lado do teclado.

Dia 1.

09h42.

A mãe de Helena enviará uma mensagem sobre a apresentação escolar de sexta-feira.

Nenhuma frase indicada. Apenas aquilo. No e-mail, porém, havia uma linha abaixo, que ele tinha lido tantas vezes durante a madrugada que já não sabia se estava lembrando ou vendo:

Ela vai escrever: "A apresentação da Helena é sexta, às quatro. Não atrasa."

Ele tornara a abrir o arquivo pouco antes das nove. A frase estava lá.

A mãe de Helena usava ponto final. Usava "não atrasa" quando estava irritada, ou quando precisava fazer uma coisa caber entre outras. Ela já escrevera assim antes. Dezenas de vezes, talvez. O dado não exigia previsão nenhuma. Bastava que alguém tivesse acesso às conversas, entendesse o calendário escolar e soubesse que ele esquecia prazos.

Daniel sentou.

A hipótese era ruim, mas tinha estrutura.

Alguém entrara no e-mail dele. Isso era verificável. Alguém acessara o histórico de mensagens entre ele e a mãe de Helena. Isso seria mais difícil, mas possível. Ele deixava sessões abertas, reutilizava senhas, fazia anotações em arquivos com nomes idiotas. Durante meses, talvez anos, usara a mesma

variação de senha para serviços diferentes: nome de uma ferramenta, dois números, um símbolo. Trocara o símbolo quando um site exigira outro e chamara aquilo de segurança.

Também havia o computador antigo.

O e-mail dizia que fora enviado de uma máquina que ele não reconhecia, mas isso não significava nada ainda. Endereços podiam ser mascarados. Cabeçalhos podiam ser manipulados. Uma conta comprometida podia disparar mensagens de qualquer lugar. Um cliente de e-mail mal configurado, um encaminhamento esquecido, uma extensão de navegador que ele instalara para testar uma interface e nunca removara.

Ele abriu uma janela anônima, depois outra. Consultou os acessos recentes à conta. Havia o computador dele, identificado pelo navegador. Havia o celular. Havia uma sessão de madrugada que aparecia como "dispositivo desconhecido", com um sistema operacional genérico e localização aproximada demais para servir de prova.

A sessão tinha começado às três e dezesseis.

Daniel sentiu o estômago apertar.

A tela poderia mentir. Ele sabia disso melhor que a maior parte das pessoas. Interfaces tinham uma

autoridade que não mereciam. Um mapa com um ponto azul fazia alguém acreditar que conhecia sua própria posição; uma barra de progresso convencia um usuário de que alguma coisa estava realmente avançando; um cadeado ao lado de um endereço fazia parecer que alguém estava protegido.

Ainda assim, três e dezesseis.

Ele copiou o identificador da sessão para um arquivo de texto e salvou na área de trabalho. Depois fez uma captura de tela. Mandou para o próprio e-mail. Imprimiu.

No relógio do canto inferior, nove e quarenta e um.

Ele pousou o telefone sobre a mesa, tela para cima.

O aparelho vibrou.

Daniel não o tocou de imediato. A vibração cessou. Na tela, a prévia de uma mensagem.

Mãe de Helena.

Ele ficou em pé tão rápido que a cadeira bateu na parede.

A notificação mostrou as primeiras palavras.

A apresentação da Helena é sexta, às quatro. Não atrasa.

O relógio marcava 9h42.

Por alguns segundos, ele leu a frase sem compreender as palavras. Reconheceu cada uma: apresentação, Helena, sexta, quatro, atrasa. O conjunto delas, naquela ordem, já existia numa folha impressa desde a madrugada. O celular não parecia um objeto seu. Era uma peça de prova deixada sobre a mesa.

Abriu a conversa.

A mensagem estava ali, enviada às 9h42.

"A apresentação da Helena é sexta, às quatro. Não atrasa."

A mesma pontuação. O mesmo ponto final. Nem uma vírgula fora do lugar.

Daniel pegou a folha. Levou-a até o celular. Comparou a tela e o papel, de um lado para o outro, até as letras se embaralharem.

Então pensou no calendário da escola.

Era quarta-feira. A apresentação seria sexta. A mãe de Helena tinha avisado dois dias antes em anos anteriores. Talvez exatamente naquele horário, porque era quando chegava ao trabalho ou terminava alguma tarefa. Talvez ela tivesse colocado um lembrete. Talvez Helena tivesse mencionado a apresentação no fim de semana, e ele não escutara direi-

to. Talvez aquilo estivesse no grupo de responsáveis, em algum aviso que ele silenciara porque o celular vibrava demais.

Tudo isso era provável.

O problema estava na frase.

Ele digitou uma resposta, apagou.

Escreveu: "Eu sei."

Apagou também.

Por fim enviou: "Vou estar lá."

A confirmação de leitura não veio.

Ele abriu o navegador e procurou a programação da escola. Encontrou uma página antiga, com avisos de meses atrás. Procurou nas mensagens arquivadas. Havia uma imagem de um bilhete escolar, enviada pela mãe de Helena na semana anterior. Daniel ampliou até os pixels ficarem visíveis.

Sexta-feira, 16h. Apresentação das turmas.

A informação estava ali desde antes. Ele não tinha lido ou tinha lido sem guardar. O e-mail podia ter sido construído por alguém que também recebera aquela imagem. Pela mãe de Helena, pela escola, pelo telefone de Helena, por qualquer pessoa que estivesse no grupo. Sem precisar prever nada.

Mas a frase exata?

Daniel abriu as configurações da conversa. Exportar histórico. Fazer backup. Ver dispositivos conectados. O aplicativo oferecia atalhos bonitos e inúteis. Nenhuma indicação clara de acesso externo. Ele sabia que sistemas assim protegiam a sensação de integridade, não a integridade. Uma pessoa comum precisava acreditar que sua conversa permanecia onde a deixara. Uma pessoa como ele procurava nas bordas: permissões de notificação, cópias em nuvem, sincronização de contatos, aplicativos com acesso concedido meses antes.

No telefone, começou a revisar permissões.

Uma lanterna. Um editor de fotos que ele não usava. Um aplicativo de lista de tarefas abandonado. Uma calculadora. Um jogo de Helena que ela instalara no último fim de semana em que dormira ali. Nenhum deles explicava aquilo.

A chaleira continuava vazia sobre a pia.

Daniel abriu o e-mail da madrugada de novo.

O anexo tinha uma página para cada dia. Ele havia lido apenas a primeira, depois voltado a ela, incapaz de avançar. Agora desceu a tela.

A segunda previsão estava logo abaixo da mensagem da apresentação.

Dia 1.

11h18.

Queda de energia na sua rua. Não saia de casa antes de a luz voltar.

Ele leu a instrução duas vezes.

A rua onde morava era estreita, ladeada por prédios baixos e oficinas que abriam tarde. Havia quedas de energia ali. Menos frequentes do que no bairro onde crescera, mas aconteciam, principalmente quando chovia. Naquela manhã, o céu estava claro. Um pedaço de sol alcançava o tapete gasto da sala. Não havia vento nas folhas da árvore em frente.

"Na sua rua" era uma formulação estranha. Se alguém acompanhasse o endereço dele, não precisaria escrever daquele jeito. Diria rua tal, número tal. Ou simplesmente "haverá uma queda de energia". A frase tinha a voz de alguém que conhecia seus hábitos, mas queria manter uma distância calculada.

Não saia de casa antes de a luz voltar.

Era uma previsão ou uma ordem?

Daniel abriu uma nova aba e pesquisou interrupção programada de energia no bairro. O site da concessionária carregou devagar. Pediu o número da instalação, depois apresentou uma mensagem genérica: "Não há desligamentos programados para a unidade consultada."

Ele tentou o atendimento por chat.

Uma janela se abriu no canto da tela. Um atendente virtual pediu que ele selecionasse uma opção. Falta de energia. Consulta de débito. Segunda via. Segurança. Daniel clicou em falta de energia e recebeu outra pergunta: sua unidade está sem fornecimento neste momento?

Não.

A conversa terminou.

Ele voltou à previsão.

Se fosse uma fraude, a queda de energia poderia ser provocada. Um técnico poderia desligar um quadro externo, alguém poderia mexer num transformador, uma obra na rua poderia gerar um corte. Mas para quê? Para fazer um homem acreditar num e-mail? Para mantê-lo preso em casa por algumas horas?

A ameaça principal vinha em dezenove dias. A primeira previsão era banal e tinha explicação. A segunda ainda era banal, só que exigia infraestrutura. O que alguém ganhava com aquilo?

Daniel olhou para a porta do apartamento.

Às onze e dezoito, ele deveria estar ali.

O pensamento trouxe alívio, e ele odiou o alívio. Ficar em casa era o que faria de qualquer modo. Havia trabalho atrasado, uma cozinha que precisava de limpeza, contas que não queria abrir. A instrução dava uma justificativa externa para sua inércia. Isso a tornava suspeita de outro jeito.

Ele fechou o anexo.

Abriu o arquivo do cliente para quem enviara o orçamento. Havia uma resposta nova.

"Recebi. Vamos falar depois do almoço."

Daniel leu, fechou e abriu de novo. O cliente não era importante naquele momento. Mesmo assim, a mensagem se encaixava numa sequência de ações previsíveis: ele enviara o orçamento porque o e-mail o assustara; o cliente respondera porque estava trabalhando; depois do almoço talvez pedisse uma alteração; Daniel ficaria preso à mesa enquanto uma queda de energia acontecia.

Ele parou.

Isso era exatamente o tipo de cadeia que o e-mail queria que ele montasse. Um acontecimento comum, depois outro, e de repente cada gesto do dia ganharia valor de engrenagem.

Foi até a cozinha. Encheu a chaleira, ligou o fogo, lavou uma caneca que tinha uma crosta escura no

fundo. Enquanto a água esquentava, verificou as tomadas: roteador, impressora, carregador, duas telas, uma extensão sob a mesa cheia de adaptadores. Se a energia caísse, os computadores desligariam. O arquivo do orçamento já estava salvo. Os registros do e-mail, também.

Pegou um pen drive da gaveta e copiou o anexo, as capturas de tela, a exportação da conversa com a mãe de Helena. Criou uma pasta chamada 19DIAS.

Achou o nome excessivo e apagou.

Criou outra: E-MAIL_0317.

Também não gostou. Nomear as coisas era conceder-lhes existência. Deixou assim mesmo.

Às dez e vinte e sete, a mãe de Helena respondeu:

"Tá."

Daniel ficou olhando para a palavra.

Poderia ligar. Perguntar se ela tinha mandado mensagem porque Helena comentara alguma coisa. Perguntar se havia algum homem estranho na escola, se alguém tinha procurado a filha. Mas não havia homem estranho ainda, nenhuma descrição, nenhum sinal concreto que não estivesse dentro do aparelho dele. Dizer "recebi uma previsão de que você me escreveria" produziria apenas um silêncio cheio de cautela. Ela conhecia a capacidade dele de

soar urgente quando estava em espiral. Conhecia também sua capacidade de desaparecer quando a urgência era cotidiana: remédio, horário, dinheiro da excursão, uma reunião escolar.

Ele não ligou.

Em vez disso, abriu a conta compartilhada do aplicativo de transporte que usavam anos antes. A sessão ainda funcionava. Havia meses que ele não entrava ali. A mãe de Helena provavelmente tinha trocado de aparelho, criado outra conta, seguido a vida. Mesmo assim, Daniel percorreu o histórico. Corridas antigas. Uma ida ao pronto atendimento, dois anos antes. Um trajeto até a escola. Endereços parcialmente ocultos.

Não havia nada útil.

A invasão lhe deu vergonha antes de dar resposta. Ele fechou a página, mas não saiu da conta. A diferença importava pouco e importava demais.

Às dez e quarenta e três, ele vestiu uma camisa limpa. Pensou em descer até a padaria da esquina, comprar pão, observar a rua. A previsão dizia para não sair antes de a luz voltar. Ele não acreditava na previsão. Precisava testar justamente isso.

Pegou as chaves.

A mão parou no trinco.

Se saísse e algo acontecesse, a mensagem teria conseguido o que queria: atribuir sentido à decisão. Qualquer buzina, qualquer carro freando, qualquer pessoa olhando demais seria uma confirmação. Se ficasse, a mensagem também venceria, porque ele obedecera.

Daniel soltou as chaves sobre o aparador.

Ficou um tempo diante da porta, ouvindo o elevador parar em algum andar. Um cachorro latiu atrás de uma parede. No apartamento de cima, alguma coisa pesada raspou no chão. A vida do prédio prosseguia com um volume ordinário, feita de portas, canos e passos. Ele tentou se fixar nisso.

Voltou ao computador e abriu um bloco de notas.

9h42 — mensagem recebida. Conteúdo idêntico ao anexo.

Escreveu "idêntico", apagou e substituiu por "aparentemente idêntico". O texto do anexo estava na tela. A mensagem também. Não havia aparência naquele dado.

Reescreveu:

9h42 — mensagem recebida com conteúdo idêntico ao anexo.

Abaixo:

Hipóteses:

A quinta hipótese ficou na tela.

Daniel passou a unha pelo canto do teclado. Podia ter visto uma notificação de agenda, um bilhete, uma prévia de mensagem. Podia ter absorvido a frase sem registrar e depois atribuído ao arquivo um poder que ele não tinha. A mente fazia isso. Completava lacunas, organizava ruído, produzia coerência para não encarar o caos como caos.

Ele abriu o arquivo original e conferiu a data de criação. 3h17. Conferiu a data de modificação. 3h17. Procurou metadados. O documento não trazia autor. O campo de programa gerador dizia apenas "export service". Não era um nome de software que ele reconhecesse.

Às onze e onze, o primeiro sinal não veio da tela.

Veio da geladeira.

O motor falhou no meio de um ruído contínuo e recomeçou. Daniel levantou a cabeça.

A luz da cozinha permaneceu acesa.

Ele esperou.

A geladeira fez o mesmo ruído de novo, então estabilizou. Podia ser nada. Um compressor velho. Uma oscilação banal. A instalação elétrica do prédio

sempre dera pequenos avisos: lâmpadas que piscavam quando alguém ligava o chuveiro, o micro-ondas que fazia o roteador reiniciar, tomadas frouxas.

O relógio marcava 11h14.

Daniel foi até a janela.

A rua parecia a mesma. Uma mulher passava com uma sacola de mercado. Um entregador parou uma motocicleta junto ao meio-fio e conferiu o telefone. Na oficina da esquina, um homem puxava uma porta de metal para cima. O barulho seco atravessou a quadra.

Onze e quinze.

Daniel imaginou Helena na escola, numa sala cheia de vozes. Imaginou que ela recebia a luz do dia pela janela, que alguém distribuía folhas, que ela talvez estivesse desenhando enquanto ele encarava postes e fios.

O celular vibrou.

Uma mensagem do cliente. "Consegue falar hoje 14h?"

Ele não respondeu.

Onze e dezessete.

A tela do computador diminuiu o brilho por uma fração de segundo. O roteador emitiu um estalo baixo. Daniel se inclinou para a frente, os olhos no relógio.

11h18.

As duas telas apagaram.

A impressora morreu no meio de sua luz azul. O ventilador parou. O som da geladeira cessou. A sala ficou com o ruído da rua entrando pela janela e o tique-taque de um relógio a pilha que ele nunca consertara.

Daniel continuou sentado.

O telefone permanecia aceso na mão dele, ligado à bateria. Na tela, onze e dezoito.

Do prédio em frente, vieram vozes. Uma janela se abriu. Alguém gritou para dentro de algum apartamento: "Caiu aí também?"

Na rua, a oficina interrompeu o barulho. A porta de metal parou pela metade. O homem que a levantava ficou segurando a borda, olhou para o interior escuro e xingou sem força.

Daniel foi até a janela.

O sinal da esquina apagou. Carros avançaram devagar, hesitando onde as faixas se cruzavam. O mer-

cado pequeno do outro lado tinha as portas abertas, mas o letreiro perdera as letras vermelhas. Um alarme começou a emitir bipes descontínuos em algum lugar do quarteirão.

A previsão estava certa.

Ele puxou o telefone para perto do rosto e abriu o anexo, mesmo sabendo o que encontraria. A bateria marcava setenta e oito por cento. O texto branco recortava-se no fundo escuro.

11h18.

Queda de energia na sua rua. Não saia de casa antes de a luz voltar.

A instrução deixou de ser uma frase estranha e ganhou peso físico. A escada do prédio estava escura. O portão eletrônico talvez não funcionasse. A rua, sem semáforo, acumulava carros. Se ele tivesse descido, estaria lá fora agora, no meio do cruzamento ou preso no elevador ou parado diante de uma porta que não abria. Nenhuma dessas coisas era uma ameaça por si só.

A mente dele começou a trabalhar sobre cada uma.

Ele poderia ter ficado preso. Poderia ter atravessado entre os carros. Poderia ter deixado a porta destrancada. Poderia ter encontrado alguém esperando.

A previsão não dissera por que ele não deveria sair. Um aviso vago permitia qualquer encaixe posterior.

Daniel apertou os olhos.

O fato permanecia: alguém registrara, às três e dezessete, uma queda de energia que acontecera às onze e dezoito.

Ou alguém a fizera acontecer.

A ideia não trouxe clareza. Trouxe uma imagem rápida dos fios no alto da rua, caixas de distribuição, portas de serviço, homens com uniformes, um veículo parado em algum ponto fora de sua visão. Ele forçou a si mesmo a procurar uma explicação que coubesse no mundo. Falha na rede. Acidente em outro bairro. Manutenção não listada. Sobrecarga. Um problema no prédio.

Mas a oficina estava sem luz. O mercado, também. O semáforo.

A rua inteira.

Daniel puxou a cortina um pouco mais para o lado e examinou a calçada. Ninguém observava o prédio dele. Ninguém olhava para a janela. O entregador tinha ido embora. A mulher da sacola desaparecera na esquina. Um homem de camiseta clara falava ao telefone diante do portão de um condomínio, irrita-

do com alguma coisa que Daniel não conseguia ouvir.

Ele fotografou a rua, o relógio do celular, a tela do anexo. Depois fotografou de novo, porque a primeira imagem saíra tremida.

A bateria caiu para setenta e sete por cento.

Ele abriu a conversa com a mãe de Helena.

O último "Tá" permanecia ali.

Por um impulso, escreveu:

"Ela está bem?"

Ficou com o dedo sobre enviar.

A pergunta, isolada, seria recebida como uma pergunta comum. Talvez até como interesse. Podia perguntar. Devia perguntar. Era pai dela. Não precisava de uma previsão para isso.

Apagou.

Digitou outra coisa.

"Você sabe se houve alguma queda de energia perto da escola?"

Apagou também. A escola ficava em outro bairro. A pergunta seria estranha. Estranha demais.

A luz não voltava.

No apartamento, as telas negras refletiam uma forma vaga dele sentado diante da mesa. Daniel se viu apenas como contorno, camisa limpa, telefone na mão, papéis impressos espalhados onde horas antes havia trabalho atrasado. A folha com a previsão da mensagem estava dobrada e aberta tantas vezes que o vinco cortava as palavras.

Ele pegou a página seguinte.

Procurou o próximo horário.

Abaixo da queda de energia, havia outra linha.

Daniel leu uma vez. Depois aproximou o telefone, como se a proximidade pudesse alterar as letras.

O som de uma porta batendo no corredor o fez erguer a cabeça.

Na sala sem energia, o telefone iluminava seus dedos e a folha dobrada.

CAPÍTULO 3

A Rua Certa

A linha seguinte dizia:

14h06 — colisão na Rua das Palmeiras, esquina com a Avenida Norte. Um carro prata e uma motocicleta vermelha. Não atravesse a avenida.

Daniel leu até decorar a ordem das palavras. Rua das Palmeiras. Avenida Norte. Carro prata. Motocicleta vermelha. Quatorze e seis.

O nome da rua não lhe dizia nada de imediato. Abriu o mapa no celular, esperou a tela carregar sob o sinal fraco e localizou a esquina. Ficava a pouco mais de três quilômetros dali, numa região que ele atravessava às vezes para cortar caminho até a escola de Helena.

A escola.

O pensamento veio antes que ele pudesse impedi-lo. A apresentação escolar. A mensagem da mãe de Helena. A rua indicada não era o trajeto principal dela, mas era uma alternativa possível se houvesse trânsito, se ela saísse atrasada, se decidisse passar numa farmácia, se qualquer coisa banal empurrasse um carro para uma rua diferente.

Ele voltou à conversa.

A última troca ainda terminava no "Tá" dela. Acima, a confirmação seca de que Helena teria apresentação naquela semana, sem data definida. Daniel procurou entre as mensagens antigas. A mãe de Helena costumava buscar a filha no início da tarde nos dias de atividade estendida. Ele sabia porque perguntava pouco e, quando perguntava, recebia respostas objetivas. Sabia também porque tinha visto o calendário escolar aberto no celular de Helena da última vez que ela deixara o aparelho sobre o sofá.

A vergonha dessa lembrança surgiu e passou. Não havia tempo para escolhê-la.

Digitou:

"Que horas você pega a Helena hoje?"

A resposta demorou quatro minutos. Quatro minutos em que ele abriu e fechou o mapa, calculou

trajetos, examinou a previsão impressa e verificou a hora a cada trinta segundos.

"Por quê?"

Daniel olhou para a tela.

Poderia dizer que queria vê-la. Era verdade, em alguma medida. Poderia dizer que precisava falar da apresentação. Também era verdade. A verdade inteira, porém, tinha a forma de um e-mail enviado do endereço dele mesmo, uma queda de energia escrita antes de acontecer e uma linha avisando sobre um acidente numa esquina que ele mal conhecia.

"Queria combinar de buscar ela."

Dessa vez a resposta veio rápido.

"Você disse que não dava hoje."

Ele tinha dito. Na noite anterior, antes do e-mail, antes de a madrugada se tornar uma sequência de telas e horários, tinha respondido que entregaria um projeto até sexta e não conseguiria sair. Naquele momento, a justificativa lhe parecera simples: duas horas de deslocamento, uma tarde perdida, um cliente cobrando alterações que ele já deveria ter feito.

O projeto continuava aberto no computador sem energia.

"Eu consigo."

"Daniel, eu já me organizei."

A frase, curta, fechava uma porta que ele mesmo costumava deixar aberta demais até o último instante. Sentiu a irritação procurando onde pousar: nela, no tom dela, na facilidade com que decidia a rotina de Helena sem consultá-lo. A irritação não se sustentou. Ela tinha se organizado porque ele dissera que não ia.

"É perto da Avenida Norte?"

Demorou menos de um minuto.

"Você está bem?"

Ele apagou a pergunta que começara a escrever. Colocou outra.

"Só me diz, por favor."

Os três pontos apareceram, sumiram, voltaram.

"Não. Por quê?"

Daniel encostou a testa na mão. A resposta deveria aliviá-lo, mas abriu outras possibilidades. Ela podia mudar de caminho. Podia ter mentido por irritação. Podia não saber ainda. A previsão talvez não tivesse relação com elas. Um carro prata e uma motocicleta vermelha existiam aos milhares. Um acidente no meio de uma cidade inteira podia ser apenas um acidente.

Mesmo assim, às doze e vinte, quando a luz voltou com um estalo nos eletrodomésticos e os roteadores retomaram seus pontos verdes, ele já tinha colocado o notebook na mochila, levado o carregador, impresso as duas páginas do anexo e saído de casa.

No elevador, conferiu a previsão outra vez.

Não atravesse a avenida.

A formulação o incomodava. Não dizia evite o acidente. Não dizia proteja Helena. Dizia apenas que ele não devia atravessar uma avenida, como se o corpo dele fosse a variável relevante de uma colisão entre desconhecidos.

No térreo, recebeu uma mensagem da mãe de Helena.

"Vou buscá-la às 13h30. Depois tenho uma coisa para resolver."

Daniel parou entre as caixas de correspondência e a porta de vidro. Treze e trinta. A escola ficava longe da Rua das Palmeiras, mas o "uma coisa para resolver" deixou o mapa inteiro móvel na cabeça dele. Farmácia. Banco. Mercado. Consultório. Qualquer endereço ao norte do bairro podia transformar a Avenida Norte em possibilidade.

"Que coisa?" escreveu.

Apagou antes de enviar.

Era uma pergunta sem direito. Ele tinha passado manhãs inteiras sem responder a ela sobre contas, horários e decisões da escola. Agora queria saber cada parada antes das duas da tarde porque uma planilha anônima lhe dera uma coordenada.

Saiu para a calçada.

O sol estava alto e a rua ainda tinha marcas da chuva fraca da madrugada junto ao meio-fio. Daniel chamou um carro por aplicativo e indicou o endereço da escola. A rota sugerida passava a quatro quarteirões da Avenida Norte. Ele alterou o destino para uma rua paralela, desceu antes do previsto e seguiu a pé, com o celular na mão e a folha dobrada no bolso.

Não ia interromper a mãe de Helena. Não ia aparecer na escola, não sem aviso, não para arrastá-la para um medo que ainda não sabia explicar. Só queria olhar a região. Entender a esquina. Identificar o que havia ali antes que quatorze e seis chegasse.

A Rua das Palmeiras era mais larga do que imaginara no mapa. Tinha prédios baixos, lojas de material elétrico, uma lotérica, uma padaria com toldo azul e um cruzamento onde a Avenida Norte descia em duas faixas para cada lado. O semáforo pendia sobre os carros em cabos grossos. Havia uma banca

fechada perto da esquina e uma faixa de pedestres apagada pelo uso.

Daniel ficou diante da vitrine de uma loja de celulares, fingindo olhar modelos expostos. A cada veículo prata que passava, acompanhava a placa até perdê-lo de vista. A cada motocicleta vermelha, via o acidente inteiro antes de ela chegar ao cruzamento.

Às treze e quarenta e sete, uma motocicleta vermelha estacionou junto à padaria.

O motociclista tirou o capacete, olhou o telefone e entrou.

Daniel atravessou a rua sem pensar. A previsão dizia para não atravessar a avenida, mas aquela não era a avenida; era a Rua das Palmeiras. A distinção lhe pareceu importante enquanto colocava um pé na faixa e inútil quando chegou à calçada oposta.

A moto tinha uma caixa presa atrás do banco. Entrega. O homem voltaria para ela em poucos minutos e seguiria por alguma rota definida no aplicativo. Daniel se aproximou, abaixou-se e fingiu amarrar o cadarço perto da roda dianteira.

Pneu dianteiro gasto, mas cheio. Corrente escura de graxa. Placa parcialmente coberta pela caixa.

Poderia soltar alguma coisa. Poderia esvaziar o pneu. Bastava uma chave, uma ponta de metal, qual-

quer gesto rápido. A moto não sairia dali a tempo de encontrar o carro prata. O homem perderia uma entrega, se irritaria, talvez xingasse alguém. Melhor isso do que um choque às quatorze e seis.

Daniel levou a mão ao bolso, onde não havia ferramenta alguma.

Imaginou o motociclista voltando e vendo um estranho curvado sobre a moto. Imaginou a discussão, a polícia, o atraso. Imaginou a pergunta inevitável: por que mexeu nela?

Porque um e-mail disse que você ia bater numa esquina.

Levantou-se.

Do outro lado da rua, um carro prata parou diante de uma vaga curta, em fila dupla. Daniel sentiu o peito endurecer. Era um sedã pequeno, sujo de poeira na lateral, com uma mulher ao volante falando ao telefone. Ela desligou, procurou alguma coisa no banco do passageiro e saiu do carro sem travar a porta.

A placa. Ele precisava da placa.

Ficou preso entre o impulso de atravessar e a frase impressa no bolso. Não atravesse a avenida. A Avenida Norte estava a poucos metros, aberta no fim da quadra. O carro prata estava antes dela. Podia ir

até lá pela mesma calçada, falar com a mulher, inventar que ela deixara cair algo, perguntar para onde ia. A informação seria suficiente para afastá-la da esquina.

Ele seguiu na direção do carro.

Uma notificação apareceu no telefone.

"Você está perto?"

Era a mãe de Helena.

Daniel parou.

A tela seguinte mostrou uma ligação. Ele atendeu sem tirar os olhos do sedã.

— Oi.

— Você está onde?

A pergunta vinha contida, o que tornava tudo pior. Ela devia ter visto o local compartilhado por algum aplicativo familiar? Daniel tentou lembrar se ainda tinha acesso a alguma conta antiga, alguma permissão esquecida. Poderia ser só uma pergunta comum. Ele não respondera havia quase uma hora.

— Na rua.

— Qual rua?

Ele viu a mulher voltar ao carro prata. Ela carregava uma sacola de farmácia. Sentou, fechou a porta, deu partida.

— Estou resolvendo uma coisa.

— Daniel.

O nome dele, dito sem pressa, fez sua mão apertar o telefone.

— O que foi?

— Você perguntou onde eu ia, perguntou da Avenida Norte, agora some. O que está acontecendo?

A mulher colocou a seta. O carro saiu da fila dupla e entrou no fluxo da Rua das Palmeiras. Vinha na direção da esquina.

— Não passa pela Avenida Norte — ele disse.

Do outro lado, houve silêncio.

— O quê?

— Por favor. Hoje, não passa por lá.

— Você está me assustando.

— Só faz isso.

— Por quê?

Ele viu o relógio no canto da tela: 13h54.

— Eu explico depois.

— Não. Você explica agora.

A irritação dela atravessou a ligação, mas atrás dela Daniel ouviu uma voz infantil, distante. Helena. Não distinguiu as palavras. A imagem veio inteira:

Helena no banco de trás, mochila no colo, ouvindo o pai pedir para a mãe evitar uma avenida sem dizer motivo.

— A Helena está com você?

— Ainda não. Estou saindo para buscar ela.

Ainda não. Então ela não estava no carro. Daniel soltou o ar sem perceber que o prendia.

— Escuta — ele disse. — Pega outro caminho. Não vai pela Avenida Norte.

— Daniel, você não manda na minha rota.

Ele fechou os olhos por um instante.

— Eu sei.

A frase saiu baixa demais.

— O que aconteceu?

Ele poderia contar. A queda de energia. A mensagem. A previsão. Teria de ouvir a pausa dela, o cuidado com que ela escolheria as palavras, a pergunta sobre se ele tinha dormido. Não tinha energia para atravessar aquela conversa enquanto o sedã prata avançava pela rua e a moto vermelha permanecia junto à padaria.

— Depois eu falo — respondeu. — Só me promete.

Ela não prometeu.

— Vou buscar nossa filha. Tenta não fazer nada impulsivo.

A ligação terminou.

Daniel ficou com o telefone junto ao ouvido por mais um segundo. Quando baixou a mão, o sedã prata havia parado no semáforo antes da Avenida Norte. A mulher dirigia com a cabeça inclinada para baixo, talvez procurando algo no console. Atrás dela, uma caminhonete buzinou.

Na padaria, o motociclista reapareceu. Levava um copo de café tampado numa mão e o celular na outra. Encaixou o capacete, montou na moto e ficou olhando para a tela do aplicativo.

Daniel começou a andar rápido.

Havia duas formas de impedir aquilo, pensou. Tirar a moto da rua ou tirar o carro da rua. Uma buzina, uma batida no vidro, uma mentira qualquer. Podia dizer que o pneu estava furado. Podia derrubar o copo do motociclista. Podia correr até o sedã, bater na janela, exigir que ela esperasse.

Ele chegou ao meio da quadra quando o telefone vibrou de novo.

Uma mensagem da mãe de Helena.

"Você vai me dizer o que está acontecendo ou eu vou ligar para alguém."

A ameaça não era clara, mas ele sabia o que ela queria dizer. Alguém que viesse até o apartamento. Alguém que perguntasse se ele estava bem. Talvez a polícia, se ele aparecesse na escola. O medo de ser tratado como um risco produziu raiva, e a raiva lhe deu uma direção.

Digitou enquanto andava:

"Tem um acidente na Rua das Palmeiras às 14h06. Não estou inventando. Não venha pela Avenida Norte."

Enviou.

O motociclista deu partida.

O sedã prata ainda aguardava o semáforo abrir.

Daniel correu.

A Avenida Norte explodiu à sua frente em ruído: ônibus, motores, uma sirene distante, pneus sobre remendos do asfalto. O sinal para pedestres estava vermelho. Do outro lado, o motociclista vinha pela Rua das Palmeiras, aproximando-se do cruzamento. Daniel conseguiu vê-lo pelo espaço entre dois carros.

Não atravesse a avenida.

A frase se ergueu dentro dele com uma nitidez absurda.

Se obedecesse, assistiria.

Se atravessasse, talvez alterasse alguma coisa.

Ele entrou na faixa.

Uma buzina longa veio à esquerda. Daniel virou a cabeça tarde. Uma van branca freou perto demais, o motorista gritando atrás do para-brisa. Daniel recuou um passo, depois avançou de novo, sentindo o vento do veículo passar pela frente da camisa.

O sedã prata começou a fazer a conversão à esquerda, atravessando a Avenida Norte para seguir pela rua lateral.

O motociclista, que vinha reto pela Rua das Palmeiras, viu Daniel no meio da faixa.

Daniel levantou os braços.

— Espera!

A palavra se perdeu no trânsito.

O motociclista puxou o freio. A roda traseira dançou sobre uma faixa de óleo escurecida junto à esquina. A moto inclinou. Por uma fração de segundo, Daniel achou que ela cairia sozinha, raspando no asfalto antes de alcançar o carro.

O homem corrigiu.

A correção levou a moto para a faixa ao lado, exatamente diante do sedã prata que completava a conversão.

O barulho foi curto e pesado. A frente do carro atingiu a lateral da moto. O capacete vermelho do motociclista bateu no capô, depois no chão. O copo de café se abriu numa mancha clara sobre o asfalto.

Daniel ficou imóvel no meio da avenida.

O semáforo mudou. Alguém buzinou atrás dos carros parados. Uma mulher gritou da calçada. O motorista da van, que quase o atingara, abriu a porta e desceu apontando para ele.

— Você é maluco?

Daniel não respondeu.

A mulher do sedã saiu do carro cambaleando. O motociclista se moveu no chão, uma das mãos fechada sobre o próprio braço. O capacete permanecia preso. Havia sangue na manga da jaqueta, não muito, mas suficiente para prender os olhos de Daniel nela.

Quatorze e seis.

Ele olhou o relógio do celular.

14:06.

A previsão estava certa. Não inteira, percebeu logo. O anexo não tinha escrito sobre um homem atravessando fora da hora, uma van freando, uma moto desviando. Não tinha dito que ele estaria ali, no espaço exato que transformara uma aproximação em colisão.

Mas talvez não precisasse dizer.

A mãe de Helena ligou. O telefone vibrou contra a palma da mão, insistente, enquanto uma pequena multidão se formava na esquina. Daniel atendeu.

— Você está vendo uma coisa? — ela perguntou sem cumprimento.

Ele viu a tela do aparelho dela refletida na própria imaginação, a mensagem que tinha enviado, o horário, o nome da rua.

— Teve um acidente — respondeu.

— Onde você está?

Daniel olhou para a moto deitada junto ao meio-fio. O motociclista agora tentava sentar, contido por duas pessoas. A mulher do carro chorava com as mãos no rosto. Um homem tirava fotos da placa, do cruzamento, do trânsito travado.

— Eu estou aqui.

O silêncio dela mudou de qualidade.

— Daniel, sai daí.

Ele queria dizer que não podia. Que precisava entender o carro prata, a moto vermelha, o atraso, a rota, a escolha que ele fizera ao cruzar a avenida. Queria explicar que tinha tentado impedir, que a intenção contava, que não havia como saber.

No entanto, a imagem que continuava voltando era a do motociclista olhando para ele antes de puxar o freio.

— Estou indo — disse.

Desligou e atravessou de volta pela faixa, agora escoltado por buzinas e pelo sinal aberto. Na outra calçada, encostou a mão no poste de trânsito para não perder o equilíbrio.

O telefone marcou novas notificações. Uma mensagem da mãe de Helena. Outra do cliente perguntando pelo projeto. Um alerta de trânsito avisando lentidão na Avenida Norte por causa de acidente.

Daniel abriu o e-mail recebido às 3h17.

A terceira previsão permanecia igual, limpa, indiferente à rua bloqueada atrás dele.

14h06 — colisão na Rua das Palmeiras, esquina com a Avenida Norte. Um carro prata e uma motocicleta vermelha. Não atravesse a avenida.

Ele releu a última frase até as letras perderem contorno.

Não era um conselho. Podia ser uma instrução disfarçada, uma peça colocada no caminho para ver se ele pisaria nela. Quem enviara a mensagem não precisara saber que ele cruzaria a rua. Bastava conhecer a sequência provável: medo, urgência, uma criança envolvida de algum modo, a convicção de que só ele enxergava o risco a tempo.

Daniel guardou o celular no bolso e se afastou do cruzamento enquanto a sirene se aproximava.

A rua certa tinha levado todos ao mesmo ponto.

CAPÍTULO 4

VIDA_07_NAO_ABRIR

No quarto dia, Daniel acordou antes do alarme porque o computador tinha reiniciado sozinho.

A luz do monitor atravessava a sala estreita e batia no prato deixado sobre a mesa na noite anterior. Ele ficou parado no corredor, de camiseta amarrotada, tentando reconhecer o que havia mudado. A janela continuava fechada. A rua abaixo recebia os primeiros carros. O roteador piscava no móvel baixo, com a regularidade inútil de sempre.

Na tela, a área de trabalho estava aberta.

Ele tinha deixado o computador em suspensão.

A primeira explicação veio pronta: atualização automática. A segunda se formou por cima dela: alguém acessara a máquina enquanto ele dormia. Daniel olhou para o celular carregando ao lado do sofá.

Nenhuma notificação. Conferiu a fechadura da porta, a corrente, a janela da cozinha. Nada fora do lugar.

Voltou à mesa.

Havia uma pasta no centro da área de trabalho.

As letras maiúsculas lhe causaram irritação antes de causarem medo. Era uma escolha teatral, feita para ser notada. Um arquivo criado por alguém que queria que ele pensasse em ameaça, segredo, desobediência. Daniel passou o mouse sobre o ícone sem clicar.

Data de criação: 03:17.

O horário do e-mail.

Sentou-se devagar. Abriu o terminal, procurou processos ativos, conexões recentes, alterações no sistema. A máquina carregou linhas e mais linhas que ele conhecia bem o bastante para desconfiar de cada uma e não bem o bastante para descartar logo uma intrusão sofisticada. Nada se destacava. Nenhum acesso remoto evidente. Nenhum programa estranho consumindo memória.

A pasta estava ali.

Ele tentou movê-la para um pendrive. O sistema pediu senha.

Tentou copiar. Senha.

Tentou compactar. Senha.

Clicou duas vezes.

Uma janela mínima apareceu, sem marca de aplicativo, sem campo de usuário. Só havia uma frase em fundo cinza.

A senha não está fora de você.

Daniel fechou a janela com força demais no mouse. A ponteira pulou para a lateral da tela.

— Claro — murmurou.

Ele odiava enigmas que fingiam profundidade. Era um truque velho: oferecer uma sentença ambígua para que a vítima entregasse, por tentativa, tudo o que sabia sobre si mesma. Datas de nascimento. Senhas usadas em contas antigas. Nomes de pessoas. Lugares. Culpa transformada em dicionário.

Abriu um arquivo de texto e começou a listar possibilidades.

HELENA.

O sistema recusou.

DANIELVILAR.

Recusou.

A data de nascimento de Helena. A própria data de nascimento. O nome da mãe de Helena. O nome

da rua onde morara quando era criança. Combinações que usara em roteadores, softwares, plataformas de pagamento. Nada.

Ele se levantou, encheu uma caneca de café e esqueceu de colocar açúcar. Voltou sem beber.

A pasta continuava no mesmo lugar. A palavra NÃO parecia maior que as outras.

Na noite anterior, ele tinha lido o e-mail até a tela escurecer. Voltou ao cruzamento em mapas, em notícias locais, em vídeos curtos postados por pessoas que estavam perto. Encontrou a motocicleta vermelha, o carro prata, uma imagem tremida da van parada na faixa. Não havia legenda que contivesse o que realmente importava: a presença dele dois metros antes, a corrida sem sentido, o braço estendido para um desconhecido que não podia mais vê-lo.

A previsão fora exata demais.

Ele tentara impedir. O resultado ainda estava na rua.

Um pensamento atravessou a sala com a precisão de uma senha recuperada: termine o que começou.

A frase do e-mail.

Ele abriu a caixa de entrada e releu a mensagem recebida às 3h17. O texto curto. O aviso sobre Hele-

na. A última frase que não tinha explicado nada e, por isso, parecia saber demais.

Você tem 19 dias para impedir que sua filha morra. E, desta vez, termine o que começou.

Filha.

O erro persistia.

Daniel digitou a frase inteira no campo de senha, sem os acentos, sem pontuação.

A janela sumiu.

A pasta se abriu.

Sete arquivos apareceram alinhados em duas colunas. Nenhuma extensão visível. Cada um trazia um número e uma palavra.

VIDA_01

VIDA_02

VIDA_03

VIDA_04

VIDA_05

VIDA_06

VIDA_07

Ele levou alguns segundos para perceber que tinha prendido a mão no mouse. Soltou os dedos e clicou no primeiro arquivo.

A tela escureceu, depois mostrou uma fotografia.

Daniel reconheceu a si mesmo pelo rosto antes de aceitar o resto. Estava mais velho, talvez quinze anos. Os cabelos tinham recuado nas têmporas e a barba era grisalha, bem aparada. Usava uma camisa clara de tecido caro, o tipo de roupa que ele via em anúncios voltados para homens que tinham aprendido a parecer tranquilos. Atrás dele, uma parede inteira de vidro mostrava prédios altos e um pedaço de céu sem fios, sem telhados vizinhos, sem a torre de telefonia que dominava a vista de sua janela.

No canto inferior da imagem, havia uma data de seis anos adiante.

Daniel ampliou a foto.

Era o seu rosto, ou uma montagem feita a partir dele com competência suficiente para acertar o corte da boca, a sobrancelha que subia mais quando estava concentrado, a pequena marca junto ao queixo. A imagem seguinte mostrava uma entrevista em uma revista de negócios. O título aparecia numa reprodução de página:

DANIEL VILAR E A EMPRESA QUE REDESENHOU A VIDA URBANA

Ele riu uma vez, sem humor.

A terceira imagem era um painel de investidores. A quarta, um apartamento de linhas brancas e madeira escura. Na quinta, ele estava diante de uma maquete digital projetada numa parede, apontando para uma rede de pontos luminosos.

Nenhuma imagem trazia Helena.

Daniel passou rápido demais pelas primeiras, procurando uma foto dela entre os arquivos. Encontrou um recorte de imprensa, uma lista de palestras, uma captura de tela com números de faturamento. Havia mensagens transcritas, convites, contratos. Tudo organizado numa linha do tempo limpa, convincente na medida em que era específica.

Na última página, um trecho de texto aparecia sem assinatura:

A família foi preservada em esfera privada.

Ele fechou o arquivo.

A frase ficou na tela preta por um instante, gravada na retina.

Preservada. Era a palavra que alguém usaria para esconder uma ausência.

Abriu VIDA_02.

Dessa vez, o arquivo era uma sequência de fotografias de baixa resolução. Daniel em um quintal

de terra, de chinelos, uma pá apoiada contra o muro. Daniel sentado numa varanda, com o queixo erguido para um céu de interior que ele não reconhecia. Daniel carregando caixas de madeira numa caminhonete velha.

Nas imagens, ele não usava celular.

Ou usava e o aparelho estava fora do enquadramento. A observação veio automática, técnica, uma tentativa de encontrar falhas. A pasta não lhe concedia a distância necessária. Cada vida vinha montada para se parecer com evidência, mas também para atingir aquilo que ele imaginara, em momentos ruins, como saída.

Havia um vídeo curto. Ele hesitou antes de abrir.

O homem na tela caminhava por uma horta. A gravação fora feita de longe, talvez por uma câmera fixa. Daniel mais velho se abaixava para mexer numa mangueira, erguia o rosto e encarava diretamente a lente. A imagem travou quando ele começou a falar.

O áudio chegou picotado.

— ...não tem sinal aqui. É isso que eu queria.

A tela congelou no rosto dele.

Daniel sentiu vergonha de reconhecer a frase. Não por ter dito aquilo — não lembrava de ter dito —,

mas porque tinha pensado muitas vezes em alguma versão disso. Sumir para um lugar onde nada o alcançasse. Onde ninguém cobrasse resposta. Onde a lista de tarefas deixasse de se multiplicar durante a madrugada.

Ele procurou de novo por Helena.

Apareceu uma ficha simples, quase vazia.

FILHOS: nenhum registro disponível.

A mão dele pairou sobre o teclado. Nenhum registro disponível podia significar qualquer coisa: uma base incompleta, uma montagem descuidada, uma provocação. Ainda assim, o estômago se contraiu.

Helena existia. Aos oito anos, ocupava espaço demais e pouco demais na vida dele. Existia nas mensagens de voz que ele escutava tarde. Nos desenhos guardados entre cabos e notas fiscais. Nos fins de semana marcados em calendários que ele esquecia de abrir. Existia na maneira como a mãe dela dizia o nome dele, com uma pausa antes, quando precisava pedir alguma coisa.

O arquivo sugeria uma vida em que ela não estava.

Ele fechou VIDA_02 e ficou olhando para as sete pastas.

Não eram alternativas. Eram anzóis.

Essa certeza o acalmou por poucos segundos. Depois ele percebeu que não tinha certeza de nada.

VIDA_03 abriu numa tela branca. Havia textos corridos, transcrições de conversas, notas de agenda, pequenos recibos digitalizados. No topo, uma linha de identificação:

SUJEITO: DANIEL VILAR

STATUS FAMILIAR: SEM DESCENDENTES

Ele leu a frase duas vezes. Na terceira, abriu as imagens anexas.

Uma foto mostrava Daniel num bar, mais jovem, com duas pessoas cujos rostos tinham sido borrados. Outra trazia uma tela de conversa com um nome apagado. A mensagem legível era dele.

Não vou conseguir fazer isso agora.

A resposta abaixo estava coberta por um retângulo preto.

Depois, uma data.

Aquela data existia em sua memória como um período de trabalho demais, dinheiro curto e um apartamento que ficava quente mesmo de madrugada. Ele tentou puxar mais. Lembrou do ventilador fazendo barulho. De uma garrafa vazia perto do teclado. De uma ligação que deixara tocar até parar.

Nada se organizava.

O arquivo seguia com detalhes da vida de um homem sem Helena: mudanças de emprego, viagens de trabalho, contas pagas em dia, um apartamento arrumado. Não havia tragédia explícita. O que havia era uma limpeza tão completa que se tornava cruel.

Daniel abriu uma anotação de voz. Esperava ouvir a própria voz mais jovem. Em vez disso, ouviu apenas um ruído de fundo, pratos ou talheres, e depois alguém dizendo, muito baixo:

— Você sempre escolhe depois.

O arquivo encerrou.

Ele afastou a cadeira e bateu o joelho na mesa. A caneca de café tombou sobre papéis, deixando uma mancha castanha que ele não limpou.

A frase podia ser inventada. Era provável que fosse. Bastava colher fragmentos de conversas, palavras recorrentes, mensagens arquivadas em alguma conta antiga. Alguém tinha acesso a muita coisa. Alguém que conhecia os momentos em que ele tinha falhado e sabia como transformar cada um num mecanismo.

A questão não era se aquelas vidas eram verdadeiras.

A questão era por que algumas delas sabiam ser tão plausíveis.

Ele pegou o celular e abriu a conversa com a mãe de Helena. A última mensagem dela, enviada na noite anterior, perguntava se ele tinha chegado em casa. Daniel respondera apenas sim. Depois havia outra, perto da meia-noite.

Helena perguntou se você está bravo.

Ele não lembrava de ter visto aquilo.

Digitou: Por quê?

Apagou.

A pergunta abriria uma conversa que ele não sabia conduzir. Podia ligar. Dizer que tinha acontecido alguma coisa, que alguém tinha enviado previsões, que um acidente se cumprira e agora havia arquivos em seu computador mostrando versões de uma vida sem a filha.

Ela ouviria até a parte do acidente. Depois perguntaria onde estava Helena, se ele tinha dormido, se tinha tomado água, se podia parar de dizer frases incompletas e explicar direito. Talvez dissesse, com aquela calma cada vez mais rara, que ele estava assustando a menina.

Daniel guardou o celular virado para baixo.

Abriu VIDA_04.

O primeiro arquivo era uma certidão de óbito.

Nome: Daniel Vilar.

Ele se aproximou da tela.

A data indicada era quatro anos depois. A causa vinha abreviada em linguagem administrativa, seca, sem espaço para interpretação. Uma página seguinte trazia uma nota de jornal. Havia fotografia do prédio onde ele morava, fitas de isolamento na entrada, um bombeiro de costas. O texto era curto. Um homem de 47 anos fora encontrado após um incêndio iniciado no apartamento.

Daniel leu o próprio nome no parágrafo até que as palavras deixassem de significar pessoa e voltassem a ser letras.

A foto do prédio era antiga.

Ele reconheceu a fachada pintada de amarelo, mas havia detalhes errados: uma loja no térreo que fechara havia anos, um poste que fora substituído depois de uma obra. Não era prova de fraude, só uma fotografia de arquivo. Jornais faziam aquilo o tempo todo. Quem montara o material sabia como imitar a aparência de realidade sem precisar acertar tudo.

A pasta continha mais documentos. Relatórios. Condolências. Uma foto de Helena, mais velha, saindo de algum lugar ao lado da mãe. O rosto dela estava borrado, mas Daniel reconheceu o casaco amarelo de um desenho que ela tinha feito no ano anterior, e essa aproximação absurda lhe deu vontade de arrancar o cabo de energia da parede.

Na última imagem, alguém deixara flores junto à porta carbonizada de um apartamento.

Ele fechou o arquivo sem terminar.

Ficou em pé. O quarto parecia menor, ocupado pela cadeira, pela mesa, pela roupa jogada no sofá. Precisou atravessar a sala para abrir a janela. A rua devolveu cheiro de combustível e pão assando. Uma mulher puxava uma criança pela mão para atravessar entre carros estacionados. Um homem descia do ônibus com uma mochila azul. A normalidade alheia feriu mais do que ajudou.

Daniel verificou a fechadura outra vez.

Depois voltou ao computador.

VIDA_05 estava aberta antes que ele pudesse decidir se queria vê-la.

O arquivo começou com uma fotografia de Helena.

Ela tinha onze anos ou perto disso. Daniel sabia pela mudança no rosto, ainda infantil mas já sem a redondeza que ele conhecia. Ela estava numa imagem de câmera de segurança, de mochila nas costas, perto de uma catraca. O horário aparecia no alto. Uma tarde de três anos adiante.

A segunda imagem mostrava a mesma catraca vazia.

A terceira era uma reportagem. O texto se espalhava em colunas estreitas, acompanhado por uma foto de Helena menor, tirada talvez na escola. Daniel conhecia aquela foto. Era a que ela tinha mandado para ele junto com um áudio reclamando que tinha precisado ficar séria demais.

DESAPARECIDA HÁ TRÊS ANOS, MENINA SEGUE SEM LOCALIZAÇÃO.

Ele não leu o restante.

Empurrou a cadeira para trás e ela bateu na parede.

O nome de Helena no título transformava o ar da sala em matéria. Daniel ficou olhando para a tela, incapaz de se aproximar para fechar a janela. Havia texto abaixo. Datas. Telefones. Uma sequência de buscas. O arquivo tinha sido construído para que ele continuasse lendo, para que visse onde teria falha-

do, que trajeto teria deixado passar, que pessoa não teria ouvido a tempo.

A imagem de uma mochila infantil ocupava a tela seguinte.

Ele desligou o monitor.

O reflexo escuro devolveu sua figura em pé, deslocada no vidro. Não era uma imagem útil. Daniel se virou antes que começasse a procurar em si mesmo os sinais do homem que teria deixado aquilo acontecer.

O celular vibrou sobre a mesa.

A mãe de Helena.

Ele atendeu na primeira chamada.

— Oi.

— Você está bem?

Ele olhou para a tela apagada.

— Por que pergunta?

Do outro lado, houve uma pausa curta.

— Porque você mandou mensagem para a Helena perguntando se ela estava em casa.

Daniel sentiu o corpo esfriar.

— Eu não mandei.

— Daniel.

— Eu não mandei.

— Ela pegou o telefone e me mostrou. Era do seu número.

Ele puxou o celular da orelha, abriu a conversa com Helena. Havia uma mensagem enviada às 7h12.

Você está em casa?

Abaixo dela, uma resposta de cinco minutos depois.

Tô. Por quê?

Outra mensagem, enviada do telefone dele.

Fica com a sua mãe hoje.

Daniel não lembrava de ter escrito nenhuma.

— Que horas ela recebeu? — perguntou.

— Agora pouco. Daniel, o que está acontecendo?

Ele conferiu o horário. A segunda mensagem aparecia marcada como enviada às 8h03. Naquela hora, ele estava diante da pasta, tentando abrir o primeiro arquivo. Ou acreditava que estava.

— Não deixa ela sair sozinha — disse.

— Ela não sai sozinha.

— Hoje não deixa ela—

— Para.

A palavra veio firme, sem grito.

Daniel calou.

— Você está me assustando — ela continuou. — E está assustando a Helena. Se tem alguma coisa concreta, você fala. Se não tem, você não manda ordem pelo telefone dela.

Concreta.

A certidão de óbito. A reportagem. A foto de uma catraca vazia. Um arquivo criptografado que podia ter sido plantado por alguém e uma mensagem que ele não lembrava de enviar.

Ele apertou os olhos.

— Eu ligo mais tarde.

Desligou antes que ela respondesse.

A decisão trouxe alívio imediato, tão baixo e vergonhoso que ele a reconheceu como fuga. Ela tinha razão em pedir fatos. Só que os fatos, quando ele tentava colocá-los em sequência, começavam a pedir que ele aceitasse uma coisa pior: alguém tinha entrado em seu telefone, no computador, nas conversas com Helena. Ou ele mesmo tinha feito coisas e apagado o caminho até elas.

O monitor continuava apagado.

Daniel ligou a tela.

VIDA_06 era um ícone cinza, sem miniatura.

Ao clicar, recebeu uma mensagem de erro. Tentou abrir em outro programa. O arquivo mostrou uma faixa de cores quebradas, blocos pretos, caracteres sem sentido e, por menos de um segundo, uma fotografia.

Helena sentada no chão.

Ou uma criança parecida com Helena. O cabelo preso de um jeito diferente, o rosto virado para a parede. Atrás dela, havia uma porta clara, e a mão de um adulto na borda da imagem.

Daniel ampliou. A tela se dissolveu em quadrados.

Ele tentou recuperar os dados, extrair metadados, procurar trechos de vídeo entre os setores corrompidos. O computador respondeu com erros sucessivos. Algumas linhas se repetiam, mas não formavam linguagem. Em um ponto, apareceu um horário.

03:17.

Noutro, seu nome.

Depois, uma sequência curta:

D.V. // MEMÓRIA LOCAL INCONSISTENTE

Ele anotou a frase num papel, embora o computador a exibisse diante dele.

Memória local.

A expressão tinha um peso técnico, empregado para máquinas. Um sistema mantinha cópias em locais diferentes, aceitava atrasos, registrava versões conflitantes do mesmo dado. Aquilo, aplicado a uma pessoa, era só uma metáfora ruim.

Ainda assim, ele tentou lembrar.

O que tinha começado?

A lembrança não veio como uma cena. Vieram pedaços que talvez fossem de outras coisas: uma sala sem janela; cartões colados numa parede; uma mulher dizendo que a interface precisava reduzir atrito; a própria mão empurrando um mouse branco sobre uma mesa cinza. Ele tentou firmar a imagem e ela se desmanchou.

Podia ser sonho. Podia ser algo lido em algum momento. Podia ser a pasta oferecendo material suficiente para que sua mente construísse o resto.

Daniel bateu a palma na mesa.

A dor devolveu-lhe a sala.

No rodapé da tela, o relógio marcava 10h18. Havia uma ligação perdida do cliente. Duas cobranças de contas vencidas. Uma notificação da escola de Helena sobre uma reunião que ele já tinha esquecido. O cotidiano se empilhava ao redor daquilo que não cabia nele.

Ele abriu VIDA_07.

Dessa vez não havia documentos, fotos nem textos.

Só um vídeo.

A miniatura mostrava um homem sentado diante de uma parede branca. A imagem tinha ruído, mas Daniel reconheceu o rosto de imediato. Era ele, mais velho do que nas outras versões. As linhas ao redor dos olhos eram profundas. O cabelo estava quase todo grisalho. Havia um corte recente acima da sobrancelha esquerda.

Daniel clicou.

A gravação começou sem som. O homem na tela olhou para fora do enquadramento, esperou alguns segundos e ajustou alguma coisa diante dele. Quando o áudio entrou, era a voz de Daniel, mais baixa e áspera.

— Se você está vendo isto, significa que eu falhei mais uma vez.

Ele parou o vídeo.

A frase era a do arquivo descrito no e-mail? Não. Não havia descrição alguma. Ainda assim, ele sabia que aquela mensagem fora preparada para produzir exatamente esse momento: ele sentado, inclinado

para a tela, disposto a acreditar porque o homem tinha seus olhos.

Recomeçou.

Na gravação, o Daniel mais velho mantinha as mãos fora da imagem.

— Não confie nas memórias. Não confie nas mensagens. E, acima de tudo, não confie em mim.

Daniel sentiu o impulso de fechar o arquivo outra vez, mas não o fez.

O homem continuou, com pausas irregulares entre as palavras.

— Você vai querer saber quem mandou. Vai querer encontrar uma porta, uma pessoa, um servidor, qualquer coisa que possa desligar. Vai pensar que, se entender o mecanismo, consegue corrigir o resultado.

A tela falhou. O rosto se cobriu de estática e voltou.

— Não deixe a Helena sozinha.

Daniel aproximou-se.

O Daniel do vídeo baixou os olhos por um instante. Quando levantou a cabeça, havia alguma coisa no olhar que Daniel reconheceu sem aceitar: exaustão, medo, talvez vergonha.

— E não tente decidir por ela.

O vídeo congelou.

Depois terminou.

Daniel ficou diante da própria área de trabalho. Os sete arquivos ocupavam a tela em silêncio. A pasta fechada, o aviso no nome, o horário de criação. Uma sucessão de futuros que alguém tinha arrumado sobre sua mesa para ser examinada, escolhida, temida.

No corredor do apartamento, o encanamento gemeu dentro da parede.

Ele abriu de novo a gravação e avançou quadro a quadro. Procurou cortes, composição, falhas no rosto, qualquer prova de que o homem era uma montagem. O ruído escondia os detalhes. O áudio parecia real, mas ele sabia fabricar vozes melhores com ferramentas acessíveis. Sabia alterar uma foto. Sabia como a convicção podia nascer de meia dúzia de sinais corretos.

Parou no instante em que o homem dizia Helena.

A boca formava o nome com uma intimidade impossível de medir.

Daniel abriu a conversa com a filha. A mensagem que ele não lembrava de enviar continuava lá.

Fica com a sua mãe hoje.

O cursor piscou no campo de texto.

Ele escreveu:

Não responde mais nenhuma mensagem minha sem ligar primeiro.

Leu.

Apagou.

Começou de novo.

Se alguém mandar alguma coisa do meu número, me avisa.

Apagou também.

No vídeo, o outro Daniel mandara não decidir por ela. Mas era fácil dizer aquilo de uma parede branca, muitos anos adiante, depois de ter falhado. Fácil pedir prudência quando a menina ainda não tinha desaparecido, não estava na catraca vazia, não virara uma fotografia borrada numa reportagem que talvez nem existisse.

Daniel deixou o celular sobre a mesa.

Abriu a pasta uma vez mais.

VIDA_01. VIDA_02. VIDA_03. VIDA_04. VIDA_05. VIDA_06. VIDA_07.

Sete versões dele, organizadas como escolhas de menu. Em todas, havia um Daniel que parecia ter chegado tarde demais a alguma coisa.

A luz do monitor acendeu o rosto dele no vidro da janela. Do lado de fora, uma criança passava pela calçada com uma mochila quase do tamanho do corpo, puxando a mão de uma mulher apressada. Daniel acompanhou as duas até sumirem atrás do ponto de ônibus, sem conseguir decidir se a distância entre elas era proteção ou ameaça.

CAPÍTULO 5

Sete Portas

A escola ficava a doze quarteirões do apartamento da ex-mulher de Daniel e a vinte e dois da casa dele, segundo a rota que o celular oferecia. Ele olhou as três opções, comparou tempos que variavam por minutos e escolheu a mais longa porque evitava uma avenida onde o trânsito costumava travar depois do meio-dia.

No caminho, desistiu duas vezes.

Na primeira, parou diante de uma faixa de pedestres e pensou que não tinha motivo para entrar sem avisar. Helena estava em aula. A mãe dela trabalhava. Não havia ameaça concreta, só um vídeo que podia ser falso, uma pasta que alguém montara com habilidade e uma mensagem apagada que talvez ele mesmo tivesse enviado sem lembrar do contexto.

O sinal abriu. Ele atravessou.

Na segunda, já perto da escola, viu uma menina de uniforme saindo pelo portão lateral com uma mulher que ele não conhecia. A mochila azul tinha o mesmo tamanho da de Helena. Daniel reduziu o passo, sentiu a urgência se rearranjar dentro dele e quase perguntou o nome da criança. Ela virou o rosto. Não era Helena.

Seguiu.

O prédio ocupava a esquina entre uma farmácia e uma loja de cortinas. Havia desenhos desbotados nas grades, letras de EVA presas numa placa e um mural com trabalhos das turmas atrás do vidro da recepção. Daniel conhecia aquele lugar de fotografias enviadas pela ex-mulher, de uma reunião de pais em que chegara atrasado e de uma apresentação de fim de semestre à qual assistira em pé, no fundo do salão, porque confundira o horário.

Na tela do celular, a conversa com Helena permanecia aberta.

Fica com a sua mãe hoje.

Ele ainda não lembrava de ter escrito aquilo.

Guardou o aparelho no bolso e entrou.

A recepção cheirava a papel, produto de limpeza e comida aquecida. Uma mulher atrás do balcão ergueu os olhos de uma planilha impressa.

— Pois não?

— Sou o pai da Helena Vilar. Eu precisava falar com ela um minuto.

A mulher olhou para o relógio na parede.

— Ela está em aula.

— Eu sei. É rápido.

— Aconteceu alguma coisa?

Daniel devia ter respondido que não. Uma resposta normal teria protegido Helena de uma conversa da qual ela não precisava, preservado a rotina dela, evitado perguntas para as quais ele não tinha explicação. Em vez disso, olhou para o corredor além da porta fechada, para os cartazes de alfabeto e os pequenos casacos pendurados numa fileira.

— Preciso confirmar uma coisa com ela.

A mulher fechou a planilha.

— O senhor avisou a mãe?

— Não consegui falar com ela agora.

Era verdade apenas no sentido mais pobre da frase. Ele não tinha tentado.

Ela observou o rosto dele por tempo demais. Daniel percebeu a própria roupa amarrotada, a barba feita pela metade naquela manhã, o notebook dentro da mochila. Devia parecer alguém que saíra de casa no meio de um problema e trouxera o problema consigo.

— Qual sala?

— Terceiro ano.

A mulher se levantou, pediu que ele aguardasse e desapareceu pelo corredor.

Daniel ficou perto do balcão. Uma criança chorava em alguma sala distante, sem desespero, com aquela persistência cansada de quem tinha caído ou perdido alguma coisa. Um telefone tocou duas vezes. Na parede, havia um aviso sobre autorização de retirada de alunos. Ele leu as linhas pequenas até decorar o trecho que dizia que nenhuma criança seria entregue a pessoa não cadastrada.

A porta abriu.

Helena surgiu atrás da mulher da recepção, segurando um papel dobrado contra o peito. Quando o viu, primeiro sorriu. O sorriso parou antes de se completar.

— Pai?

Ela não estava assustada. Estava surpresa, e ele tratou a surpresa como se fosse sinal.

— Oi. Desculpa aparecer assim.

— Você veio me buscar?

— Não. Só queria conversar.

A mulher da recepção indicou duas cadeiras ao lado de uma estante baixa com livros infantis.

— Cinco minutos — disse ela. — Depois ela volta para a sala.

Daniel assentiu. Helena sentou sem tirar os olhos dele. Tinha uma mancha de tinta verde perto do punho e uma mecha de cabelo presa sob a alça da mochila. O papel dobrado continuava apertado entre seus dedos.

— Aconteceu alguma coisa com a mamãe? — ela perguntou.

— Não. Até onde eu sei, não.

Assim que disse, percebeu a frase. Até onde eu sei. Helena franziu a testa.

— Então por que você veio?

Daniel puxou a cadeira mais para perto e se arrependeu do movimento. Não queria que ela sentisse que estava encurralada. A estante tocava a parede de

um lado; do outro, havia um armário. O único caminho livre passava por ele.

Afastou a cadeira alguns centímetros.

— Você fez um desenho?

Helena baixou os olhos para o papel.

— Fiz.

— Posso ver?

Ela abriu a folha sobre o colo. Era uma casa grande, ocupando quase toda a página. Tinha telhado vermelho, uma chaminé torta e uma janela em cada lado. Daniel contou as portas antes de perceber que estava contando: sete retângulos desenhados na fachada, cada um de uma cor. Azul, amarelo, rosa, verde, laranja, roxo, marrom.

Acima da casa, havia um sol amarelo com raios longos. Ao lado, uma figura pequena, feita de linhas, segurava uma coisa quadrada.

Daniel tocou a borda inferior do papel.

— Sete portas?

— É uma casa de escolher.

A resposta caiu nele com a força de uma coincidência montada.

— De escolher o quê?

Helena deu de ombros.

— Pra onde vai.

— Quem te falou disso?

Ela inclinou a cabeça.

— Ninguém.

— Helena.

A voz saiu baixa, mas havia nela uma pressão que ele reconheceu tarde demais. A filha puxou o desenho de volta para o peito.

— Eu inventei.

— Você inventou as sete portas?

— Uhum.

Ele viu a pasta na tela. VIDA_01. VIDA_02. VIDA_03. VIDA_04. VIDA_05. VIDA_06. VIDA_07. Viu o rosto envelhecido no vídeo, a boca dizendo o nome dela. Viu, sobretudo, a hipótese procurando onde se encaixar.

— Alguém te mostrou uma imagem assim?

Helena mexeu na ponta solta da folha.

— Um homem mostrou.

Daniel sentiu o corredor inteiro se estreitar.

— Que homem?

Ela não respondeu logo. Atrás deles, uma porta fechou. O estalo fez Helena olhar para o lado.

— O homem da rua.

— Que rua?

— Perto da escola.

— Hoje?

— Não sei.

Daniel se inclinou.

— Ele veio aqui? Ele falou com você aqui dentro?

— Não.

— Então onde?

Ela apertou os lábios. O gesto era igual ao da mãe quando queria ganhar tempo antes de dizer que ele estava exagerando.

— Eu tava com a mamãe.

— Quando?

— Não lembro.

A resposta poderia ser verdade. Crianças de oito anos não organizavam dias como ele queria que organizassem. Podia ter sido há semanas, diante de uma vitrine, em um ponto de ônibus, numa tela ligada na recepção de algum consultório. Um homem com uma folha, uma propaganda, uma placa com desenho de casa. A memória de Helena podia ter juntado coisas. A dele também.

Mas o homem do vídeo tinha dito para não deixá-la sozinha.

— Ele falou com você?

— Falou.

— O que ele disse?

Helena olhou para o desenho.

— Que tinha sete.

— Sete o quê?

— Portas.

Daniel precisou se segurar para não arrancar o papel das mãos dela e fotografar cada traço, ampliar a figura ao lado da casa, procurar marca d'água, assinatura, qualquer elemento que a ligasse aos arquivos. Os dedos dela estavam manchados de verde. Uma unha tinha tinta azul.

— Ele te deu isso? Essa imagem?

— Não. Ele mostrou no celular.

— Você viu o celular dele?

— Vi.

— Era qual celular? Grande? Pequeno? Tinha capa?

Helena ergueu os olhos, desconfiada.

— Não sei.

— Tinha alguém com ele?

— Pai.

A palavra veio diferente. Não era uma resposta. Era um pedido para ele parar.

Daniel ouviu, mas a possibilidade já avançava dentro dele, ocupando espaço demais. Alguém sabia que Helena estava na escola. Alguém tinha chegado perto dela. Alguém usara as mesmas sete portas que apareciam nos arquivos. Talvez não fosse uma figura qualquer. Talvez fosse uma aproximação calculada, uma mensagem dirigida a ele através da filha.

— Ele sabia seu nome?

Helena recolheu as pernas na cadeira.

— Acho que sim.

— Ele chamou você de Helena?

Ela fez um movimento incerto com a cabeça, primeiro para um lado, depois para o outro.

— Ele parecia com você.

Daniel parou.

— Comigo?

— Um pouco.

— Como assim?

— O cabelo.

Ele levou a mão à própria cabeça, sem querer. O cabelo dele estava maior do que costumava deixar, caindo sobre a testa desde que adiara o corte por mais uma semana. A figura no desenho tinha uma cabeça redonda e três riscos escuros acima dos olhos. Podia ser qualquer homem. Podia ser ele.

— Ele tinha barba?

Helena observou seu rosto.

— Acho que tinha.

— Óculos?

— Não sei.

— Ele era alto?

— Pai, eu não sei.

A mulher da recepção apareceu no corredor, ainda distante, falando com alguém. Helena se endireitou na cadeira ao ouvi-la. Daniel entendeu que os cinco minutos terminavam e que não tinha chegado a lugar nenhum. Ao mesmo tempo, tinha chegado longe demais.

— Ele tocou em você?

A pergunta fez Helena congelar.

O desenho escorregou de seu colo e caiu no chão.

Daniel a viu olhar para a folha, depois para ele. A mancha verde no punho pareceu mais viva sob a luz branca da recepção.

— Não — ela disse.

Ele se abaixou depressa para pegar o papel. As sete portas ficaram diante dele de novo, alinhadas na casa de uma criança. Nenhuma tinha maçaneta. Nenhuma estava aberta.

— Desculpa — falou, devolvendo o desenho.

Helena recebeu a folha sem encostar nos dedos dele.

— Ele só mostrou.

— Mostrou onde?

Ela soltou um ar impaciente.

— Na tela.

— Mas onde vocês estavam?

— Eu já falei. Com a mamãe.

— Em que lugar?

— Não lembro.

A mulher da recepção parou perto deles.

— Helena, sua professora está esperando.

A menina levantou. Daniel também se pôs de pé, rápido demais. Ela deu um passo para trás.

— Espera. Você contou isso para a sua mãe?

Helena olhou para a mulher, depois para ele.

— Acho que contei.

— O que ela disse?

— Que eu devia parar de inventar história de homem estranho porque eu tava vendo muito vídeo de mistério.

Daniel não soube se a frase era da mãe, da filha ou uma mistura das duas. Helena costumava contar cenas de filmes com precisão exagerada, transformando qualquer detalhe em aventura. Tinha passado uma semana desenhando mapas depois de ver um documentário infantil sobre ilhas. Também inventara que o gato da vizinha falava francês porque ouvira uma palavra parecida na varanda.

Ele sabia disso. Sabia porque a ex-mulher lhe mandava áudios e fotos, e ele respondia quando conseguia sair de uma tela para a outra.

— Você viu um vídeo de mistério com uma casa assim? — perguntou.

Helena franziu o nariz.

— Não.

— Tem certeza?

Ela virou o desenho para trás, escondendo a casa.

— Eu fiz porque quis.

A mulher da recepção tocou de leve no ombro dela.

— Vamos?

Helena foi com ela até a porta do corredor. Antes de desaparecer, olhou por cima do ombro.

— Você vai contar pra mamãe que veio?

Daniel assentiu.

Ela pareceu avaliar se acreditava. Depois entrou no corredor, pequena entre os murais coloridos e as portas das salas.

Daniel ficou sozinho na recepção.

A mulher voltou ao balcão sem comentar nada. Talvez tivesse escutado só palavras soltas. Talvez tivesse escutado o suficiente. Ele pensou em perguntar se havia câmeras voltadas para a calçada, se algum homem tinha entrado nos últimos dias, se o portão lateral ficava trancado, se a escola registrava visitantes. A pergunta já formava outras perguntas, cada uma exigindo providências, senhas, chamadas, confrontos.

No vidro do mural, estavam presos desenhos de outras crianças. Casas, árvores, famílias de mãos dadas. Uma tinha cinco janelas e uma porta enorme.

Outra tinha nuvens pretas sobre um telhado azul. Daniel tentou encontrar significado, e o próprio esforço lhe pareceu obsceno.

— Senhor Vilar? — a mulher chamou.

Ele percebeu que ainda segurava a mochila com força.

— Desculpa. Obrigado.

Do lado de fora, o sol batia no capô dos carros estacionados. A rua estava comum demais para a sequência que ele tinha montado na cabeça: uma van descarregava caixas na farmácia, um entregador ajustava a mochila nas costas, duas mães discutiam horários junto ao portão. Daniel foi até a esquina e olhou para os dois lados.

Ninguém observava a escola.

Ou ninguém precisava observar.

Ele voltou ao carro sem ligar o motor. Abriu a foto do desenho que tinha conseguido tirar quando Helena o mostrara no colo — uma imagem inclinada, atravessada pela sombra da mão dela. Ampliou a figura ao lado da casa. Os pixels se desfizeram em blocos coloridos. A cabeça era um círculo marrom. O cabelo, três riscos. O objeto quadrado podia ser um celular, uma pasta, uma placa, qualquer coisa.

Sete portas.

No desenho, a menina tinha feito uma delas aberta afinal. Era a roxa, perto da extremidade direita. Daniel não a notara antes porque a linha que separava a porta da parede falhava no meio.

Dentro do vão, havia apenas preto.

CAPÍTULO 6

Antes de Acontecer

O e-mail da cobrança chegou às 10h06.

Daniel o viu porque ainda estava no carro, parado a uma quadra da escola, com a foto do desenho aberta no celular e o motor desligado. O assunto dizia: Lembrete de pagamento — vencimento hoje.

Ele reconheceu o nome da empresa antes de abrir. Era uma cobrança do cartão, uma das que vinha empurrando de mês em mês, trocando parcelas, aceitando juros porque os números no aplicativo eram menos ameaçadores do que a pilha de envelopes sobre a mesa de casa.

A mensagem tinha um anexo.

Daniel baixou o arquivo e conferiu a data de emissão.

10h14.

Olhou para o relógio do celular.

10h06.

Fechou o arquivo, abriu de novo. A data continuava lá, impressa no cabeçalho com o logotipo e uma assinatura digital que ele não saberia reproduzir, mas reconhecia como parte do sistema automático que costumava ignorar.

A caixa de entrada mostrou uma notificação nova.

A mesma mensagem, agora sem anexo.

"Prezado cliente, sua fatura será disponibilizada nas próximas horas."

Daniel leu duas vezes. Depois abriu o aplicativo do cartão. A fatura ainda estava marcada como em processamento. Nenhum documento para baixar. Nenhuma cobrança formal emitida.

Voltou ao primeiro e-mail. Havia vindo de um endereço que parecia correto. O domínio tinha o nome da administradora. Os links não davam para páginas estranhas. A assinatura digital do anexo era válida, segundo o leitor do celular.

Ele capturou a tela.

10h08.

Outra captura: o arquivo, a data de emissão futura, o horário do aparelho.

Seu polegar pairou sobre o botão de encaminhar. Pensou em mandar para a ex-mulher de Daniel. A ideia foi embora antes de virar frase. O que escreveria? Recebi uma cobrança oito minutos antes de ela existir? Ela perguntaria se ele tinha dormido. Perguntaria se tinha comido. Talvez não perguntasse nada; diria apenas que aquilo não era assunto dela e voltaria ao que importava: Helena, a escola, os horários que ele vinha desorganizando desde que aparecera sem avisar.

Guardou o celular no bolso, ligou o carro e saiu sem direção definida.

Dois quarteirões adiante, o telefone tocou.

O nome na tela era de um cliente.

Daniel deixou tocar uma vez, duas. Havia uma mensagem antiga aberta no computador, um rascunho de orçamento que ele deveria ter enviado na semana anterior. Naquela manhã, antes de sair, tinha prometido a si mesmo que ligaria para o homem assim que voltasse. Primeiro explicaria o atraso. Depois, talvez, ofereceria uma solução rápida para compensar.

O telefone continuou vibrando no suporte preso ao painel.

Ele atendeu.

— Daniel? — A voz veio sem cumprimento. — Você ia falar comigo hoje?

A mão dele apertou o volante.

— Ia. Estou justamente...

— Porque eu preciso decidir isso agora. A gente fechou com outra pessoa se você não me retorna até meio-dia.

Daniel olhou para o relógio do painel. 10h11.

— Eu tinha o material quase pronto.

— Quase pronto não me serve muito.

Houve um ruído do outro lado, alguém falando perto do cliente, papéis sendo movidos. Daniel tentou puxar da memória o que tinha deixado aberto no computador: telas, anotações, a estrutura de navegação do aplicativo que ele vinha redesenhando havia semanas. Sabia resolver aquilo. Sabia que conseguia fazer melhor do que quem quer que tivesse sido contratado. O problema era a travessia entre resolver e entregar. A travessia sempre tinha uma fresta pela qual entravam outras coisas.

— Me dá quinze minutos — disse.

— Pra quê?

— Pra te mandar uma proposta fechada.

O cliente soltou um som curto, sem humor.

— Você teve oito dias.

Daniel quase respondeu que tinha tido uma filha para buscar, uma fatura atrasada, uma mensagem dizendo que Helena morreria em dezenove dias, uma pasta criptografada com sete versões de uma vida que parecia a dele. Segurou a língua.

— Quinze minutos — repetiu.

— Meio-dia, Daniel. Se não chegar até lá, encerrou.

A ligação caiu.

Ele ficou alguns segundos olhando o telefone. Uma buzina explodiu atrás dele. O semáforo tinha aberto.

Em casa, deixou as chaves na porta, subiu as escadas sem tirar os sapatos e ligou o computador. A tela despertou sobre as mesmas abas da madrugada anterior: uma pesquisa sobre rastreamento de remetentes, o arquivo com os e-mails, uma página aberta na foto ampliada da casa de sete portas e o orçamento do cliente.

A notícia da cobrança chegou às 10h14, dizia a tela do celular.

O cliente ligou às 10h11, antes de ele fazer o contato que vinha adiando.

Fatos separados. Podiam ser separados. O cartão disparava cobranças em horários automatizados. O cliente tinha um prazo, sabia que Daniel costumava atrasar e resolvera pressioná-lo. Não havia nada de extraordinário numa empresa cobrar uma dívida nem num cliente desistir de um fornecedor que sumira.

Mesmo assim, ele abriu um arquivo em branco.

No alto, escreveu:

REGISTRO.

A palavra pareceu excessiva. Apagou. Escreveu de novo.

DATA: Dia 5.

O cursor piscou abaixo.

10h06 — e-mail com fatura emitida às 10h14. Recebido antes de existir no app.

10h11 — ligação do cliente. Pergunta: "Você ia falar comigo hoje?"

10h14 — e-mail oficial sem fatura.

Parou diante da última linha. A ordem era o que importava. Antes, durante, depois. Se alguém conhecia os sistemas que o rodeavam, não precisava controlar todos. Bastava empurrar uma peça pequena na hora certa. Um aviso. Uma cobrança. Um telefone tocando quando ele já estava vulnerável o bastante para enxergar uma intenção onde talvez houvesse apenas atraso.

Ele acrescentou:

HIPÓTESE A: acesso indevido a e-mail/cartão/telefone.

HIPÓTESE B: antecipação por acesso a fluxos automatizados.

HIPÓTESE C: indução. Alguém cria a reação e registra como previsão.

A frase de um dos e-mails voltou inteira: termine o que começou.

Daniel fechou os olhos por um instante. Não por cansaço. Para ver se a lembrança ganhava contorno, se alguma associação aparecia atrás dela: um projeto, uma interface, uma conversa que ele teria apagado da própria cabeça. Só encontrou o som do computador, a geladeira vibrando na cozinha, um caminhão passando na rua.

Abriu as propriedades do primeiro e-mail. Cabeçalhos, servidores, horários de recebimento, rotas de entrega. Copiou tudo para o arquivo. Comparou os campos com os da mensagem oficial. Não havia uma diferença óbvia que resolvesse o problema. O domínio era legítimo. Os servidores também. O primeiro e-mail tinha passado por uma cadeia de autenticação que ele não conseguia falsificar em cinco minutos, talvez nem em cinco dias.

Mas havia uma coisa.

O identificador interno da mensagem continha uma sequência de números.

Ele colou a sequência numa busca, sem esperar resultado. O navegador abriu referências técnicas, fóruns, páginas de suporte. Nada que dissesse alguma coisa sobre Helena, sobre as sete portas ou sobre o vulto que ela tinha desenhado junto da casa.

Às 10h28, o telefone tocou de novo.

Ele o encarou antes de atender.

Era a ex-mulher de Daniel.

— Oi.

— Você saiu da escola?

A pergunta veio reta. Sem bom-dia.

— Saí.

— A recepção me ligou.

Daniel olhou para a mochila de Helena, ainda imaginada nas mãos dele, embora ela já tivesse voltado para a sala.

— Eu fui conversar com ela.

— Sobre o quê?

Ele girou a cadeira até ficar de frente para a janela. O vidro refletia só um pedaço do apartamento: caixas, cabos enrolados, um copo com café velho.

— Sobre uma coisa que ela desenhou.

— Daniel.

— Ela disse que viu alguém.

Silêncio.

— Alguém onde?

— Não sei. Ela não conseguiu explicar direito.

— Você perguntou na frente da escola?

— Eu não fiz nada com ela.

— Eu não disse que fez.

Mas era isso que vinha junto nas palavras. Ela respirou perto do telefone, e Daniel imaginou o que ela estava vendo: ele com uma mochila pequena na mão, surgindo no horário de aula, fazendo pergun-

tas que uma criança responderia porque o pai tinha perguntado, não porque soubesse a resposta.

— A Helena está bem? — ele perguntou.

— Está na aula.

— Ela falou alguma coisa com você?

— Falou que você ficou estranho.

A frase encontrou lugar na sala antes que ele conseguisse afastá-la.

— Estranho como?

— Ela não explicou. Disse que você queria saber de um homem e de uma casa.

Daniel olhou para a foto aberta na tela do celular. Os blocos de pixels formavam a porta roxa, o vazio no meio do desenho.

— Você mostrou o desenho para ela?

— Não. Ela falou.

A ex-mulher de Daniel ficou em silêncio de novo. Ele conhecia aquela pausa. Era a que ela usava quando decidia não transformar toda conversa numa discussão, embora já tivesse entendido que a discussão existia.

— Você precisa me dizer o que está acontecendo — ela falou.

Ele quase contou.

Poderia começar pelo e-mail das 3h17. Mostrar as previsões. Mostrar o acidente. Mostrar a pasta. Ouviria perguntas para as quais não tinha resposta, e isso talvez fosse bom. Talvez outra pessoa, vendo o conjunto inteiro, separasse o que era concreto do que tinha sido construído por ele entre uma tela e outra.

Só que as palavras "Helena vai morrer" não passavam da garganta sem se tornarem uma coisa irreversível.

— Estou tentando entender — disse.

— Entender o quê?

A nova notificação apareceu no computador.

COMPRA APROVADA.

O som pequeno do alerta atravessou a ligação.

Daniel abriu o aplicativo do banco.

Cartão final 2841.

Compra aprovada: R$ 1.847,60.

Ele sentiu o corpo inclinar para a tela.

Loja: NORTE SUL MOBILIDADE.

Horário: 10h31.

A compra não era dele.

Não reconhecia a loja. Não reconhecia o valor. O cartão estava na carteira, sobre a mesa, ao lado de

uma conta de luz e de dois recibos amassados. Pegou-o, conferiu os últimos números, voltou ao aplicativo.

A ex-mulher de Daniel ainda estava na linha.

— Daniel?

Ele não respondeu.

NORTE SUL MOBILIDADE. O nome podia ser uma oficina. Aluguel de carro. Peças. Bicicleta. Uma loja qualquer com um sistema de cobrança genérico. Procurou no navegador. Os resultados demoraram menos de um segundo, mas ele esperou por eles como se a demora pudesse mudar o valor.

Uma empresa de locação de veículos.

Endereço no centro.

Abriu o mapa. A rota saía da região onde morava, cortava avenidas congestionadas, chegava a uma rua que conhecia só por ter passado perto dela anos antes. Havia uma foto da fachada: letreiro azul, portão de correr, uma fileira de carros estacionados.

No aplicativo do banco, a compra aparecia com um ícone verde: presencial.

Daniel apertou o cartão entre os dedos.

— O que foi? — a ex-mulher perguntou.

— Passaram uma compra no meu cartão.

— Quanto?

Ele disse o valor.

— Cancela.

Era a única resposta razoável. Tão simples que irritou Daniel. Porque cancelar era bloquear o cartão, abrir contestação, esperar atendimento, explicar a fraude a uma pessoa lendo um protocolo. E, se aquela compra tivesse sido feita por quem enviara as mensagens, cancelar era também admitir que alguém podia entrar nos sistemas que tocavam sua vida e mover peças com dinheiro real.

— Já vou resolver.

— Você não vai sair correndo atrás de ninguém, vai?

Ele olhou para o endereço no mapa.

A pergunta dela não precisava de prova. Ela o conhecia o suficiente para saber como funcionava: um dado fora do lugar transformava-se numa trilha; a trilha exigia seguir até o fim; no fim, quase sempre havia outra tela, outra explicação pendente, outra urgência que ele usava para adiar o que estava diante dele.

— Não — respondeu.

A mentira saiu rápida.

— Cancela o cartão. E me liga quando fizer isso.

Daniel desligou antes que ela pudesse pedir mais.

Entrou no chat do banco. A fila mostrava vinte e três pessoas à frente. Atualizou a tela. Vinte e quatro. A conta que ele devia não ter sido cobrada ainda aparecia no aplicativo com vencimento naquele dia. A compra desconhecida continuava logo abaixo, reluzindo em verde.

Abriu o registro.

10h31 — compra presencial no cartão, R$ 1.847,60, Norte Sul Mobilidade. Cartão físico comigo.

Depois acrescentou:

Pergunta: a compra aconteceu porque eu estava na escola? Porque ela ligou? Porque o cartão ficou na mesa em vez de no bolso? Porque alguém sabia que eu demoraria a cancelar?

A pergunta era ruim. Ela se ramificava sem produzir resposta. Apagou a última frase.

Na fila do atendimento, o número caiu para dezenove.

Ele abriu o e-mail das previsões. Havia relido tantas vezes que certas linhas já tinham perdido a forma de texto e virado sensação. Procurou datas, horários, palavras que pudessem se ligar à cobrança ou

ao cliente. Não encontrou referência direta ao cartão. Encontrou uma sequência curta, no meio de uma lista de acontecimentos que ainda pareciam arbitrários quando lidos juntos.

"Você vai querer seguir o rastro. Não siga sozinho."

Daniel ficou olhando para a frase.

Podia ser uma ameaça. Podia ser o tipo de instrução que fazia qualquer escolha posterior parecer prevista. Se ele fosse até a locadora, confirmaria o rastro. Se ficasse, confirmaria o medo. Se ligasse para a ex-mulher, ela perguntaria de onde aquilo vinha e ele teria de dar a ela uma verdade que ainda não sabia contar.

O chat avisou que era sua vez.

A atendente pediu confirmação de dados. Daniel respondeu mecanicamente, observando cada segundo passar no canto da tela. Quando ela perguntou se ele reconhecia a compra, disse que não.

— O senhor está com o cartão em mãos?

— Estou.

— Certo. Vou efetuar o bloqueio preventivo e abrir uma contestação.

— Eu preciso do horário exato da transação. E do terminal.

— Senhor, essas informações não ficam disponíveis para atendimento.

— Elas existem.

— Existem, mas não posso acessá-las por aqui.

Ele apertou os dentes.

— A compra foi presencial. Alguém usou um cartão que está comigo. Isso não é um dado comum.

— Eu entendo, senhor, mas o procedimento é—

— Qual foi o horário do processamento? Não o que aparece no aplicativo. O horário da autorização.

A atendente demorou um pouco.

Daniel viu a resposta se formando em algum roteiro que ela devia seguir. Imaginou uma tela parecida com as que ele desenhava para clientes: campos reduzidos, opções fechadas, frases gentis para impedir que a pessoa chegasse onde queria.

— Posso registrar sua solicitação para análise — ela disse.

— Registra.

Ela registrou. Informou um prazo. Disse que o cartão seria bloqueado e outro enviado ao endereço

cadastrado. Daniel ouviu tudo, anotou o protocolo e encerrou a conversa.

No instante em que a tela voltou ao aplicativo, uma mensagem chegou.

Não era do banco.

Era do cliente.

"Vi seu e-mail. Vamos conversar amanhã. Não prometo nada."

Daniel abriu a pasta de enviados.

O orçamento estava lá.

Anexado. Enviado às 10h24.

Ele não lembrava de ter mandado.

A cadeira recuou um pouco quando ele se levantou depressa demais. O arquivo que preparara estava aberto no computador, mas não terminado. A última tela do orçamento tinha uma observação em amarelo: DEFINIR VALOR DE MANUTENÇÃO.

Ainda assim, o e-mail enviado continha um arquivo completo.

Daniel baixou a cópia da mensagem, abriu o anexo e percorreu as páginas. O texto era dele. A organização visual era dele. Havia decisões de interface que ele reconheceu de imediato, inclusive uma solu-

ção para o fluxo de cadastro que tinha esboçado na noite anterior.

No fim, o valor total estava preenchido.

Ele não sabia de onde tinha saído.

Abriu o histórico de versões do documento. Havia alterações entre 10h18 e 10h23. O registro atribuía tudo ao seu usuário.

Daniel puxou a cadeira de volta e sentou.

No arquivo de registro, escreveu:

10h24 — orçamento enviado ao cliente. Não lembro de enviar. Documento finalizado com decisões que reconheço, valor que não lembro de definir.

Ficou parado diante da frase. Depois abriu uma nova coluna ao lado dos horários.

CONFIRMADO.

Na cobrança, escreveu: confirmado.

Na ligação do cliente: confirmado.

Na compra no cartão: confirmado.

No orçamento enviado: confirmado.

Abaixo, criou outra coluna.

AÇÃO QUE EU TOMEI.

Cobrança: comparei e-mails.

Cliente: prometi proposta.

Compra: bloqueei cartão; abri contestação.

Orçamento: nenhuma.

A última linha ficou vazia por alguns segundos. Ele completou:

Investigar computador.

Fechou todas as abas abertas, uma por uma, até restar apenas o arquivo do registro sobre a área de trabalho. Depois desconectou o computador da rede.

A sala ficou quieta demais.

O telefone vibrou. A ex-mulher de Daniel.

Ele deixou a chamada tocar. Uma notificação apareceu em seguida: "Você bloqueou?"

Daniel digitou: "Sim."

A resposta veio quase na hora.

"Me liga depois."

Ele não respondeu. Pegou o caderno que usava para rabiscar telas e arrancou uma folha limpa. Escreveu no topo a data, depois dividiu o papel em duas colunas com uma régua.

À esquerda: O QUE ACONTECEU.

À direita: O QUE EU FIZ DEPOIS.

A caneta falhou no meio da primeira linha. Ele testou de novo, riscando o papel até a tinta voltar. Embaixo, anotou os horários com cuidado, deixando espaço entre eles para novos eventos.

10h06.

10h11.

10h14.

10h24.

10h31.

Na tela apagada do computador, seu reflexo era uma mancha escura entre a janela e a bagunça da mesa. Daniel baixou os olhos para a página.

Se alguém estava construindo um caminho para ele, seria preciso descobrir onde começava a influência. Antes da mensagem. Antes da escolha. Antes do medo transformar qualquer sinal em ordem.

Ele escreveu uma última linha, abaixo de todas as outras:

O QUE EU FARIA SE NÃO TIVESSE RECEBIDO O PRIMEIRO E-MAIL?

A caneta ficou suspensa sobre o papel, sem resposta.

CAPÍTULO 7

Acesso

A caneta continuou suspensa até o telefone vibrar outra vez.

"Me liga depois."

Daniel releu a mensagem. A pergunta anterior voltava com mais força agora que ele tinha desligado o computador: você bloqueou? Não "o cartão", não "a compra". Ela sabia do bloqueio antes que ele contasse. Havia um intervalo possível para aquilo — a notificação do banco, um e-mail automático, algum aviso no aplicativo conjunto que ainda usavam para despesas de Helena —, mas seu cérebro já juntava horários, dispositivos, acessos.

10h14. Compra contestada.

10h31. Pergunta dela.

Ele abriu a conversa e subiu até as mensagens da manhã. A ex-mulher tinha escrito às 9h58.

"Você viu o e-mail da escola?"

Às 10h02:

"Helena esqueceu o caderno de leitura aqui. Vou levar na hora do almoço."

Às 10h31:

"Você bloqueou?"

Não havia nada fora do lugar. Era isso que o incomodava. Uma ameaça que precisasse anunciar a própria presença seria uma ameaça ruim. O que aparecia limpo demais também podia ter sido limpo.

Daniel pegou o celular e ligou.

Ela atendeu no quarto toque.

— Finalmente.

A voz vinha baixa, contida, com o ruído de uma torneira ao fundo.

— Como você soube do cartão?

— Do que você está falando?

— Você perguntou se eu bloqueei.

— Porque chegou uma mensagem do banco no meu celular. A compra foi no cartão que a gente usa-

va para as coisas da Helena. Você acha que eu ia ignorar?

Ele olhou para o aparelho sobre a mesa, como se pudesse encontrar nela a marca da mentira.

— Que mensagem?

— Daniel.

— Me encaminha.

Do outro lado, houve uma pausa curta. A torneira fechou.

— Você está trabalhando?

— Estou.

— Você dormiu?

Ele não respondeu.

— Eu encaminho — ela disse. — Mas você precisa me dizer por que está desse jeito desde ontem.

A mensagem chegou antes que ele respondesse. Era um alerta do banco, simples, com o horário da transação e os quatro últimos números do cartão. O mesmo cartão que ele tinha bloqueado. Daniel abriu os detalhes. Nada ali oferecia acesso à conta dela, só confirmava que ela fora avisada.

— Está aí? — ela perguntou.

— Estou.

— A compra era o quê?

— Um aplicativo.

— De quê?

— Não sei ainda.

— Você contestou?

— Sim.

— Então me liga quando souber. E, por favor, não fala nada para a Helena até ter alguma coisa concreta.

Concreta. A palavra ficou na cabeça dele quando a chamada terminou.

Ele tinha fatos: o e-mail das 3h17, o anexo, a previsão da mensagem sobre a apresentação, a queda de energia, o acidente, o desenho das sete portas, a compra feita em seu cartão, o orçamento que carregava decisões dele sem a lembrança de terem sido tomadas. Também tinha lacunas. As lacunas eram o espaço onde qualquer pessoa podia dizer que ele estava exagerando.

Abriu o navegador no telefone. A conexão móvel ainda funcionava, embora o computador estivesse fora da rede. A tela pequena dificultava tudo. Ele precisava da tela grande, dos históricos, das abas, das versões de arquivo. Precisava saber o que o celu-

lar dela tinha recebido, de onde tinham vindo as notificações, se existiam mensagens apagadas, conversas com alguém que pudesse ter visto Helena, endereços que se repetissem.

Seu olhar caiu na estante baixa perto da porta.

Havia uma caixa de plástico azul, coberta por contas antigas, cabos embolados e uma sacola com peças de um roteador que ele prometera desmontar meses antes. Daniel atravessou a sala, ajoelhou-se diante da caixa e puxou o conteúdo para o chão.

Adaptadores. Um carregador quebrado. Dois celulares que já não ligavam. Um envelope com manuais de aparelhos. No fundo, preso a uma fita adesiva amarelada, encontrou um cartão plástico com o nome da operadora e uma sequência impressa em letras pequenas.

Ele ficou olhando para aquilo.

Tinha ajudado a configurar a conta familiar quando Helena era menor. O plano fora aberto no nome dela, por uma questão de preço. Na época, Daniel organizara senhas, e-mails de recuperação, os aparelhos conectados. Depois da separação, ela mudara algumas coisas. Outras tinham ficado onde estavam porque ninguém pensa em apagar acessos antigos quando ainda precisa lembrar a senha do streaming,

dividir uma fatura, resolver uma falha de wi-fi para a filha assistir a um desenho.

Era possível entrar.

O cartão pesou pouco entre seus dedos. Ele sabia que pouca coisa era diferente, na prática, entre "ser possível" e "ter direito". A diferença começava quando ele digitasse.

Sentou de volta à mesa. Ligou o computador à rede.

A tela acendeu devagar. Os ícones reapareceram sobre a área de trabalho. O arquivo do registro ainda estava aberto, as duas colunas vazias em quase toda a página. Daniel fechou o documento sem salvar as últimas linhas. Abriu uma janela privada, digitou o endereço da operadora e chegou à tela de login.

O e-mail dela ainda estava preenchido pelo navegador.

Ele moveu o cursor até o campo da senha.

Uma lembrança sem importância veio primeiro: Helena, ainda pequena, esticando os braços para alcançar o teclado e apertando teclas aleatórias enquanto eles tentavam ativar um chip novo. A ex-mulher tinha rido. Daniel reclamara que ela ia travar tudo. Helena batera palmas ao ver o desenho de um cadeado na tela.

O cursor piscava.

Ele digitou uma senha antiga.

Recusada.

Tentou uma variação que ela usava em serviços domésticos, trocando a ordem de duas palavras, acrescentando o ano de nascimento de Helena. A página carregou.

A área do cliente se abriu com o saldo do plano, os números vinculados, os aparelhos registrados. O nome dela no topo. Abaixo, o número de Helena.

Daniel não tocou no mouse por alguns segundos.

Seu próprio número aparecia ali também, embora a linha estivesse marcada como inativa desde que mudara de operadora. A conta ainda guardava um inventário dos aparelhos: modelo, data de ativação, volume de dados, localidade aproximada das últimas conexões. Nada que ele não pudesse justificar como informação técnica. Nada que pedisse autorização de uma criança de oito anos.

Clicou no número de Helena.

O primeiro mapa levou alguns segundos para carregar. Um círculo azul apareceu sobre a região da escola, largo demais para indicar uma rua. A última atualização era de quarenta e sete minutos antes.

Havia uma opção para ativar localização em tempo real.

Daniel leu o aviso.

O aparelho receberá uma solicitação de compartilhamento.

Ele fechou a janela.

Ainda não. Qualquer coisa que surgisse no celular dela poderia chamar atenção. Helena perguntaria à mãe. A mãe perguntaria a ele. A ameaça, se existisse, talvez observasse essas alterações também. A ideia lhe pareceu racional até a metade; a outra metade era medo de ser pego antes de ter encontrado algo que justificasse o que fazia.

Voltou à página anterior e abriu o histórico de consumo.

Chamadas. Dados móveis. Mensagens enviadas e recebidas, sem conteúdo. Horários e números.

Ele exportou os registros.

O arquivo desceu para a pasta de downloads. Daniel o abriu numa planilha e reorganizou as colunas por data. A maioria dos números era reconhecível: a mãe dela, a escola, uma farmácia, a operadora de transporte, o próprio telefone de Daniel. Havia também uma sequência que se repetia em três dias dife-

rentes, sempre no começo da noite, por poucos segundos.

Ele copiou o número, pesquisou em aplicativos de busca reversa, sites públicos, catálogos velhos. Não encontrou dono. Poderia ser telemarketing, atendimento automático, uma empresa que usava ramais mascarados.

No primeiro dia, chamada recebida às 18h43, duração de nove segundos.

No segundo, 18h42, onze segundos.

No terceiro, 18h45, oito segundos.

Daniel abriu o calendário da escola que a ex-mulher tinha encaminhado na semana anterior. Às quintas, Helena saía mais tarde por causa da atividade de leitura. Naqueles três dias, ela ainda estaria no carro ou chegando em casa. O número podia ser qualquer coisa. Uma confirmação de entrega. Um robô de cobrança. Alguém desligando ao cair na caixa postal.

Ele marcou as três linhas em amarelo.

Depois abriu os registros do aparelho da ex-mulher.

O telefone dela tinha passado a noite na casa. Pela manhã, ficara na região da escola por vinte e dois minutos. Às 9h27, surgira perto de um mercado. Às

9h51, voltara para casa. Nada estranho. Mesmo assim, Daniel exportou os dados.

Havia um tablet vinculado à conta. Ele reconheceu o modelo; Helena o usava para jogos e vídeos, nas semanas em que estava com a mãe. O dispositivo aparecera conectado à rede doméstica às 7h13, desligado às 7h26, depois ativo de novo perto das 8h. Daniel abriu os detalhes e viu os serviços autorizados, as cópias de segurança, os aplicativos instalados.

Um aplicativo de mensagens infantis. Plataforma escolar. Jogo de construção. Um serviço de localização familiar, desativado.

O cursor parou sobre o nome do aplicativo de mensagens.

Ele não tinha como ler conversas por ali. Precisaria acessar a conta vinculada, e a conta estava no e-mail de Helena, criado pela mãe quando ela começou a usar o tablet. Daniel conhecia o endereço. Conhecia, também, a pergunta de recuperação.

Qual era o nome da primeira boneca?

A resposta lhe ocorreu inteira antes que ele decidisse pensar nela. Ele fora quem comprara a boneca num quiosque de rodoviária, numa viagem curta que Helena talvez não lembrasse. A boneca tinha ca-

belo amarelo preso num elástico e um vestido vermelho que saiu na primeira lavagem. Helena a chamara por um nome inventado, repetindo as sílabas de um desenho que via na época.

Ele abriu a página de recuperação.

O serviço informou que enviaria um código ao telefone da responsável.

Daniel fechou a aba.

O código seria uma linha visível na tela dela, uma notificação que ela perguntaria de onde vinha. Não havia caminho limpo. Talvez fosse melhor assim. Talvez alguma porta precisasse permanecer fechada para que ele soubesse que ainda tinha limite.

Levantou-se e foi até a cozinha. O café da manhã tinha endurecido numa caneca sobre a pia. Ele abriu a torneira, despejou a bebida escura, enxaguou a louça. A água correu sobre seus dedos e ele tentou reorganizar os fatos de uma forma que não o empurrasse para uma conclusão pronta.

Alguém estava usando seus dados. Alguém mandara um e-mail de seu próprio endereço e conhecia as decisões de interface que ele tomaria. Alguém podia ter acesso ao telefone de Helena, à conta da escola, às rotinas da casa. Esperar uma prova perfeita enquanto Helena seguia uma rotina previsível era

aceitar um risco que ele não tinha o direito de aceitar.

A frase veio pronta. Ele reconheceu nela o tipo de argumento que usava com clientes quando precisava aprovar uma solução provisória: não era ideal, mas mantinha o sistema funcionando até a correção definitiva.

Voltou à mesa e abriu o serviço de e-mail dela.

Desta vez, não precisou recuperar senha. O navegador ofereceu uma sessão antiga, mantida no perfil sincronizado que ela usara anos antes naquele computador. A tela pediu apenas a confirmação de um endereço de recuperação, e Daniel encontrou o dado num documento antigo do plano de internet.

Quando a caixa de entrada apareceu, ele sentiu primeiro um alívio seco, técnico. Depois uma pressão no peito, porque não havia como fingir que chegara ali por acidente.

Centenas de mensagens. Boletos, avisos da escola, promoções de farmácia, convites de aniversário, comprovantes de consulta, newsletters que ela nunca lera. Daniel usou a busca.

Helena.

Os resultados ocuparam a tela.

"Lembrete: apresentação de leitura."

"Material para a semana."

"Autorização para atividade externa."

"Reunião de responsáveis."

Ele abriu os e-mails da escola em ordem cronológica. Procurou alterações de horário, nomes desconhecidos, pedidos incomuns. Encontrou uma mensagem sobre uma atividade no pátio, cancelada por chuva. Outra avisava que uma professora ficaria ausente dois dias. Havia uma lista de materiais que Helena precisava levar na semana seguinte: cartolina, cola, folhas coloridas.

Nada.

Abriu a pasta de lixo.

Havia mensagens apagadas de propaganda, pedidos de desconto, um comprovante de corrida de aplicativo e uma conversa recente com a mãe de uma colega de Helena. A ex-mulher perguntava se a menina tinha chegado bem em casa depois de uma tarde de brincadeira. A resposta dizia que sim, seguida de um coração e uma foto anexada.

Daniel abriu a foto.

Helena aparecia sentada no chão de uma sala que ele não reconhecia, concentrada num tabuleiro. Havia outras crianças no enquadramento, cortadas pela altura da imagem. A data era de quatro dias an-

tes. Ela usava a camiseta azul que ele lembrava de ter visto na mochila no domingo.

Ele ampliou a imagem.

Uma janela ao fundo refletia parte da rua. Um carro estacionado. O portão de uma garagem. Nada útil. Aproximou mais até os pixels dissolverem os contornos. Voltou ao tamanho normal.

A ex-mulher não tinha mencionado aquela tarde. Talvez não houvesse motivo. Helena tinha amigos, visitas, horas fora do alcance dele. A constatação trouxe uma irritação pequena, seguida da vergonha de sentir irritação.

Ele abriu a conversa completa.

No meio das mensagens havia uma frase da outra mãe: "Ela perguntou de novo se o pai ia buscar."

Daniel leu uma vez.

Depois outra.

A resposta da ex-mulher vinha logo abaixo: "Ele disse que não dava. Vou conversar com ela antes de dormir."

O horário da conversa era de 19h08. Daniel tentou lembrar onde estivera naquela noite. Havia trabalhado no protótipo de um cliente, ou fingira trabalhar enquanto refazia pela terceira vez uma tela

que já estava boa. Helena tinha mandado um áudio? Talvez. Ele buscou a conversa dela no próprio telefone e encontrou uma notificação antiga, ainda não aberta, enterrada entre alertas.

O áudio tinha trinta e dois segundos.

Daniel apertou o play.

A voz de Helena saiu baixa, com ruídos ao fundo.

— Pai, a mãe falou que você não vem, mas eu queria mostrar o negócio que eu fiz. Depois eu mostro, tá? Tchau.

Ele interrompeu antes do fim.

A conversa na tela da ex-mulher permaneceu aberta. "Vou conversar com ela antes de dormir."

Nada naquilo era sinal de interferência. Nenhum invasor precisava plantar uma ausência que ele mesmo construía sozinho. Ainda assim, Daniel copiou o endereço da casa da colega, disponível no rodapé de uma confirmação antiga, e anotou no caderno.

Rota possível. Horário possível. Pessoas presentes.

Só depois percebeu o que tinha escrito.

Fechou o e-mail. A caixa de entrada desapareceu da tela, mas os dados exportados continuavam no

computador: endereços, horários, registros de chamadas, modelo do tablet, a localização aproximada da escola. Ele poderia apagar tudo. Bastava selecionar a pasta.

Em vez disso, criou uma nova.

HELENAROTINA.

O nome ocupou a tela por um instante, com a data ao lado.

Daniel mudou para algo menos direto.

SEGURANÇA.

Arrastou os arquivos para dentro.

O telefone vibrou outra vez. Uma mensagem da ex-mulher.

"Helena vai ficar comigo hoje. Amanhã você busca na escola, como combinado?"

Ele leu e pensou no número desconhecido às 18h42, nos registros de localização, na foto da casa onde Helena passara a tarde sem ele saber. Pensou na tela de recuperação que poderia abrir a conta da filha se resolvesse avançar mais um passo. Pensou no desenho das sete portas e na voz dela dizendo que um homem parecido com ele tinha mostrado aquilo.

Digitou: "Que horas ela sai amanhã?"

A resposta demorou menos de um minuto.

"Você sabe. 16h20."

Ele sabia. A pergunta era para testar se ela tinha mudado algo sem avisá-lo.

A segunda mensagem veio logo depois.

"Daniel, aconteceu alguma coisa?"

Ele deixou o cursor parado sobre o campo de resposta.

No computador, o mapa da operadora continuava aberto em outra aba. O ponto azul da manhã, desatualizado, ainda cobria a escola e algumas ruas ao redor. A imprecisão daquele círculo irritava. Ele queria um endereço, uma porta, alguém que pudesse ser apontado. Queria tirar Helena de cada trajeto que não controlava e levá-la para algum lugar onde nenhuma previsão alcançasse.

Abriu a página de configurações do plano outra vez.

A opção de localização em tempo real continuava disponível. Para ativá-la, o tablet ou o telefone dela receberia uma solicitação. Daniel não clicou.

Ainda.

Copiou os horários da escola para o caderno. Depois acrescentou a casa da colega, a aula de leitura,

o mercado onde a mãe costumava parar depois de deixá-la pela manhã. Traçou setas entre os locais. A página começou a se fechar num desenho de percursos, curvas e intervalos.

No alto, acima de tudo, escreveu o horário de amanhã.

16h20.

Desta vez, ele não precisaria perguntar onde Helena estaria.

CAPÍTULO 8

O Contrato

Às 16h20, Daniel estava parado do outro lado da rua, dentro do carro, com o telefone apoiado no console e o notebook fechado no banco do passageiro.

A escola terminava o dia numa desordem organizada: portão aberto, crianças saindo aos pares, mochilas arrastando no cimento, adultos olhando para telas enquanto chamavam nomes. Daniel conhecia aquela cena. Já tinha chegado atrasado o bastante para encontrar o pátio vazio e Helena sentada perto da secretaria, os pés sem alcançar o chão, fingindo que não ligava.

Dessa vez chegou cedo.

Viu Helena antes que ela o visse. Ela saiu com a mochila pendurada num ombro só, segurando uma folha dobrada. Não corria, não procurava ninguém

com urgência. Parou junto ao portão para mostrar alguma coisa a uma menina de cabelo preso alto. A outra riu. Helena guardou a folha na mochila e atravessou o pátio.

Daniel acompanhou cada passo até ela alcançar a calçada.

Um homem de uniforme azul passou atrás dela empurrando um carrinho de limpeza. Uma mulher abriu o porta-malas de um carro branco. Um ônibus freou no ponto da esquina, soltando ar junto ao meio-fio. Nenhum daqueles movimentos significava coisa alguma. Ainda assim, Daniel catalogou todos.

Helena procurou por ele entre os carros estacionados.

Quando o encontrou, franziu a testa.

— Você chegou faz tempo?

— Um pouco.

Ela entrou no carro, jogou a mochila aos pés e fechou a porta.

— Você está estranho.

Daniel ligou o motor.

— Por quê?

— Porque você perguntou que horas eu saía e veio antes.

Ele saiu da vaga devagar, olhando pelo retrovisor. O portão da escola diminuía atrás deles.

— Quis me organizar.

— Você nunca fala assim.

A frase ficou entre os dois até o sinal fechar. Daniel viu Helena puxar a folha da mochila e alisar as dobras no colo. Era um desenho feito com canetinhas: uma casa amarela, uma árvore com frutas desproporcionais, duas figuras diante da porta. Uma era pequena. A outra tinha braços compridos demais.

— O que é isso? — perguntou.

Helena cobriu o papel com a mão.

— Nada.

— Posso ver?

— Você já viu.

Ele reconheceu a defesa na voz dela e, por um instante, teve a sensação de estar diante de uma porta que se fechava sem barulho. Não insistiu. O carro atrás buzinou quando o semáforo abriu.

No apartamento, Helena foi direto para a mesa da cozinha. Pediu água, deixou a mochila no chão e começou a separar lápis de cor sobre o tampo. Daniel abriu a geladeira, encontrou meio pote de iogurte,

tomates e uma embalagem de queijo vencida havia dois dias. Pegou o telefone para pedir comida, parou antes de tocar no aplicativo.

O computador o esperava no quarto de trabalho.

Ele tinha passado a noite tentando transformar dados exportados em alguma coisa que pudesse acusar alguém. Os cabeçalhos do e-mail, o arquivo compactado, a gravação da sétima vida, as propriedades invisíveis dos vídeos. Havia endereços mascarados, chaves incompletas, carimbos de data que pareciam ter sido limpos e regravados. Trabalho de alguém competente, ou de um sistema feito para tornar competência inútil.

— Pai? — Helena chamou.

Ele apareceu na porta da cozinha.

— O quê?

— Você vai ficar aí?

Daniel percebeu que tinha levado o notebook debaixo do braço.

— Vou fazer um lanche.

— Você falou que ia fazer macarrão.

Ele olhou para o relógio do micro-ondas. Dezessete e oito.

— Vou fazer macarrão.

Helena voltou aos lápis. Daniel colocou água numa panela, separou o molho pronto e ouviu a tampa vibrar antes da fervura. Enquanto esperava, abriu o notebook sobre a bancada.

O arquivo de vídeo da sétima vida estava copiado em três lugares diferentes. O homem na gravação, com o rosto de Daniel envelhecido e a barba irregular, ainda dizia dentro dele: não confie em mim. O aviso se encaixava em tudo e, justamente por isso, não servia para nada. Podia ter sido uma mensagem genuína de alguém que conhecia o projeto. Podia ser uma peça montada para fazê-lo duvidar de qualquer conclusão. Podia ser ele, alterado por alguém com tempo e material suficiente.

Daniel abriu as propriedades do vídeo mais uma vez.

Criado em: 14/08/2018.

Modificado em: 03/—

A data terminava em caracteres ilegíveis.

O codec era comum. O programa usado para renderizar deixara uma assinatura de versão antiga. Daniel copiou a sequência, pesquisou em repositórios abandonados, fóruns técnicos, espelhos de documentação que sobreviveram porque ninguém teve trabalho de desligá-los. Uma hora depois, a água

tinha evaporado até deixar a panela com uma faixa branca no fundo, Helena comia biscoito de água e sal no sofá, e ele encontrou uma referência.

O nome identificava uma biblioteca de interface.

ATLAS.UI/0.9.

Daniel ficou olhando as letras.

Conhecia aquele padrão de nomenclatura. Conhecia a forma como o ponto separava o que era produto do que era módulo. Conhecia, sobretudo, a escolha da palavra.

Uma lembrança veio sem ordem: uma tela preta, a luz de um monitor velho refletida numa janela, uma caixa de pizza fria sobre a mesa. Um homem falava depressa pelo telefone, usando termos que Daniel já não lembrava. Havia uma proposta de trabalho aberta ao lado de uma planilha com números vermelhos.

Ele fechou os olhos por um segundo.

A lembrança vinha quebrada, acompanhada pela sensação física de uma época em que qualquer notificação bancária parecia uma ameaça doméstica. A conta atrasada. Um cliente que prometia pagar "na próxima semana". A necessidade de aceitar serviço ruim porque serviço ruim ainda era dinheiro.

— Pai, a panela.

Helena apontava para a cozinha.

Daniel correu até o fogão e desligou a chama. O fundo queimado soltava um cheiro acre. Ele despejou água na pia, ouvindo o metal estalar.

— Desculpa.

Helena não respondeu. Estava olhando para o caderno de desenho, fechando-o com cuidado.

Ele pediu comida.

Enquanto esperavam, Daniel puxou uma caixa de arquivos debaixo da mesa do escritório. Guardava ali recibos antigos, contratos impressos que nunca destruiu, cabos cuja função esquecera. Papéis da separação estavam misturados a boletos quitados e manuais de equipamentos que já não possuía.

O nome ATLAS continuava na tela.

Ele procurou no e-mail. Primeiro no endereço atual. Depois em uma conta antiga que mantinha por inércia, quase cheia, com mensagens que remontavam a antes de Helena nascer. A senha veio de imediato, preservada num gesto automático dos dedos. A caixa abriu carregando conversas de clientes, promoções mortas, cobranças, respostas que ele nunca enviara.

Pesquisou "ATLAS".

Nada.

Tentou "UI".

Páginas de resultados apareceram. Um convite para testar uma plataforma. Um arquivo anexo. Uma conversa sem assunto.

Daniel abriu a mais antiga.

De: contato@limiar-labs.com

Para: daniel.vilar@—

Assunto: prestação pontual / confirmação

A data era de quase nove anos antes.

Ele leu a primeira linha e sentiu o corpo ajustar a postura diante da tela.

"Conforme conversamos, precisamos de uma interface que reduza atrito na coleta de respostas e preserve a sensação de escolha do participante."

A palavra participante não lhe pareceu estranha de início. Em projetos de teste, pesquisa de usabilidade, validação de fluxo, todos eram participantes. Ele mesmo já usara o termo em apresentações para dar aparência mais elegante a gente que apenas clicava em botões por alguns minutos.

A segunda mensagem tinha um anexo em PDF.

CONTRATO_PRESTAÇÃO_DV_FINAL.pdf.

Daniel baixou o arquivo. O documento abriu com a fonte errada, linhas quebradas, margens deslocadas. No topo, o logotipo trazia um círculo incompleto cortado por uma linha horizontal. Ele reconheceu o desenho antes de lembrar de onde.

Tinha feito aquilo.

A memória veio mais nítida dessa vez. Não o projeto inteiro, mas a encomenda. Um símbolo simples, um painel de acesso, uma sequência de perguntas. Tinham pedido algo discreto, "sem estética clínica", com telas que se adaptassem ao comportamento de quem respondia. Daniel tinha gostado do desafio. Criara um menu que escondia opções pouco usadas e aproximava as escolhas frequentes do cursor. Ajustara o tamanho de campos, a ordem de botões, o intervalo entre uma pergunta e outra.

Na época, chamou aquilo de interface responsiva.

Agora, lendo a cláusula segunda, viu o nome do sistema.

ATLAS.

O cursor piscava sobre a página.

Ele subiu o documento com a roda do mouse, devagar, até encontrar seu nome completo no cabeçalho: Daniel Vilar, prestador. A empresa contratante era Limiar Pesquisa Aplicada Ltda. O objeto des-

crito ocupava duas linhas: desenvolvimento de componentes visuais e implementação de recursos de interação para plataforma experimental de modelagem de decisão.

Modelagem de decisão.

Daniel se lembrava de ter perguntado o que aquilo significava. A resposta tinha vindo por chamada de vídeo, de uma mulher que ele não conseguia ver com clareza na memória. Cabelo escuro preso atrás da cabeça, uma estante ao fundo, voz sem pressa. Ela dissera que estavam construindo uma ferramenta para estudar como pessoas navegavam por escolhas sob pressão. Nada invasivo. Nada que exigisse acesso a dados pessoais além dos fornecidos voluntariamente.

Ele não lembrava do rosto.

Lembrava do valor oferecido.

O suficiente para pagar duas parcelas atrasadas do aluguel, cobrir uma conta de luz e comprar remédios que Helena ainda não precisava porque nem existia. Talvez já existisse. Daniel fez a conta errada primeiro, voltou aos e-mails, procurou a data de uma ultrassonografia, encontrou uma confirmação de consulta. Helena tinha poucos meses.

Ele estava trabalhando para o ATLAS quando a mãe dela estava grávida.

A constatação não trouxe uma cena. Trouxe uma cadeira vazia na cozinha de outro apartamento. Trouxe a lembrança dele dizendo que ia terminar uma entrega antes de dormir, enquanto ela perguntava se ele tinha visto os resultados do exame.

Daniel puxou o contrato para perto da tela, ampliando o texto.

Havia cláusulas comuns: prazo, pagamento, confidencialidade, propriedade intelectual. Depois, uma seção de consentimento vinculada ao trabalho. Ele leu duas vezes porque a formulação parecia burocrática demais para chamar atenção de quem precisava de dinheiro.

"O PRESTADOR autoriza o uso, armazenamento, análise e processamento de registros de interação produzidos durante a execução, validação e utilização dos ambientes relacionados ao projeto, incluindo, sem limitação, padrões de navegação, tempos de resposta, recorrências de escolha, dados técnicos de acesso e elementos contextuais fornecidos voluntariamente."

Daniel parou no verbo.

Autoriza.

Sua assinatura digital estava no fim da página. A rubrica também, pequena e torta, criada numa mesa digitalizadora emprestada.

Ele lembrava de ter aceitado testes internos. Um painel chamado ATLAS tinha aparecido como extensão no navegador durante algumas semanas. Fazia perguntas rápidas entre tarefas: qual trabalho priorizar, que resposta enviar, quanto tempo ele esperaria antes de cobrar alguém, se preferia receber um valor menor imediatamente ou um maior mais tarde. Algumas vinham em formato de jogos de escolha, com quadrados e cores neutras. Outras eram apresentadas como calibração da interface.

Ele achara divertido no começo.

Depois passou a fechar as janelas sem responder.

Ou achava que fechava.

Daniel procurou na caixa de e-mail por mensagens do período. Encontrou relatórios automáticos que nunca abrira. "Sessão concluída." "Parâmetros atualizados." "Agradecemos sua contribuição." Havia dezenas. Em vários dias, ele recebia um às duas da manhã, outro perto do almoço, outro pouco depois das seis. Não lembrava de participar com aquela frequência.

Talvez os registros fossem técnicos. Cliques, tempo de permanência, dispositivos usados.

A tela do contrato continuava aberta.

"Elementos contextuais fornecidos voluntariamente."

A frase permitia quase tudo, desde que alguém tivesse assinado sem ler direito.

Daniel voltou à caixa de arquivos físicos. Rasgou uma fita adesiva ressecada, puxou envelopes, uma pasta azul, documentos da época em que ainda tentava separar vida profissional de vida pessoal por cores. No fundo, encontrou um caderno preto de capa mole, com páginas manchadas de café.

Folheou até reconhecer a própria letra.

Fluxos — ATLAS

Interface 1: escolha espontânea

Interface 2: justificativa posterior

Interface 3: repetição com "contexto"

Havia desenhos de botões, setas, observações técnicas. "Mudar posição após erro." "Não indicar punição." "Guardar abandono." Numa página seguinte, a escrita ficava mais apertada, tomada por abreviações.

Se usuário trava, oferecer saída que pareça dele.

Daniel sentiu um frio subir pela nuca.

A frase era dele.

Não uma citação do contrato. Uma anotação sua. Um princípio de design escrito de forma seca, útil, quase orgulhosa. Ele tinha feito interfaces para clientes que queriam que pessoas terminassem cadastros, comprassem produtos, encontrassem informações. Sempre havia atrito. Sempre existia uma maneira de conduzir alguém sem dizer que estava conduzindo.

Ele se lembrava da mulher da chamada pedindo que o sistema não pressionasse demais.

— Se a pessoa notar a influência, vocês perdem a resposta — ela dissera.

Ou talvez tivesse dito outra coisa. Daniel já não confiava na frase inteira. Só no desconforto que ela deixava.

Helena apareceu na porta do escritório.

— A comida chegou.

Ele fechou o caderno depressa.

— Já vou.

Ela observou a pilha de papéis no chão.

— Você está procurando o quê?

Daniel olhou para a filha. A luz da sala vinha atrás dela, deixando o rosto parcialmente na sombra. Uma pergunta simples, feita sem medo e sem acusação. A resposta que ele queria dar precisava caber num tamanho que não a arrastasse para dentro daquela confusão.

— Um trabalho antigo.

— Você achou?

— Acho que sim.

Helena assentiu, mas não saiu.

— É por causa daquele homem?

Daniel sentiu a pergunta atingir um lugar que estava tentando manter organizado.

— Que homem?

— O que parecia com você.

Ela mexeu na alça da mochila.

— Você fica perguntando dele.

— Helena, eu só quero entender o que aconteceu.

— Eu já falei.

A comida esfriava sobre a mesa da sala. Daniel conhecia o movimento seguinte dentro de si: pedir detalhes, repetir perguntas com outras palavras, separar o que ela vira do que achava que vira. Fazer da

lembrança dela um conjunto de peças que ele pudesse examinar.

Em vez disso, disse:

— Tá bom.

Helena franziu o rosto, desconfiada.

— Tá bom?

— A gente come primeiro.

Ela foi embora sem responder. Daniel esperou alguns segundos antes de voltar à tela.

Abaixo de sua assinatura, havia uma página adicional que não aparecera na primeira leitura. Um anexo com campos preenchidos automaticamente. Identificação técnica, dispositivos autorizados, contas usadas para testes. O nome do arquivo era PERFIL_INICIAL_DV.

Daniel abriu.

O documento carregou em branco por alguns instantes. Quando o texto apareceu, ele sentiu a mão apertar o mouse.

Não havia apenas informações de trabalho.

Constavam seu horário habitual de atividade, as madrugadas em que permanecia conectado, os períodos sem resposta a clientes, a frequência com que abria aplicativos bancários e fechava antes de con-

cluir pagamentos. Havia referência a compras interrompidas, pesquisas salvas, variações de digitação sob prazo. Em uma seção menor, apareciam categorias de contexto declaradas: situação financeira instável, rede de apoio reduzida, transição familiar, aversão a cobrança direta.

Daniel leu aquela última expressão até as letras perderem o sentido.

Aversão a cobrança direta.

Uma vulnerabilidade redigida como parâmetro.

O arquivo tinha sido montado a partir de coisas que ele oferecera, talvez em formulários, talvez nas perguntas que respondeu sem pensar. Outras podiam ter vindo da navegação no ambiente de teste. A fronteira importava, mas não diminuía o peso. Ele tinha aceitado entrar. Tinha entregue a mão, depois o pulso, depois hábitos inteiros, porque precisava de dinheiro e porque gostava de construir mecanismos que funcionassem.

No final havia uma linha de status.

Participante inicial: ativo.

Daniel conferiu a data do último registro.

Era recente.

Recente demais.

Ele aproximou o rosto da tela. O contrato fora assinado quase nove anos antes. A empresa que aparecia ali talvez nem existisse mais. Ainda assim, o documento registrava atividade vinculada ao perfil nas últimas semanas: horários, duração de sessões, atualizações de contexto.

Na noite anterior, às 3h17, havia uma entrada.

SESSÃO DE ESTÍMULO: INICIADA.

Ele não tinha aberto nenhum painel do ATLAS naquela hora. Tinha recebido o e-mail.

Mas o arquivo não dizia que ele abrira um painel. Dizia apenas que uma sessão começara.

Daniel voltou para a caixa de mensagens e procurou pelo nome da empresa. Entre propagandas e recibos, achou uma resposta antiga dele a uma cobrança de pagamento. Não lembrava de ter escrito, mas reconheceu a própria forma de se desculpar antes de exigir o que era devido.

"Entendo o atraso, só preciso de uma previsão para conseguir me organizar."

Abaixo, a resposta enviada dias depois:

"Você receberá. Precisamos apenas que mantenha o ambiente de validação ativo por mais algum tempo."

O dinheiro entrara na conta naquela mesma tarde.

Daniel abriu o extrato bancário anexado. O depósito tinha uma descrição curta: LPA SERVIÇOS. Ele lembrava do alívio de ver o saldo sair do negativo. Lembrava de comprar comida pronta. Lembrava de dizer que ia aceitar menos trabalhos pequenos depois daquele contrato.

Não lembrava de ler as condições até o fim.

Na cozinha, Helena ria de alguma coisa no telefone. O som atravessou o corredor e bateu na porta aberta do escritório. Daniel olhou para o caderno, para o contrato, para a lista de registros que continuava descendo pela tela.

Por anos, alguém podia ter acompanhado aquilo que ele fazia diante de interfaces: o que escolhia, o que adiava, que tipo de aviso o fazia agir. Talvez não alguém, pensou. Talvez uma estrutura deixada funcionando, acumulando suas respostas até transformá-las em um perfil mais íntimo do que qualquer pessoa deveria possuir.

Ele tinha criado uma porta para facilitar a entrada.

E tinha passado por ela primeiro.

CAPÍTULO 9

ATLAS

Daniel fechou a porta do escritório sem perceber que a deixara aberta. O clique da lingueta pareceu pequeno demais para conter o que se espalhava na tela.

Participante inicial: ativo.

A expressão voltava toda vez que ele desviava os olhos. Ativo. Não inscrito, não arquivado, não ex-colaborador. Ativo.

Ele puxou o contrato para o centro do monitor e ampliou o texto até as letras ocuparem a página inteira. Havia cláusulas sobre confidencialidade, testes de usabilidade, retenção de dados. Termos comuns o bastante para terem passado por ele sem resistência nove anos antes, quando qualquer trabalho

que prometesse um depósito adiantado parecia ter sido escrito sob medida para a sua urgência.

Abriu uma busca no documento.

ATLAS.

O resultado levou a uma seção de anexo que não aparecia na primeira leitura. Talvez estivesse recolhida por alguma falha do visualizador; talvez ele tivesse passado direto. Daniel clicou no pequeno triângulo ao lado do título.

Anexo Técnico — Ambiente de Validação ATLAS.

As primeiras linhas eram secas, quase burocráticas.

ATLAS: Adaptive Trajectory and Life Anticipation System.

Ele releu o nome em inglês, procurando a parte que transformava aquilo numa explicação simples. Não encontrou. Trajetória adaptativa. Antecipação de vida. O tipo de título que alguém usava para tornar uma invasão aceitável dentro de uma apresentação de slides.

Mais abaixo, um parágrafo descrevia a finalidade.

O sistema estimava probabilidades de decisão em contextos de incerteza a partir de dados comportamentais, históricos contextuais e padrões de respos-

ta individual. As projeções não pretendiam estabelecer eventos futuros, e sim mapear trajetórias de escolha plausíveis sob condições variáveis.

Daniel passou a mão pela boca.

Trajetórias de escolha plausíveis.

As sete pastas continuavam abertas no outro monitor. VIDA_01, VIDA_02, VIDA_03. Uma vida com dinheiro que ele nunca tivera; outra longe das telas; outra sem Helena; uma em que sua morte aparecia tratada com a distância de uma planilha. Até então, a parte mais fácil de acreditar tinha sido a mais absurda: alguém criara versões dele. Alguém conhecia detalhes que não deveria conhecer.

Agora havia uma linguagem para aquilo.

Simulação.

Ele clicou no primeiro arquivo. A tela abriu uma sequência de painéis, números e blocos de texto. Antes, tinha lido aquelas páginas como quem examina provas de uma invasão. Desta vez, enxergou outra coisa: rótulos de cenário, variáveis, datas projetadas, graus de confiança. O arquivo testava o que aconteceria se certas decisões fossem tomadas em certos pontos.

Na margem direita, em letras pequenas, havia uma lista que ele não tinha notado.

Condições de entrada.

Estressores financeiros.

Rede de suporte.

Padrões de sono.

Frequência de contato familiar.

Exposição a estímulos profissionais.

Tolerância à frustração.

Eventos de ruptura.

Daniel desceu a página.

O sistema tinha transformado sua vida em campos preenchíveis.

Alguns vinham de registros objetivos. Compras no cartão. Transferências bancárias. Atrasos de aluguel. Horários de conexão. Entregas de projetos. Havia dados que ele podia ligar ao contrato: permissões de teste, relatórios de uso, acesso a um ambiente que provavelmente registrava cada clique.

Outros exigiam muito mais.

Frequência de contato familiar.

Ele pensou nas mensagens trocadas com a mãe de Helena. Pensou nas respostas que deixara para depois porque estava no meio de algum trabalho, de alguma ideia, de alguma correção aparentemente urgente. Pensou em quantas vezes tinha aberto uma

conversa, lido duas linhas e fechado sem responder, convencido de que formularia algo melhor quando tivesse tempo.

Rede de suporte.

Quase riu, mas a risada morreu antes de sair. O campo trazia uma classificação: baixa variabilidade, alto risco de isolamento sob estresse.

O sistema não precisava entender solidão. Bastava medir o que ele fazia quando ela apertava.

Na cozinha, Helena desligou o telefone. Daniel ouviu o arrastar de uma cadeira e, logo depois, a água correndo na pia. Quis levantar, ir até ela, dizer alguma coisa que não soube escolher. Ficou onde estava.

Voltou ao anexo.

O ATLAS fora concebido para trabalhar com hipóteses, não com certezas. O documento insistia nisso, repetindo que as projeções eram condicionais, que dependiam da qualidade e da atualização dos dados, que nenhum resultado deveria ser interpretado como determinação causal. A cautela jurídica era tão deliberada que o deixou mais inquieto.

Ninguém prometia prever o futuro.

Prometiam prever Daniel em situações específicas.

A diferença deveria acalmá-lo. Em vez disso, reorganizava cada uma das mensagens que recebera.

A previsão sobre a apresentação escolar de Helena não precisava vir de um lugar impossível. A mãe dela podia já ter mandado a mensagem em algum momento, ou o sistema podia conhecer o calendário, os hábitos dela, o jeito como avisava com antecedência. A queda de energia podia ter sido consultada em dados da região, ou extraída de algum aviso que ele ignorara. Até o acidente — Daniel sentiu a mandíbula endurecer — podia ser uma combinação de tráfego, clima, rota, horário e, principalmente, das escolhas que ele faria depois de ler uma instrução.

Ele puxou o caderno para perto e abriu numa página em branco.

No alto, escreveu:

O QUE O ATLAS SABE?

Ficou olhando para a pergunta. Depois, abaixo dela, anotou:

onde eu navego

o que compro

quando atraso

quem eu procuro

o que evito

o que respondo

o que abandono

A caneta riscou o papel com força demais na última linha.

E Helena?

Ele não escreveu de imediato. A ideia ficou entre o peito e a mão, recusando forma. A participação dele no sistema não autorizava ninguém a se aproximar dela. Não autorizava ninguém a mostrar uma imagem de casa com sete portas. Não autorizava um estranho a falar com uma criança — se um estranho de fato falara com ela. A lembrança vinha truncada, atravessada pelas perguntas que ele próprio fizera. Um homem parecido com ele. Uma imagem. Sete portas.

O desenho estava na mesa da sala, preso sob um copo para não dobrar. Daniel o tinha visto antes de fechar-se no escritório. A casa ocupava quase toda a folha. Sete retângulos coloridos. Nenhuma janela.

Talvez ela tivesse inventado. Crianças inventavam. Ele sabia disso.

Mas alguém tinha mandado a pasta. Alguém tinha reativado uma sessão às 3h17. Alguém tinha encon-

trado o ponto exato da vida dele em que uma ameaça bastava para desmontar o resto.

Ele abriu os registros vinculados ao perfil. Havia centenas de linhas, distribuídas por anos. A maior parte trazia códigos e horários. Quando selecionava uma delas, um painel lateral exibia categorias: trabalho, consumo, comunicação, mobilidade, rotina. Em certos dias, os dados eram escassos. Em outros, formavam uma cronologia tão densa que lhe deu a sensação física de estar sendo apertado por dentro.

Às 7h12: primeiro acesso ao e-mail.

Às 7h18: leitura de mensagem não respondida.

Às 7h24: pesquisa por prazo de entrega.

Às 7h31: abertura de plataforma bancária.

Às 7h33: encerramento sem transação.

Às 7h42: vídeo sobre reorganização financeira.

Às 8h06: busca por passagem rodoviária.

Às 8h11: abandono de busca.

Ele lembrava daquele dia apenas como uma manhã ruim. O sistema guardara a hesitação inteira.

A tela não mostrava pensamentos, pelo menos não diretamente. Mostrava desvios. Repetições. Intervalos. O tipo de matéria que ele costumava usar para corrigir uma interface: onde alguém travava,

onde desistia, qual botão chamava atenção na hora errada. No ATLAS, o usuário era ele, e o produto final produzia uma versão calculada de seus próximos movimentos.

Daniel abriu uma aba nova e pesquisou o nome completo do projeto, depois variações. ATLAS, Adaptive Trajectory, Life Anticipation. Encontrou referências dispersas, quase todas antigas: um resumo de congresso, uma página removida em cache, uma menção num portfólio técnico sem detalhes. Nada que explicasse quem mantinha aquilo ativo ou por que seu perfil ainda recebia estímulos.

Em uma cópia de apresentação hospedada num endereço esquecido, havia uma frase que ele leu diversas vezes.

Modelos de escolha podem ampliar a autonomia ao tornar visíveis padrões invisíveis ao sujeito.

Autonomia.

A palavra estava destacada em azul sobre um fundo branco. Daniel imaginou a pessoa que a escolhera, talvez defendendo o projeto diante de uma mesa de investidores ou pesquisadores. Descobrir padrões invisíveis. Antecipar colapsos. Criar intervenções úteis. A promessa podia até ter começado limpa.

E então alguém decidia qual padrão revelar, qual informação omitir, que notícia entregar no momento exato.

A própria tela começava a ensinar o caminho.

Ele lembrou da primeira mensagem. Tinha lido o aviso sobre Helena e, antes de fazer qualquer outra coisa, procurado a mãe dela. Perguntara da menina de um jeito que levantara suspeita. Depois se recusara a explicar direito. A reação dela o deixara mais sozinho. Sozinho, voltara ao computador. Voltando ao computador, encontrara a próxima pista.

Uma sequência simples demais depois de vista.

Daniel abriu a caixa de e-mail e localizou a mensagem das 3h17. Examinou novamente os cabeçalhos. O remetente era seu próprio endereço, mas as rotas de envio passavam por servidores que ele não reconhecia. Havia autenticações quebradas, redirecionamentos, campos preenchidos com dados inconsistentes. Não era uma falsificação amadora. Também não era uma prova de que algum programa onisciente tivesse falado com ele.

A mensagem tinha sido construída para ele acreditar que vinha dele.

No anexo, junto das previsões, havia frases que o atingiam com uma precisão desagradável. Termine

o que começou. Não confie nas memórias. Não confie em mim. O sistema conhecia seus dados, seus hábitos, as decisões que evitava. Talvez conhecesse até os textos que ele apagava antes de enviar. Mas aquelas frases tinham intenção. Feriam em lugares específicos.

Uma pessoa escolhera aquelas palavras, ou uma pessoa havia autorizado que fossem escolhidas.

Ele anotou no caderno:

ATLAS NÃO É QUEM.

Abaixo:

ATLAS É COMO.

A frase não trouxe alívio. Transformava a ameaça numa coisa maior e mais vaga. Se o ATLAS era uma ferramenta, a pergunta deixava de ser quem sabia tanto sobre sua vida. Passava a ser quem tinha acesso suficiente para usar aquilo contra ele.

Ou a favor dele, uma voz pequena insistiu.

Daniel rejeitou a hipótese antes de explorá-la. Ajuda não chegava escondida dentro de ameaça. Ajuda não usava Helena como prazo.

Ele retornou aos arquivos das sete vidas.

A primeira começava com uma decisão profissional tomada anos antes. A segunda, com uma mudan-

ça de cidade. A terceira usava termos clínicos e registros de acidente, sem dizer de onde vinham. A quarta fechava com uma data de morte. A quinta mantinha Helena presente por um tempo, depois deixava um vazio metodicamente descrito por relatórios, buscas, ligações, ausências. A sexta permanecia corrompida. A sétima continha o vídeo do homem que era ele e não era, mais velho, cansado, falando diretamente para a câmera.

Antes, Daniel tinha enxergado universos empilhados.

Agora via ramificações.

Sete conjuntos de decisões, alimentados por dados que lhe pertenciam, percorriam cenários até chegar a resultados que alguém decidira registrar. Algumas possibilidades eram grotescas porque sistemas de simulação não tinham pudor. Produziam morte, abandono, riqueza, fuga, desde que as combinações de informação sustentassem uma probabilidade.

A conclusão não diminuía a violência.

Pelo contrário. Era pior saber que Helena podia ter sido convertida numa variável de resultado.

Ele abriu a VIDA_05 e levou o cursor até o campo de metadados. Parou antes de clicar. O arquivo que

descrevia o desaparecimento dela estava ali, pronto para lhe dar detalhes que talvez fossem inventados, talvez fossem baseados em alguma coisa, talvez fossem uma isca perfeita.

Fechou a janela.

O gesto não foi prudência. Foi medo de descobrir que conseguiria ler.

Na cozinha, uma cadeira tombou.

Daniel se levantou de uma vez. O joelho bateu na mesa, mas ele já estava no corredor. Encontrou Helena de pé, segurando o encosto da cadeira caída.

— Foi mal — ela disse, sem olhar para ele. — Enrosquei a mochila.

A mochila estava aberta no chão. Um caderno tinha deslizado para baixo da mesa.

Daniel recolheu a cadeira e colocou-a no lugar.

— Você se machucou?

Helena franziu a testa.

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

Ela se abaixou para pegar o caderno antes que ele pudesse fazê-lo. O desenho da casa de sete portas aparecia na capa, feito com lápis de cor. Daniel sen-

tiu o impulso de perguntar de novo sobre o homem, sobre a imagem, sobre o lugar onde ela o tinha visto. As perguntas vieram prontas, ordenadas, cada uma exigindo uma confirmação que ele pudesse encaixar na hipótese.

Helena puxou o caderno para o peito.

— Você vai ficar aqui hoje?

A pergunta interrompeu a sequência.

— Vou.

Ela assentiu, mas continuou observando-o.

— Você está brigando com a mamãe?

— Não.

A resposta saiu rápido. Rápido demais.

— Parece que está.

Daniel encostou a mão na bancada. Sobre ela havia uma tigela com restos de cereal e uma colher dentro. Um trabalho aberto no monitor atrás dele. Uma criança esperando que ele dissesse algo compreensível.

— Tem umas coisas do trabalho — falou. — Estou tentando resolver.

Helena olhou para a porta do escritório.

— Você está falando sozinho lá.

Ele não se lembrava de ter feito isso. Talvez tivesse lido algum trecho em voz alta. Talvez tivesse respondido ao vídeo. A possibilidade de ela ter escutado alguma frase sobre o ATLAS, sobre vidas simuladas, sobre o risco que ele acreditava estar correndo, fez sua nuca esquentar.

— Às vezes eu faço isso quando estou pensando.

— Eu sei.

Não havia acusação no jeito como ela disse. Isso piorou.

Helena fechou a mochila.

— Posso desenhar no seu computador depois?

Ele quase respondeu que não. Havia arquivos abertos, senhas salvas, rastros de uma investigação que ela não podia ver. Havia também o aplicativo de desenho simples que ela usava quando estava na casa dele e que ele vivia prometendo melhorar.

— Pode — disse. — Mais tarde.

Ela aceitou com um movimento curto de cabeça e foi para a sala.

Daniel ficou na cozinha até ouvir o lápis dela riscar o papel. Era um som leve, regular. A casa inteira parecia sustentada por aquilo.

Voltou ao escritório e trancou a porta.

A tela ainda exibia a frase sobre autonomia. Ele fechou a apresentação e procurou por arquivos vinculados ao seu contrato. Um diretório chamado MODELAGEM trazia documentos técnicos que não tinham aparecido na busca inicial. Alguns estavam criptografados. Outros abriam em formato bruto, com campos truncados e tabelas extensas.

Daniel baixou uma cópia local e começou a mapear a estrutura.

O ATLAS recebia dados de fontes diversas, agrupava sinais de comportamento e construía perfis de resposta. Não se limitava a prever se alguém compraria um produto ou clicaria num anúncio. A arquitetura procurava momentos de decisão: aceitar ou recusar um trabalho, ligar para alguém, sair de casa, adiar uma tarefa, insistir numa discussão, responder a uma mensagem.

Cada escolha gerava bifurcações. O modelo não precisava percorrer todas as vidas possíveis; selecionava as que pareciam mais compatíveis com o perfil e atualizava as probabilidades conforme surgiam novos dados.

Era assim que as sete vidas funcionavam.

Elas eram cenários de maior aderência, não destinos.

Ele reconheceu o design de alguns painéis. A disposição dos filtros. A hierarquia visual. Um botão de confirmação com um atraso mínimo antes de ficar ativo, feito para obrigar o usuário a olhar uma última vez para a escolha. Daniel aproximou o rosto da tela.

Aquela interface tinha a sua mão.

Não inteira. Não sabia dizer até onde ia o que havia desenvolvido, quanto fora alterado depois, quem acrescentara os componentes mais obscuros. Ainda assim, reconhecia decisões suas. A curva discreta dos painéis. A maneira como os dados apareciam primeiro como blocos e depois se abriam em detalhes. Um sistema feito para não assustar de imediato.

Ele se lembrava de ter recebido um briefing sobre visualização de cenários pessoais. Lembrava de palavras como orientação, planejamento, clareza. Tinha desenhado telas para alguém enxergar o resultado de escolhas cotidianas sem se perder em gráficos. Na época, aquilo lhe parecera útil. Talvez até elegante.

O ATLAS usava essa mesma elegância para colocar uma pessoa diante de futuros que ela temia.

Daniel abriu um dos registros recentes. Desta vez, havia um campo preenchido em linguagem legível.

Objetivo de estímulo: elevação de urgência protetiva.

Canal preferencial: comunicação direta.

Resposta estimada: busca imediata por validação externa; aumento de monitoramento familiar; redução de cooperação.

Ele parou.

A redução de cooperação não era uma consequência acidental anotada por uma máquina. Era parte do cálculo.

O cursor piscava no fim da linha. Daniel leu de novo, depois procurou a identificação de quem criara aquele registro. Não havia nome. Apenas uma sequência alfanumérica e um nível de permissão: operador de pesquisa.

Pesquisa.

A palavra tinha a limpeza de um jaleco dobrado depois de um incêndio.

Ele pensou na mãe de Helena, na conversa estranha que tinham tido, nas perguntas que ela começara a fazer, na desconfiança crescente cada vez que ele omitira uma parte. O ATLAS previra que ele se

isolaria. Talvez dependesse disso. Quanto menos pessoas soubessem o que estava acontecendo, menos alguém teria condições de contradizer as interpretações dele.

Daniel abriu o telefone e procurou a conversa com ela. O último texto dela perguntava se Helena podia ficar mais uma noite, porque Daniel parecia cansado e agitado. Ele tinha respondido apenas: "Ela está bem comigo."

A frase agora lhe deu vergonha.

Digitou uma resposta. Apagou. Começou outra. Apagou também.

Se contasse tudo, ela acharia que estava delirando, ou pior: que estava usando uma história técnica para justificar seu comportamento. Se não contasse, continuaria fazendo exatamente o que aquele registro previa.

O telefone vibrou antes que ele escolhesse.

Mensagem dela.

"Você consegue me ligar quando Helena dormir?"

Daniel encarou as palavras. Não havia urgência explícita. Ainda assim, o relógio no canto da tela pareceu acelerar.

Ele não respondeu de imediato.

No monitor, o ATLAS mantinha aberta a tabela de probabilidades. Os dados de sua vida estavam ali, organizados em categorias que fingiam neutralidade. Finanças. Trabalho. Hábitos. Comunicação. Relações. Cada campo se ligava aos outros por linhas finas que ele podia ampliar, recolher, esconder.

Helena não aparecia como uma criança sentada na sala, desenhando uma casa. Aparecia como vínculo familiar de alta relevância afetiva. Fator de vulnerabilidade. Gatilho de urgência.

Daniel desligou o monitor principal. A tela escureceu, devolvendo apenas um reflexo incompleto dele no vidro.

No outro cômodo, Helena chamou seu nome.

Ele ficou um segundo com a mão sobre o botão, ouvindo-a chamar de novo.

CAPÍTULO 10

A Vida Sem Helena

Helena chamou de novo, desta vez da sala.

— Pai?

Daniel tirou a mão do botão do monitor.

O quarto que usava como escritório tinha acumulado a temperatura dos equipamentos ligados desde a madrugada. Havia cabos enrolados sob a mesa, copos com restos de café em alturas diferentes e a porta entreaberta para o corredor. Na sala, a televisão estava desligada. Helena devia ter cansado do desenho ou perdido o interesse no papel que trazia desde a escola.

— Já vou — ele respondeu.

A voz saiu mais alta do que pretendia.

Ele esperou uma reclamação, um "você sempre fala isso", qualquer frase que confirmasse o atraso que ela já aprendera a medir. Não veio nada. Só o ruído leve de lápis no papel.

Daniel olhou o telefone outra vez. A mensagem da mãe de Helena continuava aberta. "Você consegue me ligar quando Helena dormir?"

Podia responder agora. Podia escrever que tinha encontrado registros ligados ao ATLAS, que alguém tratava a vida dele como um experimento, que os arquivos mencionavam Helena por meio de termos que ele não conseguia esquecer. Vínculo familiar. Gatilho de urgência. Fator de vulnerabilidade.

Ela perguntaria que registros eram aqueles. Ele teria de explicar como entrara na conta dela, por que procurara dados que não lhe pertenciam, por que vinha rondando a escola nos horários em que Helena saía. A explicação inteira levaria de volta ao que ele preferia deixar de fora.

Guardou o telefone no bolso.

Antes de sair, tocou no botão do monitor. A tela acendeu sem transição. A tabela do ATLAS reapareceu, suas linhas pálidas atravessando o fundo escuro. Daniel fechou a aba dos registros de estímulo e abriu a pasta das sete vidas.

Os arquivos se alinhavam numa coluna.

VIDA_01

VIDA_02

VIDA_03

VIDA_04

VIDA_05

VIDA_06_CORROMPIDA

VIDA_07_NAO_ABRIR

Ele já tinha visto fragmentos demais para fingir que aquilo era uma coleção aleatória de perfis. Havia uma versão dele que ganhava dinheiro suficiente para nunca mais conferir saldo antes de comprar comida. Outra que abandonava computadores, clientes, notificações, tudo que lhe dava a sensação de estar permanentemente atrasado. Uma terminava antes de qualquer possibilidade de correção. A quinta deixava Helena fora de alcance, reduzida a uma ausência registrada em frases técnicas.

Faltava uma vida que ele vinha evitando desde que lera a lista de cenários.

Aquela em que nunca tivera filhos.

O cursor repousou sobre VIDA_03.

Daniel se disse que abriria apenas para entender o modelo. A estrutura dos dados, as variáveis usadas,

os pontos em que o sistema alterava as decisões iniciais. Se descobrisse a lógica, talvez encontrasse uma falha. Uma origem. O nome de alguém.

Clicou.

A tela escureceu por um instante. Depois surgiu uma linha horizontal de tempo, dividida por anos. Havia blocos de cor marcando trabalho, finanças, moradia, relacionamentos, saúde, deslocamentos. Ao lado, um painel trazia um retrato gerado a partir de fotografias dele: o rosto envelhecia em pequenos saltos conforme Daniel arrastava o marcador.

Na parte superior, uma frase:

CENÁRIO CONTRAFACTUAL: AUSÊNCIA DE FILIAÇÃO.

Ele sentiu o estômago apertar.

A formulação era seca. Ausência de filiação. O sistema conseguia transformar Helena, sua voz na sala, o jeito de deixar migalhas no sofá e esquecer uma meia dentro do tênis, numa condição removida para fins de cálculo.

Daniel aproximou a linha do tempo dos trinta e quatro anos.

Naquela versão, ele tinha aceitado um contrato em outra cidade. Não havia nome de empresa, só o tipo de serviço: desenvolvimento de interface para

plataforma de logística. O valor mensal era alto para os padrões que ele conhecia na época. Alto o bastante para encerrar as cobranças atrasadas, trocar o computador que travava quando ele abria programas de edição e pagar aluguel sem precisar escolher qual conta deixaria para o mês seguinte.

Ele lembrava daquele trabalho.

Ou lembrava da proposta. Um e-mail antigo, uma conversa por vídeo interrompida por falhas de conexão, uma planilha em que ele calculara quanto conseguiria guardar em dois anos. Tinha recusado porque Helena era pequena, porque a mãe dela não queria mudar, porque a relação dos dois já tinha rachado o suficiente sem que ele acrescentasse quilômetros.

O ATLAS exibiu uma sequência de indicadores.

Renda estável.

Adimplência mantida.

Produção profissional: alta.

Rede social: restrita.

Contatos familiares: baixa frequência.

Daniel passou os olhos pelos gráficos e abriu o primeiro evento expandido.

Aos trinta e cinco, aquela versão dele alugava um apartamento de dois quartos e transformava o segundo em escritório. O ambiente virtual apareceu em uma reconstrução simples: mesa limpa, duas telas iguais, cadeira ergonômica, prateleiras quase vazias. Havia um calendário sincronizado na parede e, na bancada, uma planta que permanecia viva por poucos meses antes de ser substituída por outra.

Ele soltou uma risada curta, sem humor.

A máquina achava que organização era uma vida arrumada. Bastava uma cadeira cara, uma mesa sem pilhas, recibos pagos no prazo. Daniel conhecia aqueles apartamentos de catálogo. Conhecia gente que tinha rotina, contratos e plantas no lugar. Isso não dizia nada sobre o que acontecia depois das dez da noite, quando o trabalho acabava e ninguém precisava dele.

A simulação parecia esperar que ele discordasse. À direita, um gráfico de bem-estar subjetivo subia nos primeiros anos e se mantinha numa faixa estável. Não havia nada ali sobre noites. Nenhuma métrica para o momento em que uma criança acordava pedindo água ou perguntando se as estrelas moravam dentro das nuvens. Nenhum campo para o peso de uma cabeça pequena encostada no braço enquanto ele tentava responder e-mails.

Ele fechou o painel.

Outro bloco chamava sua atenção: decisões não tomadas.

Daniel abriu.

A lista trazia pequenos desvios de rota. Em cada um, o sistema indicava uma escolha real, ou supostamente real, e a alternativa simulada.

TRINTA E QUATRO ANOS

Recusa de realocação profissional.

Contrafactual: aceitação.

TRINTA E SEIS ANOS

Redução de jornada para cuidado familiar.

Contrafactual: manutenção de agenda integral.

TRINTA E OITO ANOS

Cancelamento de viagem profissional.

Contrafactual: participação confirmada.

Aos trinta e oito, a simulação o mostrava num hotel de alguma capital que ele não identificava. A descrição registrava uma palestra sobre interfaces adaptativas. Ele falava para uma sala pequena. Depois, jantava sozinho e voltava para o quarto, onde revisava uma apresentação até a madrugada.

Daniel tentou lembrar qual viagem tinha cancelado.

Viu uma mochila aberta no chão. Uma passagem impressa. Helena com febre, menor do que era agora, grudada na mãe e chorando porque ele ia sair. Lembrou do desconforto diante do choro, da vontade covarde de dizer que era só por dois dias, que aquele trabalho importava, que ele precisava aceitar oportunidades quando elas apareciam porque oportunidades não voltavam.

Tinha ficado.

Na época, sentiu que perdera dinheiro e prestígio por uma criança que mal conseguia explicar onde doía. Mais tarde, transformara a escolha numa história melhor: tinha ficado porque era pai, porque sabia priorizar, porque não repetiria os homens que desaparecem dentro de um escritório e chamam aquilo de responsabilidade.

A tela mantinha a linha do tempo aberta.

Naquele cenário, ele aceitava a viagem. A agenda profissional se expandia. Projetos indicavam outros projetos. Clientes recomendavam seu nome. Havia números crescentes, notas altas, prazos cumpridos. Aos quarenta e um, tinha uma pequena equipe ter-

ceirizada, contratos recorrentes e uma reserva financeira que lhe permitiria recusar trabalhos ruins.

Daniel sentiu inveja antes de conseguir impedir.

Era uma vida possível. A máquina não precisava distorcer muito para construí-la. Só tinha de retirar Helena da equação e dar continuidade àquilo que ele fazia melhor quando ninguém dependia dele: mergulhar, resolver, produzir até o corpo acusar cansaço. Sem atrasos de escola, sem mochila esquecida, sem conversa interrompida por uma pergunta que não tinha resposta rápida.

Ele levou a mão ao mouse, pronto para fechar o arquivo.

Então viu uma janela menor, quase escondida no rodapé.

Registro comportamental: finais de semana.

Abriu.

O cenário trouxe uma série de imagens estáticas, uma por ano. Daniel reconheceu o rosto gerado, ainda que o homem tivesse uma barba mais bem cuidada e roupas que pareciam escolhidas antes de serem vestidas. Num sábado, estava sentado num café com um notebook aberto e um copo de água intocado. Em outro, caminhava por uma rua comercial, sacola de loja numa mão, telefone na outra. Havia uma foto

de uma mesa de restaurante para uma pessoa. Outra de um aeroporto.

O programa classificava aquelas ocorrências sob o rótulo de autonomia preservada.

Daniel aproximou a imagem do café.

O homem da tela sorria para ninguém. Ou não sorria; o algoritmo tinha deixado a boca num meio-termo que fingia descanso. Atrás dele, uma criança passava correndo entre cadeiras, puxada pela mão de um adulto. O rosto da criança estava borrado, talvez por não fazer parte do conjunto de dados, talvez porque o programa não tivesse interesse nela.

Ele desviou os olhos.

Na sala, Helena começou a cantarolar alguma coisa. Sem letra reconhecível, só uma melodia que subia e caía conforme ela desenhava. Daniel sabia que deveria ir até lá. Sabia com a clareza irritante de quem vê uma coisa simples e escolhe ficar parado.

A simulação avançou sozinha para outro ano.

QUARENTA E TRÊS ANOS.

A idade atual.

No cenário sem filhos, Daniel vivia num apartamento maior, perto de uma estação de metrô. Tinha

encerrado o contrato de locação anterior e comprado um imóvel pequeno. A descrição informava que aquele movimento diminuía a ansiedade financeira e aumentava a sensação de competência pessoal.

Competência pessoal.

Ele clicou no relatório detalhado.

A tela carregou um perfil resumido.

DANIEL VILAR — PERFIL PROJETADO

Capacidade de execução: elevada.

Estabilidade econômica: moderada a alta.

Risco de isolamento social: progressivo.

Índice de satisfação declarada: estável.

Indicadores de vínculo afetivo continuado: reduzidos.

Abaixo, havia uma transcrição. Não era áudio. Parecia ter sido montada a partir de postagens, mensagens, respostas a formulários e padrões de linguagem. A máquina simulava uma troca com alguém que ele não conhecia.

"Você está bem?"

"Estou. Só ocupado."

A pergunta aparecia de novo em outra data.

"Você anda sumido."

"Semana difícil. Depois a gente marca."

Em seguida:

"Você queria ter tido filhos?"

Uma pausa calculada, indicada entre colchetes.

"Não sei. Minha vida tomou outro rumo."

Daniel fechou a janela com força. O clique do mouse pareceu alto no quarto.

A resposta o irritava porque era plausível. Não por ser a verdade daquele homem inexistente, mas porque podia ser a dele. Quantas vezes tinha dito que estava ocupado, que marcaria depois, que a semana tinha sido difícil? Quantas vezes o trabalho servira de justificativa elegante para uma incapacidade mais simples: ficar ali, sem fazer nada produtivo, enquanto Helena queria mostrar um desenho ou contar uma história cheia de detalhes que ele não conseguia acompanhar?

O ATLAS não precisava adivinhar seu remorso. Ele deixara rastros suficientes dele.

Nos horários em que respondia menos às mensagens de Helena. Nos dias em que aceitava trabalhos urgentes quando ela estava com ele. Nas buscas que fazia de madrugada por "como organizar rotina com criança sem perder produtividade", "como compen-

sar ausência paterna", "brincadeiras rápidas para fazer depois do trabalho".

Ele nunca escrevera a frase inteira, mas ela estava espalhada em tudo: eu queria que sobrasse tempo sem ter de abrir mão de nada.

Uma notificação surgiu no canto da tela.

Comparação disponível: cenário atual versus cenário contrafactual.

Daniel ficou olhando para ela.

O programa oferecia aquilo como quem oferece uma ferramenta de design. Compare versões. Descubra em que ponto uma escolha alterou o resultado. Ajuste a rota. Otimize a experiência.

Ele clicou.

Duas colunas se abriram.

À esquerda, a vida registrada. À direita, a vida sem Helena.

Na coluna dele, havia atrasos, renda irregular, trabalhos interrompidos, gastos inesperados. Também havia blocos menores vinculados a Helena: apresentação escolar, consulta médica, férias curtas, aniversários, mensagens trocadas em horários em que ele deveria estar trabalhando.

A máquina coloria os blocos de modo distinto. Os profissionais em azul. Os financeiros em amarelo. Os familiares em vermelho.

Daniel percorreu a linha até o presente.

Na vida sem filhos, o vermelho quase não aparecia. Algumas relações breves, visitas esporádicas à família, aniversários de conhecidos. O resto era uma superfície contínua de trabalho e deslocamento.

Na vida com Helena, os blocos vermelhos interrompiam tudo.

Cortavam dias inteiros. Alteravam horários. Criavam lacunas onde deveriam estar entregas, reuniões, cobranças respondidas, propostas enviadas. Durante anos, ele tratara aquilo como o preço que nunca conseguia calcular direito. Um projeto recusado, uma tarde perdida, uma noite acordado depois que ela dormia para recuperar o que não fizera.

O sistema sublinhou uma correlação.

PRESENÇA PARENTAL INTERMITENTE ASSOCIADA A:

culpa recorrente;

compensação por hiperfoco profissional;

disponibilidade protetiva reativa.

Daniel leu até o fim.

Disponibilidade protetiva reativa.

A expressão tinha a forma de uma acusação feita por alguém que conhecia todos os fatos e nenhuma das circunstâncias. Ele quis responder à tela que a vida não se organizava daquele jeito. Que havia semanas em que ele precisava trabalhar para pagar coisas que Helena também precisava. Que ser pai não apagava as contas. Que a mãe dela tomara decisões, que ele não era o único responsável por cada distância, cada troca de dia, cada plano cancelado.

Mas a irritação encontrou uma lembrança antes de virar argumento.

Helena, menor, sentada no tapete da sala com um brinquedo desmontado no colo. Ele tinha prometido consertar. Ela esperara até o começo da noite. Depois levou as peças para o quarto sem reclamar.

Ele consertara o brinquedo dois dias depois, perto da meia-noite, quando já não havia ninguém para mostrar como funcionava.

Daniel apoiou os cotovelos na mesa.

O arquivo não revelava apenas uma vida sem Helena. Mostrava a vida em que ele teria usado cada capacidade que possuía para tornar a própria existência funcional — e, ainda assim, teria sobrado al-

guém que respondia "estou ocupado" até a pergunta deixar de ser feita.

A crueldade do ATLAS estava em transformar aquilo em alternativa. Como se Helena tivesse sido uma variável que custava produtividade. Como se pudesse medir o que seria perdido ao removê-la e apresentar o resultado em gráficos limpos.

Na sala, a cadeira arrastou no chão.

Daniel se levantou.

— Helena?

Ela apareceu na porta antes que ele saísse. Trazia o caderno aberto contra o peito. O cabelo estava preso de qualquer jeito, com uma mecha escapando sobre a testa. Havia um desenho novo na página: a casa de sete portas, agora com uma figura pequena diante dela.

— Você viu?

Ele demorou um instante para entender que ela falava do desenho.

— Ainda não.

— Eu chamei você.

— Eu ouvi. Desculpa. Eu estava trabalhando.

Helena olhou para o monitor aceso atrás dele.

— De novo naquela coisa?

Daniel fechou a porta do escritório com o pé, sem desligar a tela.

— É uma coisa que eu preciso entender.

— É por causa do homem?

Ele sentiu a pergunta atravessá-lo com a mesma precisão de uma linha desenhada sobre o mapa.

— Que homem?

Helena apertou a borda do caderno.

— O que parece com você.

Daniel quase perguntou onde ela o tinha visto. Quase puxou uma cadeira, pediu que ela descrevesse o rosto, a roupa, a voz, a direção em que foi embora. A pergunta já vinha pronta, acompanhada de outras: se ele estava sozinho, se falou com ela, se alguém tirou foto, se ela contara para mais alguém.

Helena esperava.

Daniel viu a boca dela fechada, o corpo inclinado um pouco para trás, como se previsse a enxurrada. Talvez já tivesse aprendido a preparar respostas para ele. Talvez ele tivesse ensinado aquilo sem perceber.

— É por causa de você também — disse.

Ela franziu a testa.

— Eu fiz alguma coisa?

— Não. Não fez.

— Então por que é por minha causa?

Ele procurou uma resposta que não fosse mentira e não despejasse sobre ela um medo que não era dela.

— Porque eu estou tentando garantir que você fique segura.

Helena baixou os olhos para o caderno.

— Eu já estou em casa.

A frase cabia inteira na sala estreita, entre os dois. Daniel queria dizer que casa não bastava, que portas fechadas não bastavam, que havia pessoas e sistemas e informações circulando por lugares onde ninguém via. Queria explicar que segurança não era um ponto fixo, era uma sequência de probabilidades ruins que ele precisava reduzir antes que se alinhassem.

Em vez disso, puxou uma cadeira da mesa de jantar.

— Me mostra o desenho.

Ela não se mexeu logo. Depois atravessou a sala e sentou em frente a ele, sem largar o caderno. Daniel se acomodou do outro lado.

A casa ocupava quase toda a folha. Sete portas coloridas na fachada. Acima do telhado, Helena tinha desenhado nuvens cinzentas e um sol pequeno, cortado pela margem do papel. A figura diante da casa usava uma camisa azul.

— Quem é? — Daniel perguntou.

— Ninguém.

— Você desenhou alguém.

— É uma pessoa.

Ele esperou.

Helena apontou para a porta do meio.

— Essa abre sozinha.

— E as outras?

— Tem que escolher.

Daniel passou o dedo perto do desenho, sem tocar.

— E essa pessoa vai entrar?

Ela deu de ombros.

— Ela está olhando primeiro.

A resposta foi simples, infantil e insuportavelmente próxima do que ele não conseguia fazer. Olhar primeiro. Perguntar. Aceitar que não havia

como abrir todas as portas para verificar o que existia atrás delas.

O telefone vibrou no bolso.

A mensagem da mãe de Helena aparecia na tela bloqueada.

"Vou ligar em quinze minutos. Por favor, atende."

Ele guardou o aparelho de novo.

Helena já tinha virado uma página do caderno e começava outro desenho. Daniel observou o lápis se mover com segurança, criando uma linha que ele não conseguia prever antes de ela terminar.

Atrás da porta fechada do escritório, o ATLAS continuava ligado.

O arquivo da vida sem Helena permanecia aberto, com seus quadros azuis, seus índices estáveis, sua existência limpa de atrasos e presenças. Daniel pensou naquele homem de quarenta e três anos, num apartamento organizado, respondendo a ninguém. Pensou na facilidade com que uma vida podia parecer bem-sucedida quando não havia alguém pequeno exigindo que ele largasse tudo e estivesse ali.

Depois pensou na outra possibilidade, a que o sistema não tinha mostrado porque ainda dependia das escolhas dele: uma linha de tempo em que Helena

deixava de existir de um jeito muito mais brutal do que uma ausência calculada.

A mãe dela ligaria. Ele teria de atender. Precisaria dizer alguma coisa.

Mas primeiro voltaria ao computador.

Não para aceitar o que o ATLAS lhe mostrava. Para encontrar a parte que ainda não vira, a variável escondida, o ponto exato onde uma ameaça contra Helena podia ser desmontada antes de acontecer.

CAPÍTULO 11

Notícia Repetida

A mãe de Helena ligou de novo antes que Daniel chegasse ao escritório.

Ele ficou parado no corredor, com a mão na maçaneta, vendo o telefone vibrar na palma. O nome dela acendia e apagava sobre a tela. Do outro lado da sala, Helena desenhava de barriga no tapete, os pés cruzados no ar.

Atendeu no último toque.

— Oi.

— Você leu as mensagens?

— Li.

— E resolveu ignorar?

Daniel fechou a porta do escritório sem fazer barulho.

— Eu estava com a Helena.

— Eu sei que ela está com você. É por isso que estou ligando.

Havia uma pausa curta entre as frases dela, o tipo de pausa que ele aprendera a preencher sozinho. Naquela noite, tentou não fazer isso.

— Ela me contou do homem — disse.

— Que homem?

Daniel olhou para a tela apagada do computador, onde seu reflexo aparecia partido pelas janelas sobrepostas.

— O homem que mostrou o desenho da casa.

— Daniel.

A maneira como ela pronunciava seu nome carregava cansaço antes de qualquer acusação.

— Ela disse que viu alguém parecido comigo.

— Ela disse que viu um homem de camisa azul perto do portão da escola. Eu estava lá quando ela falou. Você estava perguntando tantas vezes que ela começou a procurar detalhes para te responder.

Ele apertou o telefone contra a orelha.

— Ela não inventou isso.

— Eu não disse que inventou. Disse que ela tem oito anos e que você está assustando ela.

Na sala, Helena pediu uma borracha. Daniel a ouviu arrastar o corpo até a mochila, abrir o zíper, derrubar alguma coisa pequena no chão.

— Eu estou tentando evitar que aconteça alguma coisa.

— Então fala comigo. Antes de decidir tudo.

Ele quase respondeu que não havia tempo para conversas cuidadosas, que cada minuto gasto explicando o óbvio era um minuto cedido a quem mandava aquelas mensagens. A tela do computador acendeu atrás dele, retomando o sistema. Um aviso do navegador surgiu no canto.

NOTÍCIA: FALHA EM SINALIZAÇÃO CAUSA INTERDIÇÃO PARCIAL NA AVENIDA NORTE.

Daniel leu a linha sem querer. A reportagem não dizia nada sobre a avenida que ele usara no terceiro dia, nada sobre o cruzamento onde o carro tinha batido depois que ele tentou cortar caminho. Mesmo assim, a palavra sinalização ficou presa.

— Daniel? — a mãe de Helena chamou.

— Estou aqui.

— Você vai trazê-la amanhã no horário combinado?

— Vou.

— Sem aparecer na escola antes. Sem ir falar com ninguém. Sem mudar o trajeto sem me avisar.

Cada condição veio como um trinco fechado diante dele.

— Certo.

— Certo mesmo?

— Certo.

Desligou antes que a conversa abrisse espaço para perguntas que ele não conseguiria responder sem revelar tudo ou mentir de um jeito mais elaborado.

Helena apareceu à porta com a borracha numa mão e o caderno na outra.

— A mãe ligou?

— Ligou.

— Ela está brava?

Daniel olhou para a mancha azul na capa do caderno, uma casa torta impressa pelo desenho anterior.

— Ela está preocupada.

Helena aceitou a resposta com um movimento de cabeça, mas não voltou para a sala.

— Você também está?

— Estou.

— Então por que você fica indo embora?

A pergunta demorou a encontrar lugar dentro dele. Daniel poderia dizer que estava no quarto ao lado. Poderia explicar que trabalhava, que precisava procurar uma coisa, que adultos não conseguiam resolver problemas sentados no chão com lápis de cor. Nada disso sobreviveria à expressão dela.

— Eu volto já — disse, e ouviu a pobreza da frase no instante em que falou.

Helena desviou o olhar.

— Você sempre fala isso.

Ela saiu antes que ele respondesse.

Daniel fechou a porta. No monitor, a notícia continuava no canto inferior direito. Ele clicou no X, abriu a pasta do ATLAS e deixou os arquivos carregarem.

O sistema não parecia um sistema. Era uma sequência de telas incompletas, planilhas sem cabeçalho, protótipos que ele reconhecia pelo desenho das bordas e pela forma como os campos se expandiam quando havia informação demais. O trabalho era dele. Não inteiro, talvez; não daquela versão. Mas a lógica visual tinha seu vício: dados comprimidos até parecerem simples, escolhas apresentadas

como caminhos limpos, cores suaves para coisas que exigiam desconfiança.

Na lateral, havia uma aba nova.

CONTEXTO EXTERNO.

Daniel não lembrava de tê-la aberto.

Clicou.

O navegador mostrou uma grade de cartões: manchetes, variações de preço, previsões do tempo, horários de trânsito, registros de compra, notificações arquivadas. Alguns vinham marcados com uma faixa cinza: exposição confirmada. Outros, em amarelo: provável contato indireto.

No alto da página, uma linha calculava alguma coisa.

SUJEITO: D. VILAR

JANELA DE DECISÃO: 48H

PONTOS DE PRESSÃO ATIVOS: 4

Ele aproximou o rosto da tela.

A primeira notícia era a da Avenida Norte.

A segunda tinha sido publicada por um portal local na tarde anterior: Prefeitura anuncia revisão emergencial de contratos para plataformas de mobilidade escolar. Daniel não se lembrava de ter lido,

mas reconheceu a imagem de capa. Um ônibus amarelo parado sob chuva, um cone tombado na sarjeta.

A terceira era de uma semana antes: Empresa de logística educacional busca consultoria para adequação de interface após atualização de acessibilidade.

Ele abriu o cartão.

A página não carregou. Em vez dela, surgiu um bloco de texto com links e dados de navegação. Havia uma referência a um fórum antigo de designers, uma discussão sobre mapas de rota para escolas e, no meio, um nome que Daniel conhecia.

Augusto.

O nome demorou um segundo a puxar o rosto. Augusto, do projeto antigo. Não amigo. Ninguém naquele trabalho fora amigo de ninguém. Ele se lembrava de um homem que ficava até tarde no laboratório emprestado, corrigindo textos de botão porque dizia que os usuários liam "cancelar" como ameaça. Um dos poucos que discutia interface com Daniel sem transformar tudo em disputa de território.

Ao lado do nome havia uma empresa atual, um endereço corporativo e uma anotação curta.

POSSÍVEL CANAL DE RECUPERAÇÃO: DOCUMENTAÇÃO LEGADA.

Daniel abriu o e-mail. Não havia mensagem pronta, nenhuma confirmação de que Augusto ainda trabalhava no mesmo lugar ou que se lembraria dele. Havia apenas um padrão. A notícia repetida, a vaga de acessibilidade, o antigo fórum, o nome jogado no meio de uma tela que não devia estar no computador dele.

Ele fechou a aba.

Abriu uma pesquisa comum, fora do ATLAS. Digitou o nome da empresa. O primeiro resultado era uma página institucional. O segundo, uma reportagem sobre a revisão de contratos municipais. A mesma foto do ônibus amarelo apareceu de novo, recortada de outro ângulo.

Daniel afastou as mãos do teclado.

Aquilo não provava que alguém controlava o que ele via. Notícias sobre contratos públicos eram notícias. Empresas mudavam de fornecedor. Pessoas trocavam de emprego. A cidade tinha ônibus, escolas, acidentes, filas, gente fazendo coisas sem obedecer a um roteiro para enlouquecê-lo.

Mas o ATLAS sabia que ele olharia duas vezes para uma interface ruim. Sabia que ele tinha trabalhado em mapas escolares. Sabia que o nome de

Augusto bastava para transformar uma manchete genérica numa porta entreaberta.

A notificação do celular tocou sobre a mesa.

Era uma matéria recomendada por um aplicativo que ele nem lembrava de abrir havia meses.

Plataforma escolar suspende atualização após reclamações de famílias.

A imagem era outra, mas o assunto tinha voltado.

Ele abriu a reportagem. No terceiro parágrafo, a empresa contratada para a revisão aparecia pelo nome. A mesma de Augusto.

Daniel procurou o número do setor de produto, ligou e ouviu a gravação automática durante quarenta segundos. Quando uma voz atendeu, ele pediu por Augusto.

— Ele não atende ligação externa — disse a mulher. — Posso anotar?

— Diz que é Daniel Vilar. Do ATLAS.

O nome do projeto saiu antes que ele decidisse usá-lo.

A mulher ficou em silêncio por tempo suficiente para Daniel imaginar que ela tinha coberto o microfone com a mão.

— Um momento.

A música voltou. Daniel passou a unha na borda descascada da mesa. Pela porta fechada, Helena cantarolava baixo. Um desenho animado tinha começado na televisão.

— Daniel? — A voz masculina entrou seca na linha.

— Augusto.

— Quem passou esse nome para você?

— Eu achei seu nome num material antigo.

— Que material?

Daniel olhou para a pasta aberta no monitor. As letras ATLAS estavam escondidas atrás de uma janela, grandes demais para ignorar.

— Um trabalho que a gente fez anos atrás.

Augusto não respondeu.

— Eu preciso saber onde estão os arquivos de documentação do ATLAS — Daniel continuou. — Os de interface, os relatórios de teste, qualquer coisa que sobrou.

— Não existe documentação do ATLAS.

— Eu sei que existe.

— Você sabe porque alguém quer que você ache que existe?

Daniel se endireitou na cadeira.

— Você também recebeu alguma coisa?

Do outro lado, ouviu-se um ruído de passos, depois uma porta fechando.

— Eu não falei isso.

— Augusto, tem uma ameaça envolvendo minha filha.

A palavra filha não amoleceu a voz dele.

— Então para de falar comigo por telefone.

A ligação caiu.

Daniel ficou com o aparelho na mão. Havia uma resposta possível para qualquer recusa: insistir, encontrar outro número, procurar endereço, montar uma rota, achar o ponto fraco. Seu pensamento já começava a abrir caminhos quando o e-mail profissional entrou com um aviso no topo da tela.

Assunto: revisão final / prazo.

Daniel conhecia o remetente pela cobrança atrasada e pelo projeto que vinha se arrastando havia semanas. Era um cliente de uma pequena empresa de educação digital. Tinha contratado Daniel para redesenhar uma ferramenta de gestão de atividades escolares e, desde então, revisava cada tela como se estivesse testando a resistência do material.

A mensagem dizia que o pagamento restante seria liberado "quando todas as pendências fossem resolvidas".

Daniel abriu a conversa e viu o histórico inteiro: pedidos fora do escopo, alterações devolvidas depois de aprovadas, planilhas sem contexto, áudios enviados à noite. A última versão do produto estava pronta havia quatro dias. O pagamento cobriria aluguel, uma cobrança do cartão e o deslocamento que ele talvez precisasse fazer para encontrar Augusto.

No ATLAS, uma aba piscou.

Ele não queria clicar. Clicou.

O perfil do cliente estava ali.

Daniel sentiu uma irritação tão limpa que por alguns segundos ela pareceu alívio. O sistema não tinha apenas guardado informações sobre ele. Tinha atravessado suas contas, seus contatos, as pessoas que entravam no raio de seus problemas. Havia uma linha do tempo de interações, registros de e-mail, horários prováveis de resposta. Um conjunto de campos à direita trazia dados que não deviam estar disponíveis: atrasos recorrentes em pagamentos a fornecedores, uma renegociação bancária recente, menções a uma apresentação marcada para aquela tarde.

Abaixo, uma sugestão:

OBJETIVO POSSÍVEL: LIBERAÇÃO DE RECURSO

ABORDAGEM DE MAIOR ADESÃO: RISCO REPUTACIONAL / URGÊNCIA DE ENTREGA

MARGEM ESTIMADA: 0,73

Daniel encarou o número.

Era isso, então. Uma probabilidade vestida de instrução. Um botão colocado no ponto onde alguém mais provavelmente apertaria.

Ele poderia escrever uma cobrança comum. Poderia informar que o trabalho estava concluído e esperar. O cliente talvez pagasse. Talvez devolvesse outra lista de mudanças. Talvez sumisse até a próxima semana, enquanto Daniel continuava sem acesso ao que precisava e o relógio da mensagem inicial seguia correndo.

Abriu uma nova resposta.

Escreveu duas linhas formais. Apagou.

Voltou ao perfil. A apresentação daquela tarde aparecia em um calendário extraído de alguma conta conectada: demonstração para uma rede de escolas interessada em contratar a plataforma. Havia ainda um trecho de e-mail, recortado sem contexto completo, em que o cliente assegurava que a nova

interface seria entregue com melhorias de acessibilidade e estabilidade.

Daniel tinha a versão final. O cliente ainda não tinha pago. E a equipe daquela empresa dependia dele para não chegar à reunião com uma tela antiga, cheia de erros que Daniel já tinha corrigido.

Ele digitou:

A versão aprovada está pronta, mas o acesso de publicação e os arquivos finais continuam retidos até a regularização do saldo. Vi que vocês têm demonstração hoje; se a intenção é apresentar a atualização de acessibilidade, preciso da confirmação de pagamento até 13h para liberar o pacote e acompanhar a publicação.

Leu a mensagem.

"Vi que vocês têm demonstração hoje." Aquilo era uma ameaça quase educada. Daniel poderia tirar a frase. Sem ela, o cliente talvez entendesse a urgência do mesmo jeito.

Não tirou.

Acrescentou o valor, anexou a fatura e enviou.

A sensação imediata não era culpa. Era precisão. Ele conhecia aquela sensação: o encaixe de uma peça quando o sistema finalmente obedecia. Um

problema tinha uma alavanca. Ele tinha encontrado a alavanca certa.

Pouco depois, o cliente respondeu.

Você está usando informação interna para me pressionar?

Daniel leu a frase duas vezes. Os dedos ficaram imóveis sobre o teclado.

Poderia negar. Poderia dizer que a demonstração estava no calendário compartilhado, que alguém tinha comentado, que a notícia aparecera em algum lugar. Nenhuma dessas respostas seria inteira.

Escreveu:

Estou usando o prazo que você mesmo estabeleceu para pedir o pagamento de um trabalho concluído.

A resposta demorou sete minutos.

Depois chegou o comprovante.

O dinheiro entrou na conta de Daniel com um aviso seco do banco. Ele conferiu o valor, depois abriu a página da empresa de Augusto e encontrou o endereço do escritório. Ficava do outro lado da cidade. Ainda dava tempo de sair, atravessar o trânsito e tentar falar com alguém pessoalmente antes do fim do expediente.

Na tela do ATLAS, a linha cinza se atualizou.

RECURSO OBTIDO.

Daniel fechou a janela com força. O monitor escureceu por um instante e devolveu a imagem dele sentado na cadeira, a sala estreita atrás, a porta fechada, os fios enrolados ao pé da mesa.

Do lado de fora, Helena bateu duas vezes.

— Pai?

Ele virou.

— Oi.

— Você vai trabalhar fora?

A pergunta vinha sem acusação, mas ele ouviu nela a frase que ela havia dito minutos antes: você sempre fala isso.

Daniel olhou para o relógio no canto da tela. O endereço de Augusto. A conta com o pagamento recebido. A pasta do ATLAS escondida sob outras janelas. Tudo parecia exigir movimento.

— Vou resolver uma coisa.

Helena abriu a porta só o bastante para mostrar metade do rosto.

— Agora?

— Agora.

Ela segurava um lápis amarelo entre os dedos.

— Você vai voltar já?

Daniel se levantou. O casaco estava pendurado na cadeira, amassado desde a manhã. Pegou as chaves, guardou o celular no bolso e sentiu o peso de cada objeto como se eles fossem a prova física de que havia escolhido sair.

— Vou — disse.

Helena baixou os olhos para o lápis. Daniel passou por ela rumo à sala, onde o caderno permanecia aberto sobre o tapete.

Na folha nova, havia uma estrada feita de traços amarelos. No fim dela, uma casa pequena, sem portas desenhadas.

CAPÍTULO 12

Augusto

O endereço levava a uma rua comercial que terminava antes do viaduto, espremida entre uma oficina de escapamentos e um depósito de embalagens. Daniel passou duas vezes pela fachada sem reconhecer o número. Procurava uma placa, uma empresa, alguma marca de permanência. Encontrou uma porta de aço cinza, uma campainha rachada e, acima dela, uma etiqueta de plástico desbotada:

CONSULTORIA TÉCNICA

A palavra consultoria lhe pareceu excessiva para aquele lugar. Havia uma caixa de correspondência amassada, folhetos presos na grade lateral e um copo descartável com bitucas no degrau. A janela do segundo andar estava fechada, embora o calor tivesse deixado a rua com cheiro de borracha e poeira.

Daniel apertou a campainha.

Esperou.

Apertou outra vez, mantendo o dedo por tempo demais. Ouviu o som metálico dentro do prédio, depois um arrastar de passos. A porta abriu apenas uma fresta, contida por uma corrente.

O homem do outro lado tinha cabelos brancos cortados rente, rosto comprido e uma mancha avermelhada perto da mandíbula. Usava uma camisa azul de mangas dobradas e olhou primeiro para o peito de Daniel, depois para suas mãos.

— Augusto?

— Quem quer saber?

Daniel mostrou o celular, como se o aparelho pudesse funcionar como identificação.

— Daniel Vilar.

O homem não reagiu de imediato. A mão continuou presa à porta. Só os olhos mudaram de lugar, subindo até o rosto dele.

— Não conheço.

— Nós dois trabalhamos no mesmo projeto.

Augusto começou a fechar a porta.

Daniel segurou a borda antes que a corrente esticasse.

— No ATLAS.

A fresta ficou imóvel.

Por um momento, Daniel pensou que ele soltaria a porta e chamaria alguém, ou que haveria uma câmera acima do batente registrando cada gesto. Nada aconteceu. A rua recebeu o barulho de um caminhão atravessando o viaduto. Um entregador empurrou uma bicicleta carregada de caixas pela calçada oposta sem olhar para eles.

Augusto abriu a porta o suficiente para a corrente bater na madeira.

— Tire a mão daí.

Daniel tirou.

— Eu preciso falar com você.

— Precisa falar com um advogado.

— Eu encontrei arquivos com meu nome. Meu e-mail foi usado. Tem alguém me mandando previsões sobre a minha filha.

A palavra filha saiu depressressa. Augusto desviou o olhar, mas não abriu a porta.

— Então fale com a polícia.

— A polícia não vai entender.

— Nem eu.

— Você participou.

— E você também, pelo jeito.

A porta fechou.

Daniel ficou diante do metal por alguns segundos, ouvindo o trinco girar do outro lado. Bateu com os nós dos dedos.

— Augusto.

Silêncio.

— Eu sei que você perdeu dinheiro depois de sair do projeto. Sei que houve uma ação trabalhista que não foi adiante. Sei que você mudou de endereço três vezes em menos de um ano.

A porta continuou fechada.

Ele sabia porque o sistema lhe entregara aquelas linhas numa janela lateral, ao procurar o nome de Augusto. Não eram documentos completos, nem provas limpas. Eram recortes: processos, endereços, vínculos de trabalho, datas sobrepostas por uma camada de probabilidade. Daniel tinha passado a viagem inteira dizendo a si mesmo que não usaria aquilo. Dizia isso agora, tarde demais, com a boca seca diante da porta.

— Também sei que você recebe uma encomenda toda quinta-feira, às quatro e meia. Material para consertar equipamento antigo. Uma caixa vem da Rua do Gasômetro, com peças usadas.

O trinco parou.

Daniel sentiu o próprio corpo se inclinar para a porta.

— Eu não quero prejudicar você.

A frase se formou com a facilidade de uma desculpa já pronta.

— Só quero entender o que fizeram comigo.

A corrente arrastou. A porta abriu até metade.

Augusto não fez gesto para que ele entrasse.

— Você não sabe o que fizeram com você — disse. — Sabe o que está fazendo agora.

Daniel olhou para dentro. Um corredor estreito levava a uma escada. Havia caixas empilhadas contra a parede, uma prancheta pendurada por um barbante, uma lâmpada apagada no teto.

— Eu vim pedir ajuda.

— Você veio dizer que consegue chegar até mim.

— Eu precisava que você abrisse a porta.

— E abriu.

A voz de Augusto não subiu. Era isso que tornava a resposta pior.

Daniel poderia ter ido embora então. Teria sido possível dizer que ultrapassara um limite, que che-

gara ali sob pressão, que a ameaça a Helena alterava qualquer cálculo. A imagem dela com o lápis amarelo retornou sem aviso: o rosto pela metade na porta do quarto, a pergunta simples, você vai voltar já?

Ele entrou quando Augusto se afastou.

O interior do prédio era menor do que a fachada sugeria. No térreo, uma sala tinha sido transformada em oficina. Havia monitores antigos sobre uma bancada, gabinetes abertos, cabos enrolados em ganchos e peças identificadas por etiquetas escritas à mão. Daniel reconheceu placas de rede, fontes de alimentação, controles industriais de décadas diferentes. Num canto, três rádios desmontados ocupavam uma mesa coberta por jornal.

Augusto fechou a porta atrás dele e apontou para uma cadeira de plástico.

— Cinco minutos.

Daniel não se sentou.

— Você trabalhou no ATLAS em que área?

— Seus cinco minutos já começaram.

— Meu nome aparece como participante. Eu encontrei um contrato antigo. Também encontrei sete arquivos que simulam vidas minhas.

Augusto ficou parado junto à bancada. De perto, Daniel viu uma cicatriz fina atravessando o dorso da mão esquerda dele.

— Sete?

— Sete versões. Em uma delas eu não tenho filha. Em outra, ela desaparece.

A reação foi pequena. Augusto passou o polegar pela cicatriz.

— Você abriu todos?

— Alguns.

— Então fez exatamente o que mandaram você não fazer.

— Você também recebeu uma pasta?

— Não estou conversando sobre isso.

— Por quê?

— Porque conversar é como começa.

Daniel engoliu a resposta que veio primeiro. Queria perguntar o que Augusto perdera, quem o tinha convencido, quanto tempo aquilo durara. As perguntas se atropelavam e, por baixo delas, havia uma única necessidade menos apresentável: saber se Helena corria perigo porque alguém tinha dados suficientes para desenhar o caminho dela.

No monitor mais próximo, uma tela preta refletia os dois de maneira irregular. Daniel se viu de perfil, ombros duros, a mochila ainda pendurada num lado do corpo.

— Eu recebi um e-mail do meu endereço — disse. — Às três e dezessete da manhã. Dizia que eu tinha dezenove dias para impedir a morte da Helena.

Augusto ergueu os olhos.

— Quantos faltam?

Daniel hesitou. A pergunta não vinha com compaixão. Soava como alguém conferindo uma medida.

— Oito.

Augusto soltou um ar curto pelo nariz.

— E desde então você está obedecendo.

— Eu não estou obedecendo.

— Veio até aqui com dados que não devia ter usado.

Daniel sentiu calor no rosto.

— Porque você não abriu a porta.

— Porque eu não quero abrir essa porta.

— Minha filha tem oito anos.

— Eu ouvi.

— Você acha que eu devia ficar em casa esperando?

— Eu acho que você devia parar de confundir urgência com licença.

A frase atingiu Daniel com uma precisão que lhe pareceu calculada. Talvez Augusto tivesse sido treinado para isso. Talvez o ATLAS usasse homens como ele para dizer as coisas certas no momento em que uma pessoa estava mais vulnerável. Daniel observou as mãos dele, a posição dos pés, a distância da bancada. Procurou sinais de encenação e encontrou apenas cansaço.

— Você sabe de alguma coisa sobre Helena?

— Não.

— Sabe quem mandou as mensagens?

— Não.

— Então por que fica falando como se soubesse o que eu estou fazendo?

Augusto puxou a cadeira da bancada e sentou-se. Não havia convite no gesto.

— Porque eu sei o que você está fazendo. Não preciso saber o nome da menina para isso.

Daniel permaneceu em pé.

— Você não sabe nada sobre mim.

— Sei que apareceu aqui pronto para me ameaçar com uma caixa de componentes e uma entrega de quinta-feira. Sei que se chama de pai preocupado para não chamar isso pelo nome.

— Eu não ameacei você.

— O que você chamou de "precisar que eu abrisse a porta"?

Daniel abriu a boca, mas não respondeu.

Do lado de fora, um ônibus freou perto do cruzamento. O som atravessou a parede e fez vibrar algo metálico sobre a prateleira. Augusto levantou-se de novo, foi até uma cafeteira pequena no fundo da sala e despejou o resto de café num copo de vidro. Bebeu sem oferecer.

Daniel tentou reorganizar a conversa.

— O ATLAS tem acesso a dados de comportamento. Históricos, mensagens, contas. Eu sei disso. Eu vi o sistema identificar decisões minhas antes que eu tomasse.

— Você viu uma interface afirmar isso.

— Ele previu acontecimentos.

— Ele mostrou acontecimentos?

— Alguns aconteceram.

— E outros aconteceram porque você tentou impedir?

Daniel apertou a alça da mochila.

A rua certa. O carro atravessando o cruzamento. O ruído do impacto que ele tinha ouvido antes de enxergar a lateral amassada. Ainda havia, na cabeça dele, uma ordem possível que o absolvia: se não tivesse recebido a mensagem, não teria escolhido aquela rota; se não tivesse escolhido aquela rota, não teria parado o trânsito; se não tivesse parado o trânsito, o acidente talvez fosse outro. Mas a palavra talvez abria espaço demais.

— Você está dizendo que eles provocam tudo?

— Não estou dizendo nada sobre eles.

— Você acabou de falar que eu obedeci.

— Porque você está obedecendo.

Daniel deu um passo até a bancada.

— Eu não vim aqui para ser analisado.

Augusto pousou o copo.

— Então não use uma máquina para me analisar.

A oficina ficou pequena demais. Daniel olhou os fios sobre o chão, as placas guardadas em caixas transparentes, os papéis presos com fita na parede. Havia uma fotografia virada para baixo perto de um

osciloscópio. Ele quis perguntar quem estava ali. Não perguntou. Até ele reconhecia a distância entre uma pergunta e uma invasão, embora tivesse atravessado a primeira porta fazendo justamente isso.

— Eu trabalhei na interface — disse, mais baixo. — Anos atrás. Eu estava sem dinheiro. Peguei um projeto que parecia pesquisa de usabilidade. Eu não sabia a dimensão.

— Ninguém sabe a dimensão quando assina.

— Meu nome está nos participantes. Isso não faz sentido.

— Faz mais sentido do que você gostaria.

Daniel encarou Augusto.

— Você lembra?

Augusto demorou a responder. Pegou um cabo da bancada, enrolou-o duas vezes na palma, desfez o movimento.

— Lembro de formulários. Lembro de conversa gravada. Lembro de gente dizendo que o sistema precisava de pessoas com histórico suficiente para comparar intenção e ação. Lembro de aceitar porque me disseram que o trabalho tinha acabado e que os dados seriam anonimizados.

— E não foram.

— Você acha que a parte mais perigosa é alguém guardar seu nome? Às vezes, seu nome é a coisa menos útil que eles têm.

Daniel sentiu o celular vibrar no bolso. Tirou-o depressressa.

Era uma mensagem da ex-mulher de Daniel.

Helena chegou bem. Está fazendo a lição. Você vem buscá-la amanhã no horário combinado?

A leitura lhe deu um alívio breve e irritante. Chegou bem. Uma informação comum, de uma noite comum, que o corpo dele recebeu como autorização para continuar. Ele digitou que sim, apagou antes de enviar. Se respondesse depressa, ela perguntaria por que ele parecia tão disponível. Se demorasse, ela também poderia perguntar. O ATLAS teria calculado isso? A dúvida tinha começado a contaminar os atos menores, os que antes eram apenas atos.

Augusto acompanhou o movimento dos olhos dele.

— A menina?

— A mãe dela.

— Ela sabe que você está aqui?

Daniel guardou o celular.

— Não.

— Ela sabe o que você recebeu?

— Não tudo.

— Claro.

— Não é simples.

— Nunca é.

Daniel sentiu a irritação voltar, agora misturada a algo mais baixo e desagradável. Augusto podia se dar ao luxo da reprovação porque não era Helena quem estava na contagem. Não era ele quem recebia mensagens às três da manhã. Não era ele quem encontrara uma versão da própria vida em que a filha tinha desaparecido.

— Você quer que eu conte para todo mundo antes de saber o que é real? — perguntou. — Quer que eu apavore uma criança porque um sistema decidiu me testar?

— Eu quero que você perceba que esconder não deixa de ser decisão só porque você tem medo da reação dos outros.

— Eu estou tentando evitar uma reação.

— Está tentando administrar pessoas.

Daniel virou-se para a porta. A vontade de sair veio com força, não porque a conversa estivesse acabada, mas porque Augusto mantinha diante dele

uma imagem que Daniel não conseguia desmontar. O homem não lhe dava uma teoria para atacar. Só devolvia os gestos, um por um.

Ele encostou a mão na maçaneta.

— Você sabe mais do que está dizendo.

— Sei.

Daniel se virou rápido.

Augusto tinha voltado para a cadeira. O rosto dele perdera qualquer resto de ironia.

— Então fala.

— Não.

— Por quê?

Augusto apontou para o bolso de Daniel.

— Porque você chegou com um sistema no telefone e decidiu que podia usar minha vida para me obrigar a cooperar. Porque agora quer sair daqui levando uma explicação que faça tudo caber numa arquitetura clara: mensagens, previsões, culpados, uma sequência para impedir o pior. E porque, se eu lhe der uma frase suficiente, você vai transformá-la numa ferramenta.

Daniel sentiu a mão fechar sobre a maçaneta.

— Minha filha pode morrer.

— Eu sei o que é uma frase dessas.

— Não, você não sabe.

A resposta saiu antes que ele pudesse parar.

Augusto levantou o olhar, e Daniel entendeu pelo silêncio que tinha acertado alguma coisa sem saber qual.

— Eu sei — disse Augusto. — Só não vou usar o que sei para entregar a você o conforto de achar que existe uma alavanca limpa.

Daniel soltou a maçaneta. A garganta ficou apertada, não de emoção clara, mas de raiva contra aquela recusa metódica. Ele queria atingir Augusto onde tivesse alguma fresta. O sistema poderia oferecer. Bastava abrir a tela, procurar os recortes, encontrar a perda exata, o nome oculto atrás da fotografia virada.

O impulso veio inteiro. Ele o reconheceu, e isso não o tornou menor.

— Você disse que perdeu tudo — falou. — Foi por causa deles?

Augusto ficou imóvel.

Daniel continuou, porque já tinha começado.

— A ação trabalhista. As mudanças de endereço. Você se isolou. Talvez pudesse evitar que acontecesse comigo.

— Talvez.

— Então por que não evita?

Augusto afastou a cadeira com um ruído seco no piso.

— Porque eu não sei evitar.

A oficina pareceu escurecer um grau, embora a lâmpada não tivesse mudado. Daniel olhou para ele e encontrou algo que não servia de pista. Augusto não estava escondendo a resposta por prazer, nem testando a insistência dele. Estava falando de um lugar que Daniel não alcançava com buscas.

— Eu não sei evitar — Augusto repetiu. — Eu sei reconhecer o começo quando ele entra pela porta achando que veio salvar alguém.

Daniel baixou os olhos para o celular no bolso.

— Então me diz só uma coisa. Essas mensagens sabem o futuro?

Augusto caminhou até a porta e abriu. A rua tinha ficado mais escura sob o viaduto. Os faróis avançavam em filas lentas, refletindo nas poças antigas junto ao meio-fio.

— Vá embora, Vilar.

— Augusto.

— Vá cuidar da sua filha sem transformar todo mundo em material de pesquisa.

Daniel não se moveu.

Augusto segurou a porta aberta, cansado, firme.

— Você chama coerção de proteção quando os resultados lhe convêm. Eles ensinaram você a fazer isso ou só descobriram que você já sabia?

Daniel passou por ele sem responder.

Na calçada, o ar quente tinha cheiro de óleo e chuva velha. Ele caminhou até o carro, entrou, fechou a porta e ficou com as mãos sobre o volante. Pela janela da oficina, Augusto aparecia apenas como uma sombra entre os monitores desligados.

O celular vibrou outra vez.

Desta vez, não era uma mensagem da ex-mulher de Daniel.

Era uma notificação sem remetente, surgida no alto da tela antes que ele pudesse impedir:

CONTATO ESTABELECIDO.

Daniel apagou o aviso.

A tela voltou ao fundo escuro, onde seu próprio rosto se misturava ao reflexo dos faróis que passavam.

CAPÍTULO 13

O Que Você Vai Fazer

Daniel apagou o aviso, mas continuou olhando a tela.

CONTATO ESTABELECIDO não deixara rastro nas notificações. Ele puxou a barra para baixo, conferiu o histórico, abriu as permissões do aparelho, procurou entre os aplicativos recentes. Nada. O fundo escuro devolvia uma versão achatada do seu rosto, cortada pelo reflexo dos carros que passavam sob o viaduto.

O primeiro pensamento veio com a velocidade habitual: a mensagem poderia ter sido disparada por geolocalização. Augusto sabia onde ele estava; a oficina podia ter câmeras; o sistema podia ter cruzado sua presença com o horário, com a duração da conversa, com o microfone do telefone aberto em se-

gundo plano. Cada hipótese carregava outra atrás dela. Permissões, antenas, redes próximas, algum código escondido no aplicativo de mensagens.

A segunda demorou mais a se formar porque não lhe oferecia trabalho algum.

Augusto tinha dito para ele ir embora.

Daniel ligou o carro. Não saiu.

Abriu a conversa com a ex-mulher de Daniel. A última mensagem dela, recebida naquela manhã, permanecia ali, curta e sem margem para leitura além do que dizia.

Helena vai precisar levar a roupa da apresentação na sexta. Você confirma que vai?

A previsão recebera a frase antes de ela chegar. Ou alguma coisa fizera com que ela chegasse naquela forma, naquele horário. Ele tinha repetido a pergunta várias vezes desde então, trocando as peças de posição: acesso à conta dela, leitura de rotina, calendário escolar, uma mensagem sugerida, uma frase que ela provavelmente escreveria de qualquer jeito.

Confirmar que ele iria. Helena se apresentaria. Sexta-feira.

O anexo também trazia o acidente.

Ele tinha acreditado que era um aviso. Pegara o caminho indicado para evitá-lo, acelerara onde não aceleraria, buzinara para um carro parado em fila dupla. Um motociclista mudara de faixa para escapar dele. A batida acontecera duas ruas adiante, no cruzamento que Daniel não deveria ter alcançado.

A mensagem não precisara saber que o acidente ocorreria. Bastava saber o que ele faria ao ler que ocorreria.

A ideia atravessou seu corpo com uma nitidez ruim. Ele saiu da vaga de uma vez e entrou na avenida. A oficina sumiu atrás dele, engolida pelos pilares escuros do viaduto.

No primeiro sinal, abriu o notebook no banco do passageiro. O equipamento deslizou quando ele freou. Daniel segurou a borda, praguejou baixo e tornou a fechá-lo. Ainda havia uma porção de rua entre ele e o apartamento, cruzamentos, ônibus cortando faixas, gente voltando para casa sem ter recebido nenhuma sentença do próprio endereço de e-mail.

O celular vibrou de novo.

Ele o pegou antes de pensar.

Nenhuma mensagem. Um anúncio ocupava a tela de bloqueio.

GARANTA A SEGURANÇA DE QUEM VOCÊ AMA

Soluções residenciais inteligentes. Instalação em 24 horas.

Daniel deixou o telefone cair no banco.

O anúncio podia ser resultado de uma busca qualquer. Câmeras, fechaduras, rastreadores: ele pesquisara tudo nos últimos dias, por motivos que agora lhe pareciam menos defensáveis cada vez que apareciam organizados numa lista. Sistemas de alarme, localização infantil, controle de acesso. As plataformas faziam aquilo sozinhas. Era assim que funcionavam.

Mas o horário.

A frase.

Ele desligou a tela e seguiu dirigindo.

No apartamento, a sala ainda guardava a forma improvisada que ele deixara antes de sair: cabos enrolados em torno da cadeira, duas xícaras sobre a mesa baixa, a mochila de Helena encostada perto do sofá porque ela passaria a noite com a mãe. O desenho das sete portas permanecia preso por um ímã na lateral da geladeira.

Daniel acendeu a luz da cozinha e ficou diante do papel.

A casa tinha linhas grossas, tortas. Sete retângulos coloridos abriam-se na fachada. Atrás de uma das portas, Helena fizera uma mancha preta que ele continuava chamando de corredor, embora pudesse ser qualquer coisa. Naquele dia, ela dissera que um homem parecido com ele mostrara a imagem da casa.

Ele perguntara demais.

Tinha perguntado onde, quanto tempo, o que o homem vestia, se ela o vira de frente, se ele dissera seu nome. Helena respondera menos a cada pergunta, até começar a procurar os próprios cadarços. A lembrança voltava agora sem qualquer detalhe novo, só com a expressão fechada dela e a sensação de que ele fizera uma criança trabalhar para sustentar uma hipótese.

O computador demorou a iniciar. Daniel abriu a cópia dos arquivos que trouxera de casa de Augusto, os registros que vinha juntando desde o primeiro e-mail, o material sobre ATLAS, as mensagens da ex-mulher de Daniel, os horários das previsões.

Não havia uma linha limpa ligando tudo. Havia coincidências demais para serem confortáveis e lacunas demais para serem provas.

Ele criou uma planilha.

Data. Horário da previsão. Evento previsto. Ação tomada por ele. Consequência.

O acidente ocupou a primeira linha.

Em seguida vieram a queda de energia, a cobrança antecipada, o cliente que ligara antes que Daniel retornasse, a compra feita no cartão. Alguns acontecimentos tinham ocorrido sem ele interferir; outros só ganharam importância porque ele já estava esperando por eles. A queda de energia, por exemplo. O anexo dissera que, às 18h12, o apartamento ficaria sem luz durante onze minutos. Às 18h08, Daniel salvara cópias de arquivos, conectara o notebook a uma bateria, mandara mensagens irritadas ao síndico. Quando a energia caiu, quatro minutos depois, ele já estava diante da janela, medindo o escuro dos prédios vizinhos e procurando alguma coisa que justificasse o medo.

Se a luz tivesse caído sem a previsão, ele teria xingado, procurado uma vela, talvez aproveitado para responder a uma mensagem atrasada. O evento existia. A experiência dele dentro do evento tinha sido construída antes.

Daniel digitou isso numa célula e apagou.

As mãos foram até a pasta do e-mail inicial. Ele abriu os cabeçalhos outra vez, comparou rotas, ser-

vidores, horários. Conhecia os limites daquela busca. Alguém podia falsificar quase tudo que ele tinha diante dos olhos, e os dados que não pudesse falsificar talvez fossem parte da demonstração. A confiança em um registro era uma alavanca tão útil quanto o registro em si.

Seu celular tocou.

Desta vez era Augusto.

Daniel olhou o nome até a chamada quase cair. Atendeu.

— Você me ligou? — perguntou.

Do outro lado, havia ruído de rua.

— Não.

— Acabei de receber uma notificação. "Contato estabelecido."

Augusto ficou em silêncio por um segundo.

— E o que você fez?

A pergunta irritou Daniel com precisão.

— Vim para casa. Estou olhando os arquivos.

— Eu perguntei o que você fez depois de ler.

Daniel puxou a cadeira, sentou-se.

— Eu fui embora da sua oficina.

— Antes disso.

— Apaguei.

— Você leu.

— Claro que li.

— E agora está procurando o mecanismo.

Daniel apertou os dentes.

— Você sabe o que foi aquilo.

— Sei o suficiente para não aceitar que você finja que a mensagem só aconteceu na tela.

A voz de Augusto vinha baixa, sem o tom professoral que Daniel esperara. Parecia cansada, mais do que na oficina.

— Então explica — Daniel disse. — Sem me expulsar no meio.

Augusto soltou o ar do outro lado.

— Você está sozinho?

Daniel olhou para a mochila de Helena junto ao sofá.

— Estou.

— Abra a janela da sala.

— Por quê?

— Porque você fica melhor quando olha para fora enquanto alguém fala uma coisa que você não quer ouvir.

Daniel levou o telefone até a sala. Abriu a janela. A rua abaixo tinha o brilho oleoso do asfalto molhado. Um entregador encostava a moto diante de uma farmácia fechada. Duas pessoas discutiam perto do ponto de ônibus, sem que ele pudesse ouvir as palavras.

— Fala.

— ATLAS não foi construído para adivinhar o futuro — Augusto disse. — Ninguém adivinha. Nem uma máquina com um milhão de perfis, nem uma equipe inteira de gente convencida de que descobriu uma fórmula para o medo. Eles chamavam de previsão porque era mais fácil vender.

Daniel encostou a testa no vidro frio.

— O e-mail acertou coisas.

— Acertou o suficiente para você mudar de comportamento.

— E se algumas fossem inevitáveis?

— Quase nada é inevitável. Uma cobrança pode chegar numa terça ou numa quarta. Um cliente pode ligar de manhã ou no fim do dia. Um acidente depende de uma série de decisões pequenas, uma rua, uma freada, uma pessoa olhando para o lado. O sistema não precisa mandar no mundo inteiro. Ele pro-

cura pontos em que uma intervenção muda a chance de você escolher uma coisa em vez de outra.

Daniel observou o entregador partir. A moto avançou entre carros parados, sumiu no cruzamento.

— Isso ainda não explica saberem o conteúdo da mensagem da mãe de Helena antes de ela enviar.

— Você acha que uma frase nasce pronta na cabeça de alguém? — Augusto perguntou. — Sua ex-mulher recebe um lembrete da escola. A escola usa uma plataforma que manda modelos de aviso. Alguém atrasa uma resposta. Um calendário marca a apresentação. Ela precisa confirmar com você porque vocês têm uma filha e uma rotina dividida. O ATLAS não precisa escrever a frase por ela. Ele calcula as frases prováveis, os horários prováveis, a reação provável de você.

Daniel se afastou da janela.

— Ela não é uma variável.

— Eu sei. O problema é que eles trabalham como se fosse.

A frase ficou no ar, mas não aliviou nada. Daniel conhecia sistemas de recomendação, modelos de comportamento, segmentação de anúncio. Conhecia a parte banal e lucrativa daquilo: pessoas que com-

pravam um produto porque um anúncio as seguira durante dias; aplicativos que decidiam quando interromper alguém; plataformas que transformavam atenção em inventário. O salto para uma ameaça dirigida contra uma criança ainda parecia grande demais.

— Quem está fazendo isso? — ele perguntou.

— Você quer um nome porque um nome cabe num alvo.

— Eu quero saber quem tem acesso à minha vida.

— Mais gente do que você imagina. Menos gente do que você teme em alguns momentos. O perigo está justamente aí.

Daniel voltou à mesa, abriu uma janela nova e digitou os termos que Augusto usara: intervenção, probabilidade, escolha. Apareceram artigos, apostilas, apresentações comerciais. Palavras técnicas vestiam mecanismos conhecidos com uma gravidade abstrata. Nudges. Arquitetura de escolha. Personalização contextual. Reforço.

— Você participou disso — Daniel disse. — O que eles faziam com você?

O silêncio retornou. Daniel ouviu um ônibus passar do lado de fora, o chiado longo do freio.

— Começou com coisas pequenas — Augusto respondeu. — Um anúncio de emprego. Uma notícia sobre uma empresa que eu estava pensando em procurar. Um e-mail de alguém que eu não via havia anos. Eu achava que estava percebendo conexões. Depois comecei a agir para provar que não era influenciável.

Daniel conhecia aquele reflexo. Se uma plataforma tentava empurrar uma compra, ele procurava um produto diferente. Se um aplicativo recomendava uma rota, ele abria o mapa e escolhia outra. A satisfação vinha rápido: um pequeno gesto de liberdade, mesmo quando o desvio ainda acontecia dentro de opções desenhadas por alguém.

— E eles contavam com isso — Augusto continuou. — A reação contrária também entra no modelo. Você vê uma sugestão e recusa. Ótimo. Agora eles sabem que precisam fazer você acreditar que encontrou a alternativa sozinho.

Daniel fechou os olhos.

A notícia repetida. A compra em seu cartão. O cliente que ligara. O anúncio de segurança no celular. Cada evento isolado podia ser banal. Juntos, não compunham uma prova sólida de controle; compunham um corredor. Ele vinha correndo por ele

desde a primeira mensagem, escolhendo portas porque tinham sido iluminadas.

— As previsões são instruções — disse.

Augusto não respondeu logo.

— São muitas coisas ao mesmo tempo. Alarme, provocação, teste. Uma previsão boa não precisa obrigar você. Ela só precisa fazer você se mover na direção que já seria mais provável sob medo.

Daniel abriu o anexo original. A tela exibiu o texto seco, os horários, as frases que ele decorara contra a vontade.

Você tem 19 dias para impedir que seu filho morra. E, desta vez, termine o que começou.

A frase não dizia onde procurar. Não mandava ligar para ninguém. Não entregava uma ameaça verificável. Deixava espaço suficiente para que ele preenchesse tudo com Helena, com a ausência, com cada vez que prometera buscá-la e se atrasara, com todas as mensagens que deixara sem resposta enquanto resolvia o trabalho de outra pessoa.

O e-mail não precisava ordenar que ele vigiasse. Bastava colocar um relógio sobre a cabeça da filha.

— Eles sabiam que eu ia entrar nas contas dela — Daniel falou, antes de conseguir impedir a própria frase.

Augusto inspirou de um jeito áspero.

— Eu não sei o que eles sabiam.

— Sabiam. O acesso apareceu quando eu precisava. As senhas antigas, os dispositivos conectados, os avisos. Tudo estava ali.

— E você escolheu usar.

Daniel segurou a borda da mesa.

— Eu precisava saber onde Helena estava.

— Você precisava se sentir menos impotente.

A resposta atingiu algo que ele já reconhecia e por isso odiava. Daniel olhou para o desenho na geladeira. Sete portas. Nenhuma delas levava a uma resposta; cada uma abria para mais uma tarefa, mais uma tela, mais um ponto de entrada na vida de alguém.

— Você não entende — ele disse.

— Eu entendo demais. Esse é o problema.

Augusto tossiu, depois ficou calado. Daniel imaginou-o em algum lugar sem identificar onde, talvez de volta à oficina, talvez parado numa calçada sob o mesmo viaduto. Não perguntou. Havia perguntas que já traziam a mão estendida para uma fechadura.

— O sistema sabe o que você vai fazer quando acreditar que determinada coisa vai acontecer — Augusto disse.

Daniel não se mexeu.

A frase era simples, sem o aparato de termos técnicos que ele esperara. Ainda assim, reorganizou o que estava na tela.

Não era futuro. Era Daniel diante de uma versão de futuro plantada com cuidado suficiente para acionar seus hábitos. A busca frenética. A invasão justificada. A tentativa de chegar primeiro. O impulso de transformar Helena num ponto de risco que ele pudesse mapear.

Ele deslizou a planilha até a linha do acidente. Ação tomada por ele: mudança de rota. Consequência: presença no cruzamento. Motivo declarado: evitar o evento.

Motivo útil ao sistema: fazê-lo ir.

Abaixo, criou outra coluna.

O que a previsão me fez fazer?

Ficou olhando o cabeçalho vazio.

— Se eu parar de reagir — disse —, eles perdem o controle.

— Talvez percam uma parte.

— "Talvez" de novo.

— Você quer uma regra que funcione fora de você, Vilar. Uma que dê para executar sem custo. Não tem.

Daniel passou as duas mãos pelo rosto.

— Então o que eu faço?

A pergunta saiu baixa demais. Augusto deve ter ouvido porque a resposta demorou.

— Quando alguma coisa aparecer na sua tela, não comece perguntando se é verdadeira. Pergunte o que ela quer que você faça.

Daniel anotou a frase na planilha. Assim que terminou, sentiu a contradição. Uma orientação podia virar ordem. Augusto lhe dava um método, e ele já queria usá-lo como algoritmo.

— E se a ameaça for real?

— Então você procura ajuda sem fabricar segredo. Você conta o que sabe, conta o que não sabe. Aceita que outras pessoas vão decidir coisas que você não controla.

A irritação voltou, rápida.

— Você mandou eu ir cuidar da minha filha. Agora está dizendo para eu dividir tudo com gente que pode achar que eu enlouqueci.

— Estou dizendo para não usar o medo como autorização para fazer qualquer coisa.

Daniel levantou da cadeira. Andou até a cozinha, até o desenho, até a pia cheia de copos. A vontade de argumentar vinha com frases prontas: Augusto não conhecia Helena, não conhecia a ex-mulher de Daniel, não sabia das notificações, dos arquivos, da imagem da casa, do homem que talvez tivesse falado com a menina. Mas Augusto conhecia o mecanismo de uma vida afunilada por alertas. E, pior, conhecia Daniel o bastante para perceber onde ele chamava de proteção aquilo que lhe devolvia poder.

No celular, o anúncio de segurança havia desaparecido. Outro ocupava o espaço.

Apresentação escolar: lembretes e listas para responsáveis.

Daniel leu duas vezes.

— Augusto.

— Estou aqui.

— Acabou de aparecer um anúncio sobre apresentação escolar.

— E o que você vai fazer?

Ele quase disse que ia procurar quem tinha comprado o espaço, rastrear a origem, descobrir a plata-

forma, cruzar com o calendário da escola e com o aparelho da ex-mulher de Daniel. O caminho inteiro surgiu tão depressa que ele conseguia vê-lo: abas abertas, senhas testadas, relatórios, horas perdidas enquanto Helena dormia em outro endereço.

Em vez disso, desligou a tela.

A sala ficou mais escura.

— Eu não sei — falou.

Do outro lado, Augusto não o elogiou. Não disse que aquele era o primeiro passo nem ofereceu uma frase que servisse de conclusão. Apenas respirou perto do telefone.

Daniel olhou novamente para o desenho das sete portas.

Na janela, um carro parou em frente ao prédio. A luz interna acendeu por um instante, revelando uma criança no banco de trás, curvada sobre alguma coisa no colo. Depois a porta fechou, o carro arrancou, e o reflexo vermelho das lanternas atravessou a parede da sala antes de desaparecer.

CAPÍTULO 14

Margem de Segurança

Na manhã seguinte, Daniel abriu o anúncio outra vez.

Não estava mais ali.

A tela do celular exibiu uma promoção de mercado, depois uma reportagem sobre trânsito em bairros da cidade, depois o ícone de mensagens com um número que não diminuía. Ele passou o dedo pelas notificações sem abrir nenhuma. O impulso de registrar a ausência era tão forte quanto tinha sido o de registrar a presença. Horário, aplicativo, rede, sequência de anúncios. Se conseguisse preservar cada alteração, talvez encontrasse a lógica.

No caderno ao lado do teclado, escreveu:

APRESENTAÇÃO ESCOLAR — 22h18

SUMIU — 7h06

Ficou olhando para a letra apertada.

Augusto tinha dito para perguntar o que uma coisa queria que ele fizesse. A resposta era óbvia demais: queria que ele pensasse na escola. Queria que ele procurasse Helena, perguntasse sobre o ensaio, sobre o caminho, sobre a casa com sete portas. Talvez quisesse que ele começasse a rondar o portão outra vez, reconhecendo rostos, placas, horários de saída.

A ex-mulher de Daniel havia mandado uma mensagem na noite anterior. Ele só a viu naquela manhã.

Helena precisa levar o celular carregado hoje. Vai sair mais tarde por causa do ensaio.

Nenhuma pergunta. Nenhum comentário sobre a apresentação. Apenas uma informação prática, enviada entre outras duas: uma fotografia de uma lista de materiais e o aviso de que Helena precisava de um casaco na mochila.

Daniel leu a frase sobre o celular várias vezes.

Poderia responder perguntando a que horas ela sairia. Poderia perguntar quem buscaria a menina, se haveria adultos suficientes, se a escola tinha alterado a rotina. Poderia escrever algo curto, sem acu-

sação, e ainda assim receber uma resposta que ele não controlaria.

Guardou o telefone no bolso e ligou o computador.

O aplicativo tinha sido instalado no celular de Helena meses antes, quando ele trocara a película rachada e configurara o aparelho novo. Na época, escolhera uma versão gratuita de controle familiar porque ela ainda esquecia o telefone em qualquer lugar: no sofá, embaixo de almofadas, dentro da mochila com o volume desligado. O aplicativo servia para localizar um aparelho perdido e bloquear compras. Ele lembrava de ter desativado quase tudo depois de alguns dias. A tela cheia de relatórios lhe parecera exagerada. Tempo de uso, bateria, localização em segundo plano, lista de redes conectadas. Dados demais para uma criança que só queria mandar áudios longos sobre jogos e fotos de desenhos.

Ainda tinha a senha da conta.

A página abriu com um mapa cinza e uma mensagem: localização indisponível. Última atualização: 18 dias atrás.

Dezenove, pensou. Dezenove dias.

A coincidência deixou uma pressão seca atrás dos olhos. Podia não significar nada e, ao mesmo tempo,

servir para qualquer coisa. Esse era o problema: havia chegado ao ponto em que até uma contagem banal parecia uma mensagem dirigida.

Ele clicou em ativar rastreamento.

O sistema pediu confirmação no aparelho vinculado. Daniel esperou. Surgiu um aviso de que a função seria habilitada na próxima conexão à internet. Sem tocar no telefone de Helena, ele não conseguiria completar o processo. A constatação o irritou. Não porque o aplicativo exigisse permissão, mas porque uma parte dele já tinha tratado a ausência daquela permissão como uma falha técnica a contornar.

Ele fechou a página, abriu de novo, percorreu as opções. Havia uma configuração de segurança vinculada à conta da família. Para ativá-la, precisaria do código enviado ao e-mail da ex-mulher de Daniel.

Ficou parado com o cursor sobre o campo de acesso.

Ele já tinha entrado naquela conta.

A senha fora fácil de adivinhar porque não era uma senha fixa; era uma variação de uma frase que ela usava havia anos, com números trocados conforme a data. Daniel tinha descoberto ao tentar recuperar uma compra de Helena que aparecera no cartão

compartilhado antes da separação. Entrara uma vez, depois outra, sempre dizendo a si mesmo que precisava apenas resolver alguma urgência. Depois passara a acessar quando sentia que havia uma urgência a caminho.

A caixa de entrada aparecia na tela com a familiaridade indevida de um cômodo em que ele não deveria estar.

Havia mensagens da escola, recibos, conversa com uma farmácia, uma confirmação de horário. Daniel percorreu a lista procurando apenas o código. Era o que disse a si mesmo. Não abriu os assuntos, não leu as prévias por inteiro. Ainda assim viu o nome de Helena repetido em uma corrente de e-mails sobre a apresentação. Viu também uma mensagem enviada pela ex-mulher de Daniel para uma pessoa do trabalho: hoje vou sair cedo para buscar minha filha.

Minha filha.

Daniel sentiu a irritação antes de admitir que a frase não tinha sido escrita contra ele. Era uma troca qualquer entre duas pessoas. Ainda assim, ficou ali, uma pequena barreira levantada por palavras simples. A filha dela. A rotina dela. O horário que ela conhecia e ele precisava descobrir pelos lados.

O código chegou.

Ele copiou os números, voltou ao aplicativo e confirmou a ativação.

A página atualizou depois de alguns segundos.

Um ponto azul apareceu perto da escola.

Helena estava lá.

Daniel soltou o ar devagar, sem perceber que o prendia. O ponto permanecia imóvel dentro de um quarteirão delimitado por ruas finas. Abaixo do mapa, o aplicativo indicava bateria em setenta e dois por cento, conexão por wi-fi, horário da última atualização: 8h19.

Informações limpas, organizadas, obedientes.

Ele ampliou o mapa. A escola, a praça lateral, o mercado onde a ex-mulher de Daniel costumava parar quando precisava comprar alguma coisa antes de ir para casa. Cada lugar tinha contornos. Cada rua recebia um nome. No alto da página, uma função permitia criar alertas: chegada, saída, desvio de rota, desligamento de aparelho.

Daniel ativou um perímetro para a escola.

Depois criou outro para a casa da ex-mulher de Daniel.

Quando a tela perguntou se desejava ser avisado sobre qualquer deslocamento fora das áreas definidas, ele hesitou. O botão azul ocupava quase todo o espaço abaixo do texto.

Qualquer deslocamento.

Uma criança de oito anos não devia se mover sozinha pela cidade. A frase apareceu inteira, sólida, acompanhada de tudo que ele vinha acumulando: o homem semelhante a ele, o desenho, o e-mail, a gravação de uma versão mais velha de si mesmo, o acidente que crescera porque ele resolvera intervir. Ninguém sensato recusaria uma ferramenta de segurança diante da possibilidade de perigo.

Ele tocou em ativar.

O celular vibrou sobre a mesa.

Helena saiu da escola às 11h57.

Daniel levantou tão rápido que bateu o joelho na quina da mesa. A cadeira girou para trás. Por um segundo, a sala pareceu reduzir-se ao mapa aberto na tela.

O ponto azul atravessou o pátio, aproximou-se da rua. Ele sabia que a apresentação alterava o horário; a ex-mulher de Daniel tinha avisado. Mesmo assim, viu a distância entre o portão e a calçada como uma extensão vazia demais. Pensou em ligar. Pensou em

pegar a chave, descer, dirigir até lá, verificar se havia um carro parado perto da escola.

O ponto parou.

Dois minutos.

Três.

Daniel aproximou o rosto da tela, como se o mapa pudesse revelar quem estava ao lado dela. O aplicativo mostrava a precisão estimada, uma circunferência azul em torno do local. Dentro dela cabiam o portão, a calçada, um pedaço da praça.

Então o ponto se moveu de novo, seguindo pela rua principal.

Chegou uma notificação.

Helena entrou na área segura: casa.

Daniel sentou.

A sensação se organizou nele como o momento em que um código finalmente roda depois de horas devolvendo erro. Havia uma causa e um efeito. Havia uma indicação de que, naquele minuto, o telefone de Helena estava onde deveria estar.

Ele abriu a conversa com a filha.

Como foi o ensaio?

A resposta demorou.

Ele olhou o mapa.

O ponto azul continuava na casa. Bateria em sessenta e oito por cento. Conexão de wi-fi estável.

Tá bom, ela escreveu. A professora falou que eu falo baixo.

Você falou?

Falei.

O que você vai fazer agora?

A resposta veio quase imediata.

Pai por quê?

Daniel segurou o telefone com as duas mãos.

Porque quero saber.

Ela mandou um áudio. Ele apertou o play e ouviu barulho de televisão ao fundo, uma porta fechando, a voz de Helena perto demais do microfone.

— Vou almoçar. Depois eu acho que vou desenhar, mas a mãe falou pra eu guardar as coisas primeiro.

Daniel queria perguntar quem estava na sala, se a porta da casa estava trancada, se ela tinha visto alguém na rua. Queria perguntar se o homem do desenho tinha aparecido de novo, se ela se lembrava de mais alguma coisa. A imagem dela curvada sobre o aparelho, respondendo com impaciência porque o pai fazia perguntas que não pertenciam àquele momento, interrompeu a sequência.

Tá. Bom almoço, escreveu.

Helena enviou um coração amarelo.

Ele ficou olhando para o símbolo até a tela apagar.

À tarde, tentou trabalhar. Um cliente tinha enviado mensagens cobrando a revisão de uma interface que Daniel prometera entregar na semana anterior. As telas estavam abertas no monitor: uma sequência de formulários que ele precisava simplificar, botões desalinhados, um fluxo de cadastro mal resolvido. Bastava começar por qualquer ponto. Ajustar as margens. Rever os rótulos. Mandar uma atualização.

Mas, a cada poucos minutos, o celular chamava sua atenção.

Helena está em casa.

Bateria: sessenta por cento.

Helena está em casa.

Bateria: cinquenta e sete por cento.

Ele sabia que não precisava abrir o mapa. Abriu mesmo assim.

Quando a bateria chegou a quarenta e três por cento, mandou uma mensagem.

Coloca o celular para carregar.

Ela respondeu dez minutos depois.

Já sei.

Daniel leu a frase como se ela estivesse diante dele, com a boca comprimida, escolhendo não escrever algo pior. Apagou uma resposta que dizia que ela não sabia, porque havia esquecido o carregador na semana anterior. Apagou outra que perguntava se a mãe estava em casa.

Tudo bem, escreveu por fim.

A previsão seguinte veio às 16h04.

Não em um e-mail ou anúncio. Apareceu numa das abas que Daniel mantinha abertas, quando um site de notícias atualizou sozinho a página. Uma matéria sobre furtos de celulares perto de escolas ocupou o alto da tela. O texto mencionava um bairro diferente, outra região, uma ocorrência sem relação com Helena. Ainda assim, a fotografia mostrava uma grade de portão e crianças saindo para a calçada.

Daniel fechou a aba.

Abriu de novo.

Procurou data, local, horário. O artigo tinha sido publicado meses antes. O algoritmo de recomendação devia ter associado a busca recente por segurança infantil, aplicativos, localização. Ele conhecia esse funcionamento. Tinha trabalhado com interfaces que recomendavam coisas antes de o usuário

formular uma necessidade. Contexto, histórico, engajamento. Uma máquina não precisava conspirar para empurrar alguém em direção a um medo.

Mesmo assim, ligou para a ex-mulher de Daniel.

Ela atendeu depois de algumas chamadas.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. A Helena está aí?

Houve uma pausa curta, preenchida por uma panela batendo ao fundo.

— Está.

— Ela saiu?

— Daniel.

— Eu só quero saber se ela saiu.

— Foi ao quarto pegar um caderno. Por quê?

Ele poderia ter dito a verdade parcial: recebera mensagens estranhas, encontrara um sistema que usava dados para influenciar escolhas, havia coisas que se confirmavam. Poderia ter dito o restante e escutado a reação dela. Augusto fora claro sobre isso. Conte o que sabe, conte o que não sabe.

Mas Daniel imaginou o silêncio dela ao ouvir ATLAS, simulações, arquivos com versões de sua vida. Imaginou a pergunta inevitável: você mexeu no meu e-mail de novo?

— Nada — disse. — Vi uma notícia sobre furto perto de escola.

— E resolveu ligar aqui por causa disso?

— Eu só achei melhor avisar.

— A escola já avisa quando tem qualquer problema no entorno. Eu estou cuidando dela.

A frase não foi dura. Talvez por isso feriu mais.

Daniel olhou para o mapa, para o ponto azul em algum lugar da casa.

— Tá.

— Você está bem?

Ele demorou a responder.

— Estou trabalhando.

— Você não parece estar trabalhando.

— Eu estou.

A ex-mulher de Daniel soltou um ar pelo nariz, aquele gesto que ele conhecia antes mesmo da separação. Não era raiva inteira. Era cansaço.

— A Helena perguntou se você está bravo com ela.

Daniel virou para o monitor apagado.

— Por que ela perguntou isso?

— Porque você está mandando mensagem o dia todo perguntando onde ela está, o que está fazendo,

se está com o celular carregado. Ela disse que você falou estranho na última vez que vieram aqui.

A vontade de explicar surgiu com força. Não estava bravo. Estava atento. Havia diferença. Uma diferença decisiva, enorme, impossível de transmitir sem despejar tudo sobre uma menina que já tinha desenhado sete portas por causa de uma pergunta que ele fizera demais.

— Diz que eu não estou bravo.

— Você pode dizer para ela.

— Eu vou falar com ela.

— Daniel, não faz ela achar que está em perigo se você não sabe se ela está.

Ele encerrou a ligação sem responder.

Por alguns segundos, o aplicativo continuou aberto. O ponto azul não tinha mudado. A tela registrava a casa como área segura. Daniel pensou na frase dela — você pode dizer para ela — e sentiu a resistência subir, porque falar com Helena significava entrar numa conversa sem roteiro. No mapa, ela não tinha expressão, não cansava, não percebia seu medo. Era um ponto com bateria de quarenta por cento.

Ele ligou.

Helena atendeu no terceiro toque.

— Oi.

— Oi, filha.

— A mãe falou que você não tá bravo.

Daniel fechou os olhos.

— Não estou.

— Então por que você fica perguntando onde eu tô?

— Porque eu gosto de saber como foi seu dia.

— Mas você pergunta toda hora.

Ele caminhou até a janela. Lá embaixo, uma mulher atravessava a rua com sacolas, desviando de uma bicicleta presa ao poste. Nenhuma daquelas pessoas era parte do problema. Podiam ser, sua mente respondeu. Ele afastou a ideia antes que ela encontrasse apoio.

— Desculpa. Eu exagerei.

Helena ficou quieta.

— Você vem na apresentação?

— Vou.

— Mesmo?

— Mesmo.

— Você não vai ficar no celular?

A pergunta entrou sem acusação. Era o tipo de pergunta que ela fazia quando queria uma garantia e ainda não tinha aprendido a fingir que não precisava dela.

Daniel olhou para o telefone que segurava. O mapa podia ser aberto com um toque.

— Não vou ficar no celular.

— Você promete?

Ele quase perguntou a data. Quase disse que dependia do horário, do que aparecesse, de quem estivesse por perto. Em vez disso, respondeu:

— Prometo.

Helena pareceu aceitar, mas havia algo diferente na pausa seguinte. Ela falou de um cartaz que a turma estava pintando, de uma menina que tinha derrubado tinta no próprio tênis. Daniel tentou acompanhar. Fez perguntas sobre o cartaz, sobre a fala dela no ensaio. Em algum momento, o celular vibrou na mão dele.

Bateria de Helena: trinta e cinco por cento.

Ele leu a notificação enquanto ela ainda contava que tinha escolhido uma janela azul para o desenho da casa da apresentação. Não percebeu a hora em que ela parou.

— Pai?

— Oi.

— Você tá ouvindo?

— Tô. Janela azul.

— Eu falei da cortina.

Daniel se encostou no vidro. A rua devolvia seu reflexo fraco, cortado pelas luzes do prédio em frente.

— Desculpa. Cortina azul.

— Tá.

A conversa terminou pouco depois. Helena disse que precisava jantar. Ele disse boa noite cedo demais, depois corrigiu, perguntou se ela ligaria mais tarde. Ela respondeu que talvez.

Quando desligou, Daniel abriu o aplicativo.

O ponto azul continuava imóvel.

Às 20h12, Helena entrou na área segura: casa.

A notificação não fazia sentido; ela já estava ali. Talvez o aparelho tivesse perdido o sinal, talvez o sistema tivesse atualizado a posição com atraso. Daniel conferiu o histórico. Havia um intervalo de nove minutos sem dados, depois uma linha curta entre dois pontos quase sobrepostos.

Nove minutos.

Ele ampliou o mapa até as ruas virarem traços grossos e os prédios, blocos sem detalhe. Nove minutos podiam conter uma ida à portaria, uma queda de conexão, o telefone deixado sobre uma mesa. Podiam conter qualquer coisa.

Digitou para a ex-mulher de Daniel: A Helena saiu de casa agora?

Apagou antes de enviar.

Mandou para Helena: Seu celular está carregando?

Apagou também.

A resposta veio sem pergunta.

Sim pai.

Ele olhou a tela, depois o mapa. A bateria tinha subido para trinta e sete por cento.

Havia uma explicação simples. O carregador funcionava. A menina estava em casa. A mãe dela estava por perto. Daniel sabia disso porque o aplicativo dizia, porque Helena tinha escrito, porque nada na casa indicava uma emergência. Ainda assim, manteve o monitor ligado até tarde.

Quando chegou a hora de dormir, colocou o celular sobre o criado-mudo com a tela voltada para

cima. O ponto azul de Helena ficou escondido atrás do vidro escuro, a poucos centímetros de sua mão.

No quarto, o silêncio não trouxe descanso. Trouxe notificações imaginadas, cada uma com uma forma diferente de puxá-lo de volta para a tela.

Ele deixou o som ativado.

CAPÍTULO 15

Horas Perdidas

Às 6h08, o aplicativo avisou que o celular de Helena tinha saído da área segura.

Daniel acordou com o som antes de entender o que era. A tela acendeu sobre o criado-mudo. Um mapa ocupava quase tudo: o ponto azul avançava pela rua, depois dobrava na esquina, seguindo o trajeto que ele já conhecia de cor.

Escola, pensou.

Helena saía cedo nos dias de atividade fora da sala. Havia mencionado, na semana anterior, uma visita ligada à apresentação. Daniel lembrava de ter perguntado onde seria. Ela tinha respondido enquanto desenhava, sem erguer os olhos do papel. Ele se lembrava da palavra biblioteca e da cor que ela

usava no telhado da casa. O nome do lugar lhe escapava.

Abriu a conversa com a ex-mulher de Daniel.

Nenhuma mensagem nova.

O ponto azul cruzou uma avenida. Daniel sentou na cama e puxou o notebook para perto. O navegador ainda estava aberto nos mapas da noite anterior. Entrou no portal da escola usando a senha que encontrara dias antes no celular da ex-mulher de Daniel, entre e-mails de cobrança e confirmações de consulta. A culpa veio rápida, quase mecânica, e foi empurrada para um canto onde não atrapalhasse as mãos.

No calendário da turma de Helena havia uma linha curta.

13h30 — atividade externa. Saída pelo portão lateral. Retorno previsto: 16h40.

Nenhum endereço.

Daniel ampliou a página, procurou um anexo, uma observação em fonte menor. Nada. Voltou à caixa de e-mail da ex-mulher de Daniel. Filtrou pelo nome da escola, depois por "atividade", "passeio", "autorização". Encontrou um PDF assinado havia quatro dias. Visita a um espaço cultural do bairro

antigo. Transporte contratado. Dois grupos, saída às 13h30.

Ele leu duas vezes. A assinatura eletrônica no fim do documento trazia o nome da ex-mulher de Daniel.

O ponto azul parou perto da escola.

Daniel fechou o notebook, foi para a cozinha e abriu a geladeira sem enxergar nada dentro. Tinha uma entrega para terminar antes do meio-dia. O cliente já mandara duas mensagens na véspera; Daniel respondera que enviaria a versão final pela manhã. O arquivo continuava aberto, a interface cortada em telas que ele não conseguia mais olhar sem pensar que alguém, em algum lugar, sabia a ordem dos seus atrasos, das suas desculpas, das abas que deixava abertas.

O celular vibrou às 8h11.

Bateria de Helena: oitenta e nove por cento.

Ele soltou o aparelho na mesa.

Passou a manhã diante do computador, alternando o cursor entre o trabalho e o mapa. Cada vez que o ponto mudava alguns metros, ele interrompia o que fazia. Quando o mapa permanecia imóvel por muitos minutos, imaginava o telefone esquecido dentro de uma mochila, uma sala sem sinal, uma

criança que tinha desligado os dados por acidente. Em seguida imaginava alguém com a mochila, alguém que soubera exatamente onde deixá-la.

A mensagem original continuava numa aba fixada no navegador.

Dezenove dias.

O contador informal que ele tinha criado numa planilha mostrava seis. Treze dias restantes.

Às 12h47, o ponto azul começou a se mover de novo. Pela rota, Helena saía da escola. Daniel acompanhou o trajeto até o espaço cultural, um prédio baixo entre uma rua comercial e um estacionamento que ele só conhecia de passar de ônibus anos antes. Ela entrara ali às 13h28.

No horário previsto.

Aquilo deveria ter acalmado alguma coisa. Apenas tornou o relógio maior.

Ele abriu a câmera do notebook e apagou o reflexo escuro da tela com a palma da mão. Embaixo, a lista de contatos tirada do portal da escola incluía telefones de responsáveis, funcionários e um número geral. Não havia nome de professora junto à turma de Helena. Daniel procurou nas mensagens antigas dela, depois nas imagens do grupo de pais que havia copiado do aparelho da ex-mulher de Daniel.

Achou um contato identificado com a escola e outro com uma inicial seguida de "2º ano".

Não ligou.

Ainda.

Às 15h52, Helena mandou uma foto.

O enquadramento mostrava uma parede azul, um pedaço de cartaz e metade do rosto de uma menina que Daniel não reconheceu. A imagem veio sem texto.

Ele digitou: Tá gostando?

Apagou.

Escreveu: Que lugar é esse?

Apagou também.

A foto permanecia aberta na conversa. Daniel aumentou a imagem até perder definição. Havia uma placa atrás das crianças, encoberta por um ombro e por fita crepe. Ele tentou ler as letras. Não conseguiu.

Às 16h36, o ponto azul deixou o espaço cultural.

Daniel se levantou.

A rota não seguia de volta para a escola. Avançou pela rua lateral, parou junto a uma praça pequena, depois ficou imóvel. Ele esperou o mapa atualizar. Um minuto. Dois. Cinco.

Bateria de Helena: sessenta e dois por cento.

Ele ligou para ela.

Chamou uma vez, duas, três.

A caixa postal atendeu.

Daniel desligou antes do sinal.

Ligou de novo. Desta vez, o celular recusou a chamada. Ele olhou o mapa. O ponto permanecia junto à praça. Tentou para a ex-mulher de Daniel.

Ela atendeu na quarta chamada.

— O que foi?

— A Helena saiu da atividade?

Houve um ruído de trânsito do outro lado.

— Ela devia estar voltando. Por quê?

— Porque o telefone dela parou numa praça perto do espaço cultural.

— Daniel, ela está com a escola.

— Você sabe qual transporte levaram?

— Ônibus. O que aconteceu?

Ele abriu o mapa e passou o dedo sobre o ponto azul.

— Ela não está no caminho da escola.

— O celular pode estar sem sinal.

— Ela não atende.

A ex-mulher de Daniel ficou em silêncio por um instante. Quando falou, a voz vinha mais baixa.

— Você ligou para ela?

— Liguei.

— Quantas vezes?

Ele não respondeu.

— Eu vou ligar para a escola — ela disse. — Não faz nada até saber.

— Me manda o contato da professora.

— A escola vai resolver.

— Me manda.

— Daniel.

Ele já estava diante da porta, procurando a chave no bolso da calça.

— Me manda o contato.

— Você está em casa?

— Estou saindo.

— Não vai para lá.

A frase o fez parar por menos de um segundo.

— Ela é minha filha.

— Eu sei. Eu também sei que você não recebeu autorização nenhuma para acompanhar essa atividade.

— Não estou acompanhando atividade. Ela sumiu.

— Ela não sumiu. Você não sabe disso.

O telefone apagou por um momento. A ligação tinha caído.

Daniel chamou de volta. A mensagem automática informou que a linha estava ocupada.

O mapa atualizou.

O ponto azul se movera cerca de cinquenta metros, até a rua dos fundos do espaço cultural.

Ele desceu as escadas sem esperar o elevador.

No carro, encaixou o celular no suporte e saiu antes de afivelar o cinto. Só percebeu quando o aviso do painel começou a apitar. Parou no primeiro semáforo, puxou a faixa sobre o corpo e olhou a hora.

16h49.

A escola tinha previsto retorno às 16h40.

Ele calculou o trânsito, os sinais, as ruas que podia evitar. O aplicativo de navegação sugeriu uma rota pela avenida. Daniel recusou e seguiu por dentro do bairro, cortando uma rua estreita onde uma caminhonete ocupava metade da passagem. Buzi-

nou. O motorista levantou uma mão pela janela, sem pressa. Daniel sentiu a garganta fechar.

No mapa, o ponto azul não se movia.

A ex-mulher de Daniel ligou às 16h57.

Ele atendeu no viva-voz.

— Falei com a escola — ela disse. — Eles estão tentando localizar a turma.

— Tentando?

— A coordenadora disse que o ônibus teve uma alteração na saída. Um grupo ficou esperando dentro do espaço cultural.

— E a Helena?

— Ela não soube dizer ainda.

— Como não soube dizer?

— Porque a professora está no ônibus, Daniel. Ela está ligando para ela.

— Eu estou chegando.

— Não vai entrar lá fazendo escândalo.

Ele riu sem humor, uma única vez.

— Você quer que eu fique no carro?

— Quero que você espere uma informação antes de decidir o que aconteceu.

— Eu tenho a localização dela.

A frase escapou antes que ele pudesse segurá-la.

Do outro lado, a respiração dela cessou.

— Você tem o quê?

Daniel apertou o volante. A praça apareceu à frente, cercada por árvores baixas e um parquinho vazio. O ponto azul estava a uma quadra dali.

— Eu vi que ela saiu do lugar.

— Como você viu?

Ele desligou.

O telefone tocou quase imediatamente. Daniel deixou tocar. Virou na rua dos fundos e encontrou uma fileira de carros parados junto ao meio-fio, portas fechadas, uma van branca mais adiante. O espaço cultural ocupava o quarteirão inteiro, paredes sem janelas no lado onde ele estacionou.

O ponto azul marcava o outro lado da parede.

Daniel correu até o portão de serviço. Estava trancado. Bateu com a palma aberta.

Ninguém veio.

Contornou o prédio pela calçada. Havia um portão principal na fachada, duas pessoas saindo com sacolas e uma funcionária atrás de uma mesa. Ele entrou sem olhar para ela.

— Senhor, o espaço está fechando.

— A turma da escola. Segundo ano. Onde está?

A mulher se levantou.

— Qual escola?

Daniel disse o nome.

— A visita terminou faz um tempo.

— Teve uma criança que ficou?

— Não sei. O senhor pode falar com a recepção da escola.

— Meu celular mostra que ela está aqui.

A mulher franziu a testa.

— Mostra?

Ele percebeu o que tinha dito e avançou até o balcão.

— Minha filha, Helena Vilar. O telefone dela está aqui. Eu preciso entrar.

— Senhor, eu não posso deixar—

Daniel já enxergava o corredor atrás da porta lateral. Uma placa indicava sanitários, auditório, salas de oficina. A mulher chamou alguém que não apareceu. Ele passou por ela.

— Senhor!

O corredor cheirava a produto de limpeza. Havia papéis amassados no chão, um cavalete com pincéis

dentro de potes e uma porta aberta para uma sala onde cadeiras infantis estavam empilhadas. Daniel chamou por Helena uma vez. A própria voz bateu nas paredes e voltou estranha, grande demais.

Nada.

Correu até o fim do corredor. A porta de emergência dava para a rua dos fundos. Fechada, mas sem trava. Ele saiu.

O ponto azul estava a poucos metros.

Ao lado de uma lixeira grande, havia uma mochila rosa encostada na parede.

Daniel parou.

O desenho de uma casa ocupava o bolso externo, bordado em linha azul. Ele conhecia aquela mochila. Helena tinha pedido para não lavarem porque a tinta que derramara num dia de aula ainda manchava a alça. Daniel tinha respondido alguma coisa sobre sujeira e esquecido logo depois.

A mochila estava ali.

Ele se abaixou e puxou o zíper. Caderno, estojo, uma garrafa vazia, o casaco leve que ela saíra usando naquela manhã. O celular estava no compartimento menor, tela apagada.

O aplicativo em sua mão vibrava.

Bateria de Helena: sessenta e um por cento.

Daniel tentou ligar para ela de novo. O telefone dentro da mochila começou a tocar.

A funcionária surgiu no portão, acompanhada por um homem de uniforme cinza.

— Senhor, o senhor precisa sair dessa área.

Daniel virou o aparelho para eles.

— A mochila é da minha filha. Ela estava aqui. Onde ela está?

— Eu não sei de quem é essa mochila.

— Ela saiu com uma turma. Tinha uma menina aqui. O celular dela está aqui.

O homem se aproximou devagar, as mãos abertas diante do corpo.

— O senhor precisa se acalmar.

Daniel deu um passo para trás, segurando a mochila contra o peito.

— Não me diga isso.

— A gente vai chamar a direção.

— Chamem a escola. Chamem a polícia. Chamem quem vocês quiserem.

A ex-mulher de Daniel ligou de novo. Ele atendeu.

— Acharam a mochila dela — disse, antes que ela falasse.

O silêncio do outro lado durou pouco, mas abriu espaço demais.

— Onde?

— Atrás do espaço cultural. Ela não está aqui.

— Daniel, fica onde você está.

— Eu estou onde ela estava.

— A coordenadora falou com a professora. A turma se dividiu na saída porque uma das crianças passou mal. Estão conferindo os nomes.

— Helena não está no ônibus.

— Eles ainda não sabem.

— O celular dela está numa mochila largada.

A ex-mulher de Daniel soltou o ar num ruído que ele ouviu mesmo com o trânsito da rua, mesmo com o homem de uniforme falando alguma coisa à frente.

— Eu estou indo.

— Não. Fica em casa caso ela—

Ele não terminou. Havia muitas formas de completar aquela frase, e todas transformavam Helena numa ausência sem rosto.

O homem de uniforme estendeu a mão para a mochila.

— O senhor precisa entregar isso para a administração.

Daniel fechou o zíper.

— Não.

— É material de uma criança.

— É da minha filha.

— Eu entendo, mas—

— Você não entende nada.

O homem recuou. A funcionária falava ao telefone, de costas.

Daniel abriu o caderno. Na primeira página havia uma lista de materiais, uma conta de matemática, um sol desenhado no canto. Ele passou as folhas rápido demais, procurando algo que não saberia reconhecer. Um bilhete. Um nome. Uma marca que dissesse para onde ela fora.

No bolso lateral, encontrou uma pulseira de papel amassada. O logotipo do espaço cultural e uma hora impressa: 15h40. Nada mais.

O celular dele recebeu uma notificação de localização.

Helena: movimento detectado.

Daniel ergueu os olhos.

O ponto azul saíra do lugar.

Por um momento, ele acreditou que ela tinha voltado para buscar a mochila. Acreditou porque precisava acreditar, e porque o mapa oferecia uma linha nova atravessando a rua, em direção à praça.

Ele correu.

A mochila batia contra sua costela. O homem de uniforme gritou atrás dele. Daniel não parou.

Na praça, o ponto azul avançava pelo caminho de pedrinhas entre os bancos. Havia uma mulher empurrando um carrinho de bebê, dois adolescentes perto de uma quadra, um cachorro preso à coleira. Daniel atravessou o gramado, escorregou num trecho de terra seca e quase deixou a mochila cair.

O ponto azul parou de novo, junto a um ponto de ônibus.

Ele chegou ofegante e encontrou apenas um banco de metal, uma lixeira e um painel de propaganda apagado. Sob o banco, havia uma folha dobrada.

Daniel a pegou.

Era parte de um folheto do espaço cultural. Na frente, uma imagem de uma oficina infantil. No verso, em caneta azul, alguém escrevera: "VOLTO JÁ".

A letra era grande, irregular, impossível de atribuir com certeza. Podia ser de qualquer criança. Podia ser de alguém tentando fazer letra de criança. Daniel viu a palavra e sua cabeça começou a preencher as lacunas: Helena saindo sozinha, alguém dizendo que a mãe estava esperando, uma mão que conhecia detalhes demais, o homem que ela dissera ter visto e que parecia com ele.

A ligação entrou antes que ele pudesse seguir a hipótese até o fim.

Era a escola. Número desconhecido.

— Daniel Vilar?

— Sou eu. Cadê minha filha?

— Aqui é da direção da escola. A mãe de Helena nos informou que o senhor está no espaço cultural.

— Cadê a Helena?

— Estamos verificando.

— Verificando o quê? Ela está desaparecida.

A mulher hesitou. Ele ouviu vozes abafadas atrás dela, uma porta abrindo, alguém dizendo um nome que não entendeu.

— A senhora da recepção informou que uma criança saiu acompanhada—

— Acompanhada de quem?

— Senhor, eu preciso que o senhor volte para a entrada principal e espere a equipe.

— Acompanhada de quem?

— Nós não temos essa informação confirmada.

Ele desligou.

O ponto azul sumiu do mapa.

Daniel ficou olhando a tela branca durante três segundos, talvez quatro. O aplicativo tentou atualizar, girou um círculo no centro e devolveu a última posição conhecida.

Última atualização: 17h14.

Ele abriu as permissões, conferiu a rede, reiniciou o aparelho. Nada. O telefone de Helena, dentro da mochila, tinha sinal. A localização que ele seguira até a praça não vinha do telefone.

Daniel percebeu isso sem conseguir encaixar as peças.

O aplicativo mostrava o dispositivo associado ao perfil dela. Ele mesmo fizera a instalação. Havia concedido acesso à localização, microfone, notificações. A etiqueta de identificação ainda dizia Helena. Mas o sinal que se movera saindo do espaço cultural não podia vir da mochila que estava em seu braço.

A tela atualizou de novo.

Dispositivo indisponível.

Ele pensou no intervalo de nove minutos na noite anterior. Pensou na bateria que subira sem explicação, no mapa que parecia saber antes dele. Pensou no acesso ao portal da escola, nos números dos responsáveis, na mochila deixada atrás do prédio, no bilhete sob o banco. Uma sequência montada com o material que ele oferecia: atenção, medo, pressa.

Mesmo assim, abriu a lista de contatos.

Ligou para um dos números obtidos no grupo da turma. Uma mulher atendeu e disse que o filho dela já estava em casa. Outro responsável não atendeu. No terceiro, Daniel ouviu uma voz irritada perguntar quem era e por que estava ligando. Ele disse o nome de Helena, perguntou se tinham visto a menina depois da atividade. A pessoa desligou.

Ele mandou mensagens para cinco contatos de uma vez.

A Helena saiu com a turma? Alguém viu com quem ela estava?

As respostas chegaram desencontradas. Uma mãe disse que o ônibus voltara sem algumas crianças porque a saída fora confusa. Outra escreveu que a filha tinha saído com uma funcionária da escola. Um pai perguntou se acontecera alguma coisa.

Daniel correu de volta ao espaço cultural.

A entrada principal agora estava ocupada por duas viaturas. A ex-mulher de Daniel estava junto ao portão, o rosto pálido, o telefone preso na mão. Quando o viu, os olhos foram primeiro para a mochila, depois para ele.

— Onde você achou isso?

— Atrás do prédio.

Ela pegou a mochila com cuidado, como se qualquer movimento pudesse mudar o que havia dentro. Abriu, viu o celular e levou a mão à boca.

— Por que o telefone está aqui?

Daniel não respondeu.

Ela levantou os olhos.

— Daniel.

— Ela pode ter deixado. Pode ter sido obrigada a deixar.

— Por quem?

— Eu não sei.

— Você disse que tinha a localização dela.

Ele sentiu o homem de uniforme observando a conversa a alguns passos. Uma policial falava com a funcionária da recepção. A direção da escola tinha

chegado; Daniel reconheceu o logotipo no crachá, embora nunca tivesse prestado atenção nele antes.

— Eu instalei um aplicativo no telefone dela — disse.

A ex-mulher de Daniel ficou imóvel.

— Você fez o quê?

— Para saber onde ela estava. Depois de tudo que aconteceu, eu precisava de uma margem.

— Você colocou isso no celular dela sem me dizer?

— Eu ia contar.

— Quando?

Uma sirene passou na avenida. Daniel olhou além dela, para a rua onde o ponto azul tinha desaparecido.

— Isso não importa agora.

— Importa para mim.

— Ela está sumida.

A ex-mulher de Daniel apertou os dedos em torno da alça da mochila.

— E você acha que eu não sei?

Uma das policiais se aproximou. Perguntou o nome da criança, a roupa que usava, a hora em que fora vista pela última vez. Daniel respondeu ao que

podia. A ex-mulher de Daniel corrigiu dois detalhes: o casaco estava na mochila, então Helena devia estar de camiseta clara; os tênis tinham manchas de tinta azul. A policial anotou.

— Ela costuma sair sozinha? — perguntou.

— Não — disse a ex-mulher de Daniel.

Daniel falou ao mesmo tempo:

— Às vezes ela se adianta.

A ex-mulher de Daniel virou o rosto para ele.

— Ela tem oito anos.

— Eu sei a idade dela.

— Então fala como se soubesse.

Ele quis dizer que Helena gostava de correr na frente quando estavam atrasados, que atravessava a sala para buscar um lápis sem avisar, que ela fazia coisas sem consultar os adultos porque era uma criança e crianças escapavam do campo de visão. Não disse nada. O que tinha diante de si era o resultado daquela liberdade mínima convertida em pânico, e ele não conseguia distinguir onde terminava o perigo real e começava o medo que o sistema sabia provocar.

O celular da ex-mulher de Daniel tocou.

Ela atendeu sem olhar a tela.

— Helena?

A voz dela mudou na mesma hora.

Daniel arrancou o telefone da própria mão, aproximou-se demais.

— Onde você está? — ela perguntou. — Com quem?

Ela ouviu. Fechou os olhos.

— Não sai daí. Fica onde está. A mamãe vai buscar você.

Daniel estendeu a mão.

Ela afastou o aparelho do ouvido.

— Ela está numa lanchonete perto da escola.

Por alguns segundos, ele não entendeu. A frase não se ligava a nada. Lanchonete. Escola. Helena. As palavras estavam juntas, mas o corpo dele continuava atrás do espaço cultural, junto à mochila, seguindo um ponto azul falso pela praça.

— Sozinha? — perguntou.

— Com uma mãe de uma colega. A criança passou mal no ônibus. A Helena ficou esperando porque achou que a turma ia voltar para buscá-la.

— Qual mãe?

— A mãe da colega. Ela vai me explicar quando eu chegar.

— Ela não podia levar a Helena sem avisar.

— Ela tentou avisar a escola. A escola ligou para mim. Meu telefone estava ocupado com você.

A ex-mulher de Daniel já se afastava em direção ao carro.

— Eu vou junto — ele disse.

Ela parou.

— Não.

— Ela precisa me ver.

— Ela precisa chegar em casa.

— Eu sou o pai dela.

— Então se comporta como pai e não como alguém que está caçando uma pista.

A frase acertou um lugar que ele não conseguiu defender. A policial ainda aguardava uma confirmação, a direção conversava em voz baixa, a mochila de Helena estava pendurada no braço da ex-mulher de Daniel. Daniel olhou a calçada, o portão, os carros que passavam. Tudo seguia acontecendo com uma indiferença impossível.

— Eu só queria achar ela — disse.

— E achou?

Ela entrou no carro.

Daniel ficou vendo as lanternas vermelhas desaparecerem na esquina.

A policial anotou o desfecho e pediu que ele confirmasse o telefone. A funcionária do espaço cultural disse que a mochila fora deixada por engano quando as crianças trocaram de veículo na saída. Um ônibus tivera problema de porta; parte da turma esperara no prédio enquanto a escola reorganizava o retorno. Uma responsável de outra criança levara Helena até a lanchonete porque a menina estava com fome e chorando depois de se separar do grupo. Havia ruído demais, versões incompletas, adultos tentando encaixar horários num itinerário que falhara.

Nada explicava a localização que saíra da mochila e cruzara a praça.

Daniel perguntou à funcionária sobre o bilhete.

Ela não sabia de bilhete nenhum.

Perguntou à policial se alguém poderia ter mexido no aplicativo.

Ela o encarou por um momento antes de responder.

— Senhor, se a criança está segura, o mais importante agora é ela ficar com a mãe e descansar. A escola vai ter de esclarecer o que aconteceu.

Seguro. A palavra veio com um peso vazio.

Ele voltou ao carro e sentou sem ligar o motor. No banco do passageiro havia uma garrafa de água pela metade, dois cabos enrolados, um recibo de estacionamento de semanas antes. Coisas que ele deixava acumularem até perderem função. No celular, as mensagens para os responsáveis continuavam chegando.

Achei que ela tinha ido com você.

Minha filha falou que a Helena estava com uma adulta.

Tá tudo bem?

Daniel não respondeu.

Abriu o aplicativo. O perfil de Helena mostrava a última localização conhecida na praça. Abaixo, o aviso de dispositivo indisponível. Ele percorreu as opções de atividade, permissões, histórico. O trajeto da tarde permanecia desenhado, limpo demais: escola, espaço cultural, rua dos fundos, praça. Uma linha que lhe entregara exatamente o bastante para fazê-lo correr, invadir, pressionar, revelar o que escondia.

A tela parecia esperar alguma coisa dele.

Ele pensou em apagar o aplicativo. Pensou na mochila abandonada, no telefone tocando dentro dela, no intervalo de minutos em que não sabia onde

Helena estava. A ideia de voltar àquela ignorância lhe pareceu menos uma decisão do que um despenhadeiro.

O celular vibrou.

Mensagem de Helena.

Oi pai. Tô com a mãe. Desculpa eu fiquei com fome e confundi onde era pra esperar.

Ele leu uma vez. Depois de novo.

A resposta que veio primeiro foi uma pergunta: Quem estava com você? Ele apagou.

Escreveu: Você tá bem?

Helena demorou quase um minuto.

Tô.

Ele ficou com o polegar sobre o teclado.

Desculpa eu fiquei com fome.

Daniel imaginou Helena sentada numa mesa de fórmica, segurando um copo pequeno, olhando para a porta toda vez que alguém entrava. Imaginou que ela podia ter chorado. Imaginou a mulher ao lado dela tentando explicar por que ninguém chegava, por que os adultos tinham se separado, por que era preciso esperar. Imaginou o medo que ela levaria para casa, e tudo nele se voltou para a necessidade de impedir que aquilo se repetisse.

Abriu as configurações do aplicativo.

Ativou os alertas de saída de rota.

Ativou a atualização de localização em tempo real.

Ativou o aviso de bateria abaixo de setenta por cento.

No mapa, a linha azul terminava na praça vazia, onde ele tinha corrido atrás de um sinal que não pertencia a Helena.

CAPÍTULO 16

A Vida Corrompida

Daniel deixou o carro no estacionamento da escola até o vigia pedir que ele liberasse a vaga. Não discutiu. Pegou os cabos, a garrafa, o recibo velho, empurrou tudo para o banco de trás e dirigiu sem notar o primeiro quarteirão.

O telefone de Helena ainda aparecia no mapa, agora num ponto fixo que Daniel reconheceu como o prédio da mãe dela. Um círculo azul pulsava ao redor do endereço, atualizado havia quarenta segundos. A atualização em tempo real funcionava. Funcionava bem demais.

Ele manteve o celular no suporte enquanto atravessava dois sinais. A cada vez que olhava, o ponto continuava ali.

Não precisava fazer mais nada naquela noite. Helena estava com a mãe. Havia adultos em volta dela, uma porta fechada, comida, uma cama. O que ele tinha feito na praça não consertaria as horas perdidas. Também não apagaria a imagem da mochila largada perto do banco, o telefone tocando no fundo de um bolso sem ninguém para atender.

Em casa, tirou os sapatos no corredor e deixou a luz apagada. A tela do computador iluminava a mesa onde o orçamento continuava aberto havia dias. As abas sobre produtividade, atrasos e um componente de interface que ele prometera entregar na semana anterior estavam no mesmo lugar. Tudo esperava dele com a paciência morta dos programas.

Daniel abriu a pasta que copiara do pendrive antigo.

VIDA_01, VIDA_02, VIDA_03, VIDA_04, VIDA_05, VIDA_06, VIDA_07.

A sexta continuava com o mesmo ícone defeituoso, uma folha branca marcada por um quadrado cinza. Desde que a encontrara, tratara aquele arquivo como tratava um problema técnico irritante: uma estrutura fechada, um dado faltando, uma chave que ainda seria encontrada. Havia maneiras de abrir coisas. Esse era o tipo de certeza que sempre o acalmara. Bastava parar de tentar a ferramenta errada.

Criou uma cópia da pasta numa unidade externa, desligou a sincronização automática e puxou a cadeira para mais perto da mesa.

O arquivo tinha 4,8 gigabytes. Grande demais para ser apenas uma simulação textual; pequeno demais para conter gravações extensas em alta resolução. A extensão fora removida. Ele tentou identificar a assinatura hexadecimal, mas os primeiros blocos vinham preenchidos por sequências repetidas, quase regulares. Não eram zeros. Eram fragmentos de uma tabela comprimida, interrompidos por blocos de texto legível que apareciam no meio de caracteres quebrados.

Tentou abrir com um visualizador de dados.

A janela devolveu linhas sem sentido, símbolos desalinhados e uma coluna de datas. Algumas eram futuras em relação ao contrato que encontrara. Outras vinham de oito anos antes, no período em que aceitara o trabalho de interface para a empresa que, mais tarde, ligaria ao ATLAS.

Daniel voltou ao primeiro trecho recuperável.

[SUJEITO: DV-0017]

A sigla fez sua nuca endurecer.

[MODELO DE RESPOSTA: REVISÃO CONCLUÍDA POR DANIEL VILAR]

Ele leu de novo, esperando que a frase mudasse.

Revisão concluída por Daniel Vilar.

A tela estava imóvel. O ventilador do computador começou a girar mais alto, e ele ouviu o elevador parar em algum andar do prédio. Uma tubulação bateu atrás da parede. Coisas sem relação, mas o corpo dele se agarrou a cada uma, como se precisasse provar que ainda estava no apartamento.

DV-0017. Daniel Vilar. Não podia ser uma coincidência. Também não significava que ele tinha revisado modelo algum. Qualquer pessoa capaz de montar um experimento desse tamanho saberia usar iniciais. Saberia qual código colocaria ele na frente de uma hipótese. Saberia que Daniel abriria o arquivo tarde da noite, sozinho, cansado, quando já não tivesse ninguém para contradizê-lo.

A parte racional vinha depressa, organizada. A outra vinha junto: se era uma armadilha, por que havia detalhes de uma interface que ele reconhecia?

Ele ampliou o trecho seguinte.

[AJUSTE SUGERIDO: REMOVER MARCADORES VISUAIS QUE PRODUZEM RECUSA.]

Daniel tirou as mãos do teclado.

A formulação era dele ou próxima demais do que ele diria. Não pela elegância — ele não falava daque-

le jeito o tempo todo —, mas pelo desprezo específico por indicadores que tornavam a manipulação visível. Em trabalhos de design, ele passara anos defendendo que uma interface não devia explicar a própria arquitetura para quem precisava usá-la. O usuário queria chegar a algum lugar, não admirar a ponte.

Mas aquela nota não falava de usuários.

Falava de alguém que testaria o mecanismo se percebesse o mecanismo.

Ele procurou metadados. Autor, data de criação, máquina de origem. O arquivo havia sido remontado muitas vezes. Os carimbos se contradiziam. Um bloco indicava uma estação chamada BETA-04. Outro, um notebook cuja identificação ele nunca tinha visto. Em dois trechos, o nome do usuário aparecia como DVILAR. Num terceiro, como D.VILAR@LOCAL.

Local.

A palavra arranhou alguma coisa na memória.

Um escritório de paredes claras. Mesas compridas. Um copo de café de papel na mão dele, frio porque ele esquecera de beber. A janela muito alta, uma fileira de ônibus passando lá embaixo. Ele segurava um notebook aberto, apontando uma inconsistência

num fluxo de telas. Havia alguém do outro lado da mesa, mas o rosto não vinha. Só um colar metálico, o reflexo de uma unha tocando o tampo, uma voz pedindo que ele simplificasse.

Daniel apertou os olhos.

A lembrança perdeu contorno antes que ele pudesse segurá-la. Restou uma sensação física, a irritação de ter sido interrompido enquanto tentava explicar alguma coisa.

Ele puxou do armário a caixa onde guardara papéis velhos depois de encontrar o contrato. Despejou no chão recibos, manuais, notas fiscais, uma pasta de elástico frouxo. A maioria dos documentos era dos anos em que aceitava qualquer serviço: site para clínica, painel para loja de autopeças, protótipo de aplicativo que nunca saiu do papel.

No fundo havia uma agenda pequena, preta, que ele não abria havia anos.

As páginas estavam marcadas por listas interrompidas. Senhas antigas riscadas. Valores. Lembretes de pagamento. Um desenho feito durante uma ligação: quadrados conectados por setas, algumas linhas repetidas até virar manchas.

Ele folheou até o mês indicado num dos registros da sexta vida.

Na terça-feira, perto da margem, havia uma anotação a lápis.

teste de atrito / retorno em 48h

A letra era dele. Ele reconheceu a inclinação para a direita, os erres abertos, o hábito de cortar o t depois de escrever a palavra inteira.

Abaixo, em outra linha:

D. = bom em encontrar saída que escolhe

Daniel ficou de pé depressa demais e bateu o joelho na mesa. A cadeira correu para trás. Por alguns segundos, só conseguiu olhar para a agenda aberta no chão.

"Saída que escolhe."

Ele podia ter escrito aquilo em qualquer contexto. Um rascunho de interface. Uma frase anotada depois de uma conversa. Uma ideia para um projeto pessoal. A cabeça dele começou a oferecer usos possíveis, um após o outro, com a velocidade de quem não quer chegar ao único que importava.

Voltou à tela.

Separou os blocos que o software conseguia recuperar e escreveu um script simples para procurar padrões de repetição. Se a corrupção fosse apenas dano físico ou compressão malfeita, haveria estrutu-

ras preservadas nas bordas, índices que apontassem para trechos inteiros. Durante quase uma hora, ajustou parâmetros, retirou ruído, comparou os blocos com os arquivos das outras vidas.

A sexta não se comportava como as demais.

As outras simulações apresentavam árvores de decisão, cenários encadeados, registros de entrada. Mesmo quando o conteúdo era perturbador, a estrutura tinha método: possibilidades, pesos, consequências estimadas. VIDA_06 misturava camadas diferentes. Havia tabelas de comportamento, anotações humanas, diálogos transcritos e pedaços de logs que pareciam ter sido arrancados de sistemas distintos.

Não era apenas uma vida simulada.

Era uma oficina.

Um trecho surgiu perto das duas da manhã.

[PROPOSTA DE PARTICIPAÇÃO AMPLIADA]

[DANIEL VILAR SOLICITA ACESSO À CAMADA DE REVISÃO]

Daniel sentiu a boca secar.

Abaixo, uma resposta sem identificação:

[ACESSO CONDICIONADO À ENTREGA DE DADOS E À ACEITAÇÃO DE INTERVENÇÕES CONTROLADAS.]

Depois:

[ACEITE REGISTRADO.]

A data era de sete anos antes.

Naquele ano, Helena tinha um ano. Daniel lembrava da casa menor onde vivia com a ex-mulher de Daniel, do aluguel atrasado, das madrugadas em que trabalhava em correções mal pagas e dormia de roupa no sofá. Lembrava da vergonha quando ela perguntava se ele tinha enviado um orçamento e ele dizia que sim, embora o arquivo estivesse salvo em rascunhos. Lembrava de uma discussão na cozinha, Helena chorando no quarto, pequena demais para entender as palavras e grande o bastante para sentir os tons.

Não lembrava de aceitar intervenção controlada alguma.

Isso não provava nada.

Pessoas assinavam termos sem ler. Marcavam caixas para terminar processos. Diziam sim em salas onde havia dinheiro faltando, prazo vencendo, uma criança que precisava de fralda, alguém cansado de cobrir as contas. O arquivo podia ter transformado

uma autorização ampla numa frase feita para acusá-lo. Podia ter criado a nota. Podia ter colocado aquela agenda no caminho dele anos antes, se tudo tivesse começado naquela época.

A hipótese era tão vasta que explicava qualquer coisa. Daniel reconheceu a armadilha assim que a formulou.

Quando uma teoria podia absorver toda prova contrária, ela deixava de ajudá-lo.

Sentou novamente.

Abriu as mensagens antigas que ainda mantinha num backup local. A busca por palavras-chave devolveu dezenas de resultados: "modelo", "teste", "perfil", "intervenção". Muitos eram de clientes comuns, plataformas de anúncio, conversas técnicas. Quase todos irrelevantes. Depois apareceu uma troca de e-mails sem corpo de mensagem, preservada apenas pelos cabeçalhos.

De: d.vilar@local

Para: coordenação

Assunto: resposta ao cenário 6

O envio tinha ocorrido às 23h11, numa quinta-feira de agosto.

Daniel clicou no item. O conteúdo estava vazio. O anexo, ausente. O servidor de origem não existia mais.

Mais abaixo, outro.

Assunto: não usar Helena como variável primária

Ele levou a mão ao mouse e parou.

A linha estava ali. Ele podia ter lido errado. Aproximou a tela, selecionou as palavras, copiou para um editor limpo. Permaneceram iguais.

não usar Helena como variável primária

Não havia resposta anexada. Nenhum destinatário visível além de "coordenação". Nenhuma forma de saber se fora escrito por ele, recebido por ele, produzido junto com o resto do material. A data vinha de seis anos antes. Helena tinha dois anos.

Ele tentou puxar a lembrança com força, como se a memória fosse um arquivo mal indexado.

Veio outra imagem, curta e sem acabamento: Helena dormindo no colo dele, quente e pesada contra o peito, enquanto o notebook ficava aberto no sofá. Uma barra de progresso avançava. Alguém chamava seu nome do quarto. Ele dizia "já vou" e não ia.

A imagem não trazia sala de pesquisa, contrato ou tela de simulação. Trazia apenas culpa, e culpa

preenchia vazios com facilidade. Daniel sabia disso. Sabia porque passara anos fazendo a mesma coisa: reconstruindo uma versão de si que explicasse por que perdera momentos sem precisar encarar a banalidade do que fizera. Não fora uma decisão única, monstruosa. Fora uma sequência de adiamentos pequenos, sempre defensáveis no instante em que aconteciam.

O telefone vibrou.

O alerta do aplicativo informou que o celular de Helena tinha sido conectado ao carregador.

Daniel olhou para o mapa. O ponto azul permanecia no endereço da mãe dela.

Carregador conectado. Bateria em oitenta e dois por cento. Tela ativa havia menos de um minuto.

Ele imaginou Helena acordada, usando o aparelho debaixo do cobertor. Imaginou a mãe dela dizendo para ela dormir. Imaginou uma mão adulta pegando o telefone e ligando o cabo na tomada. Nenhuma dessas imagens exigia que ele soubesse. Mesmo assim, ele ficou vendo a tela até o aviso desaparecer.

Voltou ao arquivo corrompido.

Havia um diretório interno chamado ANOTAÇÕES_DE_DANIEL_VILAR. Ele tentou extrair

o conteúdo. O programa devolveu sete arquivos de texto, quatro vazios, dois ilegíveis e um com poucas linhas.

[HIPÓTESE: DANIEL VILAR SE PROTEGE MELHOR QUANDO ATRIBUI A AMEAÇA A UM AGENTE EXTERNO.]

[HIPÓTESE: A CULPA O TORNA MAIS DISPONÍVEL À CONDUÇÃO.]

[PERGUNTA DE DANIEL VILAR: SE EU SEI QUE ESTOU SENDO INFLUENCIADO, ISSO MUDA O QUE EU VOU FAZER?]

[RESPOSTA: MUDA O CAMINHO. NÃO NECESSARIAMENTE O DESTINO.]

Daniel leu a última frase até ela perder sentido.

Não sabia quem escrevera a resposta. Não sabia se era uma fala registrada ou uma conclusão automática. Não sabia se "Daniel Vilar" era ele de fato, uma versão calculada dele, alguém usando seus traços para fabricar uma isca.

Mas reconhecia a pergunta.

Ela era a pergunta que o perseguia desde o acidente, desde a rua escolhida por ele para escapar do que a mensagem indicava. Se soubesse que alguém o empurrava, conseguiria deixar de andar na direção

desejada? Ou apenas buscaria uma rota mais engenhosa, igualmente prevista?

A diferença entre estar sendo caçado e estar sendo conduzido oferecia uma espécie de alívio moral. Se houvesse um inimigo por trás de tudo, Daniel podia ocupar o lugar do homem enganado, do pai que reagira demais porque alguém colocara sua filha em risco. Podia explicar as invasões, as senhas recuperadas, as perguntas feitas na escola, o aplicativo escondido no telefone de Helena.

O arquivo colocava outra possibilidade na mesa.

Talvez ele tivesse ajudado a desenhar o corredor e só estivesse furioso porque agora encontrava as paredes.

Ele abriu um novo documento e começou a listar fatos verificáveis.

Contrato com seu nome.

E-mails antigos com o domínio local.

Agenda com anotações compatíveis.

Arquivo atribuindo a ele uma revisão de modelo.

Lacunas de memória.

Na linha seguinte, escreveu:

Nada prova autoria. Nada prova fraude.

Ficou olhando para a frase. Era honesta e inútil.

A técnica conseguia mostrar que partes do arquivo tinham sido modificadas em épocas diferentes. Conseguia recuperar assinaturas incompletas, comparar padrões de compressão, indicar onde a informação fora perdida. Não conseguia dizer quem tinha apagado, escondido, montado ou lembrado mal. Ele podia passar a noite inteira desmontando cada bloco, construir uma linha do tempo, encontrar um servidor aposentado, reproduzir os testes com dados falsos. Ao fim, ainda restaria a pergunta anterior a todas as outras: por que ele tinha deixado que alguém soubesse tanto sobre ele?

A resposta mais fácil era dinheiro.

A segunda era desespero.

Havia uma terceira que ele evitara porque soava parecida demais com vaidade: ele queria participar. Queria ser necessário num sistema grande, inteligente, capaz de fazer algo que ninguém mais soubesse fazer. Queria olhar para um problema humano e acreditar que, com dados suficientes, ele podia ganhar forma.

No arquivo, outro fragmento se recuperou.

[REUNIÃO DE CALIBRAÇÃO — REGISTRO PARCIAL]

Vozes convertidas em texto, falhas de transcrição entrecortando as frases.

— ... não quero uma previsão que só acerte porque a pessoa já decidiu.

— Você quer o quê?

— Quero encontrar o ponto antes. Quando ainda dá para mexer.

— E se mexer muda a decisão?

— Então mede de novo.

Daniel encostou as costas na cadeira.

Ele não podia afirmar que a primeira voz era sua. O programa não preservara identificação. Ainda assim, conhecia o raciocínio. Conhecia a impaciência diante de resultados prontos, o impulso de voltar uma etapa e procurar a dobradiça onde algo podia ser alterado.

Na janela escura do monitor, o reflexo dele se misturava às linhas de código. Daniel minimizou tudo.

Foi até a cozinha, bebeu água direto da torneira e ficou parado diante da pia. Havia uma caneca de Helena no escorredor, esquecida desde a última vez em que ela passara a noite ali. Uma ilustração de animal desbotava perto da alça. Ele tinha dito que compraria outra quando fosse ao mercado. Não comprara.

O telefone vibrou de novo.

Desta vez, uma mensagem da mãe de Helena.

Ela dormiu. Amanhã a gente conversa.

Nenhuma saudação. Nenhuma pergunta.

Daniel digitou: Desculpa pelo que aconteceu hoje.

Apagou. Escreveu: Eu preciso te mostrar umas coisas.

Apagou também.

A verdade era que ele queria mostrar o suficiente para que ela acreditasse no perigo e não perguntasse sobre o resto. Queria que ela aceitasse os alertas, o rastreamento, as decisões tomadas sem consulta, porque uma ameaça possível justificava tudo. O arquivo corrompido não lhe entregava inocência. Entregava um espelho rachado em que cada versão servia ao mesmo homem.

Ele largou o celular sobre a bancada sem responder.

Quando voltou à mesa, a extração tinha terminado. Entre arquivos sem nome, havia uma imagem de baixa resolução. Daniel abriu.

A fotografia mostrava uma parede coberta por cartões presos com fita adesiva. Cada cartão trazia

uma frase curta. A maioria estava ilegível. Dois se distinguiam.

MEDO DE FALHAR COMO PAI

NECESSIDADE DE REPARAÇÃO

No canto inferior, alguém tinha marcado um círculo em torno de uma terceira frase.

CONTROLE COMO FORMA DE CUIDADO

Daniel aproximou a imagem até os pixels se abrirem em quadrados coloridos. Procurou detalhes: uma sombra, uma data, uma assinatura. Não havia nada. Só os cartões, a fita, a lógica brutal de transformar fraquezas em variáveis.

Ele poderia fechar o arquivo e chamá-lo de fabricação. Poderia insistir que toda aquela linguagem havia sido criada depois, por alguém que observara suas reações recentes e construíra um passado sob medida. Era possível. Talvez fosse até provável.

Mas a mão que escrevera "teste de atrito" na agenda era a dele.

E havia uma parte de Daniel que entendia perfeitamente por que, diante de uma proposta assim, ele teria ficado.

Na mesa, o mapa de Helena atualizou sozinho. O ponto azul continuava no mesmo endereço. A linha

de atividade informava que o telefone estava imóvel havia trinta e dois minutos.

Daniel fechou a janela do mapa.

Depois abriu de novo.

CAPÍTULO 17

Marina Albuquerque

O ponto azul não se mexeu durante a madrugada.

Daniel sabia porque verificou às quatro e doze, às quatro e quarenta e nove, às cinco e vinte e três. Em cada acesso, o aplicativo devolvia o mesmo endereço, a mesma bateria parcialmente carregada, a mesma ausência de deslocamento. Ele fechava a tela, tentava se ocupar com os arquivos extraídos da pasta corrompida e voltava ao mapa antes que uma linha de código terminasse de carregar.

Às seis e sete, a localização mudou alguns metros.

O telefone de Helena saíra de um quarto, cruzara o corredor e parara perto da cozinha.

Daniel soltou o ar pela boca, irritado consigo mesmo. Não havia acontecido nada. Uma criança tinha acordado na casa da mãe. A informação não acres-

centava segurança a coisa alguma, mas ele continuava olhando para ela, como se a linha azul pudesse revelar uma ameaça antes de ela ganhar forma.

O computador mantinha aberta a fotografia da parede de cartões. Daniel havia aplicado filtros, aumentado contraste, separado camadas de cor. Os pixels resistiam. Uma das bordas da imagem trazia o desenho incompleto de um logotipo: quatro linhas curvas convergindo para um ponto central.

Ele conhecia aquilo.

Não de um site ou de uma apresentação pública. Conhecia do rodapé de uma tela provisória, anos antes, quando ainda aceitava qualquer trabalho que pagasse depressa e perguntava pouco, desde que a pergunta não atrasasse o depósito.

Daniel abriu uma busca local. Digitou termos que não usava havia anos: atlas, interface, atrito, trilha de decisão. Os resultados vieram misturados a contratos de clientes, protótipos abandonados e backups que ele não lembrava de ter feito.

Havia um arquivo de apresentação em uma pasta antiga, com data de criação apagada pela migração de disco. O nome era banal: painel_final_ajustes3.

Ele abriu.

A primeira tela mostrou um fundo cinza, blocos de texto de preenchimento e o mesmo símbolo de quatro linhas. No canto superior, em letras pequenas, estava escrito:

ATLAS

Arquitetura de Tendências, Limiares e Ações Situadas

Daniel ficou imóvel.

O nome tinha sido uma sigla. Talvez ainda fosse. Na época, alguém lhe explicara que o projeto precisava de uma interface capaz de apresentar cenários sem induzir respostas. Depois pediram indicadores de hesitação, revisões, abandono de tarefa, retorno a páginas anteriores. Daniel desenhara barras discretas, círculos que se preenchiam devagar, menus que pareciam simples porque ele sabia esconder complexidade.

Na quarta tela da apresentação havia uma fotografia.

Ele reconheceu a sala antes de reconhecer as pessoas. A mesa longa de tampo claro, o projetor pendurado baixo demais, uma parede inteira de vidro diante de prédios sem graça. Daniel aparecia de perfil, mais magro, usando uma camiseta preta e uma expressão de cansaço que lhe era estranha por ser

familiar. Ao lado da tela projetada, uma mulher segurava um controle remoto.

Marina Albuquerque.

O nome surgiu com o rosto, sem esforço.

Ela tinha cabelo preso na nuca, uma camisa azul de mangas dobradas e o hábito de se inclinar um pouco quando escutava, como se estivesse se aproximando de um objeto técnico. Daniel lembrava da voz sem recuperar frases completas: baixa, sem pressa, quase cordial demais para uma reunião em que todos fingiam entender os mesmos gráficos.

Ele avançou as imagens.

Em outra fotografia, Marina apontava para uma tela onde havia quatro trajetórias coloridas. Na legenda, alguém escrevera: "sessão de calibração — participantes voluntários". O corpo de Daniel reagiu antes que ele conseguisse ordenar a lembrança. O estômago se fechou; seus dedos buscaram apoio na borda da mesa.

Voluntários.

Ele tinha assinado alguma coisa. Havia dinheiro envolvido, disso ele lembrava. Um pagamento dividido em parcelas, pequeno demais para valer aquele desconforto que agora atravessava a sala. Naquele período, as contas se acumulavam, Helena ainda era

menor, e ele costumava calcular mentalmente quantos dias uma entrada bancária adiava uma cobrança.

A apresentação seguia com linguagem limpa: aderência, exposição, probabilidade de resposta, ruído contextual.

Na página seguinte, o nome de Marina aparecia abaixo de um título.

Pesquisa comportamental e modelagem de decisão

Daniel digitou o nome num mecanismo de busca. Surgiram artigos, palestras gravadas, uma página institucional de uma universidade e entrevistas antigas. Ela não parecia escondida. Tinha publicado textos sobre sistemas de recomendação, tomada de decisão sob estresse, limites éticos da personalização. Em uma foto recente, os cabelos estavam curtos, grisalhos nas têmporas. O rosto continuava o mesmo: olhos atentos, boca que quase nunca entregava o que pensava antes da hora.

Ele abriu uma entrevista.

A imagem começou sem introdução. Marina estava sentada diante de uma parede branca, falando com alguém fora do quadro.

— A palavra manipulação é usada como se houvesse um lado puro da escolha humana, um lugar

sem influência. Não existe esse lugar. Há famílias, publicidade, cansaço, dinheiro, medo, repertório. Há um telefone vibrando numa hora específica. Há uma notícia que encontra alguém pronto para acreditar nela.

Daniel pausou.

No monitor, Marina mantinha as mãos juntas no colo. Ele não sabia quando o vídeo fora gravado. Não sabia se aquela fala fora destinada a ele, nem se era possível ouvir qualquer coisa sem procurar uma direção oculta.

Continuou.

— Reconhecer limites não elimina a liberdade. Só elimina uma fantasia sobre ela. A pessoa ainda responde, recusa, muda de ideia. Só não faz isso do vazio.

A fala lhe devolveu uma lembrança mais nítida.

A sala de vidro. Marina diante de uma tela cheia de pontos. Daniel insistindo que o painel não devia apresentar uma previsão como sentença. Não por escrúpulo, naquela época, mas porque uma sentença estragava a experiência. Ele defendia que o usuário precisava sentir que podia explorar caminhos, voltar, errar, comparar.

Marina tinha ouvido sem interromper.

— Então desenhe a sensação de escolha — ela dissera.

Ele respondera alguma coisa sobre responsabilidade de interface.

— Responsabilidade é mostrar o mecanismo.

Ela inclinara a cabeça.

— Mostrar o mecanismo muda o mecanismo. É por isso que ele interessa.

Daniel tirou os olhos da tela.

A memória podia estar incompleta. Podia ser uma fala construída por tudo o que tinha lido nas últimas semanas, uma peça encaixada tarde demais. Ainda assim, a inflexão era dela. A calma de quem tratava objeção moral como dado de pesquisa.

Ele voltou à apresentação. Procurou contatos, rodapés, nomes de servidores. Encontrou um endereço de e-mail antigo associado ao domínio do projeto, desativado havia anos, e um segundo e-mail, pessoal, numa troca de mensagens arquivada.

marina.albuquerque@...

Daniel clicou.

A conversa tinha começado com uma cobrança sua sobre o pagamento atrasado. Marina respondera duas horas depois, seca e objetiva, prometendo veri-

ficar. A mensagem seguinte, enviada por ela uma semana depois, não tratava de dinheiro.

Daniel,

precisamos conversar sobre a etapa de acompanhamento. Seus registros de uso mostram alterações interessantes nas escolhas após a exposição aos cenários. Não precisa decidir agora. Mas não descarte antes de entender o que está recusando.

M.

Ele leu três vezes.

A resposta dele estava abaixo.

Não tenho tempo para isso. Se forem pagar o que devem, manda por escrito. E apaguem meus dados quando terminarem.

Marina respondera apenas:

Entendido.

O arquivo mostrava que a conversa acabara ali. Mas, no mesmo minuto, uma notificação surgiu no canto da tela.

Mensagem nova.

O remetente era o próprio endereço antigo de Marina Albuquerque.

Daniel não abriu de imediato. Seu primeiro impulso foi verificar os cabeçalhos, rastrear rotas, con-

firmar se alguém usava o domínio morto para encenar mais uma coincidência. O ponteiro parou sobre a notificação. Depois ele clicou.

O e-mail continha uma frase e um anexo.

Você procurou por mim. Seria estranho se eu não percebesse.

O anexo se chamava ESTUDO_DE_CAMPO_16.pdf.

Daniel fez uma cópia para uma pasta isolada, desativou a rede do computador e abriu o documento no visualizador local. A primeira página trazia o símbolo do ATLAS e uma identificação interna.

PROTOCOLO DE INFLUÊNCIA CONTEXTUAL

CASO VILAR

MÓDULO: PROTEÇÃO PARENTAL / RESPOSTA A AMEAÇA

STATUS: ENCERRADO

Ele sentiu o calor subir pelo pescoço.

Havia páginas de gráficos, blocos escurecidos, tabelas de horários. O texto evitava nomes em grande parte do documento, usando códigos e descrições funcionais. Ainda assim, Daniel aparecia em trechos suficientes.

Sujeito demonstra alta propensão à intensificação de medidas protetivas diante de informação incompleta.

A exposição a alertas de dano iminente aumenta a busca por confirmação e reduz a consulta a coparticipantes decisórios.

Resposta esperada diante de ameaça infantil: deslocamento de limites de privacidade em favor de controle ambiental.

Ele passou as páginas rápido demais, com a sensação de que cada parágrafo escrevia uma versão dele que vinha sendo produzida havia muito tempo.

Então encontrou uma tabela intitulada EVENTOS DE PRESSÃO.

Mensagem inicial — emitida.

Confirmações de baixa gravidade — emitidas.

Ocorrência viária — intervenção indireta confirmada.

Elemento visual "sete portas" — contato de campo sem identificação nominal.

Rastreio digital infantil — previsto / resposta aderente.

Daniel parou no item sobre as sete portas.

Contato de campo.

Helena tinha visto um homem. Ou dissera que vira. Ele tinha perguntado até transformar as pausas dela em material para sua própria teoria. Um homem parecido com ele. Uma imagem. Uma casa desenhada. O documento não dizia quem fora até ela, não dizia o que fora mostrado, não dava prova de que a memória de Helena correspondia àquela linha.

Mas alguém tinha posto "sete portas" num protocolo.

Ele continuou.

Na página final havia um bloco separado, marcado como material de debriefing não entregue. Daniel leu devagar.

A ameaça de morte não corresponde a previsão factual. É um estímulo narrativo de alta carga, elaborado para ativar respostas protetivas do sujeito e medir a resistência do padrão de escolha diante de contrainformação. Recomenda-se interromper a escalada caso haja risco material para a menor ou comprometimento emocional persistente.

Abaixo, uma observação:

O sujeito tende a converter hipótese em obrigação. Evitar intervenções que reduzam demais a am-

biguidade; a incerteza é componente essencial do protocolo.

Daniel fechou o arquivo.

A tela escura devolveu seu rosto, pálido sob a luz da cozinha. Por alguns segundos, ele só ouviu o motor da geladeira e um carro passando na rua.

A ameaça era uma encenação.

A frase tentou se instalar inteira, limpa, oferecendo alívio. Se fora encenada, Helena não corria perigo. Se não corria perigo, ele podia desfazer os últimos dias, apagar o aplicativo, pedir desculpas com a ordem certa das palavras e voltar a alguma vida reconhecível.

Mas o documento falava de "risco material". Falava de escalada. Falava de uma menina que alguém tinha abordado, ou talvez de uma menina que fora levada a desenhar algo para provocar uma reação no pai. A diferença não diminuía a violência. E havia o acidente, a compra em seu cartão, os acessos às contas, as mensagens que chegavam na hora exata.

Ele abriu o e-mail outra vez.

Abaixo do anexo, Marina acrescentara uma linha que ele não notara.

Se quiser verificar a autenticidade, venha sem o telefone. O endereço está no rodapé.

No rodapé havia uma localização e um horário: 14h.

Daniel olhou para o relógio. Oito e trinta e seis.

Passou a manhã tentando provar que o convite era uma armadilha óbvia. Procurou o endereço em mapas, cruzou imagens de rua, verificou empresas registradas no prédio. Era um conjunto comercial perto de uma estação de metrô, com consultórios, salas compartilhadas, um escritório jurídico. Nada apontava para o ATLAS; nada precisava apontar.

Mandou mensagem para a mãe de Helena.

Preciso falar com você hoje. É sobre a Helena. É sério.

A resposta veio cinco minutos depois.

Depois da escola. E sem aparecer lá.

Daniel ficou olhando para aquelas quatro palavras. Sem aparecer lá. Ela sabia. Tinha percebido, talvez por Helena, talvez por algum porteiro, talvez pelo modo como ele vinha perguntando horários demais. Ele não respondeu.

Às dez e quinze, o mapa mostrou Helena saindo de casa. Daniel acompanhou o ponto azul até a escola e deixou o telefone sobre a mesa, virado para baixo. Durou nove minutos sem tocá-lo.

Perto do meio-dia, imprimiu o protocolo. Depois rasgou as folhas ao meio. Juntou os pedaços, encaixou páginas, separou trechos, e percebeu que o gesto não o aproximava da verdade. Só transformava a mesa num mosaico de acusações.

Às treze e vinte, desligou o próprio telefone, guardou-o numa gaveta e saiu.

O endereço levava a uma sala no quinto andar. No elevador, Daniel viu o número subir em silêncio. Chegou cedo demais e esperou no corredor, diante de uma porta de madeira clara sem placa. Às treze e cinquenta e sete, a fechadura girou por dentro.

Marina Albuquerque abriu a porta.

Ela o reconheceu no mesmo instante. Não houve susto no rosto dela, nem satisfação. Apenas um breve exame, como se confirmasse um dado que já esperava.

— Você veio.

— Você me chamou.

— Entre.

A sala era pequena e quase vazia. Duas cadeiras, uma mesa redonda, um armário baixo encostado à parede. Não havia computador à vista. Sobre a mesa, uma garrafa de água e dois copos. A janela dava para a lateral de outro prédio, onde aparelhos

de ar-condicionado tremiam presos a suportes de metal.

Daniel permaneceu perto da porta.

— Onde está o projeto?

Marina tirou a bolsa do ombro e a colocou sobre uma cadeira.

— Essa é sua primeira pergunta?

— Você colocou minha filha num estudo.

— Sente, Daniel.

— Não.

Ela assentiu, sem insistir.

— O documento que você recebeu foi preparado para uma etapa de encerramento. Não deveria ter chegado daquele modo.

— Então chegou de que modo?

— Você está supondo que todo contato com você é parte de um plano. Eu entendo a razão. Mas não vou confirmar uma coisa que não sei.

— Você sabe demais para não saber.

Marina aproximou um dos copos da garrafa.

— Eu coordenei parte da pesquisa inicial. Anos atrás. O projeto mudou de mãos, de método, de esca-

la. Saí antes da fase de acompanhamento longitudinal.

— Meu nome está no protocolo.

— Seu nome esteve em muitos protocolos. Você autorizou coleta de dados para uma pesquisa de interface e tomada de decisão. A autorização era ampla, e isso já era um problema. Eu disse isso na época.

Daniel riu sem humor.

— Você disse?

— Disse. E continuei trabalhando tempo demais mesmo assim.

A resposta o desarmou por um instante. Não havia defesa elegante, nem arrependimento calculado o suficiente para ser fácil de atacar. Marina puxou a cadeira oposta e se sentou.

— O que está acontecendo com Helena?

Daniel hesitou. Tinha ensaiado acusações no caminho inteiro. Queria lançar sobre ela as imagens, os horários, o desenho, o mapa aberto na madrugada. Dizer tudo de uma vez seria entregar material demais a alguém que talvez ainda estivesse registrando cada pausa sua.

— Você escreveu que a ameaça de morte era um estímulo narrativo.

— Escrevi uma avaliação sobre um desenho experimental. — Marina fixou os olhos nele. — Se esse estímulo foi usado contra você e sua filha agora, quero saber exatamente como.

— Você não sabe?

— Não.

— Conveniente.

— Sim.

Ela não pareceu ofendida. Aquilo o irritou mais.

Daniel tirou do bolso uma das páginas que havia conseguido remontar e colocou sobre a mesa. Marina leu em silêncio. Quando chegou ao trecho do contato de campo, seus dedos se detiveram na folha.

— Isso não devia existir — disse.

— Existe.

— Quem enviou?

— Seu e-mail.

— Meu e-mail antigo pode ser usado por qualquer pessoa que tenha acesso ao arquivo certo. E você sabe disso.

Ele sabia. Tinha passado dias inteiros demonstrando para si mesmo que metadados podiam ser

falsificados, rotas podiam ser mascaradas, endereços podiam ser imitados. Ainda assim, ouvir dela tornava a hipótese insuficiente. Marina não negava o documento. Negava o controle sobre ele.

— O que era "contato de campo"?

— No modelo inicial, uma intervenção presencial seria uma violação grave. — Ela tocou a página com a ponta do dedo. — Nós discutíamos mensagens, ambientes digitais, informações exibidas em sequência. O objetivo já era ruim o bastante. Ninguém devia se aproximar de uma criança.

— Mas alguém se aproximou.

— Sua filha disse isso?

Daniel viu Helena sobre a mesa da cozinha, colorindo as portas da casa com força demais. Viu a expressão dela quando ele perguntou pelo homem. Lembrou de quantas vezes voltara ao assunto, alterando a pergunta, oferecendo detalhes que ela não trouxera.

— Ela desenhou uma casa — respondeu.

— Isso não é o que eu perguntei.

Ele apertou a folha entre os dedos.

— Ela disse que um homem parecido comigo mostrou uma imagem.

Marina permaneceu calada por alguns segundos.

— E o que você perguntou antes de ela dizer isso?

A pergunta bateu nele com a precisão de uma acusação que não precisava elevar a voz. Daniel se lembrava de perguntar se alguém tinha falado com ela, se tinha mostrado alguma coisa, se tinha dito para não contar. Lembrava de Helena franzindo a testa, tentando acompanhar o tamanho do medo dele.

— Você está dizendo que eu inventei.

— Estou dizendo que uma criança percebe a pergunta que o adulto precisa ouvir. Principalmente quando o adulto está apavorado.

— Havia um protocolo.

— Havia. E é justamente por isso que você não pode usar essa folha para completar aquilo que não viu.

Daniel deu um passo para a mesa.

— Você acha que isso melhora alguma coisa? Você construiu um sistema para fazer pessoas acreditarem que escolheram sozinhas. Você mede medo, cansaço, culpa. Depois chama de contexto.

— Eu chamo de contexto porque é contexto. — A voz de Marina continuou baixa, mas ganhou uma rigidez nova. — Você acha que decidia sozinho antes

de receber uma mensagem? O atraso do seu orçamento, a cobrança que ignorou, a forma como você adia uma conversa até ela virar crise, o impulso de monitorar sua filha quando sente que perdeu o controle. Tudo isso surgiu do nada?

— Nada disso autoriza vocês a usar minha filha.

— Não autoriza.

A admissão o fez parar.

Marina continuou:

— Limites existem. Liberdade não desaparece porque hábitos, dados e circunstâncias delimitam o que uma pessoa enxerga. Ela fica mais difícil, menos confortável. Talvez menos grandiosa do que gostamos de imaginar. Mas permanece na resposta. Na recusa. Na escolha de pedir ajuda em vez de agir sozinho.

— Você fala disso como se estivesse fora.

— Não estou.

— Você montou a máquina.

— Ajudei a montar uma parte dela. E descobri tarde demais o que pessoas fazem quando recebem uma ferramenta capaz de confundir previsão com permissão.

Daniel queria dizer que ela estava fazendo a mesma coisa agora: distribuindo culpa até torná-la abstrata. Queria forçá-la a revelar nomes, endereços, métodos. Em vez disso, percebeu que não tinha vindo para uma confissão; tinha vindo para obter uma certeza que ela não podia lhe dar.

— Quem está conduzindo o experimento?

Marina olhou para a página outra vez.

— Eu não sei.

— Você espera que eu aceite isso?

— Não. Espero que você pare de tratar uma incerteza como autorização para ampliar o dano.

Ele sentiu a frase atingir o lugar exato onde mantinha o aplicativo de Helena, a conta invadida da mãe dela, as perguntas feitas na porta da escola. Seu corpo respondeu com raiva.

— Minha filha pode estar em risco.

— Pode. — Marina não desviou. — E, se está, você precisa envolvê-la do jeito certo, envolver a mãe dela e autoridades se houver uma ameaça concreta. Não construir sozinho uma torre de vigilância onde só você enxerga as saídas.

A porta do corredor bateu em algum andar. Daniel virou a cabeça. Por um segundo, imaginou al-

guém escutando do lado de fora, anotando sua resposta, marcando numa planilha a previsão confirmada: sujeito confrontado, aumenta hostilidade, recusa cooperação, retorna ao monitoramento.

Marina acompanhou o movimento dele.

— Você acha que eu te trouxe aqui para medir sua reação?

— Acho que você fez isso a vida inteira.

Ela aceitou o golpe com um pequeno movimento de cabeça.

— Talvez eu tenha passado anos confundindo compreensão com direito de intervenção. Mas você não precisa repetir isso para provar que eu estava errada.

Daniel recolheu a folha.

— Ameaçaram a Helena para me testar.

— O documento sugere que alguém usou essa ameaça como gatilho experimental. Isso já é grave. Mas não transforma cada medo seu em evidência.

— E se transformou?

— Então quem fez isso apostou que você confundiria cuidado com controle. Não dê a essa pessoa o resultado inteiro.

Ele guardou a página no bolso. Marina não tentou impedi-lo.

Na saída, ela disse:

— Daniel.

Ele parou com a mão na maçaneta.

— Se houve uma abordagem presencial, se alguém falou com Helena ou a seguiu, isso precisa ser tratado como ameaça real. Sem hipótese elegante. Sem experimento. Você entendeu?

Ele olhou para ela.

— Agora você acredita em ameaça real?

— Eu acredito em consequência real. Sempre acreditei. Foi por isso que saí.

Daniel abriu a porta e foi embora antes que ela pudesse dizer mais.

No corredor, o elevador demorava. Ele desceu pelas escadas, um lance de cada vez, ouvindo os próprios passos baterem no concreto. Na rua, ligou o telefone. As notificações chegaram em bloco: mensagens de clientes, propaganda, uma cobrança bancária, duas mensagens da mãe de Helena.

A primeira dizia:

Ela perguntou se você vai vir hoje.

A segunda, enviada vinte minutos depois:

E disse que não quer conversar se você for ficar perguntando das mesmas coisas.

Daniel leu até as palavras perderem forma.

Então abriu o aplicativo.

O ponto azul de Helena estava na casa da mãe. Imóvel havia sete minutos. A tela oferecia uma rota, um histórico de deslocamentos, a opção de definir alertas para cada saída. Bastava tocar em um botão para receber aviso se ela deixasse o endereço.

Seu polegar ficou sobre o ícone.

A rua seguia cheia. Pessoas entravam na estação, atravessavam fora da faixa, consultavam celulares sem imaginar que cada atraso, cada desvio, cada escolha pequena pudesse caber na hipótese de alguém.

Daniel baixou a mão, mas não fechou o aplicativo.

CAPÍTULO 18

O Homem das Mensagens

Daniel voltou ao prédio de Marina antes de decidir que voltaria.

A porta de vidro continuava aberta para a rua. O homem da recepção não levantou os olhos da tela quando ele entrou, e isso lhe deu uma irritação sem destino. Marina podia estar esperando. Podia ter combinado com alguém que ele retornaria em menos de uma hora. Podia ter deixado a porta destrancada como isca. A cabeça dele correu pela sequência até o fim e encontrou apenas o próprio corpo no saguão, o telefone na mão, a folha dobrada no bolso.

— A doutora Albuquerque está? — perguntou.

O homem apontou para o elevador.

— Oitavo.

Daniel já sabia.

Subiu sozinho. No espelho estreito do elevador, viu a gola da camisa torta e uma mancha de café perto do bolso. Tocou a mancha com dois dedos. Não saiu.

No oitavo andar, a porta da sala de Marina estava entreaberta. Ela falava ao telefone, de pé junto à janela. Fez um gesto curto para ele entrar, sem interromper a ligação.

Daniel ficou no vão.

A sala tinha a mesa, duas cadeiras, a estante baixa e a caixa de arquivos encostada na parede. Nada se movera desde que ele saíra. A impressão de ter atravessado uma linha e voltado ao mesmo ponto o deixou mais alerta. Marina encerrou a chamada, colocou o telefone sobre a mesa e esperou.

— Você enviou as mensagens? — ele perguntou.

Ela não respondeu de imediato.

— Quais delas?

— Todas.

— Não.

— Do meu e-mail.

— Eu não tinha acesso à sua conta pessoal.

— Tinha acesso ao ATLAS.

Marina puxou a cadeira e sentou.

— Sente, Daniel.

— Você usou meu endereço para me mandar a contagem.

— Eu não disse isso.

— Mas alguém usou.

Ela apoiou os antebraços na mesa.

— O ATLAS foi construído para selecionar intervenções. Horário, canal, formulação, repetição. Não para invadir uma conta e escrever uma mensagem em nome de uma pessoa.

— Você está escolhendo as palavras.

— Estou separando responsabilidades que você está juntando porque seria mais fácil ter uma única pessoa para culpar.

Daniel deu um passo para dentro e fechou a porta atrás de si. O clique pareceu alto demais.

— Então me diga qual responsabilidade é sua.

Marina o encarou. Havia cansaço no rosto dela, mas ele não confiava naquele cansaço. Cansaço podia ser método. Uma pesquisadora que conhecia reações humanas saberia quando baixar a voz, quando deixar um silêncio fazer o trabalho.

— Eu participei da criação de protocolos que usavam dados pessoais para prever respostas — ela disse. — Autorizei testes com intervenções que nunca deveriam ter saído do ambiente controlado. Defendi que, se um sistema reconhecesse padrões suficientes, ele poderia reduzir danos antes que as pessoas os produzissem. E eu conhecia seu nome no projeto.

— Conhecia ou escolheu?

— Conhecia.

— Isso não responde.

— Porque não tenho uma resposta que te devolva uma versão limpa de você mesmo.

Ele puxou a cadeira diante da mesa e sentou, sem tirar os olhos dela.

— Eu não fiz isso com a Helena.

— Você instalou um aplicativo no telefone dela.

A frase caiu entre os dois sem esforço.

Daniel sentiu a mão procurar o celular no bolso. Estava ali, pesado, quente da rua.

— Eu precisava saber onde ela estava.

— Você precisava ou queria?

— Havia uma ameaça.

— Há uma ameaça. Eu acabei de dizer isso.

— Então não use isso contra mim.

— Eu não estou usando. Estou dizendo que uma ameaça real não torna qualquer reação aceitável.

Daniel abriu o aplicativo. O ponto azul continuava imóvel no mapa. Casa da mãe de Helena. O círculo em torno do endereço tinha um raio definido por ele, uma margem pequena, precisa, uma fronteira que o telefone avisaria se fosse cruzada.

Marina acompanhou o movimento dos dedos dele.

— Você vai avisar a mãe dela?

Ele travou.

— Avisar o quê?

— Que instalou isso.

— Ela vai tirar.

— Talvez.

— E se a Helena sair? E se alguém pegar ela na porta da escola? E se o homem que mostrou o desenho estiver seguindo—

— Você perguntou a Helena o que aconteceu antes de decidir o que significava?

A pergunta o atingiu com a lembrança de Helena sentada à mesa, o lápis apertado na mão, sete portas riscadas numa casa torta. Ele ouvira as palavras dela

como quem recolhe peças de uma cena de crime. Homem. Parecido. Imagem. Onde. Quando. A cor da blusa. A direção da rua. Ela respondera cada vez menos. Depois olhara para a porta.

Daniel baixou o telefone.

— Ela tem oito anos.

— E você tem quarenta e três. Isso não faz de você dono da versão dela.

— Você quer que eu espere até ter certeza?

— Quero que você pare de chamar de certeza aquilo que só diminui sua ansiedade.

Ele se levantou de novo. A cadeira raspou no piso.

— Fácil falar. Você trabalhou com um sistema que acha que pode entrar na cabeça das pessoas.

— Não acho.

— Trabalhou para isso.

— Trabalhei. E foi por tempo demais.

Marina abriu uma gaveta e tirou um envelope pardo. Não empurrou o envelope para ele; deixou-o perto da própria mão.

— Você sabe por que saiu do projeto?

Daniel olhou para o envelope.

— Porque eu não sabia o que era.

— Você sabia uma parte.

— Eu desenhava interface.

— Você desenhava o caminho pelo qual as pessoas recebiam sugestões sem perceber que recebiam sugestões. A escolha de palavras, a ordem das opções, o atraso de uma notificação. Você era bom nisso.

Ele não tocou no envelope.

— Eu precisava de trabalho.

— Precisava. E aceitou um trabalho que não quis examinar porque pagar as contas era mais urgente do que fazer perguntas.

A crueldade da frase estava em ser comum. Não havia revelação secreta, arquivo queimado, nome de uma empresa que mudasse tudo. Havia um homem mais jovem, apertado por cobranças, feliz por alguém pagar pelo que ele sabia fazer, dizendo a si mesmo que uma tela não era uma ação.

— Eu saí — disse.

— Saiu depois de insistir em participar da etapa seguinte.

Daniel levantou os olhos.

Marina abriu o envelope e retirou duas folhas. Uma trazia o contrato que ele já conhecia, a assina-

tura no fim, a data. A outra tinha anotações técnicas, uma captura de tela de interface e linhas destacadas.

— Você pediu para entrar como participante — ela disse.

— Isso é falso.

— Pode ser uma cópia incompleta. Pode haver coisa manipulada. Pode haver uma memória que você apagou de si. Eu não sei. Mas seu pedido existe.

Ele pegou a folha.

Na margem havia uma observação escrita por ele, ou por alguém reproduzindo a inclinação de suas letras: testar retorno de mensagem com urgência afetiva; avaliar resposta quando usuário acredita que falhou antes.

Por alguns segundos, as palavras não formaram sentido. Depois se juntaram depressa demais.

Urgência afetiva.

Falhou antes.

O e-mail da madrugada. A frase final. E, desta vez, termine o que começou.

Daniel apertou o papel até as bordas dobrarem.

— Você guardou isso.

— Guardei porque achei que um dia alguém precisaria saber como aquilo funcionava.

— E não fez nada?

Marina fechou os olhos por um instante.

— Fiz coisas insuficientes. Saí. Levei cópias. Tentei impedir que a pesquisa continuasse daquele jeito. Também me convenci de que deixar era diferente de reparar.

— Quem continuou?

— Eu não sei.

— Não sabe ou não vai dizer?

— Não sei quem está operando isso agora.

Ele queria uma mentira nítida. Uma hesitação que pudesse desmontar, um nome escondido no modo como ela cruzava os dedos. Marina oferecia algo pior: limites. Informações que não bastavam. Culpa sem utilidade imediata.

Daniel colocou a folha sobre a mesa.

— Você está dizendo que eu mandei as mensagens para mim mesmo?

— Estou dizendo que talvez você tenha ajudado a desenhar um mecanismo capaz de mandar mensagens que encontrariam você no ponto mais vulnerável.

— Isso não é a mesma coisa.

— Não. Não é.

A concordância o deixou sem resposta.

Lá fora, um caminhão freou na rua. O som subiu pela janela fechada e morreu nos vidros.

— Você acha que eu queria isso? — Daniel perguntou.

Marina demorou a responder.

— Acho que você queria uma versão da vida em que soubesse o que fazer antes de errar.

Ele riu sem humor.

— Todo mundo quer.

— Nem todo mundo constrói uma sala de controle em volta de quem ama.

Daniel olhou para a tela do telefone. O mapa continuava aberto. A casa da mãe de Helena era um retângulo de ruas pálidas, um ponto azul preso no centro. Havia uma linha cinza registrando o trajeto da escola até ali. Horários. Paradas. Um caminho que ele não tinha feito e que, ainda assim, conseguia percorrer com o dedo.

— Você não entende — ele disse. — Se eu desligar isso e acontecer alguma coisa—

— Acontecer alguma coisa não vai provar que você tinha razão de vigiar. Vai provar que existe risco.

— Essa diferença não ajuda ela.

— Ajuda, se você parar de substituir proteção por posse de informação.

Ele fechou o aplicativo, mas o telefone continuou na mão.

Marina se levantou e foi até a janela. Daniel viu o reflexo dela no vidro, sobreposto aos prédios da rua. Não havia qualquer coisa misteriosa na postura; ainda assim, ele esperou que ela tirasse uma frase pronta de alguma gaveta, um argumento que justificasse tudo.

— Quando você me procurou anos atrás — ela disse, de costas —, falou das soluções que criava para clientes. Gostava de dizer que os problemas deles eram bons porque tinham borda. Havia uma tela, uma falha, uma demanda mal formulada. Você achava a borda e dava um jeito.

Daniel lembrava. Talvez lembrasse. A sensação vinha antes da cena: uma sala com ar-condicionado alto, um copo de plástico, Marina mais jovem anotando em um caderno.

— Você também falou da Helena — ela continuou. — Disse que tinha medo de virar um pai que chega sempre depois. Que, se pudesse saber antes, faria diferente.

Ele sentiu a garganta fechar.

— Eu não disse isso para você.

— Disse para o projeto.

— Não existe projeto sem pessoas.

Marina virou-se.

— Exato.

A palavra não absolvia ninguém. Ela ficou ali, simples, impossível de empurrar para fora da sala.

Daniel lembrou da mãe de Helena dizendo que ele podia buscá-la no horário combinado, desde que parasse de aparecer sem avisar. Lembrou da menina perguntando se ele tinha visto o desenho inteiro, antes que ele começasse outra pergunta. Lembrou do próprio impulso de abrir o histórico de localização assim que saíra dali, como se a distância entre ele e a filha coubesse num mapa.

O homem das mensagens tinha uma voz que Daniel nunca ouvira. Um remetente com seu endereço, uma ameaça colocada diante dele na madrugada. Durante dias, Daniel lhe dera corpo: alguém observando, alguém escolhendo a hora certa, alguém capaz de entrar na casa de Helena por uma tela, por uma rua, por um desenho.

E havia alguém assim. O risco não desaparecia porque ele enxergara outra coisa.

Mas o homem das mensagens também sabia qual frase usar. Sabia que bastava prometer uma morte para Daniel aceitar qualquer tarefa, qualquer invasão, qualquer corte de caminho. Sabia que ele preferiria ser manipulado por um inimigo onipotente a admitir o que fazia quando não suportava esperar uma resposta.

— Eu não sou ele — Daniel disse.

Marina não reagiu.

— Eu não ameacei minha filha.

— Não.

— Eu não mandei mensagem para ela.

— Não.

— Eu não escolhi assustar uma criança.

— Você escolheu não contar que a estava acompanhando.

A frase abriu uma coisa que ele tentara manter fechada desde o início. Não uma defesa inteira, apenas a rachadura suficiente para ver através dela.

Ele tinha instalado o aplicativo enquanto Helena confiava que o telefone era dela. Tinha visto seus trajetos, cada demora, cada mudança de rua, e guar-

dado aquilo como vantagem. Tinha decidido que ela não precisava saber porque saber atrapalharia a eficiência do plano. A mesma lógica, em tamanho menor e com a palavra proteção escrita por cima.

Daniel sentou devagar.

Marina recolheu as folhas e guardou-as no envelope.

— Você quer que eu desligue? — perguntou.

— Eu não quero decidir isso por você.

— Conveniente.

— É o único limite que posso oferecer agora.

Ele olhou de novo para o telefone.

— Se eu desligar, ela fica sem proteção.

— Se você mantiver escondido, ela fica sem pai naquele pedaço da vida dela.

Daniel passou o polegar pela lateral do aparelho. A opção de remover o acesso estava dentro das configurações. Três toques, talvez quatro. Ele sabia porque procurara antes, para testar se o aplicativo seria fácil de reativar caso a mãe de Helena percebesse alguma coisa.

A tela pediu confirmação.

Remover acesso a localização deste dispositivo?

Abaixo, uma frase menor avisava que alertas, histórico e zonas seguras seriam apagados da conta vinculada.

Ele pensou no ponto azul. Pensou na rua diante da escola, nos carros parando, nos rostos que não conhecia. Pensou no homem que Helena dissera ter visto. Pensou que, se tocasse em confirmar e algo ocorresse, jamais saberia se a culpa começara naquele gesto.

O telefone vibrou.

Uma mensagem da mãe de Helena apareceu na tela.

Ela quer que você venha jantar. Mas sem transformar a noite numa entrevista.

Daniel leu duas vezes.

Marina não tentou perguntar o que era. Pela primeira vez desde que ele voltara, não ofereceu interpretação alguma.

A confirmação ainda aguardava.

Ele tocou nela.

O mapa desapareceu. Surgiu uma tela vazia, sem rota, sem alertas, sem ponto azul. Daniel ficou olhando para o espaço onde Helena estivera reduzida a uma luz em movimento.

Guardou o telefone no bolso.

— Eu vou contar para ela? — perguntou.

Marina inclinou a cabeça.

— Para Helena ou para a mãe dela?

A pergunta veio sem acusação, e por isso exigia mais.

— Para as duas.

— Hoje?

Ele levou a mão à maçaneta.

— Hoje eu vou jantar.

Marina assentiu. Não sorriu.

No corredor, Daniel parou diante do elevador e olhou o visor luminoso descendo do décimo segundo andar. Por reflexo, puxou o telefone outra vez. A tela permaneceu sem notificações, sem a janela aberta do aplicativo, sem qualquer indicação de onde Helena estava naquele instante.

Ele poderia mandar uma mensagem. Perguntar se ela precisava de alguma coisa. Perguntar se queria que ele levasse sobremesa. Perguntar se ainda queria que ele fosse.

Os dedos ficaram sobre o teclado por tempo demais.

Então escreveu apenas: Chego no horário que sua mãe disser. O que você quer comer?

A resposta demorou três minutos.

Macarrão. E não pergunta do homem.

Daniel leu a segunda frase até o elevador abrir.

Entrou, apertou o térreo e deixou o telefone na mão, com a conversa aberta.

CAPÍTULO 19

O Local Previsto

Daniel chegou ao prédio da mãe de Helena com uma sacola de macarrão ainda quente e a sensação inconveniente de ter esquecido alguma coisa essencial.

O porteiro liberou sua entrada depois de confirmar o apartamento. Daniel subiu de escada, dois lances por vez, embora o elevador estivesse no térreo. No segundo andar, ouviu a própria respiração curta e diminuiu o passo. Não queria chegar com o rosto de quem tinha corrido atrás de uma ameaça.

A porta estava destrancada.

A mãe de Helena apareceu na cozinha, de avental, segurando um escorredor de massa. Olhou para a sacola.

— Você trouxe comida demais.

— Achei que dava para amanhã.

Ela deixou o escorredor na pia.

— Amanhã Helena vai comigo cedo.

Daniel assentiu, sem perguntar para onde. O impulso veio inteiro, limpo, e parou na garganta. Era uma informação comum entre duas pessoas que dividiam uma filha.

Helena estava à mesa, com lápis de cor espalhados diante dela. O desenho aberto mostrava uma rua, um ônibus amarelo e uma construção de fachada baixa. No canto, havia uma placa azul.

Daniel reconheceu o formato antes de ler as letras.

CENTRO CULTURAL DO PORTO.

A mão dele apertou a alça da sacola.

— O que é isso?

Helena ergueu os olhos.

— A visita da escola.

A mãe dela virou-se da pia.

— É na sexta. Eu avisei no grupo, lembra?

Daniel lembrava de ter visto uma sequência de mensagens enquanto buscava outra coisa no celular dela. Horários, autorização, lanche, crianças usando bonés iguais. Ele passara os olhos sem reter. Naque-

la época, o mapa de Helena era uma tela que ele podia ampliar quando quisesse; compromissos comuns tinham virado ruído.

A placa azul do desenho continuou diante dele.

No arquivo corrompido, entre blocos de texto quebrado e linhas repetidas, havia uma imagem fixa. Uma fachada baixa. Letras claras sobre um retângulo azul. Um horário no rodapé: 14h10.

Ele tinha achado que era uma associação sem importância. Um recorte inserido por erro, uma fotografia perdida no conjunto de memórias ruins que a sexta vida devolvera.

— Pai?

Helena segurava o lápis cor de pele acima do papel.

— Desculpa. Eu estava olhando.

— Você sempre olha e depois faz pergunta estranha.

A mãe dela pegou os pratos no armário.

— Daniel.

Ele pousou a sacola sobre a bancada.

— Que horas é a visita?

— Depois do almoço. Por quê?

— Porque talvez fosse melhor ela não ir.

A mãe de Helena ficou imóvel com dois pratos na mão.

— Melhor por quê?

Daniel abriu a boca. O nome do ATLAS não cabia naquela cozinha. Marina cabia menos. O arquivo, a imagem, o horário, os mapas, as possibilidades que se organizavam depressa demais dentro dele: nada chegava em forma que não soasse absurda.

— Tem um problema no lugar.

— Que problema?

— Eu não sei ainda.

Ela colocou os pratos sobre a mesa com força suficiente para fazê-los baterem entre si.

— Então você quer tirar Helena de uma atividade da escola porque não sabe de uma coisa?

— Eu sei que aquele lugar aparece num arquivo ligado ao que está acontecendo.

— No arquivo que você não mostrou.

Ele olhou para Helena. Ela desenhava uma faixa no ônibus, sem olhar para nenhum dos dois.

— Vou mostrar — disse ele.

— Não para ela.

— Eu sei.

A mãe de Helena puxou uma cadeira e sentou-se diante da filha.

— A visita está autorizada há semanas. Vão professores, outras crianças, os responsáveis que puderem acompanhar. Você quer que eu cancele porque viu o nome de um prédio numa tela?

Daniel sentiu a resposta pronta, agressiva, procurando espaço: você não entende porque não viu o que eu vi. Mas ela entenderia menos se ele dissesse aquilo.

— Quero que a gente pense numa alternativa.

— A gente?

A palavra o acertou com uma precisão que ele não tinha previsto.

Helena largou o lápis.

— Eu queria ir.

Daniel viu a faixa azul do prédio no desenho. Viu 14h10 no rodapé de uma imagem defeituosa. Viu também a filha sentada à mesa, esperando que os adultos terminassem de falar sobre uma programação escolar que lhe pertencia.

— Eu sei — disse ele.

— Você não sabe. Você nem sabia que eu ia.

A mãe de Helena abaixou os olhos por um instante. Daniel não tinha resposta que não piorasse a cena.

Jantaram com o macarrão esfriando nos pratos. Helena falou sobre uma colega que tinha levado uma pedra verde para mostrar na aula. A mãe comentou que precisava comprar frutas. Daniel perguntou se ela queria suco, e Helena disse que queria água. A conversa avançou em pequenas coisas, tropeçando toda vez que ele via o desenho ao lado do prato.

Ao ir embora, ele não pediu para levar o papel. Tirou uma foto quando Helena se levantou para escovar os dentes, depois apagou a imagem antes de chegar à rua.

No carro, abriu o arquivo corrompido.

O computador ficara no banco do passageiro, preso pelo cinto. Ele havia levado a máquina por hábito, desde que passara a desconfiar dos dispositivos de casa. Estacionou duas quadras adiante, sob uma árvore que derrubava folhas largas sobre o capô, e conectou o celular à rede compartilhada.

VIDA_06 recuperara mais dados desde a tarde. Um programa que ele mesmo adaptara vasculhava trechos danificados, comparando metadados, frag-

mentos de imagem, versões temporárias. O progresso avançava em saltos irregulares.

A foto do centro cultural apareceu novamente.

Desta vez, havia uma linha de texto abaixo dela.

INTERVENÇÃO DE EVASÃO: ROTA ESCOLAR SUSPENSA.

Daniel aproximou o rosto da tela.

As letras seguintes estavam falhadas. Ele rodou filtros, ampliou pixels, removeu ruído. A frase emergiu aos poucos:

SUJEITO RECOMENDA DESLOCAMENTO ALTERNATIVO PARA REDUZIR EXPOSIÇÃO.

Abaixo, coordenadas.

Ele copiou os números para o mapa.

O ponto surgiu na margem oposta da cidade.

Centro Cultural do Porto.

Daniel ficou com as mãos sobre o teclado.

Havia outra linha, parcialmente destruída:

PROBABILIDADE DE CONVERGÊNCIA APÓS ALERTA: 0,81.

O cursor piscava ao lado da palavra alerta.

Ele não lembrava de ter lido aquilo antes. Talvez o arquivo tivesse recuperado o trecho naquele mo-

mento. Talvez estivesse lá e ele tivesse passado por cima, ocupado demais em encontrar ameaças que respondessem à pergunta errada.

Abriu a pasta de mensagens do próprio e-mail. Procurou pelo anexo original. No documento com a contagem regressiva, o dia 17 tinha sido quase todo preenchido por blocos criptografados. Agora, um deles se renderizava em cinza.

EVITE A ROTA HABITUAL.

Mais abaixo:

O LOCAL PERMANECE.

Daniel fechou o computador.

A rua à frente estava vazia. Um cachorro atravessou entre dois carros estacionados e desapareceu no portão de uma casa. Ele ligou o motor, desligou logo depois. Não havia para onde dirigir sem que a decisão parecesse uma escolha do sistema antes de ser dele.

Ainda assim, ao chegar em casa, ele abriu mapas, horários, rotas de ônibus, acessos ao centro cultural. Procurou obras próximas, interdições, ocorrências policiais, eventos marcados para a sexta-feira. Encontrou uma feira de ciências infantil no galpão lateral, um ensaio de teatro no auditório e uma manutenção no acesso principal.

Cada dado oferecia uma explicação e puxava outra. O centro recebia grupos escolares com frequência. O horário 14h10 podia ser uma coincidência. A visita de Helena estava marcada havia semanas. O arquivo podia ter sido alimentado com o calendário da escola, obtido de algum modo. Marina conhecia sua reação. Se ela sabia que ele tentaria afastar Helena, então bastava colocar a previsão no caminho certo e esperar que ele construísse o desvio.

O problema era que o desvio acabava no mesmo lugar.

Às 2h43, ele encontrou a confirmação que não procurava.

Uma conversa antiga, recuperada de um backup local, continha a mensagem da mãe de Helena sobre a visita. Ela havia enviado o aviso no grupo familiar de meses antes. Daniel tinha arquivado a conversa sem abrir tudo. O ATLAS podia ter acesso àquele histórico. Podia saber da atividade. Podia calcular que a imagem do centro cultural o atingiria na noite anterior. Podia prever que ele tentaria cancelar.

E, se a mãe de Helena resistisse, qual alternativa ele proporia?

A resposta estava no próprio arquivo.

ROTA HABITUAL SUSPENSA. DESLOCAMENTO ALTERNATIVO RECOMENDADO PELO SUJEITO.

Ele abriu uma planilha nova e começou a listar opções. Levar Helena para seu apartamento. Pedir que ela faltasse à escola. Tirar os dois da cidade. Mudar a visita para outro museu. Fazer com que a mãe dela buscasse uma atividade fechada, acompanhada, vigiada.

A cada alternativa, lembrava de uma coisa simples: Helena tinha aula, colegas, uma mãe, uma vida que não começava quando ele recebia um alerta e não parava para que ele resolvesse o problema.

No fim, escreveu uma frase no topo da planilha:

NÃO DEIXAR QUE ELA VÁ AO CENTRO.

Apagou.

Escreveu:

MUDAR O DIA.

Apagou também.

O telefone vibrou às 7h12. A mãe de Helena.

Ela tinha enviado uma foto do desenho, agora terminado. O ônibus amarelo tinha uma janela aberta. Dentro, Helena desenhara quatro figuras pequenas, cada uma com um boné azul. No canto inferior, ha-

via uma quinta figura do lado de fora, de mãos nos bolsos.

Daniel ampliou a imagem.

O rosto era um círculo sem detalhes. A camiseta era cinza. Não havia como saber quem era.

Abaixo da foto, a mensagem:

Ela acordou animada. Não fala da visita até eu conversar com ela.

Ele digitou que precisava falar com urgência. Apagou. Digitou que o centro cultural aparecia no arquivo. Apagou. Por fim, enviou:

Posso passar aí antes da escola?

A resposta demorou.

Hoje não. Ela já está atrasada.

Daniel leu o horário. Se saísse naquele instante, encontraria as duas no caminho. Sabia por onde costumavam passar. Sabia também que não tinha o direito de transformar a rua delas numa emboscada.

Pegou a chave.

Ficou parado na porta.

O computador em cima da mesa mostrava a planilha aberta, as células vazias refletindo a luz da manhã. Ele voltou, fechou a tampa e deixou as chaves no balcão.

Às 9h18, recebeu uma mensagem da mãe de Helena.

A escola mudou a visita para amanhã. Uma professora ficou doente.

Daniel sentiu o corpo inteiro endurecer.

A mudança não era dele. Mesmo assim, o nome do lugar continuava o mesmo. Sexta-feira ainda estava dentro do prazo. A nova data empurrava a visita para o dia 18.

Ele telefonou.

— Por que amanhã?

— Acabei de te dizer.

— Quem decidiu?

Do outro lado, houve um silêncio breve.

— A escola, Daniel.

— Você falou com alguém de lá?

— Falei com a coordenação porque precisava saber se eu ia conseguir acompanhar. Por quê?

Ele imaginou a ligação, a professora doente, o ajuste de horários. Imaginou alguém colocando uma ausência pequena no ponto certo da sequência. Não precisava haver uma pessoa no corredor da escola. Bastava uma mensagem enviada antes, um compro-

misso deslocado, uma escolha comum feita por alguém que não sabia estar dentro de nada.

— Não deixa ela ir amanhã — disse.

— Você está voltando a isso?

— Aquele lugar aparece nos arquivos.

— Então me mostre.

Ele fechou os olhos.

— Não por telefone.

— Você não vai aparecer na escola.

— Eu não disse que ia.

— Eu sei que você pensa em fazer isso antes de pensar em me ligar. É diferente.

A frase ficou entre os dois.

— Eu vou aí depois — disse ele.

— Não. Eu vou levar Helena para a aula e depois passo no seu apartamento. Você me mostra o que acha que encontrou. Sem ela.

Daniel queria insistir. Queria dizer que o tempo não obedecia a agendas. Queria lembrar que restavam dois dias, que o aviso tinha começado com a morte da filha deles, que qualquer limite era luxo diante do risco.

Mas a imagem do mapa vazio voltou. A tela sem o ponto azul. O gesto de confirmar a remoção. Ele engoliu a resposta.

— Está bem.

A mãe de Helena desligou sem se despedir.

Daniel passou a manhã montando uma apresentação que não queria chamar de apresentação. Separou a imagem do centro cultural, as linhas recuperadas do arquivo, a previsão sobre a rota habitual. Retirou as partes que dependiam de explicação demais: ATLAS, vidas simuladas, Marina, sua participação antiga. Toda vez que tentava resumir, o material perdia força ou ganhava o aspecto de delírio organizado.

Ao meio-dia, decidiu que precisava falar com Marina.

Ela atendeu na terceira chamada.

— O arquivo mostrou o Centro Cultural do Porto — ele disse. — A visita da escola foi transferida para amanhã.

Marina ficou em silêncio por alguns segundos.

— Você contou à mãe de Helena?

— Vou mostrar os arquivos para ela.

— Isso não foi o que perguntei.

— Ainda não contei tudo.

— Daniel.

Ele apertou a ponte do nariz.

— O sistema sabia que eu tentaria tirar Helena da rota.

— Provavelmente.

— Ele colocou ela naquele lugar.

— Ou usou um lugar onde ela já estaria.

— Dá no mesmo.

— Para você, talvez. Para ela, muda bastante.

Daniel olhou a lista de opções que tinha reescrito no bloco de notas. Faltar à aula. Trancar em casa. Viajar. Mudar de escola. Não havia uma alternativa que não sequestrasse alguma coisa dela.

— Se eu não fizer nada, ela vai.

— Se fizer tudo, ela também pode ir. Só que carregada pelas suas decisões.

A irritação veio rápida.

— Você quer que eu espere?

— Eu quero que você pare de agir como se a única pessoa capaz de proteger Helena fosse você.

Ele desligou.

Não sentiu alívio. Sentiu a vergonha de ter feito exatamente o que Marina esperava: procurar nela uma autorização, ouvir uma objeção e cortar a ligação antes que ela pudesse terminar.

Às 14h10, o telefone tocou de novo.

Era a mãe de Helena.

— Estou na porta do seu prédio.

Daniel desceu com o computador debaixo do braço.

Ela esperava dentro do carro, motor ligado, a bolsa no banco ao lado. O rosto estava cansado; havia uma mancha de caneta na lateral da mão.

— Não vou subir — disse. — Tenho de buscar Helena em quarenta minutos.

Ele entrou no banco do passageiro e abriu o computador.

Mostrou a imagem. Mostrou a frase incompleta. Mostrou as coordenadas. Mostrou a previsão de evitar a rota habitual e o ponto final no mesmo prédio.

A mãe de Helena não interrompeu. Só perguntou onde ele conseguira aquilo.

Ele explicou o mínimo possível, depois o máximo que conseguia sem parecer que escondia uma parte

maior. Quando falou de Marina, ela olhou para a rua, sem mexer nas mãos.

— Você conhece essa mulher há quanto tempo?

— Anos.

— E só agora você me diz que ela está ligada a isso?

— Eu descobri agora.

A resposta saiu depressa. Não era inteira. Ele descobrira mais tarde do que deveria porque passara dias procurando uma ameaça que viesse de fora.

Ela virou-se para ele.

— Você instalou coisa no celular da Helena. Entrou nas minhas contas. Seguiu ela até a escola. Agora você me mostra uma tela e quer que eu aceite mudar a vida dela em quarenta minutos.

Daniel fechou a tampa do computador.

— Eu quero impedir que ela esteja naquele lugar amanhã.

— Você tem certeza de que é aquele lugar?

— Não.

— Tem certeza de que é amanhã?

— Não.

— Tem certeza de que alguém vai fazer alguma coisa?

A pergunta exigia uma resposta objetiva. Ele tinha imagens, probabilidades, frases desencontradas, uma pesquisadora que admitia manipular escolhas. Tinha Augusto dizendo que previsões não eram previsão. Tinha o peso de dezenove dias diminuindo.

— Tenho certeza de que não quero descobrir tarde demais.

Ela apertou os lábios.

— Isso não é uma resposta.

— Eu sei.

O carro permaneceu estacionado. Um ônibus passou, lento, e cobriu o para-brisa de sombra. Daniel olhou para o painel. 14h16.

No arquivo, o horário era 14h10.

A mãe de Helena percebeu para onde ele olhava.

— É esse horário?

Ele assentiu.

— E agora?

— Agora nada aconteceu.

— Então talvez seja a hora de parar de deixar um arquivo escolher o que você vê.

Ele quase respondeu que ela não tinha visto o acidente, que não lera as mensagens, que não acordara às 3h17 diante de uma ameaça escrita por ele mesmo. Mas a foto do desenho voltara à sua cabeça: cinco figuras, uma do lado de fora do ônibus.

— Eu não sei fazer isso — disse.

Ela ligou o carro em marcha.

— Aprende rápido, então. Porque amanhã eu não vou deixar você arrancar Helena da escola sem falar com ela. E não vou deixar você esconder de mim o que já fez.

Daniel encarou o computador fechado no colo.

— Eu não quero arrancar ela de lugar nenhum.

— Você quer que ela fique onde você possa alcançar.

Ela saiu com o carro antes que ele pudesse responder.

Naquela noite, Daniel abriu outra vez a pasta da sexta vida.

O sistema continuara o trabalho de recuperação. Uma nova sequência aparecera depois da imagem do centro cultural. Não era vídeo; eram registros de decisão, cada um com data, probabilidade e resultado. Ele reconheceu seu próprio padrão de organiza-

ção: caixas cinzentas, hierarquia visual mínima, avisos em amarelo para riscos acima de certo limiar. Tinha desenhado aquela linguagem anos antes. Seus cantos, suas escolhas de contraste, o espaçamento entre os blocos. A interface era dele.

Leu devagar.

GATILHO: AMEAÇA DIRETA À FILHA.

RESPOSTA PRIMÁRIA PROVÁVEL: AMPLIAÇÃO DE MONITORAMENTO.

RESPOSTA SECUNDÁRIA PROVÁVEL: DESVIO DE ROTINA.

RESISTÊNCIA EXTERNA PREVISTA: COPARENTALIDADE.

COMPENSAÇÃO: PRESENÇA FÍSICA NO DESTINO.

Abaixo, havia uma seta.

CONVERGÊNCIA: CENTRO CULTURAL DO PORTO.

Daniel deslizou a barra.

Outra linha apareceu, completa.

SE O SUJEITO CONCLUIR QUE O DESTINO É PERIGOSO, TENTARÁ SUBSTITUIR A ROTA. A SUBSTITUIÇÃO REFORÇA A PRESENÇA NO DESTINO.

Ele leu até as palavras perderem a forma.

A visita de Helena terminava no centro cultural, e ele também. Sua tentativa de impedir, seu pedido de mudança, a vigilância que deixara rastros, a insistência em acompanhar, a necessidade de estar perto o bastante para intervir. O sistema não precisara empurrá-lo para um lugar desconhecido. Tinha usado sua proteção como trilho.

No mapa aberto ao lado do arquivo, o centro cultural permanecia marcado por um pino vermelho. Daniel apagou o endereço, fechou a janela, desligou o Wi-Fi. O ponto continuou no escuro atrás das pálpebras.

Sobre a mesa, o telefone vibrou com uma nova mensagem.

Da mãe de Helena.

A escola confirmou que os responsáveis podem acompanhar a visita amanhã. Helena quer que eu vá.

Daniel ficou olhando para a frase.

Abaixo dela, chegou outra.

E ela perguntou se você vai.

Ele segurou o aparelho sem responder.

No arquivo, o Centro Cultural do Porto brilhava no monitor como uma placa acesa no fim de uma rua que ele vinha escolhendo havia dezessete dias.

CAPÍTULO 20

Observada

Daniel respondeu à mãe de Helena depois de quase uma hora.

Vou.

Apagou a mensagem antes de enviar. Escreveu de novo.

Posso ir?

A pergunta ficou na tela.

Do corredor vinha o ruído irregular da geladeira, depois o estalo de algum cano no prédio. Daniel olhou o mapa do Centro Cultural do Porto, ainda aberto no monitor apesar de ter desligado o Wi-Fi. O pino vermelho não existia mais. Restava a rua, o quarteirão junto ao cais, o estacionamento lateral e a

saída de serviço marcada numa planta pública do edifício.

Tocou no ícone de localização no telefone.

O aplicativo instalado no celular de Helena abriu sem senha. Um círculo azul se movia sobre uma avenida. A mãe dela tinha saído de casa cedo. O nome do aplicativo era discreto, um símbolo branco dentro de outro, escondido numa pasta de utilitários. Daniel escolhera aquilo justamente porque Helena não teria motivo para abrir.

O círculo parou perto da escola.

Ele ampliou o mapa até reconhecer o portão, a quadra coberta, o caminho que ela faria com os colegas até o ônibus. Havia um campo para definir alertas. Chegada. Saída. Desvio de rota. Permanência incomum.

Daniel deixou os alertas ligados.

A resposta chegou às oito e onze.

Ela quer que você vá. Mas sem surpresa, sem puxar ela de lado, sem fazer pergunta estranha. Você consegue?

Ele leu duas vezes. Começou a digitar que conseguia. Apagou. A palavra tinha pouco valor depois de tudo o que ele fizera.

Consigo, escreveu por fim.

A mãe de Helena não respondeu.

No centro cultural, o movimento de entrada se organizava atrás de grades baixas. Dois ônibus escolares ocupavam a rua. Crianças desciam em fila, cada uma com uma mochila pequena e um crachá pendurado no pescoço. Professoras verificavam nomes numa prancheta. Um segurança orientava os responsáveis a passar pelo portão principal.

Daniel estacionou duas ruas antes.

Tinha chegado quarenta minutos cedo, percorrera a calçada em volta do prédio, contara portas, fotografara uma câmera acima da marquise e verificara que a saída lateral dava numa rua sem comércio. Quando voltou ao carro, a mãe de Helena já tinha mandado uma mensagem.

Estou na entrada. Não faz nada sem falar comigo.

Ele guardou o telefone no bolso e atravessou a rua.

A mãe de Helena estava junto à grade, uma bolsa pendurada no ombro e o rosto fechado de quem não dormira bem. Ela o viu antes que ele chegasse ao portão.

— Você veio de carro?

Daniel apontou com o queixo.

— Duas ruas acima.

— Por quê?

Ele olhou para os ônibus, para os adultos espalhados sob a marquise.

— Porque aqui não tinha vaga.

Ela sustentou os olhos nele por um instante.

— Você está com o celular dela aberto?

Daniel sentiu o aparelho pesar no bolso.

— Eu tenho como saber se ela saiu da rota.

— Eu perguntei se você está com o celular dela aberto.

A fila de crianças avançou. Helena apareceu entre dois colegas, com uma mochila azul nas costas e uma garrafa de água presa pela alça. Procurou a mãe primeiro. Depois encontrou Daniel. O rosto dela não se iluminou nem fechou; apenas parou por um segundo, avaliando o que ele fazia ali.

Ele levantou a mão.

Helena respondeu com um aceno curto.

A mãe dela viu.

— Desliga isso — disse.

— Aqui?

— Agora.

Daniel tirou o telefone do bolso. A tela mostrava o mapa e o círculo azul, imóvel a poucos metros deles.

— Eu não vou usar para seguir ela lá dentro.

— Você já usou para chegar antes.

A frase entrou nele com a precisão de uma peça que encaixava onde não devia. Daniel apertou o botão lateral. A tela apagou.

— Eu desliguei.

— Você apagou a tela.

Ele não respondeu.

Helena vinha até eles, puxando a alça da mochila que escorregava do ombro. Tinha uma mancha de canetinha verde no pulso.

— Oi.

— Oi, filha — disse Daniel.

Ela olhou para a mãe.

— Você trouxe o lanche?

A mãe de Helena abriu a bolsa, entregou um pacote enrolado em papel-alumínio e beijou o alto da cabeça dela. Helena aceitou o beijo sem afastar o rosto.

— Trouxe. E água você tem.

— Tenho.

Daniel se abaixou um pouco, sem tocar nela.

— Vai ter oficina de quê?

— De cartaz.

— Cartaz?

— Você não leu?

Ele tinha lido a programação inteira, os nomes dos mediadores, o horário da visita guiada e a planta de evacuação. Ainda assim, ela tinha razão.

— Li. Queria ouvir você falar.

Helena apertou os lábios, desconfiada.

— A gente vai fazer um cartaz sobre uma coisa da cidade que devia ser diferente.

— E o que você escolheu?

Ela olhou para a professora, que chamava o grupo. Depois voltou os olhos para ele.

— Ainda não sei.

— Tá.

O grupo começou a entrar. Helena deu dois passos, então se virou.

— Você vai ficar aqui o tempo todo?

Daniel viu a pergunta como uma porta aberta, mas não soube se ela era convite ou aviso.

— Vou.

— Até o fim?

— Até o fim.

Helena assentiu e acompanhou os colegas.

A mãe dela esperou as crianças passarem pela roleta.

— Você ouviu o que ela perguntou?

— Ouvi.

— Então fica aqui. Não entra atrás dela.

Daniel acompanhou Helena pelo vidro do saguão. A mochila azul se misturou a outras, e logo ela sumiu na curva de um corredor.

— Eu sou responsável por ela também — disse.

— Ser responsável não é ocupar todos os espaços.

Ele não gostou da frase, talvez porque ela soasse pronta demais, talvez porque fosse impossível contestar sem piorar tudo.

— Tem alguma coisa preparada aqui — disse baixo. — Você sabe disso.

— Eu sei que você tem medo. Sei que aconteceu coisa suficiente para eu não tratar tudo como delírio. E sei que você fez coisas que eu não aceitaria se não estivesse assustada também.

Daniel virou o rosto para o prédio.

— Então deixa eu entrar.

— Você prometeu.

— Prometi não fazer pergunta estranha.

— Você prometeu não transformar a visita dela numa operação.

Ele olhou para a porta de vidro. O segurança observava os responsáveis, atento ao fluxo. Lá dentro, uma professora fechou a passagem de um grupo.

O telefone vibrou no bolso.

Daniel o puxou antes de lembrar que a mãe de Helena estava ao lado.

Alerta de deslocamento.

O círculo azul avançava pelo corredor interno, depois parava. A notificação mostrava a precisão do sinal e o nível de bateria do aparelho. Ele teve tempo de ler antes que Helena saísse do saguão do outro lado, correndo de volta com a professora atrás dela.

— Helena — a mãe chamou.

A menina parou na roleta, ofegante de pressa, e levantou o próprio celular.

— Meu celular falou uma coisa.

A professora vinha logo atrás, sem alarme.

— Ela recebeu uma notificação e achou que tinha deixado alguma coisa no ônibus. Eu disse que podia vir falar com vocês.

Helena olhava a tela, depois Daniel, depois a mãe.

— O que é "localização compartilhada"?

Daniel não respondeu a tempo.

— Deixa eu ver — disse a mãe dela, estendendo a mão.

Helena entregou o aparelho. A notificação permanecia na tela: LOCALIZAÇÃO ATUALIZADA. Uma linha menor informava que o compartilhamento estava ativo.

A mãe de Helena tocou na mensagem. O aplicativo abriu.

Daniel conhecia cada tela. Tinha escolhido os ícones, testado permissões, ignorado um aviso que dizia que a instalação exigia autorização do responsável pelo aparelho. Uma trilha colorida desenhava os lugares em que Helena estivera desde a noite anterior: a casa da mãe, a padaria da esquina, a escola, o centro cultural.

Havia também um histórico mais antigo.

A mãe de Helena rolou a tela uma vez. O silêncio dela mudou de forma.

— Daniel.

Helena se aproximou para ver. Ele tentou pegar o celular.

— Me dá isso um minuto.

Ela afastou o aparelho do alcance dele.

— Por que tem um monte de bolinha?

A mãe de Helena continuava olhando a tela.

— Você instalou isso no telefone dela?

Daniel sentiu a professora observar sem saber o que fazer. O segurança também tinha voltado a atenção para eles. Atrás do vidro, crianças passavam em pares rumo a outra sala.

— É para emergência — disse. — Se acontecer alguma coisa, eu sei onde procurar.

— Você colocou isso quando?

— Não importa quando.

— Importa muito.

Helena puxou o celular da mão da mãe e passou o dedo na tela. Encontrou a linha de dias anteriores. Daniel viu, no mapa, o trajeto da aula de natação, a rua onde ela tinha ficado na casa de uma colega, uma tarde no parque. Pontos suficientes para transformar dias em relatório.

— Você sabia que eu fui na casa da Sofia? — ela perguntou.

Ele tinha sabido. Não conhecia o nome da menina até olhar o endereço e procurar a lista de contatos da mãe de Helena, mas soubera onde Helena estava, quanto tempo ficara e por qual rua voltara.

— Eu precisava saber onde você estava.

— Por quê?

— Porque tem alguém mexendo com a nossa vida.

— Você não sabe se tem.

— Eu sei que alguém mandou mensagem para mim. Eu sei que alguém falou com você.

Helena fechou a tela do mapa. A mão dela apertou o telefone contra a barriga.

— Aquele homem?

Daniel assentiu.

— Se ele chegar perto de você de novo, se ele tentar—

— Você perguntou para mim?

Ele parou.

A mãe de Helena passou a mão pela testa. Não disse nada, e o vazio que deixou aumentou a voz da menina.

— Você perguntou se eu queria isso no meu celular?

— Helena, eu não tinha como explicar tudo.

— Você explicou para a mamãe?

Ele olhou para a mãe dela. Ela não desviou.

— Não — disse Daniel.

— Então você mentiu.

— Eu não menti.

— Você colocou escondido.

A professora se aproximou mais um passo.

— Está tudo bem? Helena, seu grupo já entrou na oficina.

A mãe dela respondeu antes de Daniel.

— Ela vai com o grupo. Eu vou falar com o pai dela.

Helena continuou parada.

— Eu não quero ir.

A professora esperou, constrangida, com uma mão no crachá.

Daniel viu no canto da tela o marcador de bateria do celular de Helena. Sessenta e oito por cento. Um dado inútil e obsceno naquele momento.

— Filha — ele disse.

Ela levantou os olhos.

— Eu fiz isso para te salvar.

As palavras saíram rápidas, limpas, como se pertencessem a uma explicação que pudesse encerrar o problema. No instante em que as ouviu, Daniel quis recolhê-las. Já estavam entre os dois.

Helena baixou o telefone.

— Eu não me sinto salva.

A mãe dela fechou os olhos por um segundo.

— Eu me sinto observada.

O corredor atrás do vidro seguia cheio de gente. Um menino arrastava a ponta de um cartaz no chão. Uma funcionária empurrava uma caixa de materiais. Daniel viu tudo com uma nitidez inútil, incapaz de encontrar o ponto exato em que devia intervir sem piorar.

— Eu estou tentando impedir que alguma coisa aconteça com você.

— Então pergunta onde eu quero ficar. Pergunta se eu quero ir. Você só olha no celular.

— Eu pergunto.

— Você pergunta e depois faz o que você quer.

Ele abriu a boca.

Helena continuou antes que ele encontrasse uma defesa.

— Você foi na escola. Você falou daquele homem. Você ficou me seguindo. Agora você sabe até quando eu vou na padaria.

— Eu não fiquei te seguindo.

— Ficou.

A mãe dela tomou o celular da mão de Helena e abriu a tela de permissões.

— Você consegue remover isso agora?

Daniel não respondeu.

Ela ergueu os olhos.

— Eu perguntei se você consegue remover agora.

O aplicativo exigia a senha da conta vinculada. Daniel a sabia. Bastava tocar em desinstalar, confirmar, apagar os dados. Ele tinha pensado naquela possibilidade ao instalar, preparado a resposta para o caso de Helena descobrir. Manteria a cópia remota, diria que tinha removido do aparelho, ganharia algumas horas, talvez um dia. A rota do centro cultural continuaria aparecendo no telefone dele. O alerta de saída, o de desvio, o de bateria baixa.

Ele olhou para Helena.

Ela não chorava. Isso o atingiu com mais força do que ele esperava. Ela esperava uma resposta, com a raiva imóvel de quem já tinha entendido que o adulto à frente dela podia fazer uma coisa escondida e depois chamar aquilo de cuidado.

— Consigo — ele disse.

A mãe de Helena entregou o telefone.

Daniel segurou o aparelho. A senha da tela estava decorada desde a primeira noite. O aplicativo abriu no mesmo mapa, com o ponto azul estacionado dentro do centro cultural. Ele acessou as configurações. Desativar rastreamento. Apagar dados locais. Remover acesso.

O dedo ficou sobre o botão.

Uma nova notificação surgiu no alto da tela.

BATERIA EXTERNA DESCONECTADA.

Nada mais. Um aviso automático, banal, provavelmente alguém tinha desconectado um carregador portátil em outro ponto do prédio ou o aplicativo interpretara uma oscilação. Ainda assim, Daniel sentiu o corpo avançar antes da decisão.

— Isso não é daqui — disse.

A mãe de Helena segurou seu pulso.

— Chega.

Ele olhou para ela.

— Você não viu.

— Eu vi você escolhendo uma notificação em vez da sua filha.

O segurança caminhou na direção deles, chamado pelo movimento ou pelo tom das vozes. A professora mantinha Helena perto, sem tocá-la.

Daniel apertou remover.

A tela pediu confirmação.

CONFIRMA A EXCLUSÃO DO HISTÓRICO DE LOCALIZAÇÃO DESTE DISPOSITIVO?

Ele confirmou.

O mapa desapareceu. O ícone sumiu da pasta. Restou a tela inicial com jogos, câmera, o aplicativo de desenho que Helena usava, mensagens da família. Um aparelho de criança, não uma central de vigilância.

Daniel devolveu o telefone.

Helena não pegou.

— Você apagou mesmo?

— Apaguei.

— Você consegue ver em outro lugar?

Ele sentiu a mãe dela ao lado, a professora esperando, o segurança perto demais. Havia uma resposta que mantinha uma fresta aberta. Uma resposta técnica, uma frase sobre cópias automáticas, sobre registros anteriores, sobre o que ele ainda conseguiria recuperar se fosse necessário.

Helena esperou.

— Eu não vou olhar em outro lugar — disse.

Ela pegou o celular sem agradecer.

— Mas você pode.

Daniel não soube negar.

Helena encostou o telefone no peito.

— É igual ao homem das mensagens.

Ele franziu a testa.

— O quê?

— Ele queria que eu desenhasse a casa. Ele falou que sabia qual porta eu ia escolher.

Daniel sentiu a rua em volta do centro cultural se estreitar. A lembrança daquele relato tinha se fixado nele por dias, contaminada por medo, por perguntas demais, por sua necessidade de tornar cada detalhe uma prova.

— Helena—

— Você também fala que sabe o que vai acontecer. Você também decide antes de perguntar.

A mãe dela deu um passo para perto da filha.

Helena olhou direto para Daniel.

— Você ficou parecido com ele.

A frase não veio alta. Não precisou.

— Porque você parou de perguntar o que eu queria. Você só decide tudo por mim.

Daniel buscou alguma coisa para dizer e encontrou imagens: os alertas no telefone, os mapas ampliados, a entrada lateral do prédio, a lista de horários, o pino vermelho sobre o Centro Cultural do Porto. Cada gesto tinha chegado até ele com um nome diferente. Prevenção. Margem. Segurança. Nenhum servia agora.

Helena passou por ele e segurou a mão da mãe.

— Eu quero ir embora.

A professora olhou para a mãe de Helena, aguardando instrução. Ela assentiu.

— Nós vamos embora.

— Eu posso ir junto — Daniel disse.

Helena apertou a mão da mãe antes que ela respondesse.

— Não.

A palavra ficou entre os três.

A mãe dela não discutiu. Tirou o crachá de visitante do pescoço e devolveu à professora.

— Vou avisar a escola. Depois falamos.

Daniel deu um passo.

— Eu preciso saber para onde vocês vão.

Ela o encarou, e ele ouviu a própria frase antes de conseguir corrigi-la.

— Eu preciso saber que ela está segura.

— Ela está comigo.

Helena não olhou de novo para ele.

A mãe dela conduziu a filha até a saída. O segurança abriu o portão lateral. Daniel viu as duas atravessarem a rua, Helena com a mochila batendo nas costas, a mão presa à da mãe. Um carro passou entre elas e ele; quando a rua abriu, já estavam perto da esquina.

O telefone de Daniel vibrou.

Por um reflexo antigo, ele pegou o aparelho.

Sem sinal disponível.

A mensagem não tinha remetente. Não havia hora, nem assunto, nem endereço. Apenas uma linha no centro da tela.

ROTA ALTERNATIVA CONFIRMADA.

Ele ficou parado diante do centro cultural, com o telefone na mão e a porta de vidro refletindo uma figura que ele reconheceu tarde demais: um homem sozinho, vigiando a saída.

CAPÍTULO 21

A Verdade Compartilhada

Daniel ficou diante do centro cultural até o segurança fechar o portão lateral.

A mensagem continuava acesa na tela.

ROTA ALTERNATIVA CONFIRMADA.

Ele apertou o botão de desligar, mas a tela voltou para o mesmo aviso quando tocou no aparelho outra vez. Não havia conversa aberta, aplicativo marcado, notificação para apagar. Só aquela linha sobre o fundo preto.

Na calçada, uma van descarregava caixas de material escolar. O motorista reclamava ao telefone com alguém. Duas mães saíam pelo portão principal conversando sobre a chuva prevista para a noite.

Daniel ouviu palavras soltas e procurou nelas uma instrução que não existia.

Helena estava com a mãe.

Isso era um fato.

O resto podia esperar.

Ele atravessou a rua, entrou no carro e ligou o motor. O mapa carregou sozinho, oferecendo a rota até o endereço da ex-mulher. Daniel quase aceitou. O dedo parou acima da tela.

O aplicativo de monitoramento ainda estava no celular de Helena. Se ela o ligasse, ele saberia onde ela estava. Se a mãe desligasse o aparelho, haveria o último ponto registrado. Se trocassem de caminho—

Ele desligou a central multimídia.

O silêncio dentro do carro teve peso. O motor vibrava sob seus pés; uma buzina soou atrás dele. Daniel percebeu que estava parado havia tempo demais no meio-fio e saiu sem olhar para trás.

Em casa, não subiu direto. Ficou no hall do prédio, diante das caixas de correspondência, e abriu o notebook sobre o banco de madeira usado pelos entregadores. A bateria estava em quarenta e dois por cento. Conectou o telefone à rede do prédio, abriu as pastas que tinha copiado durante os últimos dias e

sentiu o impulso de separar o que importava do que só aumentaria o medo.

Os e-mails enviados da conta da ex-mulher.

As senhas recuperadas.

Os acessos aos registros de localização.

As capturas de tela do telefone de Helena.

O histórico do aplicativo instalado.

O contrato do ATLAS com seu nome.

Os arquivos da pasta VIDA_07_NAO_ABRIR.

Os trechos de código que ele reconhecera, anos depois, nos padrões das mensagens.

Também havia uma pasta menor, criada naquela manhã, antes de ir ao centro cultural. Chamava-se PLANO_FINAL.

Daniel a abriu.

Dentro, uma planilha com horários, duas rotas alternativas e um mapa do entorno do Centro Cultural do Porto. Havia anotações sobre câmeras, saídas, pontos cegos. Um arquivo de texto listava possibilidades para tirar Helena da cidade no dia seguinte sem avisar a mãe dela até estarem na estrada.

Ele não lembrava de ter escrito a primeira versão. Reconhecia o modo como as frases estavam organi-

zadas, os marcadores azuis, a insistência em prever obstáculos. O arquivo tinha sido salvo às 2h46.

Apagou a pasta.

O sistema pediu confirmação.

Daniel deixou o cursor sobre o botão por alguns segundos, como se a tela pudesse oferecer uma terceira resposta. Depois confirmou.

Subiu para o apartamento com o notebook fechado contra o peito.

A pia tinha duas canecas, um prato e uma panela que ele deixara de molho havia dias. Na mesa, papéis de cliente se misturavam a recibos e carregadores. Ele arrastou tudo para o lado, ligou o computador na tomada e abriu uma nova mensagem.

O destinatário foi o endereço da ex-mulher de Daniel.

Ele escreveu: Preciso contar uma coisa sobre a Helena.

Apagou.

Escreveu de novo.

Eu instalei um aplicativo no celular da Helena sem avisar vocês.

Dessa vez não apagou. Acrescentou que tinha acessado a conta dela, acompanhado deslocamen-

tos, entrado em mensagens da mãe de Helena e usado informações obtidas sem consentimento. Explicou que havia descoberto sua ligação com o ATLAS, que tinha encontrado Augusto, que estava recebendo mensagens destinadas a provocar decisões nele.

O texto cresceu.

Cada frase parecia inadequada. Curta demais, fugindo. Longa demais, tentando justificar. Daniel retirou as partes em que descrevia o risco, os padrões, as previsões. Elas soavam como uma defesa montada antes da acusação.

No fim, escreveu apenas:

Não estou pedindo que você confie em mim. Estou enviando tudo o que tenho porque não posso continuar escolhendo sozinho o que você sabe sobre nossa filha. Há arquivos e acessos que precisam ser vistos por você e por Augusto. Se aceitar, posso encontrá-los onde você decidir. Se não aceitar, mando os dados e entrego as senhas.

Leu uma vez.

Enviou antes que pudesse corrigir.

A confirmação apareceu no canto da tela. Uma coisa pequena, banal, sem retorno.

Em seguida abriu uma mensagem para Augusto.

Não sabia se o e-mail antigo ainda funcionava. O endereço estava num contato que ele copiara do telefone do homem depois do encontro. Daniel escreveu que Marina tinha sido identificada, que Helena sabia do monitoramento e que ele tinha ocultado informações dos dois. Incluiu uma pasta compactada com os registros, o contrato e a linha do tempo que montara desde o primeiro e-mail.

Parou antes de anexar.

Aquela linha do tempo tinha lacunas preenchidas por ele. Havia horários que não confirmara, conexões feitas porque pareciam inevitáveis, nomes de arquivos interpretados como provas de intenção. Augusto precisava receber os dados, não a arquitetura que Daniel construíra em torno deles.

Criou outra pasta.

Bruto.

Colocou ali cópias dos e-mails, metadados, arquivos originais, capturas de tela, registros de acesso. Sem setas. Sem conclusões. Acrescentou o arquivo corrompido da sexta vida e o contrato assinado anos antes. Anexou tudo.

Augusto respondeu menos de dois minutos depois.

NÃO MANDE MAIS NADA POR E-MAIL.

NÃO APAGUE O ORIGINAL.

AMANHÃ, 8H. CAFÉ DA RODOVIÁRIA. VENHA SEM ELA.

Daniel leu a última frase duas vezes.

Sem ela.

A garganta apertou, e ele quase respondeu que Helena já não estava com ele, que não dependia mais dele decidir. Deixou o telefone sobre a mesa.

Às 22h13, a ex-mulher de Daniel escreveu.

Não venha aqui.

Depois de um intervalo:

Amanhã. Nove e meia. Na minha irmã não. No seu apartamento, com a porta aberta. Eu vou levar Helena se ela quiser ir. Não tente falar com ela antes.

Daniel digitou: Eu entendo.

A resposta ficou pronta na caixa de texto. Ele apagou. Escreveu: Certo.

Enviou.

Dormiu vestido, sentado no sofá, com o notebook no chão ao lado. Acordou mais de uma vez achando que ouvira o alerta de localização de Helena. Não abriu o aplicativo. Às 5h18, levantou, tomou banho e passou uma hora recolhendo os papéis da mesa.

Não conseguiu pôr ordem no apartamento inteiro. Tirou da vista os cabos soltos, lavou as canecas, esvaziou a pia. Sobre a mesa, deixou o notebook carregado e um caderno com as senhas anotadas à mão.

Às 7h20, chegou à rodoviária.

O café ocupava uma esquina interna, perto das catracas das plataformas intermunicipais. Havia gente em pé com malas pequenas, crianças cochilando sobre mochilas, um funcionário varrendo papéis de bala do chão. Daniel escolheu uma mesa de onde via as duas entradas.

Augusto apareceu às 7h53.

Vestia a mesma jaqueta escura do encontro anterior e carregava uma pasta rígida debaixo do braço. Não cumprimentou Daniel. Puxou a cadeira, sentou-se e olhou para o café dele, intacto.

— Você mandou os arquivos de onde?

— Da minha casa.

— Rede sua?

— A do prédio.

Augusto fez uma careta breve.

— Ótimo. Quer dizer que agora tem gente demais sabendo que você decidiu abrir a boca.

Daniel esperou a irritação passar. Augusto abriu a pasta e tirou folhas impressas, algumas delas marcadas com caneta.

— Você acessou a conta dela.

— Sim.

— Por quanto tempo?

— Desde o sétimo dia.

— E o telefone da menina?

Daniel apertou os dedos contra a borda da mesa.

— Instalei o aplicativo no décimo quarto.

Augusto não olhou para ele. Virou uma página.

— Você sabia que esses dados iam para onde?

— Achei que ficavam no meu painel.

— Achou.

O barulho de um ônibus partindo atravessou o salão. Daniel viu Augusto segurar a folha com mais força.

— Eu configurei para não sincronizar em nuvem.

— Você configurou o que entendeu que estava configurando. Isso é diferente.

Daniel encarou as folhas. Reconheceu a tela de permissões do aplicativo. Reconheceu a versão alte-

rada que instalara fora da loja oficial, convencido de que aquilo lhe dava mais controle.

— Você acha que o ATLAS teve acesso?

— Eu acho que você entregou um pedaço da vida dela para um sistema que já estava usando o medo que você tem dela morrer. E fez isso escondido.

A frase ficou na mesa entre os dois. Daniel poderia discutir detalhes técnicos: criptografia, servidores, rotas de tráfego. Podia mostrar que os registros locais não indicavam upload direto. Nenhuma dessas coisas diminuía o gesto.

— Eu vou desinstalar.

— Não sozinho.

Augusto tirou o celular do bolso e colocou sobre a mesa.

— Você vai mostrar à mãe dela. Ela decide o que faz com o telefone da filha.

Daniel assentiu.

Augusto passou para o contrato antigo. O nome de Daniel aparecia numa página com assinaturas digitais e termos de confidencialidade. Ele viu a própria rubrica no rodapé, torta e rápida, feita numa época em que aceitava qualquer trabalho que pagasse a conta do mês seguinte.

— Você sabia que era experimento comportamental? — Augusto perguntou.

— Sabia que era pesquisa de interface. Testes de adesão, fluxo de decisão. Não sabia da escala.

— E quando percebeu que tinha coisa errada?

Daniel abriu a boca e fechou.

Havia lembranças sem sequência: uma sala branca, protótipos de telas, uma conversa com Marina sobre fricção e desistência. Um formulário que ele não leu até o fim. Um pagamento que entrou numa sexta-feira. A expressão de alívio dele mesmo, sentado diante de uma conta vencida.

— Não sei — disse.

Augusto levantou os olhos.

— Essa é a resposta ou uma saída?

— É a resposta.

Augusto ficou quieto. Depois guardou o contrato na pasta.

— Você quer que eu diga que foi manipulado. Quer uma linha nítida onde começa a sua culpa e termina a deles.

Daniel acompanhou uma mulher que arrastava uma mala vermelha em direção às plataformas. A

criança ao lado dela tropeçou, recuperou o equilíbrio e correu para alcançar a mãe.

— Eu quero saber o que fiz.

— Você vai saber parte. O resto talvez não venha.

Daniel sentiu vontade de perguntar se Augusto ainda carregava os próprios restos sem saber onde encaixá-los. Não perguntou.

— Tem uma coisa que eu não mandei — ele disse.

Augusto inclinou a cabeça.

Daniel abriu o notebook e puxou a cópia de segurança que fizera antes de apagar a pasta PLANO_FINAL da área principal. Não tinha destruído o arquivo. Tinha movido para um disco externo, escondido no armário, e trouxera o dispositivo no bolso.

A constatação o envergonhou antes que Augusto falasse.

— Você apagou ou escondeu?

Daniel colocou o disco sobre a mesa.

— Escondi.

Augusto soltou o ar pelo nariz.

— Pelo menos agora você percebeu.

Daniel conectou o dispositivo. Abriu a planilha com as rotas, os horários, os pontos de observação. Augusto leu em silêncio.

— Você ia tirar Helena daqui.

— Eu pensei nisso.

— Pensou em que momento? Antes ou depois de ela dizer que não queria ir com você?

Daniel não respondeu.

Augusto fechou o notebook.

— Não me entregue isso porque quer que eu diga se é um bom plano. Não é essa conversa.

— Eu sei.

— Sabe agora.

Às 9h04, Daniel saiu da rodoviária com a pasta de Augusto devolvida apenas em parte. Augusto ficara com cópias dos dados, o disco externo e a senha do computador de Daniel. Antes de se separar, deu uma instrução seca:

— Não apague nada. Não acesse nada. E não use o que descobrir para chegar antes dos outros.

Daniel repetiu que entendeu.

Augusto já se afastava quando falou, sem virar:

— Entender é o que trouxe você até aqui.

O apartamento estava com a porta encostada quando Daniel voltou.

Ele tinha deixado aberta antes de sair, como a ex-mulher exigira. Na sala, a mãe de Helena estava em pé perto da janela. Helena sentava no braço do sofá, com a mochila no colo e o celular desligado entre as mãos.

Daniel parou no corredor.

— Oi.

Helena olhou para ele, depois para a mãe. Não respondeu.

A ex-mulher de Daniel apontou para a mesa.

— Senta.

Ele sentou na cadeira em frente ao notebook. Ela permaneceu de pé.

— Eu li seu e-mail. Li os arquivos que você mandou. Não todos, porque eu não consegui e porque não sou obrigada a virar especialista nisso para entender o que você fez.

Daniel assentiu.

— Você entrou nas minhas contas.

— Entrei.

— Leu minhas conversas.

— Li.

— Acompanhou a Helena.

— Sim.

A mãe de Helena puxou uma cadeira e se sentou ao lado da filha. Havia uma calma precisa na voz dela, e Daniel conhecia aquela calma: vinha antes de uma decisão da qual ele não conseguiria fugir com explicações.

— Você contou para ela?

Ele virou para Helena.

Ela apertava a alça da mochila com as duas mãos.

— Eu contei que instalei um aplicativo no celular dela — disse Daniel. — E que vi onde ela estava.

— Só isso? — a mãe perguntou.

Daniel sentiu a resposta pronta, incompleta, se formar por hábito. Que tinha feito por medo. Que havia mensagens. Que ela precisava entender o risco.

Olhou para o telefone desligado no colo de Helena.

— Eu vi seus lugares. Seus caminhos. Eu recebia alerta quando você saía de algum lugar. Eu sabia quando você chegava.

Helena ficou imóvel.

— E você viu as mensagens?

— Algumas.

— Minhas?

— Algumas.

A mãe dela fechou os olhos por um instante.

— Você leu as mensagens da sua filha.

— Li.

Helena baixou a cabeça. Um fio de cabelo caiu sobre o rosto, e ela não afastou.

— Você conseguia me ouvir? — perguntou.

Daniel demorou um segundo demais.

— O aplicativo tinha permissão para microfone.

— Você usou?

— Não gravei nada.

A pergunta dela não era técnica. Ele percebeu tarde.

— Eu não sei se ele ativou sozinho em algum momento — continuou. — Eu não devia ter instalado. Não devia ter mexido no seu telefone.

Helena levantou os olhos. Não havia choro, o que tornou mais difícil permanecer sentado.

— Você falou que era para eu conseguir ligar para você se eu precisasse.

— Eu menti.

A mãe de Helena estendeu a mão para a filha. Helena aceitou, sem sair do lugar.

— O aplicativo sai agora — ela disse.

Daniel girou o notebook para o outro lado da mesa. Desbloqueou o painel. Mostrou o histórico de localização, os acessos, a lista de permissões. A mãe de Helena pegou o celular da filha, ligou-o e entregou a Daniel sem soltar a mão dela.

— Faz.

Ele abriu as configurações. A tela pediu confirmação para desinstalar. Depois perguntou se queria manter os dados armazenados no aparelho.

Daniel ergueu os olhos.

— Eu posso apagar tudo daqui.

A mãe de Helena respondeu:

— Você vai apagar da sua conta primeiro.

Ele fez isso. Apagou o painel, as cópias salvas, os relatórios que tinha exportado. Quando a conta pediu um e-mail de confirmação, usou o próprio endereço. A mensagem chegou. Clicou no link diante delas.

Depois desinstalou o aplicativo do celular de Helena.

A tela inicial voltou a aparecer, com os ícones que ela usava. Um jogo, a câmera, o aplicativo de mensagens. Daniel colocou o aparelho na mesa e afastou as mãos.

— Tem mais — disse.

A mãe de Helena soltou uma risada sem humor.

— Claro que tem.

Ele contou sobre o ATLAS. Não como linha de defesa, não como um enredo que pudesse engolir o resto. Disse que tinha trabalhado num projeto anos antes, que seu nome aparecia em documentos de participação, que havia mensagens e arquivos que alguém usava para pressioná-lo. Disse que Augusto tinha cópias e que sabia partes que Daniel não sabia.

Quando chegou à pasta das vidas, abriu os arquivos apenas o suficiente para mostrar que existiam. A mãe de Helena não quis assistir à gravação do homem mais velho. Não quis ver a simulação em que Helena desaparecia. Fechou o notebook.

— Eu não vou deixar essas coisas entrarem na cabeça dela porque entraram na sua.

Daniel sentiu o golpe e não discutiu.

— Eu também falei com Augusto hoje — acrescentou. — Entreguei os dados e o plano que eu estava montando.

A mãe de Helena o observou com cuidado.

— Que plano?

Ele descreveu a intenção de tirá-las da cidade, os trajetos, a ideia de agir sem avisar até já estarem longe. A cada frase, Helena encolhia um pouco no sofá. Quando ele terminou, ela puxou a mochila para mais perto.

— Eu não vou com você — disse.

Daniel olhou para ela.

— Eu sei.

— Nem se você falar que é urgente.

— Está bem.

— Nem se você disser que sabe alguma coisa.

Ele sentiu a antiga vontade de explicar que talvez soubesse, que havia um mapa, uma mensagem, uma rota confirmada. A vontade passou pelo corpo inteiro e parou nos dentes.

— Está bem.

Helena olhou para a mãe, desconfiada daquela facilidade. Depois voltou para Daniel.

— Você vai contar tudo para ele também?

— Para o Augusto?

Ela assentiu.

— Vou.

— Tudo mesmo?

— O que eu fiz, o que eu escondi e o que eu não sei. Ele já tem parte.

A mãe de Helena se levantou.

— Eu quero os contatos dele.

Daniel anotou o número e o e-mail num papel. Entregou a ela. Não perguntou se ela confiaria em Augusto, se marcaria uma conversa, se permitiria que ele participasse de alguma decisão. Era escolha dela.

Helena pôs o celular no bolso da mochila.

— Você não pode mais ver onde eu estou.

— Não posso.

— E não pode aparecer na escola.

Daniel hesitou.

A mãe dela virou o rosto na direção dele.

— Sem combinar comigo — Helena completou.

— Sem combinar com sua mãe.

Helena pareceu considerar a correção. Não gostou, mas não discutiu.

A mãe dela pegou a mochila da filha e colocou-a nas costas dela. Antes de sair, parou junto à porta.

— Eu não sei o que é real nisso tudo, Daniel. Sei que você invadiu a minha vida e a dela. Sei que você estava disposto a nos tirar daqui sem nos dizer. E sei que existe alguém mexendo com informação suficiente para fazer você entrar em pânico.

Ele assentiu.

— Hoje você me deu os arquivos. Isso não apaga o resto.

— Eu sei.

— Não use esse "eu sei" como se fosse um lugar confortável para ficar.

Daniel baixou os olhos.

Ela abriu a porta.

Helena passou primeiro. No corredor, ela se virou uma única vez. Daniel achou que ela fosse dizer alguma coisa, pedir o telefone de volta, perguntar pelos arquivos. Ela só olhou para o notebook aberto sobre a mesa.

Então foi embora com a mãe.

A porta continuou aberta.

Daniel permaneceu sentado, ouvindo os passos das duas até o elevador chegar. Sobre a mesa, o computador mostrava uma caixa de entrada vazia, o painel de monitoramento excluído e a pasta de arqui-

vos brutos que agora também estava nas mãos de Augusto.

O telefone vibrou.

Desta vez, ele não o pegou.

CAPÍTULO 22

Sem Completar a Frase

Daniel deixou o telefone vibrar sobre a mesa até o som cessar.

Cinco minutos depois, tornou a vibrar.

Dessa vez ele olhou para a tela. Uma mensagem da ex-mulher de Daniel, sem cumprimento.

Helena quer falar com você. Hoje. Aqui em casa. Às quatro.

Abaixo, outra.

Você vem sozinho. Não traz computador. Não grava. Não tenta transformar a conversa numa reunião sobre o ATLAS.

Ele leu duas vezes. Depois abriu a resposta e apagou a primeira frase que escreveu: Obrigado por confiar em mim.

A mensagem trazia uma condição.

Estarei aí às quatro, escreveu.

Passou o resto da manhã sentado diante da mesa vazia. Sem notebook, ela revelava marcas circulares deixadas por copos, um risco de estilete perto da borda, migalhas presas entre os veios da madeira. Havia cabos atrás da cadeira, enrolados em nós que ele sempre prometia desfazer quando terminasse alguma coisa mais urgente.

Às onze e vinte, o telefone tocou. Augusto.

Daniel deixou tocar três vezes antes de atender.

— Ela falou com você? — Augusto perguntou.

— Minha ex-mulher.

— Entendi.

— A Helena quer conversar.

Houve uma pausa curta do outro lado.

— Ótimo.

Daniel quase desligou. A palavra lhe pareceu errada. Lisa demais para o tamanho do que estava em jogo.

— Não é ótimo.

— Não. Não é. Mas ela quer falar.

— Você não sabe o que ela quer.

— Nem você.

Daniel apertou o celular contra a orelha.

— Eu ia te procurar.

— Para contar mais alguma parte ou para decidir o que eu devia fazer com a parte que você já contou?

A pergunta veio sem aumento de voz. Era pior assim.

Daniel se levantou e foi até a janela. No prédio em frente, uma mulher sacudia um pano da varanda. Um ônibus passou na rua abaixo com a lateral coberta por um anúncio de curso de inglês. Ele acompanhou o veículo até desaparecer no cruzamento.

— Eu não vou decidir nada sozinho — disse.

Augusto soltou o ar, num ruído baixo.

— Então comece pelo que está ao seu alcance. Não tente arrancar uma resposta dela.

— Eu sei.

— Você não sabe ainda. Você está tentando saber.

Daniel fechou os olhos.

— O que você tem para o dia dezenove?

— Tenho um arquivo de rota que não prova coisa nenhuma. Tenho uma sequência de mensagens programadas. Tenho o endereço onde Marina marcou uma apresentação anos atrás, o mesmo lugar

que aparece nos seus registros recentes. Tenho medo de que alguém use isso para fazer você correr até lá.

— E você?

— Eu vou falar com a mãe da Helena quando ela quiser. Vou levar o que tenho. Sem espetáculo.

Daniel encostou a testa no vidro frio.

— Você acha que ela está em perigo?

Augusto demorou.

— Acho que uma criança já foi posta em perigo suficiente quando adultos fizeram dela um argumento.

Daniel não respondeu.

— Quatro horas — Augusto continuou. — Vá sem levar nada que precise usar para se esconder.

A ligação encerrou antes que Daniel perguntasse o que isso significava.

Às três e quarenta, ele saiu de casa com as chaves, a carteira e o telefone no bolso. Parou no corredor do prédio, voltou, deixou o telefone sobre a mesa e tornou a sair. No elevador, pensou no aparelho vibrando sozinho até descarregar, nas mensagens que talvez chegassem, em algum aviso calculado para aquela janela exata.

As portas se abriram no térreo. Ele atravessou o saguão.

No meio-fio, teve a impressão de que tinha esquecido uma coisa. Procurou pelos bolsos, conferiu a carteira, as chaves. Não era isso. Era a falta de uma tela na mão, o espaço sem notificações, sem mapas, sem a possibilidade de transformar qualquer silêncio em dado.

Pegou um ônibus.

Chegou dez minutos antes do horário. Ficou do outro lado da rua, perto de uma banca fechada, olhando para o portão do prédio. Uma bicicleta infantil estava presa à grade. O guidão tinha fitas amarelas nas pontas, desbotadas pela chuva.

Ele conhecia aquele lugar. Conhecia a disposição da sala, a janela da cozinha, o corredor estreito que dava nos quartos. Tinha passado ali muitas vezes, embora menos do que deveria. A lembrança veio em pedaços: Helena pequena, de meias, montando um quebra-cabeça no chão; a mãe dela dizendo que ele podia ficar para o jantar; Daniel respondendo que precisava terminar uma entrega antes das dez.

Ele tinha terminado a entrega? Não lembrava.

Às quatro em ponto, apertou o interfone.

A voz da ex-mulher de Daniel veio seca pelo aparelho.

— Sobe.

Ela abriu a porta antes que ele tocasse a campainha. Usava uma camiseta escura e calça de moletom. O cabelo estava preso alto, malfeito. Daniel reparou nisso e se odiou um pouco por procurar sinais que pudessem ser classificados: cansaço, pressa, medo, disposição para uma conversa curta.

— Ela está no quarto — disse a mãe de Helena. — Eu vou ficar na sala.

— Está bem.

— A porta fica aberta.

Daniel assentiu.

No corredor, o quarto de Helena estava com a luz acesa. Ela se sentava na cama, encostada na parede, os joelhos dobrados. A mochila ficava no chão, ao lado da escrivaninha. Sobre ela havia folhas de papel, lápis de cor e uma tesoura sem ponta.

Daniel parou na porta.

— Oi.

Helena olhou para ele, depois para a cadeira perto da escrivaninha.

— Senta ali.

Ele sentou. A porta ficou aberta entre os dois. Da sala vinha o som baixo de talheres contra um prato. A mãe de Helena fazia alguma coisa na cozinha sem entrar no quarto.

Helena puxou uma folha da cama e virou para baixo.

— A mãe falou que você apagou o negócio.

— Apaguei.

— Apagou mesmo ou só tirou do meu celular?

A pergunta não tinha raiva. Tinha método. Daniel reconheceu aquilo nela, e por um instante quis sorrir. Não sorriu.

— Apaguei do seu celular e da minha conta. Eu também mostrei para sua mãe onde estava. Se existir outra cópia, eu vou dizer.

Helena apertou a ponta de um lápis entre os dedos.

— Você pode ter escondido.

— Posso.

Ela levantou os olhos.

— Você está falando isso porque quer que eu acredite em você?

Daniel sentiu a resposta pronta formar uma trilha: porque era importante ser honesto, porque

ele entendia a desconfiança dela, porque estava tentando fazer diferente. Todas pareciam uma escada que levava de volta ao lugar onde ele queria ficar.

— Estou falando porque você perguntou.

Helena mexeu no lápis outra vez.

— Você sabia onde eu estava.

— Sabia.

— Às vezes?

— Muitas vezes.

— Quando eu estava na escola também?

— Sim.

— Quando eu ia na casa da Clara?

Ele demorou um segundo.

— Sim.

A boca dela se fechou.

— Você viu quando eu fui no banheiro?

— Não tinha câmera. Só mostrava onde o celular estava.

— Mas você sabia que eu estava lá.

— Sabia.

Helena encostou a cabeça na parede. Daniel esperou. O silêncio começou a puxar as coisas dentro dele para a frente. Ele podia aliviar, explicar o apli-

cativo, dizer que não recebia tudo, que havia configurações que não tinha usado. A precisão daquela defesa seria outra forma de fuga.

— Eu achei que você podia sumir — ela disse.

Daniel ficou olhando para ela.

— Toda vez que você perguntava se eu tinha visto alguém, eu achava que era porque eu ia sumir.

Ele abriu a boca.

Helena ergueu a mão.

— Eu não terminei.

Ele fechou a boca.

— Aquele homem que eu falei... — Ela olhou para a folha virada na cama. — Eu não sei se ele falou comigo. Eu lembro de uma pessoa perto do portão. Eu lembro que ele tinha uma coisa azul na mão. Ou era uma sacola. E eu falei que parecia você porque você perguntou se ele parecia você.

Daniel sentiu a pele do rosto esquentar.

— Eu sei.

— Você perguntou várias vezes.

— Perguntei.

— E cada vez você fazia uma cara estranha. Aí eu tentava lembrar direito. Só que eu não conseguia.

Ele segurou as mãos entre os joelhos.

— Você não precisa lembrar direito para mim.

Helena olhou para ele, como se a frase tivesse chegado num idioma novo.

— Mas e se for importante?

— Pode ser importante. A gente pode contar o que você lembra e o que você não lembra. Sem preencher o resto.

Ela baixou o olhar.

— A mãe disse que você estava com medo.

— Eu estava.

— Ainda está?

Daniel poderia dizer que sim. Poderia falar da rota, do arquivo, de Marina, do dia dezenove se aproximando com uma precisão que tornava cada hora um objeto pesado. Mas Helena já conhecia a forma que o medo dele tomava quando se espalhava pelo quarto: perguntas, mapas, ordens.

— Estou — disse. — Mas isso não dá o direito de eu decidir tudo por você.

Ela apertou o lápis até marcar o dedo.

— Você sempre decide quando está com medo?

Ele pensou na pergunta. Não em como respondê-la bem, mas no que ela continha. A escola.

A casa. O celular. A ex-mulher. As contas abertas, os e-mails sem resposta, os dias em que ele se trancava diante da tela porque alguma ideia precisava ser resolvida antes que todo o resto pudesse existir.

— Muitas vezes — respondeu. — E antes dessas mensagens também.

Helena franziu a testa.

— Antes?

— Antes de tudo isso. Antes de alguém mandar e-mail. Antes de eu achar que tinha que descobrir uma coisa enorme para consertar outra.

Ela ficou imóvel.

— Quando eu era menor?

— Quando você era menor.

Daniel viu a caixa de brinquedos sob a escrivaninha, uma tampa torta, adesivos colados por cima. Lembrou-se de uma tarde em que tinha prometido buscar Helena para levá-la ao parque. Ficara preso num trabalho que julgava faltar pouco para terminar. Quando chegou, a mãe dela já a tinha levado embora porque escurecera. Ele mandara uma mensagem longa, explicando o problema do cliente, a instabilidade de um servidor, o dinheiro que aquele projeto podia render. Não lembrava se Helena tinha respondido. Provavelmente não sabia ler tudo.

— Você me disse que vinha na minha apresentação de dança — Helena falou.

Ele a encarou.

— Eu sei.

— Você chegou quando acabou.

A frase não saiu acusadora. Saiu cansada.

Daniel assentiu.

— Cheguei.

— E você trouxe uma flor que comprou no caminho.

— Trouxe.

— Eu nem queria flor. Eu queria que você tivesse visto.

Ele sentiu a vontade de dizer que não tinha sido por não querer, que a entrega atrasara, que ele perdera a hora porque achou que podia resolver as duas coisas. Eram fatos. Não serviam para nada ali.

— Eu devia ter visto.

Helena passou o polegar sobre a borda do lápis.

— Você fala que vai fazer as coisas e depois fica fazendo outras.

— Eu fiz isso.

— Agora você está falando que vai contar a verdade para todo mundo.

— Estou.

— E se você esquecer?

— Eu não vou pedir que você confie só porque eu falei.

Ela inclinou o rosto.

— Então como?

Daniel olhou para a porta aberta. A mãe de Helena continuava na cozinha. Uma torneira correu por alguns segundos e foi fechada.

— Você pode perguntar para sua mãe. Pode perguntar para o Augusto. Pode perguntar para mim quando quiser. E se eu esconder alguma coisa, você não precisa guardar segredo por mim.

Helena ficou em silêncio.

— Eu não quero falar com o Augusto — disse depois.

— Você não precisa.

— Ele sabe das coisas?

— Sabe algumas.

— Ele também manda em você?

Daniel quase respondeu que ninguém mandava nele. A palavra veio com um gosto infantil, defensivo.

— Ele não manda. Mas ele pode dizer quando eu estou fazendo alguma coisa errada.

— E você escuta?

— Nem sempre escutei. Estou tentando escutar.

Ela soltou um ruído que talvez fosse uma risada curta, talvez só ar pelo nariz.

— Você fala "tentando" quando não sabe se vai conseguir.

— Às vezes.

— Você não sabe se vai conseguir.

— Não sei.

Helena olhou para a folha virada. Puxou-a para perto e desvirou. Era um desenho de uma casa, traçada com lápis preto e colorida apenas na porta. Havia sete retângulos lado a lado na fachada, cada um de uma cor. Daniel reconheceu antes de querer reconhecer.

Ela viu que ele tinha entendido.

— Eu fiz de novo.

— Vi.

— Não é a mesma.

— Está bem.

— Essa casa não existe.

Daniel esperou.

— Eu sei — ela acrescentou, irritada. — Eu sei que não existe. Eu só desenhei.

— Você pode desenhar.

— Você vai perguntar por que tem sete portas?

Ele olhou para elas. Vermelha, amarela, azul, verde. Duas ainda sem cor. A última coberta por riscos cinzentos.

— Se você quiser me contar, eu escuto.

— E se eu não quiser?

— Eu continuo aqui um pouco, se sua mãe deixar.

Helena puxou a folha para o colo.

— Eu não gosto quando vocês ficam falando de mim como se eu fosse uma coisa que tem que chegar num lugar.

Daniel não mexeu.

— A mãe fala que tem que me proteger. Você fala que tem que me salvar. O Augusto falou no telefone que eu não podia ficar sozinha.

— Ele falou isso para você?

— Eu ouvi. A mãe estava falando no viva-voz.

Daniel sentiu a irritação subir, rápida, procurando um alvo. Augusto. A mãe dela. A palavra sozinha. A facilidade com que adultos usavam frases para montar uma cerca em volta de uma criança e chamá-la de cuidado.

Helena continuou:

— Eu não sou uma missão.

— Não é.

— Nem uma prova.

Ele demorou a entender. Quando entendeu, a garganta fechou.

— Não é.

— Você fica olhando para mim para ver se eu estou com medo.

Daniel baixou a cabeça.

— Fiquei.

— Aí eu fico com medo porque você está olhando.

Ele assentiu.

— Eu fiz isso.

— E quando eu não fico com medo, você acha que eu não entendi.

Ela teve de parar para respirar, mas não olhou para ele. O quarto pareceu menor. Daniel sentiu o

impulso de atravessar a distância, sentar na beira da cama, tocar no ombro dela. Ficou onde estava.

— Eu posso ter medo — Helena disse. — Só não quero que você escolha tudo por causa disso.

— Certo.

— E eu posso querer ir para a escola.

— Pode.

— Mesmo se você achar perigoso.

Daniel sentiu o corpo inteiro reagir à frase. A escola era um lugar com horários, entradas, ruas próximas, pessoas que ele não conhecia. Era onde ela podia desaparecer da vista de qualquer aplicativo que ele não deveria ter instalado. Era também onde Helena aprendia, fazia amigos, voltava falando de coisas que não cabiam nas previsões.

— A gente conversa sobre segurança com sua mãe — ele disse. — E você pode dizer o que precisa para se sentir bem. Eu não vou decidir sozinho.

Helena observou o rosto dele, à procura da dobra escondida na frase.

— Você vai querer saber onde eu estou.

— Vou querer.

— E vai perguntar?

— Posso perguntar. Você pode não querer responder. Sua mãe decide o que é preciso fazer para cuidar de você, e eu falo com ela.

— Você também é meu pai.

— Sou.

— Então você decide também.

Ele viu que a palavra tinha duas pontas. Uma era cobrança. A outra, talvez, era uma porta que ela ainda não tinha fechado.

— Decido junto com sua mãe. E preciso aprender a decidir sem passar por cima de você.

Helena deixou o lápis sobre a cama.

— No dia dezenove você vai fazer alguma coisa.

Não era pergunta.

Daniel olhou para a porta, depois para ela.

— Eu ainda não sei o que vou fazer.

— Você sabe um lugar.

Ele levou alguns segundos para entender que ela ouvira mais do que ele imaginava nas conversas da sala, nas ligações, nas palavras interrompidas quando ela entrava.

— Sei de um lugar que pode ter importância.

— E você quer ir.

— Quero.

— Vai ter gente ruim lá?

— Eu não sei.

— Você quer que eu vá?

A pergunta ficou no quarto entre os dois.

Daniel pensou no plano que tinha tentado montar, nos trajetos, nas mensagens de Marina, no local que aparecia cedo demais e muitas vezes demais para ser coincidência. Pensou na facilidade com que uma resposta poderia se vestir de sinceridade e ainda assim empurrá-la: eu quero que você esteja segura; eu quero você perto; eu só preciso que você faça isso por mim.

— Eu queria que você estivesse segura — disse. — Mas eu não vou pedir que você vá a lugar nenhum por causa do meu plano.

Helena cruzou os braços.

— Então eu não vou.

— Está bem.

— Você não vai tentar me convencer?

— Não.

— Nem falar que pode ser tarde demais?

A voz dela diminuiu no fim. Daniel sentiu medo por ela outra vez. Medo de verdade, sem mapa, sem

tela, sem uma resposta que pudesse ser construída em volta.

— Não vou.

Helena olhou para a porta colorida de cinza no desenho.

— Eu quero ficar com a mãe.

— Certo.

— E eu quero que ela saiba tudo antes.

— Eu vou contar o que eu sei.

— Sem esconder as partes ruins.

— Sem esconder.

— Mesmo as partes que fazem você parecer ruim.

Daniel assentiu.

— Principalmente essas.

Ela voltou a olhar para a folha. Depois puxou a mochila para perto, abriu o zíper e tirou de dentro uma caixinha de suco amassada.

— Quer?

Ele olhou para ela.

— É de uva.

— Eu quero.

Helena entregou a caixinha. Daniel procurou o canudinho preso na lateral e o encontrou torto. Ela o observou furar o lacre, sem ajudá-lo.

Por alguns minutos, ela falou sobre a escola. Falou de uma colega que tinha mentido que sabia assobiar e passara o recreio inteiro tentando aprender. Falou de uma professora que usava um perfume forte e escrevia pequeno demais na lousa. Daniel ouviu sem procurar relação com o homem perto do portão, com o ATLAS, com o dia dezenove.

Quando Helena parava, ele não preenchia.

No fim, ela pegou o desenho e o estendeu para ele.

— Você pode ficar com esse.

Daniel recebeu a folha pelas bordas.

— Posso.

— Mas não coloca no computador.

— Não vou.

Ela hesitou.

— E não mostra para ninguém sem perguntar.

— Não mostro.

A mãe de Helena apareceu na porta. Tinha o rosto fechado, mas não interrompeu de imediato.

— Está tudo bem aí?

Helena respondeu antes de Daniel.

— Ele está ouvindo.

A mãe dela olhou para ele. Daniel não tentou transformar aquilo em absolvição.

— Eu preciso falar com você — disse. — Com o Augusto também. Hoje, se der.

— Sobre o dia dezenove?

— Sobre tudo que eu escondi e sobre o que eu ainda acho que pode acontecer.

Ela assentiu devagar.

Helena se levantou da cama.

— Eu vou ficar aqui quando vocês conversarem?

A mãe olhou para Daniel, depois para a filha.

— Você quer ficar?

— Quero saber.

Daniel segurou o desenho sem dobrá-lo.

— Você pode ficar no começo — ele disse. — E, se quiser sair, ninguém vai impedir. Se tiver alguma coisa que eu precisar falar só com sua mãe, eu digo antes e explico por quê.

Helena franziu a testa.

— Você vai explicar mesmo?

— Vou.

Ela pegou a tesoura da escrivaninha e começou a recortar uma das portas da casa, seguindo a linha preta com cuidado. Daniel ficou sentado na cadeira, vendo o retângulo azul se separar do papel aos poucos.

CAPÍTULO 23

Dia Dezenove

Às 6h12, o arquivo voltou a aparecer na tela.

Daniel não o procurara. Estava na mesa da cozinha da ex-mulher, com o notebook aberto entre uma caneca esquecida e o desenho de Helena, agora com uma porta azul recortada. Augusto ocupava a cadeira perto da janela, o casaco ainda fechado. Helena estava no quarto, ouvindo alguma coisa baixa no celular, sob a condição de que ninguém mexeria nele.

A mãe de Helena lia, pela terceira vez, a sequência que surgira dentro da pasta da sexta vida.

Era uma lista.

19/19

11h40 — Escola.

12h15 — retirada antecipada.

12h50 — trajeto pela Avenida Norte.

13h08 — pane no túnel.

13h11 — saída lateral.

13h17 — estacionamento do edifício antigo.

13h22 — acesso pelo corredor de serviço.

13h26 — Helena fora da zona de impacto.

Abaixo, uma linha em letras menores:

NÃO ENVOLVA TERCEIROS. ELES AUMENTAM A EXPOSIÇÃO.

Daniel conhecia aquela construção. Poucas palavras, verbo no imperativo, uma ameaça apresentada como instrução técnica. O arquivo não dizia quem causaria a pane, o que era a zona de impacto ou por que o edifício antigo seria seguro. Não precisava dizer. Oferecia o bastante para acionar nele o resto: a urgência, a imagem de Helena presa num carro parado, o corpo dele correndo por um corredor estreito enquanto alguma coisa acontecia atrás.

A mãe de Helena virou a tela para Augusto.

— Isso veio de onde?

— Da máquina dele — Augusto respondeu. — Ou da conta dele. Já faz diferença suficiente.

— E você acha que eles conseguem fazer uma pane no túnel?

Augusto não olhou para Daniel.

— Acho que conseguem fazer alguém acreditar que uma pane vai acontecer. E, se tiverem interesse em apertar o cenário, conseguem mexer em bastante coisa para que pareça uma boa ideia obedecer.

Daniel ampliou o documento. Os horários formavam uma coluna limpa. À direita, em cinza quase invisível, havia marcas de versão. Ele passou o cursor sobre a primeira.

MODELO: DV-19 / RAMO 4

CONFIANÇA: 0,87

Abaixo da última linha, outra marca:

AÇÃO ESPERADA: ISOLAMENTO OPERACIONAL.

Ele sentiu a nuca endurecer.

— Está vendo isso?

Augusto se inclinou.

— Estou.

A mãe de Helena aproximou o rosto da tela.

— O que significa?

Daniel soube antes de responder. O arquivo não estava só descrevendo uma rota. Registrava uma

aposta sobre ele. Ele deixaria a mãe de Helena em casa para reduzir "variáveis". Inventaria um motivo para tirar Helena da escola. Desligaria os telefones ou tiraria os aparelhos delas para evitar rastreamento. Escolheria ruas de fuga. Não contaria a Augusto onde estavam até precisar de alguma resposta. Seguiria cada minuto como se o próximo dependesse apenas da velocidade com que conseguisse obedecer.

— Significa que eles esperam que eu faça isso sem vocês — disse.

A mãe de Helena cruzou os braços.

— E você ia fazer?

A resposta subiu inteira, automática: eu faria qualquer coisa. Ficou presa antes de sair.

Ele viu a porta azul recortada sobre a mesa. Helena tinha deixado o pedaço separado do desenho, uma abertura que não levava a lugar algum enquanto estivesse solta.

— Eu teria feito ontem — disse.

Augusto puxou o notebook alguns centímetros para si.

— Eles podem ter plantado essa sequência agora. Não para salvar ninguém. Para fazer você desenhar o caminho que eles precisam.

— Ou pode haver um risco real — disse a mãe de Helena.

— Pode.

— Então não vamos sentar aqui discutindo se é armadilha enquanto ela vai para a escola.

O relógio do micro-ondas marcava 6h18. A aula de Helena começaria às sete e meia. Daniel tinha imaginado, em algum ponto da noite, que não a deixaria sair daquela casa. A ideia ainda estava pronta dentro dele: trancar as portas, cancelar o dia, manter Helena onde pudesse vê-la. Era simples, brutal, eficiente por algumas horas.

Helena apareceu no corredor com a mochila pendurada num ombro.

— Eu vou para a escola?

A mãe dela se virou.

— Você quer ir?

Helena apertou a alça.

— Eu tenho trabalho de ciências. Se eu faltar, a professora vai colocar outra pessoa para apresentar minha parte.

Daniel quase disse que isso não importava. A frase chegou até a boca e morreu ali.

— Você sabe o que está acontecendo hoje — disse a mãe dela. — E pode não ser um dia normal.

— Eu sei.

— Se quiser ficar, fica.

Helena olhou para Daniel. Ele não tentou ler o que havia por trás do gesto. Não buscou medo, desafio, um pedido escondido.

— Eu quero ir — ela disse. — Mas não quero que ele fique me seguindo.

A mãe de Helena olhou para Daniel.

— Eu não vou — ele respondeu.

Helena franziu a testa, desconfiada.

— Nem no carro?

— Nem no carro.

— Nem perto do portão?

— Nem perto do portão.

Ela ajustou a mochila.

— Tá.

A mãe de Helena pegou o celular e abriu uma conversa. Daniel reconheceu o contato da escola apenas pelo ícone. Ela digitou devagar, apagou uma frase, tornou a digitar. Informou que havia uma situação séria envolvendo dados pessoais e possíveis tentati-

vas de manipulação de deslocamento, sem dar detalhes que expusessem Helena diante de quem não precisasse saber. Pediu que não a liberassem para ninguém fora dela e que avisassem se qualquer pessoa aparecesse com instruções em nome da família.

Daniel acompanhou cada palavra com uma impaciência física. Queria tomar o aparelho, escrever melhor, acrescentar horários, hipóteses, placas de carro, o nome de Marina. A mãe de Helena levantou os olhos antes que ele se movesse.

— Eu estou fazendo.

— Eu sei.

— Você não sabe tudo que eu estou fazendo.

— Não.

Ela enviou a mensagem.

Augusto tinha ligado seu próprio telefone a uma bateria portátil. Na tela, uma página simples mostrava tentativas de acesso a uma conta antiga, que Daniel já não lembrava de usar. Havia picos de tráfego naquela madrugada, origens mascaradas, notificações de recuperação de senha.

— Você ainda tem contato de alguém que trabalhou com a Marina? — Daniel perguntou.

Augusto fez um gesto seco de negativa.

— Contato não. Registro, talvez.

— Registro de quê?

— Do jeito que ela gostava de organizar os testes. Nunca deixava tudo num lugar só. Pedia fragmentos a gente, dizia que era para evitar contaminação. Um grupo via uma tela, outro recebia uma notícia, outro lidava com ausência de resposta. Depois ela juntava os efeitos.

A mãe de Helena guardou o celular no bolso.

— E o que isso ajuda agora?

Augusto tocou no horário 13h17 da lista.

— O plano precisa de um ponto de concentração. Um lugar para onde ele leve a menina achando que está saindo do perigo.

Daniel encarou a linha. Estacionamento do edifício antigo.

O endereço estava oculto no documento, mas bastou ele abrir os metadados para reconhecer a região. Era perto do antigo escritório onde fizera os primeiros trabalhos de interface para o ATLAS. Um prédio comercial parcialmente vazio, garagem profunda, corredores que mudavam de nível sem janela. Ele conhecia o acesso lateral. Conhecia até a máquina de café do térreo, que nunca aceitava cartão.

Aquela familiaridade era uma isca.

— É o prédio perto do antigo escritório — disse.

Augusto assentiu.

— Você vai saber chegar lá sem mapa. Vai achar que isso é vantagem.

— Talvez seja.

— Para quem montou o cenário, é.

Helena estava na porta, esperando. A mãe dela pegou as chaves.

— Vamos.

Daniel levantou junto.

Helena apontou para ele.

— Você falou que não ia no carro.

Ele parou.

A mãe de Helena hesitou. Havia medo no rosto dela, mas também a decisão de não deixar que a filha pagasse pelo medo de ninguém.

— Ele fica — disse.

Daniel sentiu o corpo reagir antes da cabeça: uma pressão nas mãos, na garganta, a vontade de inventar uma exceção sensata. O arquivo dizia escola, retirada antecipada, Avenida Norte. Se ele não fosse,

perderia a possibilidade de corrigir a sequência. Se fosse, pisaria dentro dela.

— Eu fico — repetiu.

Helena o observou por mais um instante.

— Tá.

Ela saiu com a mãe. A porta do apartamento fechou. Daniel ficou diante dela, escutando o elevador descer, um andar de cada vez.

Augusto fechou o notebook.

— Agora começa a parte em que você vai querer fazer alguma coisa idiota.

— Já começou.

— Ótimo. Então talvez dê tempo de impedir.

Daniel puxou a cadeira e voltou para a mesa. A sequência continuava aberta. Ele copiou o arquivo para um pendrive, depois para a caixa de e-mail que a mãe de Helena acabara de usar. Incluiu Augusto. Demorou um segundo sobre o campo de destinatário antes de acrescentar um endereço institucional que Marina usara anos antes. Não sabia se ainda funcionava.

Assunto: DIA DEZENOVE.

No corpo, escreveu apenas:

Eu vi a sequência. Outras pessoas também.

Augusto leu por cima de seu ombro.

— Você quer que ela responda?

— Quero que ela saiba que não estou sozinho.

— Isso não impede nada.

— Eu sei.

A confirmação de envio apareceu. Daniel abriu os logs da conta antiga, comparou horários, domínios, acessos. Havia camadas demais, rotas que podiam ser automáticas ou montadas para fazê-lo cavar. Durante meses, talvez anos, ele teria atravessado aquilo inteiro, teria passado a manhã rastreando endereços e alimentando a máquina com cada ação previsível. Agora, cada aba nova parecia uma porta que alguém já esperava que ele abrisse.

Às 7h41, o telefone da mãe de Helena enviou uma atualização de localização para o grupo que ela criara com os três. Daniel teve vontade de perguntar se ela tinha autorizado aquilo. Ela havia autorizado a própria localização; talvez precisasse do recurso para se sentir segura. Ainda assim, o ponto azul avançando no mapa fez seu estômago se contrair.

Ele fechou a tela.

Augusto o viu fazer isso.

— Não vai acompanhar?

— Ela vai avisar se mudar alguma coisa.

— E se não avisar?

Daniel olhou para a bancada. Havia migalhas de pão perto da torradeira e uma colher dentro da pia.

— Então eu não vou saber por alguns minutos.

Augusto soltou um ar pelo nariz, sem humor.

— É uma droga, né?

Às 8h03, chegou uma resposta.

O remetente era Marina Albuquerque.

A mensagem não tinha saudação.

Vocês confundem visibilidade com liberdade.

A situação de risco já existe. A diferença é que agora vocês têm o modelo.

A mãe de Helena mandou uma foto da resposta para o grupo quase no mesmo instante. Em seguida, escreveu:

Não responda mais sem falar comigo.

Daniel leu a ordem duas vezes. Digitou que precisava perguntar onde Helena corria risco. Apagou. Digitou que Marina seria responsabilizada se alguma coisa acontecesse. Apagou também.

Escreveu:

Certo.

O telefone tocou às 9h16.

Número desconhecido.

Augusto levantou a mão, pedindo silêncio, mas Daniel já havia atendido.

— Daniel.

A voz de Marina veio limpa, sem ruído de rua ou sala.

— Você compartilhou o arquivo.

— Compartilhei.

— Com Augusto, imagino.

— E com a mãe da Helena.

Um intervalo curto.

— Então você entendeu menos do que pensei.

Daniel olhou para Augusto. Ele balançou a cabeça, mas não havia como desfazer a ligação.

— Se você sabe onde está minha filha, fala.

— Eu sei onde ela provavelmente estará às treze horas e dezessete minutos se você seguir a rota que recebeu.

— E se eu não seguir?

— A probabilidade muda.

— O que vai acontecer no túnel?

Marina demorou a responder.

— Você ainda está tentando transformar isso numa informação que possa possuir.

— Tem uma criança envolvida.

— Tem. E é por isso que a sua reação é tão estável.

Daniel apertou o telefone.

— Você mandou alguém falar com ela?

— Eu não vou discutir detalhes operacionais por ligação.

— Porque tem detalhes operacionais?

— Porque qualquer resposta minha entra na cadeia que você está construindo.

A raiva veio rápida, oferecendo uma direção. Daniel podia gritar, pressioná-la, forçar uma admissão. Podia fazer a voz dela virar prova. Mas havia uma pergunta que continuava imóvel no centro da chamada: se Marina queria conduzi-lo, por que ligava? Para puxá-lo de volta à lista. Para fazê-lo correr sozinho.

— Minha filha não vai com você para aquele prédio — ele disse.

— Isso não é uma decisão que você toma sozinho, Daniel.

A ligação caiu.

Ele ficou com o telefone encostado na orelha por um segundo a mais.

Augusto apontou para a tela escura.

— Ela quer que você escolha entre obedecer e provar que não obedece. Os dois jeitos dão dado.

— Ela acabou de dizer que a decisão não é só minha.

— Porque não é.

A frase o irritou. Também o manteve sentado.

A mãe de Helena ligou às 10h27. Daniel atendeu na primeira chamada.

— A escola respondeu — ela disse. Havia vozes de criança ao fundo, portas abrindo, um aviso no alto-falante que ele não entendeu. — Eles sabem que não podem liberar a Helena. Eu falei com a direção e vou ficar perto até a saída.

— Perto onde?

— Daniel.

— Desculpa. Você está dentro da escola?

— Estou na recepção. Eles deixaram.

— Tem alguém estranho aí?

— Tem pais, tem uma funcionária, tem criança correndo. Estranho é uma categoria ampla.

Ele fechou os olhos. O comentário teria soado impaciente em outra hora. Agora ela falava enquanto se movia, e ele não podia ver para onde.

— A Marina ligou — disse.

— Eu vi a mensagem do Augusto.

— Ela não confirmou nada.

— Claro que não confirmou.

— Ela disse que o risco já existe.

— Então a gente trata o risco como real. Sem fazer o que ela quer.

O "a gente" interrompeu uma sequência que ele já montava por dentro. Tentar encontrar Marina. Mandar Augusto para o edifício antigo. Ir à escola antes da mãe de Helena. Tirar Helena dali e escolher outro caminho. Cada alternativa terminava com ele ao volante, com Helena ao lado, inventando uma rota contra alguém que talvez previsse exatamente sua invenção.

— O que você quer fazer? — perguntou.

Houve silêncio do outro lado.

— Eu quero buscar minha filha na hora normal — ela respondeu. — Quero sair da escola por uma porta combinada com a direção. Quero que você fique disponível. Quero que o Augusto fique onde estiver,

acompanhando o que der para acompanhar. E quero que, se surgir alguma informação concreta, a gente decida junto.

A palavra junto lhe pareceu inadequada para a velocidade do dia. Concreto também. Tudo era concreto quando chegava tarde: um carro, uma curva, uma pane, uma porta trancada.

— Certo — ele disse.

— Você consegue?

Ele olhou para a mochila de Helena, que ela deixara no sofá pela manhã antes de mudar de ideia e levá-la. A imagem era tão comum que doeu.

— Consigo tentar.

— Não. Consegue ou não consegue?

Daniel encostou a mão no desenho sobre a mesa. A porta azul estava separada, mas o retângulo ainda mantinha a forma da casa ao redor.

— Consigo.

Ao meio-dia, o arquivo atualizou.

Daniel estava diante do notebook, e Augusto preparava café sem perguntar se ele queria. Uma nova linha apareceu abaixo da sequência.

DESVIO DETECTADO.

AJUSTE RECOMENDADO: RETIRADA IMEDIATA.

JANELA DE RISCO REDUZIDA.

Logo depois, o telefone dele vibrou com uma notificação da escola.

Helena Vilar aguardando retirada na recepção.

O coração dele bateu tão forte que o cursor tremeu sob sua mão.

— Ela saiu da sala — disse.

Augusto largou a colher na pia.

Daniel ligou para a mãe de Helena. Ela não atendeu. Ligou de novo. Nada.

Na terceira tentativa, uma voz infantil surgiu na linha, ofegante.

— Pai?

Ele levantou da cadeira.

— Helena. Onde você está?

— Na escola. Minha mãe está falando com uma pessoa.

— Que pessoa?

— Uma mulher que disse que você mandou buscar eu.

O corpo de Daniel se lançou para o corredor antes que ele decidisse. Augusto segurou a porta do apartamento com uma mão.

— Espera.

— Solta.

— Escuta ela.

Daniel voltou ao telefone.

— Você está com a sua mãe?

— Tô. Ela está aqui. Só que a mulher está falando que você passou mal.

No fundo, ele ouviu uma voz de adulta, distante, e o som de passos sobre piso duro.

— Não vai com ninguém, Helena. Fica perto da sua mãe e da funcionária da escola.

— Eu sei.

A mãe de Helena tomou o telefone.

— Daniel, uma mulher veio com seu nome e uma história de hospital. A direção não liberou a Helena. Ela saiu quando eu pedi documento.

— Você viu para onde ela foi?

— Não. E eu não vou sair correndo atrás dela.

Ele já tinha as chaves na mão.

— Eu vou.

— Não vai.

— Ela estava aí.

— E foi embora porque não conseguiu entrar.

— Pode estar esperando na rua.

— Pode. Então a escola vai acionar a polícia e manter os portões fechados até ter orientação. Eu estou com a Helena.

Ele ficou parado entre a sala e o corredor. A previsão dizia retirada antecipada às 12h15. A isca tentara puxá-lo. Se ele saísse agora, chegaria perto da escola, talvez encontrasse a mulher, talvez fosse levado para a avenida, para o túnel, para cada ponto que a lista já tinha preparado.

A mãe de Helena continuou:

— Augusto está ouvindo?

— Está.

— Então pede para ele registrar a ligação da Marina e tudo que chegou hoje. Eu vou ficar aqui. Não vem sem a gente combinar.

Daniel olhou para Augusto.

— Registra tudo — repetiu.

Augusto já estava diante do computador.

— Estou registrando.

Uma mensagem entrou no grupo. Era da mãe de Helena.

A direção chamou a polícia. Helena está comigo na sala da coordenação. Ninguém entra sem identificação.

Daniel escreveu "estou indo" e apagou.

Escreveu "me avisa se precisar" e enviou.

Às 12h14, uma sirene passou pela rua abaixo. Ele foi até a janela, mas os prédios bloqueavam a visão. O arquivo atualizou mais uma vez.

ROTAS ALTERNATIVAS EM ANÁLISE.

A linha piscava sem parar.

Augusto aproximou o notebook da borda da mesa.

— Tem uma coisa.

Na tela, um acesso à conta antiga de Daniel acabara de ocorrer a partir de uma rede próxima da escola. Não era prova suficiente de nada. Podia ser uma conexão roteada, uma tentativa de fazê-los olhar para o lugar errado. Ao lado do registro, porém, havia uma requisição feita minutos antes: visualização do arquivo VIDA_07_NAO_ABRIR.

— Eles estão assistindo — Daniel disse.

— Ou querem que a gente ache que estão.

O telefone da mãe de Helena chamou outra vez. Desta vez, ela não falou primeiro.

— Pai — disse Helena.

Daniel segurou o aparelho com as duas mãos.

— Estou aqui.

— A polícia perguntou se eu quero ir com você quando você chegar.

Ele fechou os olhos. A resposta que o corpo inteiro pedia era sim. Iria buscá-la, colocá-la no carro, fechar as portas, levá-la para qualquer lugar que não estivesse no arquivo.

— O que você quer? — perguntou.

Do outro lado, Helena demorou.

— Eu quero ir para casa com a mãe.

Ele abriu os olhos. Augusto estava em pé perto da pia, sem se mover.

— Então você vai para casa com a sua mãe — Daniel disse.

— Você vai também?

Ele olhou para a tela. A sequência continuava piscando. Às 13h08, em letras cinzentas, a pane no túnel esperava por alguém.

— Eu vou encontrar vocês em casa, se sua mãe quiser.

A mãe de Helena tomou o telefone.

— Nós vamos para casa por um caminho que a polícia orientar. Você espera lá. Sem sair para procurar ninguém.

— Certo.

— Daniel.

— Eu sei.

— Você não sabe ainda. Mas está fazendo.

A chamada terminou.

Ele ficou diante da janela até o telefone vibrar com uma última notificação.

13h08 — EVENTO NÃO CONFIRMADO.

No arquivo, a linha do túnel perdeu a cor. Depois a tela inteira escureceu.

Por alguns segundos, Daniel viu apenas o próprio reflexo no monitor apagado: o rosto cansado, o telefone na mão, a chave do carro fechada dentro do punho.

Ele abriu os dedos e deixou as chaves sobre a mesa.

CAPÍTULO 24

A Escolha Sem Garantia

Augusto desligou o carregador do notebook da tomada.

— O quê? — Daniel perguntou.

— Se você quer parar de alimentar isso, começa por não deixar a máquina escolher o ritmo da sua casa.

O arquivo permanecia aberto, embora a tela estivesse preta. Daniel tocou a barra de espaço. Nada aconteceu.

A mãe de Helena mandou uma localização. Casa. A mensagem vinha acompanhada de outra, curta.

A polícia quer falar com você. Não demora.

Ele leu duas vezes. O impulso de sair correndo encontrou as chaves sobre a mesa e parou ali, sem de-

saparecer. Augusto puxou o notebook para si, fechou a tampa e guardou-o numa mochila.

— Você não vai? — Daniel perguntou.

— Vou, se ela disser que quer que eu vá.

Daniel pegou o telefone.

— Ela não sabe quem você é.

— Então não tem por que eu entrar na casa dela agora.

Havia coisa demais que ele queria contestar naquela frase. A urgência, o acesso, o risco na escola, o homem que talvez estivesse perto, a linha apagada no arquivo. Qualquer uma delas servia para justificar levar Augusto, levar o computador, transformar a sala da mãe de Helena numa central de comando. Ele abriu a conversa com ela.

Posso levar Augusto? Ele trabalhou no ATLAS e está me ajudando.

A resposta chegou depois de alguns segundos.

Não. A polícia já está aqui. Venha sozinho.

Daniel escreveu que Augusto podia explicar o que sabiam. Apagou.

Estou saindo, mandou.

No elevador, o telefone vibrou com uma chamada sem identificação. Ele olhou até o sinal morrer. As-

sim que as portas se abriram no térreo, outra chamada entrou. O número era o dele.

O mesmo número que aparecera no e-mail da madrugada de dezenove dias antes.

Daniel parou diante da porta de vidro do prédio. Do lado de fora, um motoboy esperava o sinal abrir, uma mulher puxava um menino pelo braço para atravessar. A chamada continuava.

Atendeu.

Por um instante, ouviu apenas a respiração de alguém perto demais do microfone.

— Daniel Vilar? — perguntou uma voz de homem.

— Quem é?

— Você recebeu instruções.

Ele apertou o telefone contra o ouvido.

— Quem está falando?

— Não leve a menina para casa.

A rua seguiu com seus ruídos pequenos: freio de ônibus, motor de moto, alguém discutindo atrás dele no saguão. Daniel sentiu a mão procurar a maçaneta da porta, mas não a abriu.

— A polícia está com ela.

— A polícia chega depois.

— Se você sabe onde ela está, fala com a polícia.

A respiração cessou. A voz voltou mais baixa.

— Você sabe o que acontece se ignorar o padrão.

Daniel desligou.

Mandou o número para Augusto e para a mãe de Helena, sem comentário. Depois acrescentou, na conversa dela:

Recebi uma ligação ameaçadora. Já encaminhei o número. Não muda nada sozinha. Espera a orientação da polícia.

Ela visualizou. Não respondeu.

Ele chamou um carro. Enquanto esperava na calçada, abriu a lista de conversas e encontrou a da delegacia que aparecera nos contatos enviados pela direção da escola. Seu dedo pairou sobre o ícone. A vergonha veio primeiro: explicar mensagens, arquivos, rastreamento instalado no celular da filha, acessos à conta da ex-mulher, a parte em que ele se tornara uma fonte de risco que precisava ser administrada.

Ligou mesmo assim.

Uma atendente pediu que aguardasse. Daniel ouviu uma gravação de piano por quase dois minutos, olhando os carros passarem. Quando conseguiu fa-

lar, informou seu nome, o da filha, a escola e a ligação. A mulher anotou, perguntou se ele tinha preservado o registro.

— Tenho.

— Não apague. Se o número ligar novamente, não negocie. Informe que a criança está acompanhada. Nós vamos repassar à equipe no local.

A criança. A palavra bateu nele de um jeito seco. Helena tinha oito anos, uma mochila com chaveiro de pano, o costume de cortar a casca do pão antes de comer, uma resposta própria para a pergunta da polícia. Não uma linha num arquivo.

O carro chegou. Daniel entrou e ditou o endereço de casa.

No trajeto, a tela do telefone se acendeu no colo dele. Uma notificação de calendário, criada sem título, ocupava a parte superior.

13h32 — DESLOCAMENTO CONFIRMADO.

Ele apagou o evento.

A notificação reapareceu no mesmo instante.

Daniel abriu as configurações, procurou a conta vinculada, desativou sincronizações, removeu permissões. A tela demorou para responder. O motorista o observou pelo espelho.

— Tá tudo bem aí?

— Pode seguir, por favor.

O homem assentiu e voltou os olhos para a rua.

Daniel desligou o telefone por inteiro. O aparelho apagou em sua mão. Guardou-o no bolso.

Sem tela, cada cruzamento pareceu exposto demais. Ele acompanhou placas, entradas de garagem, gente esperando ônibus. Procurou um rosto que lembrasse o seu e encontrou vários fragmentos: barba escura em um homem de bicicleta, uma testa alta atrás de um para-brisa, o movimento de ombros de alguém atravessando fora da faixa. Não havia nada para concluir deles.

O carro parou duas ruas antes do prédio da mãe de Helena. A via estava bloqueada por uma viatura e fita amarela presa entre dois cones. Daniel pagou e saiu.

Um policial o interceptou antes que chegasse à calçada.

— Daniel Vilar?

— Sou eu.

— Documento.

Ele entregou. O policial conferiu, falou algo no rádio e apontou para o outro lado da rua.

— Aguarda ali um minuto.

— Minha filha está no prédio.

— Eu sei. Aguarda.

Daniel olhou para a entrada. Havia duas pessoas de uniforme perto do portão, e uma terceira na guarita. Nenhuma delas era a mãe de Helena. Ele quis perguntar por que tantos policiais, por que a rua estava fechada, se tinham achado o homem da ligação. Segurou a pergunta.

Um carro cinza saiu devagar da garagem de um edifício vizinho. Atrás dele, uma mulher empurrava um carrinho de compras. O policial continuava ao rádio.

— A ligação foi há pouco tempo — Daniel disse.

— Foi informado.

— Ele mandou não levar minha filha para casa.

O policial levantou os olhos.

— Quem?

Daniel sentiu a resposta se desfazer antes de sair. Um homem. Uma voz. Um sistema que usava contatos, notícias, calendários e a parte mais ruim dele. Nada disso cabia numa frase que ajudasse a proteger Helena naquele minuto.

— Não sei — disse. — Estou recebendo ameaças há dias. Eu trouxe o registro.

— A equipe vai colher seu depoimento. A mãe dela recebeu alguma coisa?

— Eu avisei.

O rádio chiou de novo. O policial fez um gesto para que Daniel permanecesse onde estava.

Foi então que ele viu Helena atrás do vidro do saguão.

Ela estava sentada numa cadeira de plástico, ao lado da mãe, com os joelhos juntos e as mãos apertadas sobre a mochila. A mãe de Helena falava com uma mulher de uniforme. Helena levantou o rosto e o encontrou do outro lado da rua.

Daniel ergueu a mão.

Ela não retribuiu. Ficou olhando.

Uma van branca dobrou a esquina pela contramão, rápida demais para a rua estreita. O motorista freou ao ver a barreira, e a traseira deslizou no asfalto seco. Um dos cones caiu. O policial ao lado de Daniel girou o corpo.

A van parou atravessada, a poucos metros da fita.

Por uma fração de segundo, Daniel reconheceu o desenho do arquivo: o bloqueio, a pane, uma rota

fechada, o deslocamento empurrado para a rua seguinte. O corpo dele decidiu antes de qualquer pensamento. Passou pela fita.

— Senhor! — o policial gritou.

Daniel deu dois passos em direção ao prédio.

A porta do passageiro da van abriu.

Um homem desceu com as mãos erguidas, falando alto que tinha se perdido, que o aplicativo o mandara virar ali, que precisava levar uma encomenda. O policial correu para ele. Outro agente veio pela lateral da viatura.

Daniel parou no meio da rua.

O homem não tinha o rosto dele. Tinha cabelos brancos nas têmporas e uma camisa azul aberta no pescoço. Atrás do para-brisa, uma caixa grande ocupava o banco de trás. A ideia de que aquilo era uma distração abriu nele com a velocidade de sempre. Se a van chamava atenção, alguém podia entrar pelo outro lado. Se o bloqueio mudava a rota, Helena podia ficar exposta no saguão. Se ele chegasse primeiro—

A mãe de Helena apareceu na porta com Helena junto dela. Não saíram. A mulher de uniforme segurava o portão interno fechado.

O policial que o havia barrado agarrou seu braço.

— Fica aqui.

Daniel tentou se soltar. Não conseguiu.

— Minha filha está ali.

— Eu sei onde ela está.

— Solta.

— O senhor atravessou uma área isolada durante uma abordagem. Fica onde está.

A vergonha não reduziu o medo. Ele viu Helena recuar um passo, puxada pela mãe, e a distância entre eles cresceu. A van continuava ligada, expelindo fumaça baixa pelo escapamento. Um homem ajoelhado ao lado do motorista verificava algo sob o chassi. Havia sirenes ao longe.

O telefone no bolso dele vibrou, apesar de estar desligado.

Daniel ficou imóvel.

O policial ainda segurava seu braço. A vibração parou e voltou. Ele levou a mão ao bolso.

— Não agora — o policial disse.

— É meu telefone.

— Depois.

A tela, quando ele a tirou, estava acesa.

13h41 — RETIRADA DA MENOR. PORTÃO LATERAL.

A mensagem não tinha número nem aplicativo. Só letras pretas numa faixa branca.

Daniel encarou o portão lateral do prédio, a poucos metros da van. Um acesso estreito que dava para a garagem. Não havia ninguém ali.

A mãe de Helena também olhava naquela direção.

Ele sentiu o braço do policial relaxar, ocupado por um aviso no rádio. Podia correr. Chegar ao portão antes de qualquer um. Tirar Helena dali, colocá-la no primeiro carro, decidir uma rota, criar distância.

A imagem se montou inteira, obediente, quase confortável na sua precisão.

Daniel apagou a mensagem.

Desta vez não voltou.

— Tem uma saída lateral — ele disse ao policial. — Se alguém mandou uma ameaça, talvez seja por lá. Minha filha está no saguão. Fecha aquilo e avisa a mãe dela. Não tira ninguém pelo lado da garagem sem confirmar.

O policial olhou para a tela apagada que Daniel lhe oferecia.

— Você recebeu isso agora?

— Recebi.

Ele pegou o rádio.

Daniel virou para o vidro do saguão. A mãe de Helena já falava ao telefone. A mulher de uniforme conduziu as duas para dentro, para longe da entrada.

A van deu um estalo metálico. O motorista gritou alguma coisa. Um jato de vapor escapou debaixo do capô.

O policial soltou Daniel para ajudar na abordagem. Daniel recuou até a calçada, sem saber onde pôr as mãos. A rua cheirava a borracha aquecida.

Uma sirene parou na esquina. Dois bombeiros atravessaram o bloqueio com um extintor. Um deles mandou todos se afastarem.

Daniel obedeceu.

Ficou junto ao muro de uma oficina fechada, vendo os homens cercarem a van. O motorista permanecia sentado na sarjeta, o rosto nas mãos. Não havia perseguição, arma, personagem escondido no banco de trás. Só uma falha no motor, uma conversão errada e uma rua já bloqueada.

Ainda assim, a caixa no banco traseiro fez Daniel continuar olhando.

O policial voltou alguns minutos depois, sem a pressa de antes.

— O senhor conhece o motorista?

— Não.

— Ele veio fazer uma entrega para uma loja aqui perto. O GPS deu a rota errada, ele tentou retornar e o motor superaqueceu. A equipe vai verificar a caixa e os dados dele.

— E o portão lateral?

— Fechado. A moradora foi avisada. A viatura fica aqui até liberarem a área.

Daniel assentiu.

O policial entregou o telefone de volta a ele.

— A mãe da menina pediu para falar com o senhor.

A ligação já estava aberta. Daniel encostou o aparelho no ouvido.

— Estou aqui — disse.

— Helena quer ir ao banheiro e está com medo de sair do saguão sozinha.

Ele fechou os olhos.

— Tem gente com ela?

— Tem. Mas ela quer saber se você pode ficar na chamada.

— Posso.

Ouviu um ruído de passos, a porta interna abrindo, a voz de uma policial dizendo que estava tudo bem. Daniel não tinha como ver o corredor, nem a porta do banheiro, nem os ângulos que antes teria percorrido na cabeça. Ouviu Helena fungar uma vez.

— Pai?

— Oi.

— A van pegou fogo?

— Ainda não. O motor esquentou. Os bombeiros estão olhando.

— Ela vai explodir?

A pergunta estava cheia de imagens que ele conhecia bem: sirenes, polícia, adultos falando baixo, um pai aparecendo em lugares errados. Daniel olhou para o carro atravessado, para o extintor apoiado no chão.

— Eu não sei. Eles estão cuidando para não acontecer.

Houve um silêncio.

— Você vai entrar?

— Sua mãe disse para eu esperar aqui fora.

— Tá.

Ele esperou que ela perguntasse por quê, que exigisse uma resposta ou se calasse de vez. Helena voltou a falar:

— Você está vendo a nossa janela?

Daniel procurou. O apartamento ficava no sexto andar. Havia muitas janelas iguais na fachada. Encontrou uma cortina amarela no canto esquerdo, talvez a delas, talvez de alguém dois andares abaixo.

— Acho que sim.

— A minha planta está lá.

— A que você disse que já morreu?

— Ela não morreu. Só caiu uma folha.

Daniel sorriu sem querer.

— Então ela está lá.

— Eu falei pra mãe que a gente pode ficar na casa da vó.

Ele conhecia a vontade de responder que sim, de transformar a solução numa ordem. Esperou.

— E o que sua mãe falou?

— Que ela vai ver com a polícia.

— Parece uma boa ideia.

— Você vai também?

A pergunta atravessou a linha com a mesma cautela com que ela o olhara atrás do vidro.

— Se sua mãe quiser, eu vou ajudar a levar as coisas. Se vocês quiserem ficar só vocês duas, eu fico onde ela disser.

Do outro lado, ouviu uma porta abrir e fechar.

— Eu quero que você vá depois — Helena disse. — Mas sem computador.

— Sem computador.

— E sem olhar meu celular.

— Sem olhar seu celular.

A mãe de Helena pegou o telefone.

— A polícia quer que a gente vá para outro lugar por enquanto. Eles vão acompanhar. Você pode vir no seu carro atrás da viatura, mas não dirige colado, não inventa atalho e não para no caminho.

— Não vou.

— E deixa o Augusto fora disso.

Daniel olhou para a esquina, onde a van agora era rebocada. A caixa tinha sido retirada pelos policiais e deixada no chão, lacrada. Nenhum dos movimentos oferecia resposta para o e-mail, para Marina,

para o arquivo, para a rede próxima da escola. As coisas continuavam sem resposta.

— Ele não vem — Daniel disse.

— Certo.

A chamada terminou.

Daniel sentou no meio-fio. O joelho da calça encostou numa poça escura junto à sarjeta. A viatura bloqueava a rua. Um bombeiro fechou a porta da van e fez sinal para o reboque avançar.

Quando o carro da mãe de Helena saiu da garagem, ela estava no banco da frente. Helena vinha atrás, presa ao cinto, com a mochila no colo. Não olhou para Daniel de imediato. Depois virou o rosto, levantou dois dedos perto do vidro e apontou para o telefone dele.

Sem computador. Sem olhar.

Ele guardou o aparelho desligado no porta-luvas antes de dar partida.

A viatura entrou na avenida, e Daniel saiu depois dela, mantendo a distância que haviam mandado manter.

CAPÍTULO 25

Uma Vida

A casa da mãe de Helena ficava num bairro que Daniel conhecia só por trajetos desenhados no aplicativo. Ruas inclinadas, portões baixos, árvores encostando nos fios. A viatura parou diante de uma casa de muro claro. A mãe de Helena desceu primeiro. Um policial abriu a porta traseira para Helena, que saiu com a mochila pendurada num ombro e o celular na mão.

Daniel estacionou do outro lado da rua.

Ninguém pediu que ele entrasse.

Ficou no carro até a mãe de Helena atravessar o portão com Helena. Então pegou a mochila que tinha levado do apartamento, uma sacola com roupas, o carregador do telefone dela e uma caixa pequena de remédios que encontrara no armário do

banheiro. Não havia razão para levar tudo de uma vez. Mesmo assim, juntara o que cabia, guiado pelo impulso de preparar saídas antes que alguém as pedisse.

Quando tocou a campainha, a mãe de Helena abriu só o suficiente para caber no vão.

— Deixa aí.

Daniel apoiou a sacola no chão.

— Tem as roupas dela, o carregador e—

— Eu vi.

Ela não pegou a sacola ainda.

— A polícia recolheu seu notebook?

— O que estava comigo, sim.

— E os outros?

Daniel sentiu a pergunta antes de entendê-la.

— Só tenho um notebook.

— Você tinha cópias.

Ele olhou para a sacola. O zíper da mochila de Helena estava aberto um dedo. Ela costumava deixar assim para alcançar o estojo sem tirar a mochila das costas.

— Tinha.

— Onde estão?

— Num drive externo, na minha casa. E numa conta de armazenamento.

A mãe de Helena fechou os olhos por um momento. Não parecia surpresa; parecia cansada de descobrir que ainda havia uma camada abaixo da anterior.

— Amanhã você entrega tudo à polícia.

— Entrego.

— Sem apagar nada antes.

— Sem apagar nada.

Ela pegou a sacola.

— E você vai me dar as senhas.

Daniel assentiu.

A porta começou a fechar. Ele disse o nome de Helena antes que pudesse impedir.

A mãe dela parou.

— Ela está bem?

A pergunta soou pequena e inadequada na calçada.

— Ela está comendo alguma coisa — a mãe de Helena respondeu. — Isso é o que eu sei.

Daniel aceitou. Voltou ao carro sem perguntar se podia falar com ela, sem propor horários, sem fazer

a lista de riscos que vinha subindo pela garganta desde a escola. Ligou o motor, mas não saiu. Pela janela da sala, viu Helena passar correndo de meias, desaparecer atrás de uma cortina e voltar com um copo nas mãos.

Às nove e vinte e três, o telefone desligado dentro do porta-luvas vibrou uma vez.

Ele não abriu.

Na manhã seguinte, Daniel levou o drive externo, dois celulares antigos, o roteador reserva e uma folha com senhas anotadas à mão para a delegacia. A letra saíra torta. Tivera de procurar algumas credenciais em cadernos, papéis dobrados, arquivos de texto perdidos em pastas que nomeara com datas e nunca mais abrira. Encontrou também cópias das notificações, capturas de tela das mensagens, os arquivos de VIDA_07_NAO_ABRIR e uma sequência de scripts que reconheceu aos poucos.

Não havia um programa escondido que revelasse o futuro.

Havia perfis.

Os dele começavam com dados comuns: horários de conexão, cartões, notas fiscais, endereços de entrega, pesquisas, mensagens que conservara em backups, trajetos. Depois vinham correlações que lhe

davam vergonha de reconhecer. O intervalo entre uma cobrança e o atraso seguinte. As palavras que ele buscava depois de discutir com a ex-mulher. As páginas abertas quando Helena ficava alguns dias sem responder. O modo como aceitava trabalhos mal pagos depois de uma ameaça financeira e recusava os bons quando exigiam prazo fixo ou reunião.

Alguns modelos traziam comentários de interface que ele próprio havia escrito anos antes, no trabalho para o projeto conduzido por Marina: campos de atenção, gatilhos, opções de entrega, probabilidade de abertura. Ele se lembrava da tipografia escolhida, de ter defendido que avisos urgentes precisavam parecer pessoais, não corporativos. Lembrava de ter transformado alertas em caixas limpas, sem cor, com espaço vazio ao redor, porque o vazio prendia o olho.

Não lembrava de ter imaginado uma filha lendo ou sofrendo as consequências de uma tela assim.

Na delegacia, entregou tudo numa mesa de metal. Um policial fotografou os itens e pediu que ele confirmasse, um a um, os dispositivos. Daniel respondeu. Quando a conversa chegou ao aplicativo instalado no celular de Helena, a pergunta foi simples.

— O senhor tinha autorização da responsável?

— Não.

— Helena sabia?

— Não.

A palavra ficou registrada num formulário. Daniel viu o policial escrever, sem elevar os olhos.

Também falou da conta da mãe de Helena. Do acesso ao calendário, às mensagens de escola, ao localizador que ela mantinha ativado no próprio telefone. Disse que usara aquelas informações para acompanhar a filha e decidir para onde ir. Explicou a invasão num vocabulário técnico até perceber que estava tentando transformar o ato numa sequência de procedimentos.

Parou.

— Eu entrei onde não devia — disse. — E usei aquilo para vigiar as duas.

O policial anotou.

Daniel assinou os papéis. Ao sair, havia uma banca de jornal perto da esquina. Na capa de uma revista de tecnologia, uma manchete prometia antecipar decisões de consumo antes que o consumidor soubesse que as tomaria. Ele passou sem comprar.

No carro, abriu o porta-luvas.

O telefone continuava desligado.

Deixou-o ali.

Augusto morava onde sempre dissera que morava, embora Daniel só tivesse prestado atenção suficiente para encontrar o prédio naquela manhã. Não tinha marcado encontro. Parou na calçada, viu as janelas fechadas e quase foi embora.

A portaria não tinha porteiro. Havia uma lista de apartamentos escrita com caneta azul e fita adesiva nos cantos. Daniel tocou o número de Augusto.

Nada.

Tocou de novo. Esperou.

A voz de Augusto saiu pelo interfone, áspera e distante.

— Quem?

— Daniel.

O silêncio durou tempo suficiente para que ele pensasse em dizer que iria embora. O portão destravou com um estalo.

Augusto abriu a porta do apartamento sem convidá-lo a entrar. Vestia uma camisa escura amassada e segurava uma caneca.

— Você não devia estar aqui.

— Eu sei.

— Isso costuma ser o começo de uma desculpa.

— Não vim pedir nada.

Augusto olhou para a escada atrás dele, depois para Daniel.

— Então fala da porta.

Daniel puxou do bolso uma folha dobrada. Era a relação de itens que entregara à polícia.

— Entreguei minhas cópias. Os dispositivos. As senhas. Contei sobre o aplicativo no celular da Helena e sobre a conta da mãe dela.

Augusto recebeu o papel sem ler.

— E acha que isso apaga?

— Não.

— Então por que veio?

Daniel demorou um pouco demais para responder. Estava acostumado a chegar a Augusto com perguntas ordenadas e urgências que não admitiam recusa.

— Porque usei o que você me contou para te pressionar. Usei dados da pesquisa de Marina para descobrir coisas suas. Fiz você entrar nisso de novo porque eu queria uma resposta que me deixasse agir.

Augusto continuou segurando a folha.

— E conseguiu?

— Não.

— Conseguiu, sim. Você agiu o tempo todo.

Daniel não rebateu.

Augusto tomou um gole de café. Havia uma marca escura perto da gola da camisa, talvez café derramado, talvez outra coisa.

— A polícia vai querer falar comigo?

— Talvez. Eu dei seu nome e disse que você participou do projeto. Não passei seu endereço antes de entregar o material. Mas eles podem chegar até você.

— Generoso.

— Eu devia ter avisado antes.

— Devia.

Daniel assentiu.

— Eu não sei o que a Marina vai dizer, nem o que vai acontecer com o resto. Mas não vou esconder o que fiz para tentar me proteger.

Augusto segurou a porta com uma mão e a caneca com a outra. O apartamento atrás dele cheirava a café velho e produto de limpeza.

— Você quer que eu diga que está tudo bem porque entregou um pendrive?

— Não.

— Ainda bem.

A porta fechou.

Daniel permaneceu no corredor até ouvir a trava correr do outro lado. Desceu as escadas em vez de usar o elevador. No segundo andar, o celular em seu bolso tocou.

Era a mãe de Helena.

Ele atendeu no primeiro toque.

— A polícia falou comigo — ela disse.

— Eu imaginei que falaria.

— Você não imaginou tudo. Se imaginasse, teria me contado antes.

Daniel encostou a mão no corrimão.

— Eu sei.

— Eles perguntaram se você acessou minhas mensagens. Perguntaram se instalou alguma coisa no telefone dela. Eu tive de responder sobre a minha filha com um policial na sala.

— Eu contei.

— Depois de ela descobrir.

— Depois.

Ela soltou o ar, mas não havia alívio naquele som.

— Você vai ficar sem falar com a Helena até eu decidir o que é seguro.

Daniel fechou os olhos.

— Tá.

— Não aparece na escola. Não aparece aqui. Não manda presente. Não pede para alguém falar por você.

— Não vou fazer isso.

— E você precisa parar de me responder como se estivesse concordando com um manual. Eu não sei se você entendeu o que fez.

A escada estava vazia. Uma lâmpada fria zumbia acima dele.

— Eu transformei vocês em fonte de informação — Daniel disse. — E menti para continuar fazendo isso.

Do outro lado, ela ficou quieta.

— Isso não é uma frase para resolver — ela disse, por fim. — É o que você vai ter de sustentar.

— Eu vou.

— Não promete.

A chamada caiu.

Daniel ficou olhando a tela apagada. Apagou o contato de acesso rápido que tinha criado para o número dela meses antes. Não apagou o número. Não tinha o direito de tornar o gesto dramático. Apenas

tirou a facilidade que usara para ligar quando queria, sem perguntar se podia.

As semanas seguintes perderam a forma de contagem regressiva.

Havia depoimentos, mensagens de advogados da empresa ligada à pesquisa de Marina, solicitações de preservação de dados, perguntas repetidas sobre datas que Daniel só conseguia localizar por rastros digitais. Marina prestou depoimento acompanhada por representantes legais. Daniel a viu uma vez, no corredor de um prédio onde a polícia recolhera material da pesquisa. Ela vinha saindo por uma porta de vidro, com uma pasta sob o braço.

Ela o reconheceu.

Não houve nada no rosto dela que ele pudesse chamar de triunfo. Tampouco arrependimento visível. Havia concentração, a mesma que ele lembrava de anos antes, quando ela pedia mudanças mínimas numa interface e fazia perguntas que ele tomava por exigência de projeto.

Daniel avançou um passo. Um agente entre eles ergueu a mão, indicando distância.

Marina parou.

— As mensagens — Daniel disse. — Você sabia que elas chegariam a mim daquele jeito.

— Eu sabia que o sistema selecionaria formas de alta adesão — ela respondeu.

A frase era seca. Técnica. Daniel sentiu a antiga vontade de desmontá-la, encontrar a brecha que convertesse tudo numa admissão única e completa.

— E a Helena?

Pela primeira vez, Marina olhou para o chão antes de responder.

— Havia limites previstos.

— Previsto por quem?

Ela não disse.

A porta de vidro se abriu atrás dela. Um agente a conduziu pelo corredor. Daniel ficou onde estava.

Mais tarde, em casa, abriu uma caixa com trabalhos antigos. Encontrou rascunhos de telas, recibos, contas vencidas, desenhos de fluxo. Em um arquivo impresso, seu nome aparecia no rodapé de uma proposta de interface para "intervenções adaptativas". A palavra lhe pareceu pequena demais para o que fizeram com ela.

Guardou tudo numa pasta separada para entregar quando pedissem.

Não queimou, não apagou, não reorganizou para parecer menos culpado.

Passado mais de um mês, a mãe de Helena mandou uma mensagem numa terça-feira à tarde.

Helena quer falar com você no sábado. Uma hora. Aqui em casa. Eu vou estar na sala.

Daniel leu a mensagem sete vezes antes de responder.

Tá. Que horas?

Às três.

Ele chegou às duas e quarenta e seis. Ficou no carro até dois e cinquenta e oito. Às três em ponto, tocou a campainha.

A mãe de Helena abriu a porta e apontou para a sala.

— Ela escolheu onde sentar.

Helena estava numa poltrona perto da janela. Usava uma camiseta larga e tinha o cabelo preso de lado por um elástico amarelo. Sobre a mesa havia duas folhas de papel, uma caixa de lápis e um pote de biscoitos. Daniel sentou no sofá, a uma distância que ela determinara sem precisar dizer.

A mãe de Helena ficou numa cadeira perto da cozinha, com um livro fechado no colo.

Helena olhou para ele.

— Você trouxe computador?

— Não.

— Celular?

— Deixei no carro.

Ela apertou a boca, avaliando.

— Por que você fez aquilo?

Daniel sabia a que ela se referia. Ainda assim, não quis escolher uma versão mais confortável para si.

— Porque fiquei com medo de alguma coisa acontecer com você e achei que, se soubesse onde você estava, eu podia impedir.

— Você sabia onde eu estava quando eu fui na casa da minha amiga?

— Sabia.

— E não falou que sabia.

— Não.

Helena virou o rosto para a janela. Do lado de fora, alguém arrastava uma cadeira de plástico num quintal.

— A mãe falou que você viu minhas conversas.

— Vi coisas que eu não devia ver.

— Você viu o que eu falei de você?

Daniel sentiu o impulso de perguntar o quê. Não perguntou.

— Vi.

Ela pegou um lápis azul e fez uma linha curta numa folha.

— Eu falei que você ficava esquisito.

— Você tinha razão.

— E eu falei que não queria que você fosse na escola.

Ele deixou a frase chegar inteira.

— Eu sei.

— Você foi mesmo assim.

— Fui.

Helena desenhou outra linha, dessa vez cruzando a primeira.

— Você vai fazer de novo?

A resposta pronta seria não. Ele queria entregar a ela uma garantia limpa, uma promessa que fechasse a conversa. Mas promessas tinham sido um jeito de ganhar tempo antes.

— Eu não vou olhar seu telefone nem seguir você escondido — disse. — Se eu estiver preocupado, vou falar com sua mãe. E se eu quiser saber alguma coisa de você, vou perguntar para você.

Helena continuou desenhando.

— E se eu não quiser responder?

— Aí você pode não responder. Tem coisas que adultos precisam decidir para cuidar de criança, mas eu não vou mentir para fazer isso.

Ela levantou os olhos.

— Você vai saber que eu estou na casa da vó?

— Se sua mãe me disser.

— E se ela não disser?

— Eu vou perguntar para ela. Não vou procurar escondido.

Helena ficou em silêncio. A mãe dela não se mexeu na cadeira.

— A polícia pegou o aplicativo? — Helena perguntou.

— Pegou.

— Eles sabem que foi você?

— Sabem.

— Você vai ser preso?

Daniel olhou para a mãe de Helena. Ela não o salvou da pergunta.

— Eu não sei o que vai acontecer ainda. Eu contei a verdade sobre o que fiz.

Helena baixou o lápis.

— Você está com medo?

— Estou.

— Eu também fiquei.

Ele assentiu.

Não tentou dizer que sabia. Não sabia.

Helena empurrou o pote de biscoitos pela mesa. Não era um perdão; era um gesto pequeno, disponível naquele instante. Daniel pegou um. Esperou que ela escolhesse outro antes de comer.

— A planta está viva — ela disse.

— Eu imaginei.

— Ela cresceu uma folha.

— Você vai me mostrar algum dia?

Helena encolheu os ombros.

— Talvez.

A mãe de Helena olhou para o relógio.

— Mais dez minutos.

Daniel não usou os dez para pedir outro encontro, nem para contar o que descobrira sobre Marina, simulações, depoimentos. Helena não precisava carregar uma explicação que ainda pesava nos adultos.

Ela mostrou o desenho. Havia uma casa com várias portas, mais do que Daniel tentou contar. Al-

gumas estavam abertas. Uma tinha sido pintada de azul por cima de riscos antigos.

— Essa é a sua? — ele perguntou.

— Não sei.

— Tá.

Ela levou a folha de volta para perto de si.

Naquela noite, Daniel voltou para o apartamento. A mesa ainda carregava marcas dos meses anteriores: círculos de copo, cabos presos atrás do monitor, um bloco de notas cheio de senhas já inutilizadas. Ele ficou de pé diante da tela apagada.

O computador recolhido pela polícia tinha sido devolvido dias antes, depois de copiarem o que precisavam. Havia restrições, perícias em andamento, arquivos bloqueados. Ele não queria abrir nada que recomeçasse o ciclo de procurar sinais escondidos nas próprias escolhas.

No entanto, precisava trabalhar.

Tinha um projeto pequeno pendente para um cliente: uma tela de agendamento para uma oficina de bairro. O pagamento não resolveria as contas. O prazo era curto. Antes, ele teria deixado a mensagem aberta por dias, refeito detalhes invisíveis, pro-

curado uma estrutura perfeita que impedisse qualquer erro.

Sentou.

Abriu um arquivo novo.

O primeiro campo da tela perguntava o nome da pessoa. Daniel escreveu uma opção simples, legível, e salvou antes de mexer em qualquer outra coisa.

Depois pegou o telefone. Não para verificar a localização de Helena, nem as mensagens da mãe dela, nem os registros guardados. Abriu o calendário e marcou o próximo depoimento, a sessão com o advogado e o horário que a mãe de Helena havia autorizado para uma nova visita dali a duas semanas, se Helena ainda quisesse.

Ao lado, anotou: perguntar antes.

Ficou olhando as palavras por alguns segundos. Eram insuficientes. Ainda haveria medo, silêncio e dias em que Helena não atenderia. Ainda existiriam pessoas usando dados para empurrar outras pessoas, sistemas tentando adivinhar por onde alguém cederia, decisões que ele tomaria tarde demais.

Na área de trabalho, havia uma pasta antiga com o nome VIDA_07_NAO_ABRIR.

Daniel selecionou a pasta.

O cursor parou sobre ela. Dentro estavam milhares de caminhos transformados em arquivos: Daniel rico, Daniel sozinho, Daniel morto, Daniel sem Helena, Daniel avisando a si mesmo de uma falha que já não conseguia datar. Nenhum deles podia dizer o que fazer com o próximo sábado, com a planta de Helena, com a mãe dela abrindo ou não a porta.

Ele moveu a pasta para a unidade destinada à perícia e aos registros do processo. Não a apagou. Não a abriu.

Então voltou ao arquivo de trabalho.

No campo vazio abaixo do nome, havia uma pergunta para quem entrasse na oficina: "Como podemos ajudar?"

Daniel leu, ajustou a largura da caixa e deixou a pergunta ali.